



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
INSTITUTO DE LETRAS E COMUNICAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS
DOUTORADO EM LETRAS

TAÍS SALBÉ CARVALHO

VIAJAR E EXISTIR
EM
PRIMEIRAS ESTÓRIAS, DE JOÃO GUIMARÃES ROSA

Belém/PA

2021

TAÍS SALBÉ CARVALHO

VIAJAR E EXISTIR
EM
***PRIMEIRAS ESTÓRIAS*, DE JOÃO GUIMARÃES ROSA**

Tese de Doutorado apresentada como requisito final para obtenção do grau de Doutora em Letras – Estudos Literários, do Programa de Pós-Graduação em Letras, da Universidade Federal do Pará.

Orientador: Prof. Dr. Antônio Máximo von Sohsten
Gomes Ferraz

Belém/PA

2021

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Pará
Gerada automaticamente pelo módulo Ficat, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

C331v CARVALHO, Taís Salbé.
Viajar e existir em Primeiras Estórias de João Guimarães Rosa /
Taís Salbé CARVALHO. — 2021.
226 f.

Orientador(a): Prof. Dr. Antônio Máximo Von Sohsten Gomes
Ferraz

Tese (Doutorado) - Universidade Federal do Pará, Instituto de
Letras e Comunicação, Programa de Pós-Graduação em Letras,
Belém, 2021.

1. João Guimarães Rosa. 2. Primeiras Estórias. 3. Ficção
Brasileira. 4. História e Crítica. 5. Hermenêutica. I. Título.

CDD 869.945

TAÍS SALBÉ CARVALHO

VIAJAR E EXISTIR

EM

PRIMEIRAS ESTÓRIAS DE JOÃO GUIMARÃES ROSA

Banca Examinadora

Prof. Dr. Antônio Máximo von Sohsten Gomes Ferraz

Presidente / Orientador (UFPA)

Prof. Dra. Ângela Maria Guida (PPGEL – UFMS)

Membro Externo

Prof. Dr. Raphael Bessa Ferreira (CCSE – UEPA)

Membro Externo

Prof. Dr. Igor Teixeira Silva Fagundes (PPGDan – UFRJ)

Membro Externo

Prof. Dr. Luís Heleno Montoril Del Castilo. (PPGL – UFPA)

Membro Interno

Belém/PA

2021

*Para meus pais, Hedy e Fernando, pela acolhida da
Vida;*

Para Cristiane, por Amar e Ser;

*Para Fernanda, Bernardo e Clarice, pela liberdade
de Ser Linguagem.*

*Para Harley Dolzane, por Respirar e Re-espitar-se
junto comigo.*

AGRADECIMENTOS

Ao professor Antônio Máximo Ferraz, mestre e amigo, por mostrar que a pesquisa acadêmica só faz sentido como realização da travessia alquímica ao próprio, ou seja, quando é autêntica pesquisa da Vida.

A todos os integrantes do Núcleo Interdisciplinar Kairós – Estudos de Filosofia e Poética, especialmente, Harley Dolzane e Marcos Palheta que compartilharam mais estreitamente um diálogo fraternal sem o qual essa Tese não seria possível.

Aos professores e técnicos do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Pará.

Aos professores Raphael Bessa e Luís Heleno, pelo diálogo carinhoso e cheio de questões a serem desveladas desde o período da qualificação. E aos outros membros da banca, professora Ângela Guida e professor Igor Fagundes que aceitaram o convite para o diálogo.

A meus pais, Hedy Lamar e Carlos Fenando.

À minha companheira de vida, Cristiane Burlamaqui, pelo amor, compreensão, carinho, cuidado, e por sempre acreditar em mim, e mesmo em momentos de muita angústia, não me deixar desistir e me incentivar a me narrar enquanto obra poética em pro-cura.

— *Se quer seguir-me, narro-lhe, não uma aventura, mas experiência, a que me introduziram, alternadamente, séries de raciocínios e intuições. Tomou-me tempo, desânimos, esforços. Dela me prezo, sem vangloriar-me. Surpreendo-me, porém, um tanto à-parte de todos, penetrando conhecimento que os outros ainda ignoram. O senhor, por exemplo, que sabe e estuda, suponho nem tenha ideia do que seja na verdade — um espelho?*

João Guimarães Rosa

*Há um tempo em que é preciso
abandonar as roupas usadas
Que já tem a forma do nosso corpo
E esquecer os nossos caminhos que
nos levam sempre aos mesmos lugares
É o tempo da travessia
E se não ousarmos fazê-la
Teremos ficado para sempre
À margem de nós mesmos.*

Fernando Pessoa

RESUMO

Viajar e existir são questões originárias que nos lançam em pro-cura de nós mesmo, e se manifestam enquanto demanda pela palavra em busca de nos conhecermos enquanto acontecer. Estas questões se dão em diálogo com uma das obras mais originais e originárias de João Guimarães Rosa, *Primeiras Estórias*, em que manifesta as questões primeiras nas quais o ser humano habita, e que vigoram enquanto linguagem por meio de enredos-questão, personagens-questão, imagens-questão que conduzem o leitor a se perguntar sobre o sentido do ser e da vida, em travessia, enquanto aprendizagem poética, rumo a desvendar a questão-mistério do livro: “Você chegou a existir? Este estudo nasceu com o objetivo de pesquisar como são manifestadas as questões do viajar e do existir em *Primeiras Estórias*, tendo como hipótese que, pelo diálogo com a obra literária, em que se percebe uma narrativa que projeta o leitor na e pela pro-cura do seu ser, somos lançados em travessia por buscar um educar poético que nos conduza à clareira do questionar, na qual habita o mistério entre o todo saber e o não saber, em busca do que nos é próprio — nossa humanidade, e, por isso, chegamos a existir? O método — *méta* (entre) *hodós* (caminho) — a ser percorrido enquanto escolha dos caminhos teóricos a serem tomados vai se desvelando pelo caminhar. Uma possibilidade de percurso para o acontecer dessa aprendizagem foi o educar poético que lança mão da circularidade hermenêutica enquanto processo de leitura—escuta da obra literária em que, ao dialogar com a obra e questioná-la, o leitor passa a ser por ela questionado, tentando cumprir seu destino: tornar-se humano em travessia: existir. Esta viagem-pesquisa se justifica, tendo em vista que em todo pro-curar vigora o diálogo entre a tensão — dobra entre ser e não-ser — e a tessitura — vigorar de um modo próprio no qual as questões desvelam-se no ser que se destina em cada humano — de um diálogo original que a obra de Guimarães Rosa estabelece com as raízes do pensamento ocidental, em que, em suas narrativas, a viagem-leitura se manifesta no existir, e vice-e-versa, enquanto um processo ontológico pelo qual cada ser humano é levado para além dos limites, habitando a dialética entre ser-e-pensar. No “Porto de chegada”, acolho a viagem e me acolho enquanto experiência poética de atravessamento, percebendo que é pela leitura amorosa de *Primeiras Estórias* que evidenciamos o trajeto ascensional do humano como projeto poético-existencial desta grandiosa obra de Guimarães Rosa: nossa aprendizagem poética que nos conduz ao existir.

PALAVRAS-CHAVE: Viajar; Existir; Educar Poético; Hermenêutica; *Primeiras Estórias*; João Guimarães Rosa.

ABSTRACT

Traveling and existing are original issues that launch us in search of ourselves, and manifest themselves as a demand for the word in search of knowing ourselves while in between. These questions are in dialogue with one of João Guimarães Rosa's most original and original works, *Primeiras Estórias*, in which he expresses the primary questions in which human beings inhabit, and which prevail as a language through plot-question, characters-question, question-images that lead the reader to ask himself about the meaning of being and life, in crossing, as poetic learning, towards unraveling the mystery-question of the book: "Did you come to exist? This study was born with the aim of researching how the issues of travel and existence are manifested in *First Stories*, having as hypothesis that, through the dialogue with the literary work, in which a narrative is perceived that projects the reader into and through the search of its being, we are launched on the crossing to seek a poetic education that leads us to the clearing of questioning, in which the mystery between all knowing and not knowing dwells, in search of what is our own — our humanity, and, for that reason, do we come to exist? The method — méta (between) hodós (path) — to be followed while choosing the theoretical paths to be taken is unveiled along the way. A possible route for this learning to happen was the poetic education that makes use of hermeneutic circularity as a reading-listening process of the literary work in which, when dialoguing with the work and questioning it, the reader becomes questioned by it, trying to fulfill his destiny: to become human in crossing: to exist. This research trip is justified, considering that in all of the search, there is a dialogue between the tension — a fold between being and non-being — and the texture — in force in a specific way in which the questions are unveiled in the being that is intended for each human — from an original dialogue that the work of Guimarães Rosa establishes with the roots of Western thought, in which, in its narratives, the travel-reading manifests itself in existing, and vice-versa, as a process ontological by which each human being is taken beyond the limits, inhabiting the dialectic between being-and-thinking. In "Porto de Arriving", I welcome the trip and welcome myself as a poetic experience of crossing, realizing that it is through the loving reading of *First Stories* that we show the ascension path of the human as a poetic-existential project of this grandiose work by Guimarães Rosa: our poetic learning that leads us to exist.

KEYWORDS: Travel; Exist; Poetic Education; Hermeneutics; *Primeiras Estórias*; João Guimarães Rosa.

SUMÁRIO

PONTO DE PARTIDA	11
VIAJANTE, O CAMINHO SE FAZ AO CAMINHAR!	17
1. Esta é a estória	19
2. O educar poético: caminho para o existir	24
3. O ato de ficcionar enquanto pro-cura.....	33
4. A leitura literária: escuta do mito	44
5. O lugar da procura	60
6. A criação poética de João Guimarães Rosa	63
VIAJAR.....	69
1. A viagem-travessia da pro-cura	71
2. O motivo da viagem.....	82
EXISTIR.....	174
1. Amar é existir.....	176
2. Você chegou a existir? — O especular rumo ao tornar-se!	182
3. “As margens da alegria” e “Os cimos” – experiencia entre Vida-e-Morte	201
PORTO DE CHEGADA	218
REFERÊNCIAS	221

PONTO DE PARTIDA

A viagem-tese que se inicia agora — “Viajar e existir em *Primeiras Estórias*, de João Guimarães Rosa” — se faz demanda pela palavra em busca de nos conhecermos enquanto entre-acontecer-que-se-procura, e se dá em diálogo com uma das obras mais originais e originárias de João Guimarães Rosa, pelo fato de nela — *Primeiras Estórias* — manifestarem-se as questões primeiras nas quais o ser humano habita, e que vigoram enquanto linguagem por meio de enredos-questão, personagens-questão, imagens-questão que conduzem o leitor a se perguntar sobre o sentido do ser e da vida, em travessia, enquanto aprendizagem poética, rumo a desvendar a questão-mistério do livro: “Você chegou a existir?”

E, portanto, neste atravessamento em tese, vou tateando a fim de desvelar as questões do viajar e do existir enquanto caminho que nos lança num movimento de aprendizagem poética do que somos e não-somos e de como habitamos o real dentro do qual já nos realizamos poeticamente em nossa humanidade. A hipótese para este estudo é de que, por meio da obra literária de Rosa, em que se pode perceber uma narrativa que projeta o homem na e pela procura de seu ser, somos lançados em travessia por um educar poético que nos conduz ao questionar, em que habita o mistério entre o todo saber e não-saber, em busca do que nos é próprio, nossa humanidade, e, por isso, somos lançados ao existir.

Um aviso se faz importante, meus amigos, para que a leitura flua, feito rio caudaloso de ondas tranquilas! A forma narrativa com que é escrita esta narrativa-em-tese, às vezes em primeira pessoa, noutras, em terceira, justifica-se pelo fato de a viagem-procura ir se dando, primeiramente, no pensar, o qual vai se doando à linguagem pela procura de vozes, dentro da manifestação do real, se doando em realidade, ou seja, criação poética do humano pela linguagem.

O método — *méta* (entre) *hodós* (caminho) — a ser percorrido enquanto escolha dos caminhos teóricos a serem tomados vai se desvelando pelo caminhar. E uma possibilidade de percurso para o acontecer dessa aprendizagem foi o educar poético que lança mão da circularidade hermenêutica enquanto processo de leitura—escuta da obra literária em que, ao dialogar com a obra e questioná-la, o leitor passa a ser por ela questionado, tentando cumprir seu destino: tornar-se humano em travessia: existir. Tratar o enigma do que seja a travessia do educar poético já de imediato conduz ao questionamento do que seja ensinar e aprender e, sobretudo, existir. Estas palavras-questões se fazem presentes nesta experiência —

criação — de forma a costurar o objetivo central desta viagem-tese: pesquisar como são manifestadas as questões do viajar e do existir, em *Primeiras Estórias*, conduzindo o leitor-viajante, pelo educar poético, à aprendizagem do tornar-se “Homem humano. Travessia. —” (ROSA, 2006, p. 608).

Esta viagem-pesquisa se justifica, tendo em vista que em todo pro-curar vigora o diálogo entre a tensão — dobra entre ser e não-ser — e a tessitura — vigorar de um modo próprio no qual as questões desvelam-se no ser que se destina em cada humano — de um diálogo original que a obra de Guimarães Rosa estabelece com as raízes do pensamento ocidental, em que, em suas narrativas, a viagem-leitura se manifesta no existir, e vice-versa, enquanto um processo ontológico pelo qual cada ser humano é levado para além dos limites, habitando a dialética entre ser-e-pensar.

Enquanto doação da linguagem, vou seguindo caminhos, tentando corresponder à linguagem, percorrendo o caminho que me fora destinado e, portanto, existindo. Deixando a linguagem se manifestar e clarear o pensamento de quem percorre, junto comigo, as estórias primeiras contadas por Rosa, acontecendo juntos, para que viajante, estórias e leitores, possam inaugurar mundo vislumbrando o rio da travessia que desagua no existir.

No primeiro capítulo, intitulado, “Viajante, o caminho se faz ao caminhar”, traço a rota de viagem, a dividindo em seis subcapítulos. No primeiro, “Esta é a estória”, narro o início da travessia, enquanto experiência de pro-cura em meios às questões, avisando o leitor que a viagem não possui roteiro, o convido a embarcar por esta experiênciãção de viagem-travessia por entre as questões originárias as quais somos doação, e pelas quais nos constituímos enquanto seres humanos. Essa viagem manifesta-se enquanto espelhamento entre leitor-viajante-obra literária e orbita em torno da procura amorosa a qual habitamos enquanto destinados-entre-acontecer do *logos* (linguagem), rumando sempre à libertação do tornar-se, em que o “em” é o entre-caminho da terceira margem, e o “torno” é o próprio percurso lançando-nos no nada.

No segundo subcapítulo, “O educar poético: caminho para o existir”, pesquiso as questões do viajar e do existir, enquanto manifestação do educar poético o qual se propõe *Primeiras Estórias*, no qual uma e outra dialogam de forma a se complementar. Ao embarcarmos em viagem-leitura pelas estórias primeiras criadas por Guimarães Rosa, nos lançamos, como intérpretes, em movimento de acolhida de um método de educar que, pelo questionar, vai nos conduzindo ao existir. Sendo assim, se levarmos em conta que o educar, o existir e o questionar fazem parte do círculo hermenêutico da viagem de procura do humano, então, podemos dizer que a questão da circularidade em *Primeiras Estórias* está

presente tanto no narrador, que se procura, quanto no leitor, que, ao dialogar com a obra, como interlocutor desse narrador, também passa a se procurar enquanto humano.

No terceiro subcapítulo, por título “O ato de ficcionar enquanto procura”, pesquiso a questão da criação poética enquanto percurso de procura do próprio de cada um. Procura e fabulação – criação – são questões presentes na obra de Guimarães Rosa, principalmente em *Primeiras Estórias*. Estas são questões que nos colocam frente a frente com uma reflexão profunda sobre o sentido do agir (*poiésis*), este que conduz o humano ao nada, à morte enquanto plenitude da vida. Aqui, convido-nos a pensar que o homem, desde sempre lançado no percurso ético-poético do agir — criar, fabular—, vai em busca de seu destino, no entre agir e não-agir, ou seja, se colocando em travessia pelo educar poético em busca de existir.

No subcapítulo quatro, “A leitura literária: escuta do mito”, discorro sobre o diálogo direto entre leitura e existir que se dá pela escuta silenciosa e cuidadosa da palavra sagrada do mito. Início esta parte questionando o que significa leitura como exercício de escuta da obra literária? Fazendo um convite ao leitor a pensar acerca da leitura enquanto travessia para aprendizagem poética. Durante todo o subcapítulo, vou tentando decifrar o fato de que escutar a linguagem sagrada das palavras, ao ler uma obra de arte, é, portanto, lançar-nos em procura, pelo questionar, é estar no mundo enquanto presença (*dasein*), ser mundo, e realizar mundo enquanto possibilidade de sentido do real.

No quinto subcapítulo, intitulado “O lugar da procura”, trato da questão do método da pesquisa: o caminho de procura para chegar ao tornar-se: existir. Para tanto, vou tentando corresponder a alguns questionamentos, a saber: Qual seria o lugar de pergunta? Será que este deve estar posicionado na presença – *dasein*; início da procura – do ser, enquanto caminhante-personagem, rumo ao percurso pela (na) obra? O ser humano no mundo, onde ele se inclui e inicia seu agir de realização é na pergunta? A questão do percurso-atravesamento da procura em *Primeiras Estórias* está presente no enredo de cada estória? Para caminhar ao encontro de desvendar estas questões, faz-se necessário escolher o percurso a nos lançar, em meio a tantos que se velam e desvelam no pensar. Ou nós, enquanto atravessadores-viajantes, já somos o próprio caminho-destino que se desvela para que possamos, destinados, segui-lo? O caminho percorrido para que se pudesse tentar compreender o que se manifesta em obra durante a viagem-leitura foi o da hermenêutica. O círculo hermenêutico que vislumbra o exercício do educar como uma dobra entre pensar e ser que supera toda e qualquer relação entre sujeito (leitor) e objeto (obra), para o qual a essência do pensar vigora na escuta silenciosa das questões que nos chegam a partir da leitura poética das obras, e nos movem, comovem e promovem sentido.

No sexto e último subcapítulo da primeira parte, “A criação poética de João Guimarães Rosa”, pesquiso o ato criador do escritor mineiro, com intuito de compreender como, por meio da linguagem, Rosa modela e organiza a matéria vertente caótica — por ser originária, *kaos* —, e preexistente em um agir criador de realidade, nos conduzindo ao labiríntico abismo de nossa existência enquanto humanos para que, em travessia-leitura, possamos percorrer o enigma cabal de toda história da humanidade: saber quem somos e qual o sentido da vida? Lançar-nos em travessia para o existir.

Esta pesquisa-viagem-tese ainda tem mais duas partes, o capítulo segundo, intitulado “Viajar”, e o capítulo terceiro, “Existir”. No primeiro, tratarei da questão da viagem enquanto experiência de procura, a qual requer o que venho chamando de “o motivo da viagem”. Nesta parte, dividida em dois subcapítulos, traço rota pelo exercício de escuta crítica das estórias presentes na obra, a fim de compreender como as questões manifestadas em cada uma das estórias vão convocando o leitor a travar um diálogo íntimo com elas e, por elas, percorrendo o caminho de sua aprendizagem poética. No primeiro subcapítulo, “A viagem-travessia da pro-cura”, em diálogo com Benedito Nunes, arrisco afirmar que viajar e existir se confundem, visto que muito antes de iniciarmos a viagem, já somos a própria viagem se dando enquanto presença e mundo. E questiono: Preparar a viagem? O que significa estar pronto para entrar em estado de viajante? Viajar enquanto percurso de procura significa o quê? Muitas foram as questões que me tomaram, entretanto, nenhuma a resposta, pelo menos não a que esgote o apelo grandiloquente do que seja viajar enquanto linguagem-mistério.

Na segunda parte do capítulo dois, “O motivo da viagem”, percorro o caminho de tentar compreender o fato de as estórias narradas por Rosa apresentarem um ponto central que dão início à viagem — “*Você chegou a existir?*”, pergunta feita pelo narrador de “O espelho” no final da narrativa, e que é condutora do percurso de procura de cada personagem, se fazendo motivação para a viagem, em que, cada uma, a seu modo, vai construindo sua travessia tentando corresponder à questão para o tornar-se. Durante as leituras-viagens, fui percebendo que cada uma delas apresentava um “motivo” de viagem-travessia para o tornar-se, e esse passava mesmo é pela questão de como cada personagem correspondia ao apelo do destino. O que abordo neste subcapítulo é o que considero ser o princípio do uno e do múltiplo nas estórias de Rosa, visto que a mesma estória torna-se todas as demais, tendo em foco que a fonte primeira e primordial da obra vigora nessa questão central lançada pelo narrador de “O espelho”, a qual é inesgotável, podendo se dissipar em infinitas possibilidades narrativas, em que cada uma contempla e contém a semente do todo. Esta se

dá por inteiro, na medida em que floresce plena, e se retrai por completo, a fim de gerar mais caminhos a serem percorridos sempre vislumbrando o sentido de ser e do Ser.

A terceira e última parte (se é que existe ponto final de chegada numa viagem ao existir) desta viagem-tese, a que estou chamando de “Existir”, está dividida em três subcapítulos: o primeiro, “Amar é existir”, sugiro que a viagem entre as primeiras questões das histórias primeiras da gente vigora pelo e no amar. E a cada nova vereda percorrida entre as questões, o que cada uma das personagens de *Primeiras Estórias* vai aprendendo é deixar vigorar o que foi recebido para chegar a ser, existir. Diz Guimarães Rosa: “O amor é que é o destino verdadeiro” (ROSA, 2016, p. 114). Cumprir nosso destino, nos lançando ao livre aberto para o nada enquanto possibilidades de acontecer é que é a nossa condição enquanto humanos em procura. E agir dessa forma já é amar, pois para que possamos ir atravessando nossas estradas, nos colocamos a serviço do pensar, do questionar, temos de dar o *salto mortale* ao existir!

No segundo subcapítulo, “Você chegou a existir? — O especular rumo ao tornar-se!”, faço um exercício de escuta crítica acerca de “O espelho”, história central de *Primeiras estórias* e fio condutor da viagem pelas questões que nos vão sendo reveladas no entre-leitura da obra. Neste percurso da viagem, inicio um movimento especulativo acerca da questão da “alma do espelho” como metáfora tanto da alma humana quanto da alma-central de *Primeiras Estórias*. E, para tanto, duas questões atravessadoras e norteadoras foram percorridas: como foi criada a estrutura arquetônica original de *Primeiras Estórias*, a qual se manifesta como condutora do educar poético, e como, pelo ato de nos questionar, somos lançados ao existir. Por conseguinte, fui atravessando esta viagem-travessia, levando em conta que, em *Primeiras Estórias*, a questão central de toda a obra, que faz o jogo de espelhos entre o educar poético e o existir, e está situada no meio do livro, é a questão da existência humana que vem em forma de pergunta, nessa história, quando o narrador, quase no final da narrativa, questiona: “*Você chegou a existir?*” (ROSA, 2005, p. 120).

Em “‘As margens da alegria’ e ‘Os cimos’ – experiência entre Vida-e-Morte”, discorro acerca de que somos seres viventes, já estamos na vida e em vida, lançados para a morte. Vivemos no entre vida-e-morte, para o qual o mais importante é o “e”, o entre-caminho que se faz travessia-viagem de aprendizagem do que somos, não somos e do que poderemos via-a-ser enquanto possibilidades de ser. Somos seres transitórios, viajantes, em vias de cumprir o que nos é destinado. Sendo assim, Em *Primeiras Estórias*, após escuta cuidadosa, pela leitura da primeira história, “As margens da alegria”, e da última, “Os cimos”, percebi que estas se espelhavam pela experiência entre as questões de vida e morte, *Eros*

e *Thanatos*, as quais são veredas-motriz do percurso/travessia do humano em busca do seu próprio, e que também são conduzidas pela pergunta-central do livro: “*Você chegou a existir?*” É, portanto, a partir dessas duas narrativas que *Primeiras Estórias* inicia a viagem-espelhamento, pelo questionar do educar poético, rumo ao existir. Vida e morte são questões-veredas da viagem do Menino, personagem principal das duas estórias. Mas para sabê-las, é preciso ter coragem para dar o salto mortal rumo ao abismo que é viver.

Após o percurso-viagem descrito acima, discorro minhas considerações finais (?), a quais estou chamando de “Porto de chegada”, acolhendo a viagem e me acolhendo enquanto experiência poética de atravessamento, a qual me colocou em travessia para o existir, ainda não podendo saber quem sou de mim, apenas que sou caminho-mistério de procura em eterno re-tornar-me. Percebendo que é pela leitura amorosa de *Primeiras Estórias* que evidenciamos o trajeto ascensional do humano como projeto poético-existencial desta grandiosa — porque cheia de enigmas-questões oriundos do nada aberto do ser — obra de Guimarães Rosa, o qual se manifesta, pelo educar poético, enquanto aprendizagem do que somos, não somos e podemos vir a ser: ou seja, nossa aprendizagem poética que nos conduz ao tornar-se, *i.e.*, a realizarmo-nos enquanto seres humanos em eterna travessia de escuta ao apelo do ser. Em diálogo com a obra, o que pretendi foi adentrar um crescente-circular de procura, cuidado, amor, tentando desvelar mistérios, às vezes não tão agradáveis de nós mesmo, e que nos fazem chegar ao encontro de nós mesmos.

VIAJANTE, O CAMINHO SE FAZ AO CAMINHAR!

A Viagem que se faz, que se inicia a partir do Mistério que é nascer — então, desde antes de se escrever a primeira Palavra —, é Demanda do Um através do Vários. A Literatura é essa Demanda em espelho.

Vicente Franz Cecim

1. Esta é a estória

— *Se quiser seguir-me, narro-lhe; não uma aventura, mas experiência, a que me induziram, alternadamente, séries de raciocínios e intuições. [...] Reporto-me ao transcendente. Tudo, aliás, é a ponta de um mistério. Inclusive, os fatos. Ou a ausência deles. Duvida? Quando nada acontece, há um milagre que não estamos vendo* **Guimarães Rosa**

Início esta narrativa convidando o leitor a embarcar junto nesta experiênc-I-ação — experiência que se dá entre o agir e não-agir — de viagem-travessia por entre as questões originárias as quais somos, seres humanos, doação. Essa viagem manifesta-se enquanto espelhamento entre leitor-viajante-obra literária e orbita em torno da pro-cura¹ amorosa a qual habitamos enquanto destinados-entre-acontecer do *logos*² (linguagem), rumando sempre à libertação do tornar-se, para a qual o “em” é o entre-caminho da terceira margem, e o “torno” é o próprio percurso lançando-nos noNada.

Parece coisa de invento! Mas essa pro-cura se faz mesmo é no meio da travessia, para a qual o diá-*logo*³ com a obra de arte vai nos revelando questões e desvelando-nos em questões que se espelham, pelo o educar poético, entre o viajar e o existir.

Convido vocês a iniciar o percurso da viagem-tese-aprendizagem para o tornar e acolher as questões das quais somos doação e que se manifestam em *Primeiras Estórias*. Mas antes de iniciarmos, é bom lembrar, viajante, que o caminho ao qual iremos percorrer não possui roteiros e nem destinos pré-definidos, ele se dá mesmo é no caminhar.

SE QUISER ME SEGUIR...(?)

¹ A palavra “pro-cura” grafada dessa forma vem mostrar que o movimento de procura do humano se dá em travessia, no qual o prefixo “pro-” significa posição de “estar lançado em”, e cura, a ação de cuidado (amor) do humano em ir em busca de si.

² “De *legein* formou-se *logos*, cujo sentido originário é linguagem. Somente no vigorar da linguagem é que podem surgir as diferentes línguas. Por isso, podemos dizer que a linguagem é a mãe de todas as línguas” (CASTRO, 2013, p. 14). Por ser linguagem, isto é, sentido do ser, *logos* foi sendo interpretado e traduzido, ao longo de todo percurso ocidental, de muitas maneiras, de acordo com o próprio acontecer da realidade em suas épocas. São significados inclusivos e jamais excludentes. Isso é possível, entre outros motivos, por ser eminentemente um substantivo verbal. A relevância e prioridade do *logos* acabou deixando esquecida a questão de todas as questões: o sentido e vigorar do ser, em sua verdade e mundo. De alguma maneira, houve um logocentrismo. Mas este pode ser pensado dialeticamente, desde que se retorne ao vigorar do sentido do ser, presente ainda nos pensadores *originários*” (CASTRO, “Logos, 2”. In: CASTRO, Manuel Antônio de. *Dicionário de Poética e Pensamento*. Internet. Disponível em: <http://www.dicpoetica.letras.ufrj.br/index.php/Logos>. Acessado em: 07/08/2021).

³ A palavra “diálogo” compõe-se do prefixo grego *dia-* que significa: dois, através de, entre, e do radical *-logo* que vem da misteriosa palavra grega: *logos*, princípio de ordem e força de organização do real em sua realização, *i.e* a linguagem ontológica da vida, no mais elevado grau de sua explosão na história humana.

Ao ler *Primeiras Estórias*⁴, algo estranho acontece... É como se o chão faltasse; aquelas não eram estórias quaisquer: umas eram “impecavelmente” (!) poéticas, outras, não faziam sentido (?) algum. Contudo, atravessam-me... personagens habitavam sonhos, pensamentos, falas... Fazia-se necessário entender por que tais estórias co-movem — por nos fazer “mover com” — tanto a questionar sobre o quê das coisas.

Após um percurso tortuoso de escuta pelo SER-TÃO⁵ de Riobaldo e de seus jagunços, as muitas revelações, o desnudar (para) o mundo, o adentrar nos recônditos mais solitários do ser... esta viajante-pesquisadora que lhe escreve queria mais! Foi necessário mergulhar radicalmente nas questões originárias do ser humano, suas “primeiras estórias”, sua *poiesis*. E, apesar de saber que o método a ser percorrido para este adentrar vai se desvelando pelo caminho — pois em todo o percurso de travessia para a aprendizagem do que se é o que se deve buscar é o não-saber caminhar de todo o caminho — ainda não tinha entrado de forma tão intensa em travessia. Jamais imaginaria o que iria encontrar em terras inabitadas, não obstante achar que o que está dentro é conhecido de alguma forma, afinal há tempos convivemos conosco... Somos mistério!

Pela leitura da obra foi possível perceber que *Primeiras Estórias* é a viagem/travessia do homem em busca de tornar-se humano. Logo, o livro de Rosa, suas 21 estórias, parece conduzir a viajante-pesquisadora, progressivamente, ao questionamento primeiro do pensar: Quem somos? Esta pergunta a impulsiona a percorrer lugares e situações que nos colocam frente a frente com o real. Durante a viagem-leitura daquelas estórias, habito cada vez mais o real, o qual me invade com suas veredas, movendo-me e fazendo-me doar às questões que se doam a mim, construindo minha humanidade, num movimento amoroso de pro-cura, ou seja, o humano lançado à cura, ao cuidado pelo amor ao ser. Este movimento de procura do humano convida a pensar as questões do agir, do amor e do questionar enquanto ser no mundo — *Dasein*⁶ (presença) — que habita a linguagem na e pela realidade das coisas do real, como bem pensou Martin Heidegger (2009). Isso se mostra também na escrita desta viagem-tese que convoca, pela alternância de vozes verbais, a pensar que estamos nos

⁴ Obra do escritor mineiro João Guimarães Rosa, escrita em 1962, que reúne 21 estórias, tematizando narrativas que tratam dos mistérios da existência humana.

⁵ A palavra SER-TÃO está grafada em maiúscula e separada em duas sílabas para fazer referência ao estudo proposto no livro *O Pacto da Escuta em Grande Ser-Tão: Veredas*, de minha autoria e fruto da pesquisa realizada no mestrado, publicado em 2017, pela Ed. Tempo Brasileiro. Este estudo traz à tona as questões do Ser enquanto caminhos de possibilidades de o homem acontecer em procura pelo seu próprio, abordagem poética da obra *Grande Sertão Veredas*, de João Guimarães Rosa.

⁶ Na versão brasileira de Ser e Tempo (2009), traduzida e apresentada por Márcia Sá Cavalcante Schuback, e que utilizamos neste trabalho, *Dasein* foi traduzido como **presença**, e portanto, será esta tradução a que iremos utilizar em todo o texto. Entretanto, outros autores o traduzem como ser-no-mundo, ser-aí, estar-aí.

movimentando, de forma circular, tanto no mundo do entres (primeira pessoa) quanto no mundo do ser (terceira pessoa), e, por muitas vezes, nos movimentando nos dois mundos ao mesmo tempo, mostrando a dinâmica da existência entre ser e ente. A linguagem do pensamento não é uma linguagem marcada em primeira, segunda e/ou terceira pessoa. Ela acontece é no fluxo de consciência para o qual o pensamento vai se doando à linguagem enquanto procura de vozes entre o eu (ente) e o nós (ser).

Algo faz acreditar que é necessário habitar um pouco mais a questão do real e da realidade em diálogo com a questão da ficção, esta, aqui, entendida enquanto criação na e pela linguagem da realidade. Sobre a questão do real enquanto manifestação da linguagem, já disse certa vez Guimarães Rosa: “[...] o real não está na saída nem na chegada: ele se dispõe para a gente é no meio da travessia” (ROSA, 2006, p. 64).

Repouso o pensar na palavra realidade, formada do baixo-latim *realitas*, que significa o que é real, o que é verdadeiro. Real, por conseguinte, associa-se a *res*, ou seja, “coisa”, aquilo que está em causa, em questão. As coisas, todas elas, são o real manifestando-se em sua totalidade. O real mostra-se enquanto fenômeno do ser das coisas que estão em questão, e quanto mais ele se desvela, mais vela o seu ser, a sua verdade. Portanto, o real é a verdade que se re-vela, a verdade em seu sentido manifestativo (*alétheia*).

Isso, em algum sentido, já nos é revelado quando percebemos que o homem é o único ser que questiona o real e a si mesmo; ao questionar o ser das coisas, o ser humano é que é procurado pela realidade, *ie.* é questionado enquanto homem humano. Assim, ele vai se realizando em vida enquanto travessia poética, criando a realidade pela palavra – na e pela linguagem. Pois é na linguagem que a realidade acontece para o homem.

Além do mais, o acontecimento da realidade é concreto no sentido de *concrescere*, do com-crescer, crescer com. Real e o homem crescem juntos, concretizam-se em procura: o homem, ao procurar o sentido das coisas, é procurado pela realidade, crescendo com a própria procura. É, portanto, da realidade que se originam todas as realizações humanas. Isso posto, é errôneo pensar que real e ficção são questões opostas, visto que ficção nada mais é do que o criar da realidade na e pela linguagem. É assim nas obras da criação humana. É assim no caso desta travessia em tese, que se pretende como uma concretização da escuta da, na e pela linguagem literária.

Pois bem, entretanto, muitas foram as tentativas de conceituação da realidade como algo contrário à ficção, e essas foram baseadas em uma concepção de realidade que atribui fundamento, medida, função às questões do humano, as quais, durante a tradição crítica (tradição mimética da arte), sofreram um desgaste e até mesmo um esquecimento em seus

sentidos originários. A tradição mimética nada mais é do que o correspondente aplicado ao domínio da arte da tradição metafísica, um sistema que tenta organizar a realidade não mais por seu manifestar enquanto fenômeno (como pretendemos resgatar nesta escrita), mas enquanto fundamento causal do real.

Na lógica da tradição mimética, o termo *mimesis* passa a ser visto como imitação, cópia, algo fantasioso, falso, e não mais em seu sentido criador, ou seja, enquanto operar da *phýsis* – o constante pôr e depor das coisas que não cessam de nascer e perecer, a eterna natividade das coisas do real.

Em busca da compreensão sobre a questão da *mimesis*, a viajante-pesquisadora sai em busca de compreender o processo criativo pelo qual a arte abriga e põe em obra o velamento do ser, *ie.* o velamento da realidade do real (*phýsis*). Para tanto, entende que a *mimesis* não seria, portanto, a recriação que a arte faz da realidade, mas, sobretudo, a criação da própria realidade que ao real pertence, em sentido genitivo. Visto que o termo *mimesis* manifesta o seu originário não no homem, mas na realidade. Logo, é a manifestação da realidade na e pela linguagem que está presente na obra (FERRAZ, 2013).

A partir de então, entendo que a questão da ficção se recoloca como aquele acontecimento originário, aquela concretização do real a qual a linguagem rememora na formação da palavra, oriunda do étimo *factio*, possui a mesma raiz de *fungo* (*fungere*), verbo latino cujo sentido mais concreto é o de esculpir, fazer esculturas, modelar o barro. Porém, com base em algumas interpretações dadas a esse sentido concreto, forjaram-se os sentidos semânticos acerca da palavra, que passou a significar também formar; inventar; imaginar e fingir. Ao aprofundar um pouco mais a pesquisa da origem da palavra, descubro que *factor* (*qui fingit*) era como os latinos nomeavam o estatuário, o escultor, o artífice (este também de palavras, porém, nunca referindo-se, originariamente, àquele que finge uma simulação, ‘*qui simulat*’, mas àquele que cria, produz).

A pesquisadora-viajante percebe que é preciso adentrar um pouco mais no que seria essa grande confusão interpretativa acerca da palavra ficção. Parto, então, a ensaiar um percurso ao longo da história crítica, a fim de entender que o problema se deu foi na interpretação da palavra, no princípio de seu agir, levando alguns teóricos e críticos a conceber a palavra como ação contrária emulativa ao princípio de manifestação do real. Percebam, um dos caminhos para desvendar essa questão do sentido da palavra ficção nos conduz a uma grande encruzilhada, muitas vezes, difícil de sair.

Temos para a tradição mimética que tanto ficção quanto realidade se sustentam em fundamentos de naturezas concorrentes, antitéticas. Ou seja, se o real é a tese, logo, a ficção

é a sua antítese e necessária negação lógica, certo? Vista, então, como negação ao que é real, a ficção passa a ser interpretada como o que é i-rreal – de onde nos vem o sentido de “imitação”, “fingimento”. Dito dessa forma, a ideia de ficção, juntamente com tudo aquilo que ela compreende – mitos, poesia lírica e épica, tragédia e toda posterior literatura –, passou a ser vista como um discurso falso e ao mesmo tempo de imitação da realidade – uma realidade entendida e fundamentada pelos critérios da razão (FERRITO, 2014).

Porém, há pouco, alertei-os para o fato de que ficção vem do verbo latino *fingere* , cujo sentido originário é modelar, criar. Logo, nada mais comum entendermos que ficcionar é, na verdade, criar, por meio da linguagem, da palavra, a realidade a qual está se manifestando para nós enquanto humanos, concordam? Foi falado, anteriormente, que a realidade se mostra para o humano em ação de procura, e este, corresponde a ela “com-crescendo” junto à realidade, indo em busca de sua realização enquanto humano. Então, a ficção manifesta-se enquanto acontecimento, realização do real, à qual o homem corresponde pela criação. Pois bem, dito isso, podemos intuir⁷ que a ficção é poética e pode muito bem inaugurar e reinaugurar o mundo a todo instante, e que essa ação não tem seu fundamento nem na razão, nem se posiciona contrária, como irracionalidade ou subjetividade, sobretudo, funda-se como sentido originário. (FERRITO, 2014). Logo, a ficção é o termo médio entre o real e o irreal, visto que em um jogo dinâmico e dialético absorve essas duas dimensões. Ficção é o próprio mundo fabuloso destinado ao humano.

⁷ Acerca da palavra **intuir**, temos: “Apreender o que é compreensão passa pela intuição e pela inteligência, porque ela para acontecer exige um mergulho no que se prende, capta, a partir do que se dá para poder ser prendido (com-preendido) e captado, conceituado. O compreender só acontece porque estamos nos movendo no *intus-ir* (intuir) e no *intus-legere*, isto é, interior, entre ler no sentido de apreender, no voltar-se para (em latim: *ad* o que nos prende e dá sentido, pois vigora na linguagem (*logos*, substantivo formado a partir do verbo grego *legein*, no latim *legere*, de onde forma também o substantivo inteligência, apreensão com compreensão, ou seja, no *inteligir*. Esse *intus* é o dentro que se doa no entre. Pois o *intus* se forma do “in”, de onde se forma também o entre. Compreender é, pois, o prender que acontece na dinâmica do entre, ou seja, daquilo que denominamos intuição (*noésis*, em grego). Mas esta está ligada à inteligência, porque ela diz o que no e a partir do entre se dá como sentido poético no *logos* e *noesis* (do verbo *noein*, pensar. Mas este pensar será sempre o pensar do ser, ou seja, é a partir e na vigência do ser que podemos apreender e compreender. Podemos fazer esta ligação a partir do fragmento III de Parmênides: “O mesmo é pensar e ser” (1). É nesse horizonte que se funda a inter-subjetividade, exercício e horizonte da compreensão. Este é o exercício dialético intuitivo, inter-subjetivo e inteligente. Mas na inter-subjetividade enquanto diálogo, quem fala nunca é o sujeito, mas o *logos*, a linguagem do pensamento, do ser. O *logos* fala, não o homem. Ao homem convém escutar e corresponder ao acontecer nele da linguagem. (CASTRO, Compreensão, 3). Disponível em: <http://www.dicpoetica.letras.ufrj.br/index.php/Compreens%C3%A3o>. Acessado em 26/11/2020. Esta citação foi retirada do *Dicionário de Poética e Pensamento*, e está referenciada de acordo com as normas de citação presentes no site, em “Como citar” (http://www.dicpoetica.letras.ufrj.br/index.php/Como_citar).

2. O educar poético: caminho para o existir

Convoco todos, agora, à travessia rumo a compreender as questões do educar poético como caminho apropriante para o existir, o qual, pelo que venho propondo enquanto travessia-tese, estão em diálogo estreito com a viagem do humano em busca de tornar-se em *Primeiras Estórias*. Suspeito que o educar poético seja o melhor caminho de interpretação das estórias, conseqüentemente, da viagem-travessia do próprio leitor-viajante a consumir seu destino, que é o de chegar a existir. Tentem me seguir! Suspeito que ao embarcarmos em viagem-leitura pelas estórias primeiras criadas por Guimarães Rosa, iremos no lançar, enquanto intérpretes, em movimento de acolhida de um método de educar que, pelo questionar, vai nos conduzindo ao existir. Sabemos, por já termos desvelado esta questão bem no comecinho desta viagem-tese, que só se existe no e pelo educar, este enquanto cuidado (cura) do humano com seu ser.

Se estiver mesmo indo em direção ao tornar-se, não por acaso, mas por amor, podemos lançar mais uma questão ao pensamento: a ideia de que o educar, o existir e o questionar fazem parte do círculo hermenêutico da viagem de procura do humano. Concordam? Bem antes de escrever estas linhas, já tinha percebido que a questão da circularidade em *Primeiras Estórias* está presente tanto no narrador que se procura quanto no leitor que ao dialogar com a obra, como interlocutor desse narrador, também passa a se procurar enquanto humano.

Esta interpretação acerca da experiência da circularidade hermenêutica pode ser pensada à luz da atividade de corporeidade⁸ enquanto um existencial constitutivo do ser do *Dasein* que se dá como um modo de ser ôntico-ontológico do ser-no-mundo. Para Heidegger (2011), o ato de corporar co-pertence sempre à presença. A corporeidade irá co-determinar sempre o ser-no-mundo, o ser-aberto, o ter de mundo. Sugiro que pensemos o ser corporal do homem como corporeidade, o que significa pensá-lo não como uma “matéria” (corpo), e uma “forma”, (espírito, alma ou razão), mas como um ser “inteiro”, e que deve ser compreendido⁹

⁸ Acerca da questão da **corporeidade**, existem vários estudos de Martin Heidegger que tratam desta questão. Mais especificamente em *Ser e Tempo* (1927), *Da Essência da Verdade* (1933/34), *Carta ao Humanismo* (1949) e *Seminários de Zollikon* (1959 – 1969).

⁹ A **compreensão** é uma questão cara para Heidegger e deve, portanto, ser pensada como uma das estruturas ontológicas responsáveis pela abertura do ser do *Dasein*, o que Heidegger denomina de existenciais, tal como a disposição e a fala. Os existenciais se manifestam como momentos estruturais indissociáveis, os quais não ocorrem separadamente, mas imbricados uns nos outros. Como compreensão de ser, o *Dasein* sempre já se compreende de algum modo em seu ser e compreende o ser dos demais entes com os quais se ocupa numa relação de familiaridade. Isto significa que, na cotidianidade, a compreensão não se dá como algo já explícito, mas como pré-compreensão, ou seja, compreensão pré-ontológica, pois não se trata de uma ontologia, não possui uma perspectiva teórica. Isto porque mundo sempre já se abriu numa compreensão e o próprio *Dasein*,

com algo que se determina corporalmente como um modo de ser. O que quero com toda esta estória é conduzir nossa compreensão para o fato de que, em *Primeiras Estórias*, as questões do educar, do existir e do questionar atravessam o humano por um envolvimento pré-reflexivo da presença, que as incorpora, com as coisas e situações do mundo que conduz a existência.

E por entre esta travessia-tese, somos sempre lançados a novos sentidos de esperança, ao não-sabido. Duvidam?! E se nos colocarmos a pensar que o lugar do questionar é o momento mesmo do salto ao abismo, à clareira do nada? É só voltarmos à escuta das palavras do narrador de “O espelho”, para percebermos que o início do questionar não é narrado, o enredo dá um salto entre o desespero da procura, por entre vias que orbitam ora o mundo ôntico ora o mundo ontológico, ora o mundo sobrenatural:

O experimento, por sinal ainda não realizado *com rigor*, careceria de um valor científico, em vista das irreduzíveis deformações de ordem psicológica. Tente, aliás, fazê-lo, e terá notáveis surpresas. Além de que a simultaneidade torna-se impossível, no fluir de valores instantâneos. Ah, o tempo é o mágico de todas as traições... E os próprios olhos, de cada um de nós, padecem viciação de origem, defeitos com que cresceram e a que fizeram, mais e mais. [...] Os olhos, por enquanto, são a porta do engano; duvide deles, dos seus, não de mim. Ah, meu amigo, a espécie humana peleja para impor ao latejante mundo um pouco de rotina e lógica, mas algo ou alguém de tudo faz frincha para rir-se da gente... E então? (ROSA, 2005, p. 114).

E o início do existir, em que o narrador se assusta com o que começa a enxergar:

Descuidado, avistei... Explico-lhe: dois espelhos — um de parede, o outro de porta lateral, aberta em ângulo propício — faziam o jogo. E o que enxerguei, por instante, foi uma figura, perfil humano, desagradável ao derradeiro grau, repulsivo senão hediondo. Deu-me náusea, aquele homem, causava-se ódio e susto, eriçamento, espavor. E era — logo descobri... era eu, mesmo! O senhor acha que algum dia ia esquecer essa revelação? (ROSA, 2005, p. 115).

O início do questionar, aqui, se dá enquanto lugar do ainda não se enxergar; o lugar do não-saber, mesmo já sabendo-se e lançado em posição de procura enquanto presença para o vir-a-ser. E dessa maneira, atravessando as veredas de nossa caminhada-vida, indo em

enquanto ser-no-mundo, antes de qualquer tematização. Essa compreensão, por sua vez, é sempre articulada numa interpretação a partir da qual os entes vêm ao encontro do *Dasein* em seu ser como isto ou aquilo por meio de posição prévia, visão prévia e concepção prévia. A posição prévia refere-se à compreensão implícita que fundamenta a interpretação cotidiana em que o *Dasein* já sempre se situa em seu ser-lançado no mundo; na visão prévia o compreendido na posição prévia é apropriado segundo possibilidades de interpretação; na concepção prévia o que foi compreendido na posição prévia e assumido na visão prévia e se manifesta enquanto questão pela interpretação. (Cf.: HEIDEGGER, *Ser e Tempo*, p. 211).

busca de nosso destino é que vamos existindo. “Será, se? Apalpo o evidente? Trebusco” (ROSA, 2005, p. 120).

Existir é questionar, o qual nos lança ininterruptamente ao não-saber e ao saber, por meio de perguntas e respostas — passos de uma travessia até o destino: advento da morte, esta que é a mais enigmática das perguntas e para a qual nunca se deu e nem se dará nenhuma resposta definitiva, aliás como para qualquer questão. Por isso, para nós, seres humanos, viver não consiste em ter vida como os outros seres vivos. Viver é existir. Eis a diferença ontológica a qual falamos a pouco. Viver é existir sabendo-nos finito em travessia-questão rumo ao tornar! Quem dá o dito é o narrador de “O espelho”:

Será que o senhor nunca compreenderá? [...] Será este nosso desengonço e mundo o plano — intersecção de planos — onde se completam de fazer as almas? Se sim, a “vida” consiste em experiência extrema e séria; sua técnica — ou pelo menos parte — exigindo o consciente alijamento, o despojamento, de tudo o que obstrui o crescer da alma, o que a atulha e soterra? Depois, o “*salto mortale*”... [...] E o julgamento-problema, podendo sobrevir com a simples pergunta: — “*Você chegou a existir?*” Sim? Mas, então, está irremediavelmente destruída a consecução de vivermos em agradável acaso, sem razão nenhuma, nu vale de bobagens? Se me permite, espero, agora, sua opinião, mesma, do senhor, sobre tanto assunto. (ROSA, 2005, p. 120).

Após escuta atenciosa. Devemos apanhar com o olhar cada sílaba do horizonte! Todo este dizer é a nós, seres humanos, leitores-atravessadores desta viagem-tese, que está direcionado. Somos nós, em diálogo com o narrador-questão que devemos fazer um inventário interior de nossas vidas e nos questionarmos se iremos continuar vivendo uma vida vivida no comum ou se teremos coragem de dar o *salto mortale* para uma vida experienciada no mistério do acontecer em procura amorosa sobre quem somos-não-somos, rumo a existir. E essa procura se dá percorrendo os caminhos por um educar poético que extrapola quaisquer ideias de formação mecanizada e funcional, visto que se manifesta como o caminho dado a cada um para que possa chegar a ser o que já se é, isto é, o próprio.

Esse caminho de vida – o educar poético-originário – torna-se, portanto, a narrativa de apropriação do próprio – travessia – existir – tornar-se. Para que possamos “chegar a existir” devemos nos apropriar de quem somos no manifestar de nossa verdade originária enquanto humanos: sermos a própria travessia poética.

Foi de certa feita que li em algum lugar que cada momento da nossa vida é uma oportunidade de caminhada rumo ao destino. É preciso não apenas que olhemos, mas, principalmente, que direcionemos o olhar para o ver, voltemos os sentidos para o auscultar, e elevemos nosso pensamento a meditar os momentos em cada uma das oportunidades que

chegam até nós, para o que está para além do meramente superficial e aparente, passageiro e incompleto, pois existir nada mais é do que a caminhada de procura de realização da plenitude do que somos e já recebemos para ser. Existir é também apropriar-se do próprio.

Apropriar-se de si tal qual a personagem-questão de “Fatalidade”, Meu Amigo, que possuía vasto pensar e saber, sendo ele poeta, professor e ex-sargento de cavalaria, sabia-se de si, apropriava-se de quem era, vivia no entre a graça e a razão e que, certa vez, ao receber em sua casa o homenzinho Centeralfe, foi que deu certa situação:

Meu Amigo, mandando-lhe sentar e esperar, continuou, baixo, a conversa; fio que, apenas, para poder melhor observar o outro, vez a vez, com o rabo-do-olho, aprontando-lhe a avaliação. Do que disse: — “*Se o destino são componentes consecutivas — além das circunstâncias gerais da pessoa, tempo e lugar... e o karma...*” Ponto que o Meu Amigo existia, muito; não se fornecia somente figura fabulável, entenda-se (ROSA, 2005, págs. 101-102).

Meu Amigo existia porque sabia que o nosso destino não é algo marcado pela fatalidade de não poder acontecer no fluxo da vida; existia porque sabia que éramos livres para escolher seguir, ou não, nosso destino, e que as encruzilhadas de escolha dos caminhos não são componentes consecutivas imutáveis, pois há o fluxo do agir de todo humano no acontecer do tempo, e esse conduz o caminhar rumo ao destino.

E você? Chegou a existir?

Meu Amigo apropriava-se de quem era quando dizia ao homenzinho Centeralfe que nós, humanos, “*Não estamos debaixo da lei, mas da graça*” (ROSA, 2005, p. 102), e que, portanto, devíamos auscultar o sagrado da vida trazido pelas deusas *Kharites*¹⁰, e acolhê-las em esplendor e radiância, transformá-las em júbilo e vitória, e devolvê-las ao mundo em florescimento. Não devemos esquecer que estar sob a lei da graça é estar sob a energia do sagrado, da pura energia de sentido, presença, realização e plenitude, tranquilidade e repouso que nos concede a liberdade para irmos em busca do nosso próprio. Apropriar-se, meus caros, nos diz o realizar as possibilidades que recebemos ao nascer e por nascer já recebeu, *i.e.*, deixar realizar-se em nós o próprio pelo qual, na identidade do que somos, nos realiza enquanto diferença (CASTRO, 2011).

¹⁰ Kharités, ou Carités, ou Graças, eram as deusas filhas de Júpiter e Eurínome ou Eunomia, para uns; de Sol e Egle, para outros; de Júpiter e Juno, para outros tantos; e para a opinião mais comum, filhas de Baco e de Vênus. São em número de três e são conhecidas por Aglaia (a claridade), Talia (a Verdejante, que faz brotar as flores), e Eufrosine (o sentido da alegria da alma). Eram companheiras de Vênus, a deusa da beleza, e seus poderes se estendiam a todas as coisas boas da vida. Elas ofereciam aos homens não só a graça, mas a alegria, a constância de humor, a facilidade dos modos, a liberdade, a eloquência e sabedoria. (Conferir mais em COMMELIN P, 2011, p. 76).

É rumo ao apropriar-se que *Primeiras Estórias* vem nos conduzir, quando nos doamos à escuta de suas questões. Como já mencionei anteriormente, na obra é, pelo educar poético, que a travessia e o existir fazem um jogo de espelho em que um e outro dialogam e se entre-cruzam enquanto questões manifestas que nos lançam à procura do próprio de nós mesmos. Mas para que possamos entender esta viagem-procura a qual me refiro, é preciso que meditemos sobre as palavras-questões que fazem parte desse agir poético: **Educar**, **Poético**, **Existir**, e deixar que o ser de cada uma se manifeste em todo o seu vigor originário, nos conduzindo, também, ao tornar-se!

Convido vocês a nos lançar por mais esta etapa da viagem-tese a fim de pensar palavra. O que podemos dizer acerca do **Educar**, retirando de cima as tintas com que nos pintou o pensamento a tradição metafísica ocidental? Vejam: a palavra “educar” vem do verbo latino *ek-ducere*, em que *ek-* significa “para fora” e *ducere*, “conduzir”, em sentido ontológico, o que inclui tanto o espacial quanto o temporal. No pé-tintim, o educar seria, então, uma manifestação de toda palavra, corpo, rosto, sentido, destino que se reconheça mistério. Em liberdade (CASTRO, 2014).

Pensado desta maneira, o educar é um processo ontológico pelo qual cada ser humano deve ser conduzido para além dos limites, enquanto caminhada dialética pela qual somos lançados ao nada, entre a tensão do limite e do não-limite de ser, vislumbrando o libertar. Pensar o educar é pensar a questão de ser, de humanizar-nos, sendo o que recebemos para ser. O educar diz respeito à eclosão de mundo, à realização poética do humano, enquanto este vigora na verdade do sentido do ser (CASTRO, 2014). O **Poético** do educar manifesta-se como realidade e essência do humano. É sempre o que o difere, sendo o nada criativo, a sua identidade. O poético, visto dessa forma, é a ação de procura do humano se fazendo linguagem, o ser se dando, sendo tempo, presenteando-se (CASTRO, 2011).

Bem antes de aprisionado em modelos educacionais funcionalistas, a questão do educar, em seu originário, vigorava no mito. Todo educar, originariamente, é mítico, pois acontece por meio dos ritos do mito¹¹. A força da narrativa está presente em nosso mundo até hoje, visto que nos falamos do narrar enquanto travessia de aprendizagem humana, tanto para quem cria narrativas quanto para quem as escuta/lê. E é aí que vigora a força da obra de Guimarães Rosa: o narrar para se conhecer, o narrar para criar mundo. Não é à toa a fala de Riobaldo, jagunço, ao ver o nascimento de uma criança e, admirado, solta que mais uma

¹¹ Homero educou a Grécia inteira por meio de sua obra mítica de narrativa oral; os povos originários da cultura tradicional amazônica também educam seus descendentes por meio de narrativas orais recheadas de mitos do imaginário amazônico.

criança nasceu, mais uma vez o mundo torna a começar, a fazer sentido, a ser criado, pela linguagem, em realidade poética repleta de possibilidades de acontecer.

Sei que parece coisa de invento, mas o **Poético** nada tem a ver, pelo menos não aqui, com um estilo de linguagem ou mesmo com um gênero literário. Se certo?! Devemos pensar o poético como a tentativa mais radical de livrar-nos da terminologia metafísica atributiva e libertar-nos para a luz inaugural do instante poético em que nos compreendemos já vivendo. O poético é a paixão pelo viver e seu sentido, sempre novo, sempre inaugural, sempre desafiante, para ser experienciado. O poético, meus caros, é a essência do agir, a qual vigora a partir do sentido do ser e manifesta-se em nós quando nos abrimos para o pensar (CASTRO, 2011, 2015).

E isso tudo tem a ver com essência do ser humano, já que somos e não somos possibilidades de vir-a-ser de todo ser. O nosso horizonte do educar está diretamente ligado à questão da verdade, no sentido de desvelamento e velamento do que desde sempre se é. Foi o que ocorreu como os irmãos Dagobés que, após a morte do irmão mais velho que guiava-os nas malvadezas da vida, contrariando a certeza dos moradores da cidade que conheciam seus brutos assomos de facínoras, conseguiram se reespíritar na e pela verdade de ser e dar o salto mortal para as novas possibilidades de vir-a-ser, libertando o assassino do irmão da vingança, o rapaz Liojorge, e se libertando para o acontecer inesperado da vida:

O silêncio se torcia. Os dois, Dismundo e Derval esperavam o Doricão. Súbito, sim: o homem desenvolveu os ombros; só agora via o outro, em meio àquilo?

Olhou-o curtamente. Levou a mão ao cinturão? Não. A gente, era que assim previa, a falsa noção do gesto. Só disse, subitamente ouviu-se: — *“Moço, o senhor vá, se recolha. Sucede que o meu maldoso Irmão é que era um diabo de danado...”*

Disse isso, baixo e mau-som Mas se virou para os presentes. Seus dois outros manos, também. A todos agradeciam. Se não é que não sorriam, apressurados. Sacudiam dos pés a lama, limpavam as caras do respingado. Doricão, já fugaz, disse, completou: — *“A gente, vamos’embora, morar em cidade grande...”* O enterro estava acabado. E outra chuva começava (ROSA, 2005, p. 75).

Os irmãos Dagobés tinham conseguido transcender em direção ao tornar-se. Suspensos no nada, tinham se apropriado do que verdadeiramente eram, abrindo-se ao ser, dando-se a acontecer, a tornar a vir-a-ser e realizando-se enquanto seres humanos — Existindo. Existir é lançar-se ao abismo do nada. E todo este movimento se dá pelo educar que recusa os modelos preconcebidos de quem somos. Para isso, é preciso nos dispormos à ferida, à dor, à desproteção, à falta de certezas e chãos sólidos, e como um sopro de vida que

toma todo o nosso corpo, nos conduzirmos pelas veredas-encruzilhadas do livre-aberto de ser destinados a acontecer.

Devemos optar pela terceira margem de um educar em que o ensinamento manifesto seja sempre tudo o que não foi dito do dizer; tudo o que não foi pensado do pensar; tudo o que não foi realizado do realizar. Devemos clamar e nos lançar por um educar que não tenha como fundamento nem a objetividade, muito menos a subjetividade, mas que, provocado, provoca, inspira, comove, sacode, lança ao abismo cada agir para que possamos, questionando-o e nos questionando, rumar à realização de sermos destinados a viver no entre-ser-vida-e-morte. Na verdade, o movimento vigorante que está na essência do educar é o de estar **entre** os movimentos. Ter disposição para circular entre-movimentos e poder criar, em liberdade — *poiésis*¹².

O educar poético que vislumbra-se para este movimento criador de existir entende que o diálogo deve acontecer não entre os saberes, mas do saber com o não-saber que os une e, por isso, nos une em espera de nosso *kairós*, da nossa hora propícia de florescer em flor pelágica, frutificando um saber próprio de nós mesmo, que será apreendido, incorporado, guardado e sabido de cor, porque de coração, porque sabido pelo sabor, pelo amor, experienciado enquanto existência, e, assim, permanecer enquanto fluxo de possibilidades de mudança.

Existir é pensar, é questionar e questionar-se. Existir é ser em plena abertura de e para possibilidades de vir a ser! E o questionamento do que é um ser humano deve sempre ir de encontro a todo e qualquer conceito banal que aprisione a grandiosidade manifestativa do ser. Nós perguntamos e somos a pergunta. Por isso não existe respostas fechadas para o que é o ser humano. Quaisquer que sejam as respostas, são dadas a ver em travessia-viagem no nada, em procura do próprio. Existir/existência têm origem do latim *existere*. O prefixo ex [eks] diz a possibilidade do livre aberto em habitar e projetar livremente para fora da posição, “sair”, “aparecer”; *sistere* significa “estar de pé”. O ser, a vida são movimentos em que algo, a todo momento, está aparecendo, se dando a ver, acontecendo. Existir nada mais é do que se dar, acontecer, mostrar-se, realizar-se e ao mesmo tempo velar, retirar, esconder. Nós, seres humanos, somos ambíguos, visto que somos e não somos, estamos e não estamos, temos limite e não temos. Por isso, em alemão, existir/existência é *Dasein*, entre-ser.

¹² “A palavra grega *poiésis*, que gerou a palavra portuguesa poesia, em sentido amplo, não diz originariamente uma atividade cultural entre outras. Na e pela *poiésis* o próprio real se destina no homem para que este o realize numa plenitude que o próprio real por si não realiza. Na e pela *poiésis*, o próprio real se constitui como linguagem, mundo, verdade, sentido, tempo e história, em qualquer cultura” (CASTRO, 2009, p. 12).

Lancemo-nos a um educar poético que nos jogue ao livre aberto de entre-ser e nos faça ver que só existimos pelo vigor originário — poiésis — do educar, e que o educar só se manifesta no existir. E é dessa forma que acontece o jogo de espelhos o qual está sendo proposto durante esta viagem-tese e pelo qual estamos nos conduzindo. Fazer o jogo nesta viagem-atraversamento de procura é perceber e se abandonar pelas questões no momento em que elas manifestam o seu ser.

O jogo de espelhos entre o educar poético e o existir, em *Primeiras Estórias*, se dá quando um e outro se refletem dando a ver o humano que está ali em procura pelo próprio, lançado, em travessia, ao abismo de ser, por isso suspenso ao nada, excedendo, transcendendo, existindo, tornando-se humano em travessia.

Tanto tido que, partindo para uma figura gradualmente simplificada, despojara-me, ao termo, até à total desfigura. E a terrível conclusão: não haveria em mim uma existência central, pessoal, autônoma? Seria eu um... des-almado? Então, o que se me fingia de um suposto *eu*, não era mais que, sobre a persistência do animal, um pouco de herança, de soltos instintos, energia passional, estranha, um entrecruzar-se de influências, e tudo o mais que na impermanência se indefine? Diziam-me isso os raios luminosos e a face vazia do espelho — com rigorosa infidelidade. E, seria assim, com todos? Seríamos não muito mais que as crianças — o espírito do viver não passando de ímpetos espasmódicos, relampejados entre miragens: a esperança e a memória (ROSA, 2005, p. 119).

A procura de nós mesmos pelo ver-se-no-espelho é a ponta do mistério. “Olhos contra os olhos. Soube-os: os olhos da gente não têm fim. Só eles paravam imutáveis, no centro do segredo” (ROSA, 2005, p. 116). Tal experiência – sugiro que um dia todos a façam – nos levam a lugares jamais antes atravessados, e digo isso não apenas quando a experienciamos por uma vez, mas em todas as vezes que nos olhamos no espelho, olhamos fundo e miramos nossa alma com os olhos, a mesma sensação nos toma: calafrios de pavor, depois de amor – de cura –, de cuidado de amor por quem somos e por quem podemos ser, mesmo que, no início, nos deparemos com a nossa vera forma.

Certa vez, disse Heidegger (2009), que a cura do humano que está em pro-cura, ou seja, lançado ao cuidado, é o modo de ser da presença, do *ser-aí*, e que, portanto, nós, humanos, devemos pertencer ao cuidado enquanto vivermos. Cuidado também pode estar relacionado à cura pelo amor ao ser — *Eros*. O cuidado, neste caso, nos fala de uma condição essencial do existir, visto que a presença, – *ser-aí* – se empenha a cada instante em cuidar de si mesmo, em um processo de apropriação de si próprio – realizar-se/tornar-se –, apontando o modo de ser pelo qual vigora, mediante um agir constante de compreensão de seu ser e do ser das coisas do real.

A questão da cura enquanto cuidado de si está diretamente em diálogo com o existir. Cuidar, amar quem somos e porque somos também é existir. Existir trata-se de um movimento de realização que não para de desvelar e velar seu ser. O humano é um presentificar-se, um fazer-se outro constante, na própria liminaridade de ser e não ser (TAVARES, 2014).

Habitamos o entre-ser, o entre-acontecer, o entre-pensar. É na terceira margem que está a verdadeira travessia, velando e desvelando caminhos, encruzilhadas, veredas pelo SER-TÃO, e devemos percorrê-la correspondendo ao ser que nos excede, nos traspassa, nos antecede e se faz em cada ato de seu fazer-se, e nada mais. Sendo o nada o que nos acossa a cada momento a vir-a-ser; sua realidade é o vazio, a ausência, as questões, a morte, o silêncio, que nos fazem questionar a todo momento o que é mais crucial para a vida humana. É NONADA que habitamos e pelo NADA que nos suspendemos ao ar, pronto para dar o *salto mortale* ao EXISTIR.

Sem se ver, se adivinhava! Foi aí que fiquei sabendo que existir tanto enquanto humano ou quanto essência do humano é se interpretar como o que somos e não-somos, no vigor de ter sido para chegar a vir-a-ser. O existir é a consumação do nosso sentido a pôr-se a caminho do pensar. Destino, próprio, apropriação. E mais uma vez volto a questionar (me): E então, será que alguma vez chegamos a existir?

3. O ato de ficcionar enquanto pro-cura

Ao ler "Nada e a nossa condição", décima segunda estória de *Primeiras Estórias*, a pesquisadora-intérprete, portanto, conclui que o sentido de ficção ou "fazer de conta" é o de reinventar o real, instaurar um novo mundo. Relembro: isso aparece como nadificar. Nadificar nada mais é do que retirar as máscaras que vestimos, a própria reinvenção do real, nas palavras da personagem Tio Man'Antônio, "fazer de conta", aqui está o duplo significado de ficção: uma concepção, um narrar para reinventar o real, em busca de realização enquanto humano — tornar-se —, percorrer nossa aprendizagem poética, acreditando-nos destinado a co-responder ao ser enquanto ação poética. "Ao revés, porém, Tio Man'Antônio concebia. —“*Faça-se de conta!*” — ordenou, em hora, mansozinho. Um projeto de se crer e obrar, ele levantava. Um, que começaram" (ROSA, 2005, p. 124).

Entretanto, muito se tem pensado e, há tempos, afirmado que ficcionar é fantasiar, inventar, como se essas duas palavras negassem a verdade manifestativa da realidade. Ledo engano, meus caros! E como todo questionar que procura a cura por existir é circular, voltemos a orbitar a questão do ficcionar. Exclamo em sobressalto, e continuo: Martin Heidegger (2012), em seu ensaio "...Poeticamente o homem habita...", trata do fazer poético do alemão Hölderlin enquanto morada originária do real. E, portanto, vai desconstruindo completamente a falsa ideia de ficção como imitação, atribuída a toda literatura. O pensador alemão me fez ver que o "poeticamente", quanto ao seu valor poético, pertence mesmo é ao reino da fantasia. E o habitar poético lança voo fantasticamente sobre o real. Portanto, quando Hölderlin diz, com propriedade, que o habitar poético é o habitar esta terra, ele não somente está protegendo o poético ante sua incompreensão usual corriqueira, mas, sobretudo, ao acrescentar as palavras "esta terra" o poeta remete-nos ao vigor essencial da poesia, o qual conduz o homem para a terra, para o habitar o real em que está imerso.

A pesquisadora-caminhante, então, repousa o pensamento e medita tentando entender o ato criador: hoje em dia, toda vez que se fala em poesia, a primeira coisa que vem à cabeça de quem ouve esta palavra é que se trata do escrito de alguém que precisa expressar por meio de palavras bonitas seus sentimentos. Não é verdade? Contudo, a compreensão também vai na direção de pensar a poesia, sobretudo, enquanto o agir originário do humano em procura pelo seu próprio! E agora, o que pensar?...

E mais uma vez Heidegger (2012), quando ensaia sobre o habitar poético do homem, pegando emprestado a frase "*poeticamente o homem habita*", do poema de Hölderlin,

intitulado *In lieblicher bläue...*¹³, afirma que temos uma ideia deturpada da palavra “habitar”, alegando que, muito provavelmente, isso ocorre em razão da criação de medidas-padrão de interpretação do mundo associadas à noção positivista e funcional da realidade. Assim, habitar e poético parecem não ter relação nenhuma entre si. Entretanto, convido a voltarmos nossos ouvidos ao sagrado da palavra, ou seja, para aquele acontecimento da linguagem-mistério que desvela a manifestação do real, para, dessa forma, descobrirmos que “habitar” não é apenas possuir uma residência; e que “poesia” não se esgota em sonhar, fantasiar, imaginar algo que não corresponde à realidade. E se pensarmos mais? E se afirmar a vocês que muito provavelmente o “habitar” sustenta-se no “poético”? É preciso escutar as palavras em seu vigor original.

A partir de agora, a viajante-pesquisadora nos convida a pensar o habitar enquanto **existir**; e a poesia enquanto **agir**. Duas palavras que desvelam questões inerentes ao humano de todo ser, e que estão diretamente relacionadas à construção da humanidade de todo e qualquer ser humano, ou seja, o habitar e a poesia são, à sua maneira, uma aprendizagem que nos atravessa, são a travessia, a viagem que pesquisamos, um percurso possível do educar (*eks-ducere*, conduzir-se de si para si mesmo, colocar-se em direção ao fora de onde se está para ser mais propriamente o que se é).

Percebem, com isso, que o título desta tese-viagem se justifica? Um viajar e um existir humano que se espelham, pelo educar poético, em que a manifestação de um está imbricada no desvelo do outro, em contínuo movimento fluvial de acontecimentos para o tornar-se?! Questiono-me, rumando às margens da alegria: por ora, deixo esta questão orbitando os pensamentos... Mas fica o compromisso de que ao passo que for avançando na escrita-leitura-escuta desta viagem-tese, esta questão do diálogo entre o educar poético e o existir irá se revelando para cada um de nós. A tempo, precisamos voltar às questões do habitar e do poético enquanto procura do próprio.

Recolocando a questão: “... *poeticamente o homem habita ...*”, e retomando à escuta amorosa do pensamento de Heidegger (2012) acerca destas questões, mais uma vez os convido a atravessarmos juntos estas veredas. Se é fato de que é a poesia que permite ao habitar ser um habitar, isto é, é a própria poesia um deixar-habitar em sentido originário; então, como podemos encontrar a habitação? Será mediante a um construir? A um criar? Pois bem, pensemos juntos: para que possamos compreender a poesia enquanto um deixar-

¹³ A tradução para o português foi feita por Marcia Sá Cavalcante Schuback, com o título *No azul sereno floresce...*, e pode ser lido na íntegra no livro de ensaios de Martin Heidegger, *Ensaio e conferências* (2012), nas páginas 254 a 259.

habitar, devemos pensar acerca da essência do habitar, ou seja, o que se designa por existência humana. Sendo assim, cabe-nos pensar na essência da poesia no sentido de deixar-habitar enquanto construir/criar por excelência.

Uma inquietação manifesta-se em nossa viajante-intérprete: como recolocar a questão de pensar a essência de alguma coisa, e mais, como pensar as questões do habitar e do poético em diálogo com Guimarães Rosa e *Primeiras Estórias*? Arrisco-me, portanto, em afirmar que só conseguimos meditar acerca dessas veredas já estando inseridos nelas, ou seja, no apelo da linguagem. É apenas habitando a linguagem, atentos à essência da linguagem que iremos adentrar o vigor do habitar poético enquanto realização humana. É sempre pela linguagem que vislumbramos a essência de uma coisa. E correspondendo à linguagem é que o homem escuta propriamente o seu apelo. Aí está a saga que vigora na poesia (Heidegger 2012). Nesse momento rememoro Rosa: em suas estórias primeiras, ele nos conduz à travessia do habitar poético quando nos doamos à escuta da linguagem manifestada por suas personagens, imagens, enredos, *poiesis*.

Na estória “Nada e a nossa condição”, a intérprete-caminhante percebe um diálogo estreito com as questões do habitar e do poético presentes na frase de Hölderlin “...poeticamente o homem habita esta terra”. Desde o título, Rosa nos acena para a condição ontológica do homem em habitar esta terra poeticamente. **Nada** nos fala, aqui, da abertura para as possibilidades de tudo, ou seja, do vir-a-ser do ser, o qual o homem deve co-responder enquanto doação da linguagem – o humano, previamente, está destinado a ser. Por conseguinte, **a nossa condição** remete à condição do humano de também co-responder ao ser. E o e que liga estas duas partes do título é o “entre”, o interstício, a terceira margem do rio em que o homem está inserido enquanto entre-acontecer do ser; a terceira margem, o não-lugar da res-posta, a finitude do aí.

Em “Nada e a nossa condição” temos uma personagem no entre possibilidades de acontecer. Tio Man’Antônio, homem silencioso e “de mais excelência que presença” (ROSA, 2005, p. 121), após a morte de sua mulher, lança-se ao abismo do nada, que é tudo – possibilidade das possibilidades, sempre em doação para novas realizações, o tempo sendo – e, por meio do “faz-de-conta” criador, *ie.*, do agir poético, atravessa seu percurso em busca de seu próprio, realizar-se enquanto ser humano. E assim corresponde ao apelo do ser, habitando a linguagem em diálogo com o real em sua volta. Era assim a vida de Tio Man’Antônio:

Vez, vez, entanto, e quando mais em forças de contente bem-estar se sentindo, então, dispostamente, ele se levantava, submetia-se, sem sabida

precisão, a algum rude, duro trabalho – chuva, sol, ação. Parecia-lhe como se o mundo-no-mundo lhe estivesse ordenando ou implorando, necessitado, um pouco dele mesmo, a seminar-se? Ou – a si – ia buscar-se, no futuro, nas asas da montanha. Fazia de conta; confiava, nas calmas e nos ventos (ROSA, 2005, p. 126-127).

Nossa intérprete-viajante sugere que Rosa nos convida a pensar em todas as questões tradadas até agora, umas imbricadas em diálogo poético com as outras: Tio Man’Antônio, silencioso e atento à essência da linguagem, corresponde ao apelo do ser, em ato criador no “algum rude, duro trabalho – chuva, sol, ação” de infinita realização que é o faz-de-conta da realidade em sua volta, com ele destinado a tornar-se!

Procura e fabulação – criação – são questões presentes nesta estória de Rosa, que nos coloca frente a frente com uma reflexão profunda sobre o sentido do agir (*poiesis*). Este que conduz o humano ao nada, à morte enquanto plenitude da vida. O homem, desde sempre lançado no percurso ético-poético do agir, vai em busca de seu destino, no entre agir e não-agir, ou seja, se colocando em travessia pelo educar poético em busca de existir. “Seguia, certa; por amor, não por acaso” (ROSA, 2005, p. 107).

Tomando o fragmento 101 de Heráclito: “Eu me busco a mim mesmo” (HERÁCLITO, 2017, P. 97), temos que o homem está o tempo todo à procura de algo que explique sua existência, vivendo no limiar, na terceira margem entre ser e não-ser. Contudo, jamais conseguirá chegar a uma resposta única e final, visto que todo humano já é doação das questões do ser e este não pode ser esgotado em respostas. É Manoel Antônio de Castro (2011) quem nos diz que viver já é desde sempre procura. E que a palavra “procura” tem em seu interior a densidade do sentido. Ou seja, ela se dá sempre de uma maneira radicalmente presente e imediata – viver já é sempre um procurar, e nós, humanos, enquanto seres habitantes da terceira margem do real, vivemos é experienciando a medida e a não-medida do viver.

Percebam, queiramos nós ou não, seremos sempre finitos experienciando nosso viver entre o limite e o não-limite: essa é a grande busca do humano. E é este lançar-se no limiar da abertura do viver que nos é constitutivo e que, portanto, dá sentido à procura. A abertura é o mundo se manifestando, fazendo sentido, e é pela abertura que se dá a cura de toda procura: o querer cuidar. A palavra “cura” acolhe a medida e a não-medida da procura, no e pelo entre-caminho, as quais se manifestam enquanto linguagem poética, enquanto agir criador – *poiesis*.

Foi, assim, orbitando esta perspectiva que a ideia central deste estudo manifestou-se em mim enquanto pesquisadora-viajante – entre-ser-que-procura –, co-respondendo ao

projeto-viagem de *Primeiras Estórias*, a saber: por meio da obra literária de João Guimarães Rosa, em que se pode perceber uma narrativa que projeta o homem na e pela procura do seu ser (aprendizagem poética), somos lançados em travessia por um educar poético que nos conduz – humano –, a partir do diálogo com a obra de arte, à clareira do questionar, na qual habita o mistério entre o todo saber e o não-saber, em busca do que nos é próprio –nossa humanidade, e, por isso, chegamos a existir?

Parto dessa ideia tendo em vista que no procurar vigora a **tensão** (a dobra entre ser e não-ser) e a **tessitura** (o vigorar de um modo próprio, no qual as questões desvelam-se no ser que se destina em cada humano) de um diálogo original que a obra de Guimarães Rosa estabelece com as raízes do pensamento ocidental. Então, me posiciono enquanto-viagem-travessia para me lançar em percurso, em busca pela aprendizagem do tornar-me, ou seja, de realizar-me como ser humano, de criar poeticamente minha humanidade e existir. Respiro. Coloco-me a pensar no percurso de travessia que irá se manifestar como narrativa escrita.

Podemos compreender esse percurso – que, não obstante, doa-se diversamente a cada ser como o modo próprio de ser humano – enquanto educar poético? Um educar que jamais aprisiona, pelo contrário, liberta, visto que manifesta o caminho doado a cada um, a fim de chegar a ser o que já se é, sendo este caminho a própria vida manifesta enquanto narrativa de apropriação do próprio, ou seja, do seu tornar-se? Questiono-me.

Será aqui que encontraremos a força das narrativas criadas por Guimarães Rosa? Adentrar o contar estórias deste pensador-poeta lançou-me em travessia entre vida e morte, buscando sentido e desvelando mistérios. Nas narrativas de Rosa, a viagem se manifesta no existir, e vice-e-versa, enquanto um processo ontológico pelo qual cada ser humano é levado para além dos limites, habitando a dialética entre ser e pensar. Estou certa disso?

Acerca do caminho do procurar-se, a caminhante-pesquisadora, enquanto intérprete/leitora, se deixa lançar em viagem-tese, entrando na canoa e partindo rumo ao rio enorme do pensar – na terceira margem –, em fluxo contínuo. Estar (se posicionar) na terceira via do pensar requer disposição ao Nada, à abertura privilegiada da angústia. É preciso estar em posição de procura. Aqui faço-lhes o convite: acreditemos nesse enigma e nos juntemos rumo a procurar-nos em meio à e pela arte da palavra, a qual, pelo vigor do silêncio – *logos* se manifestando enquanto *poiesis* –, mantém-se como questão e incorpora¹⁴, nova, a presença do mito da linguagem, vigorando em acontecimento e mistério!

¹⁴ Aqui temos a palavra sagrada do mito dando-se em arte, fazendo-se corpo-palavra.

Um instante! Pensemos juntos: para nos lançar à viagem de procura é preciso ser o que se procura; sermos os procurados pela viagem-pesquisa; é preciso ser a pesquisa-viagem, pois no final das contas, não existirá viagem se esta seguir na e para a abstração da procura, a qual se dá a não pensar, em presença, a presença, *i.e.*, pensar a presença enquanto sentido dado. Para seguirmos rumo a viagem-procura, devemos estar com os pés fincados no chão, estes cultivados em nossa terra natal, nos conduzindo enquanto presença – entre-ser-do-acontecer – a acolher o manifestar da procura, habitando a terra natal, nascendo e renascendo nela e por ela, predestinados a rumar ao tornar-se (FAGUNDES, 2016).

E, em contínuo diálogo com o poeta-professor Igor Fagundes, nos deparamos com o extraordinário de nós mesmos e do mundo, não podendo mais fechar os olhos para o mistério que isso representa; o enigma está posto e é preciso olhar agora para a coisa¹⁵ se dando a ser no ser da coisa, ou seja, enquanto coisa que se dá a ver, “Olhar para os lados, para cima, para baixo, é perder a coisa-viva, imensa-imediata nos olhos” (FAGUNDES, 2016, p. 26).

Mas qual é mesmo o sentido de coisa? O que podemos pensar quando falamos no ser da coisa? Será que já atentamos para o fato de a todo momento estarmos nos aproximando e nos afastando da coisa em si? Você, leitor, deve, agora, estar pensando: “quanta coisa estranha sem explicação?” Passemos, então, a refletir sobre o que vem a ser uma coisa!

Certa vez, Heidegger (2012a) alertou para a falta de reflexão que nós, humanos modernos, inundados pelo pensamento moderno científico dominante, fazemos sobre o sentido originário da palavra coisa, mas isso não nos impede de lidarmos a todo momento com a coisa, de usarmos e abusarmos da coisa, contudo sem nenhum cuidado para meditar acerca do mistério desta palavra.

O próprio Guimarães Rosa apropria-se da coisa a todo momento em suas histórias, e no sentido mítico, ou seja, enquanto palavra sagrada do mito. Vejam, em “Os cimos”, a coisa passa a assombrar o pensamento do Menino, que se vê às voltas com a morte da mãe, chega a sentir terror em ver a coisa em seu sentido originário, e foge a todo momento dela. E o faz por não ter ainda se voltado ao mistério da beleza da palavra. É o narrador que conta essa história:

Assim, o Menino, entre dia, no acabrunho, pelejava com o que não parecia querer em si. Não suportava atentar, a cru, nas coisas, como são, e sempre

¹⁵ A palavra “coisa” é aqui pensada em seu sentido ontológico, que nos remete a tudo o que está em causa, acontecendo. Heidegger, no ensaio “A coisa”, que faz parte do livro *Ensaio e conferências* (presente nas referências) argumenta: “Na linguagem da metafísica ocidental, a palavra coisa diz o que, de alguma maneira, é algo. Por isso também se altera a significação do termo ‘coisa’, segundo se entende e interpreta o ‘sendo’, o que é e está sendo” (p.154). E mais à frente, conclui: “Ao pensar a coisa, como coisa, poupamos-lhe a vigência de coisa, protegendo-a no âmbito em que ela vive e vigora. No sentido de reunir e recolher diferenças numa unidade, coisificar é aproximar mundo” (p. 158).

vão ficando: mais pesadas, mais-coisas – quando olhadas sem precauções. Temia pedir notícias; temia a Mãe na má miragem da doença? (ROSA, 2005, p. 205).

E mais uma vez, os convido a abrir-nos para a beleza das coisas, a meditar em seu horizonte de possibilidade de acontecer. Assim como o Menino de “Os cimos”, que logo após ter sentido medo de olhar para dentro da coisa e realizar que a mãe era finita e que poderia não mais vê-la em vida, “esperava; pelo belo”, pois “Havia o tucano – sem jaça – em voo e pouso e voo” (ROSA, 2005, p. 205). Vamos pensar? Para nos abrir para a coisa em sua beleza de origem é preciso abrir-se para a verdade da coisa, em seu sentido manifestativo de velar-se e desvelar-se e velar-se aos nossos olhos.

Sendo assim, é possível perceber que a abertura vislumbrada, perseguida pela viajante-pesquisadora para esta viagem-tese em hipótese nenhuma se dará por veredas conceituais que não se abram ao ser da coisa em si, fincadas no lugar arenoso dos conceitos herméticos, pretensioso de certezas, visto que, em nosso caminhar, o que importa mais são as perguntas do que as respostas. Pois, como sabemos as veredas-respostas já estão definidas, não mais se abrem ao inesperado do mundo, e o caminho por entre elas é movediço de novas e velhas representações. O arroubo para o extraordinário que se faz pergunta-nascente é o que busco. Para consegui-lo, lanço-me, espantosamente, por entre seu chão, seu próprio chão, sua presença, terra firme para o estado nascente da experiência, da qual desde sempre partimos, embora, às vezes, desconheçamos esse lugar.

É aí- agora que nos doamos ao educar, à aprendizagem pelo desaprender. É no aí e agora que se dá a experiência do tornarmo-nos poeticamente o humano que sempre fomos e que vigorosamente procuramos, mesmo, e por isso mesmo, não sabemos. Um detalhe não se deve esquecer: o caminho dessa viagem-tese deve ser percorrido (criado no), vislumbrando o ético do agir e habitar. A travessia se dá, sobremaneira, fincada por entre (*methá*) a linguagem (*logos*), e fazendo-se em diálogo com a realidade que sobrevém, ultrapassa, convoca à incorporação pela palavra escrita.

Tratar do enigma do que seja a travessia do educar poético já de imediato conduz ao questionamento do que seja ensinar e aprender e, sobretudo, existir. Estas palavras – grafadas em maiúscula por se manifestarem como questões a serem percorridas aqui – se fazem presentes nesta experiência-ação – criação – de forma a costurar o objetivo central dessa viagem-tese: pesquisar como são manifestadas as questões do viajar e do existir em *Primeiras Estórias*, conduzindo o leitor, pelo educar poético, à aprendizagem do tornar-se “Homem humano. Travessia. —” (ROSA, 2006, p. 608).

Que fique dito: tanto o viajar quanto o existir percorridos aqui acontecem na e pela suspensão de pontes e mediações conceituais. Acontecem mesmo é no meio do caminho — sendo o caminho — entre veredas, sertões, rios e encruzilhadas, para os quais cada palavra apre(e)ndida se cumpre, inesgotavelmente, ao/por cumprir o inesgotável do caminhar com e pela obra.

Para nossa intérprete-pesquisadora, fazer o jogo de espelhos entre viajar e existir, ou seja, ser e pensar, é clamar pelo educar “da criança [...] que tenta, a todo tempo, se virar: com as palavras! Se virar: com o seu presente!” (FAGUNDES, 2016, p. 29), assim como fazem algumas das personagens de *Primeiras Estórias* que brincam com o sentido das palavras, que reposicionam a linguagem como ato de criação de suas narrativas. Criar, fabular, enquanto principiariar contínuo de muitos sentidos, é realizar-se poeticamente, é percorrer nossa aprendizagem poética.

E essa aprendizagem nos orienta: dessa forma, a cada leitura-atravesamento das estórias narradas por Rosa o mundo acontece, cria-se em verdade pelas vozes das personagens criaturas e criadoras de sentido, no que também acontecemos enquanto mundo e humano. É a viagem e o caminhar que revelam que a comoção do percurso, este trilhado com os pés fincados no já-agora do chão/caminho, conferem medida ao educar – poético – em procura, no qual o arroubo pelo poético se faz tão originário que nos permite inaugurar mundo – criar – como se voltássemos a ser criança ∞ “Minha Senhora Dona: um menino nasceu — o mundo tornou a começar!...” (ROSA, 2006, p. 468).

O caminho desta tese se faz poético, eu, viajante-pesquisadora, também aconteço enquanto criadora de uma *poiesis* própria, pois também habito o artístico do pro-curar (-se), o qual se manifesta no agir-originário: criação. Por tudo isso, o percurso da tese-viagem vai sendo atravessado pelo caminhar-escuta e, por isso, tornando-se obra poética do humano: realização, em que a ação de todo real se dá em palavra poética!

E, antes de prosseguirmos em rota – pois, caso o leitor não tenha percebido, já estamos em percurso desde muito antes de iniciar a leitura desta tese, muito antes de iniciar a leitura das primeiras estórias... –, é bom deixar claro que a experiência-ação proposta não tem pretensão nenhuma em desvendar esse enigma – o tornar-se – por meio de dizeres – já e há bastante tempo – descolados do mistério da linguagem. É o que é. O diálogo com a linguagem se dá enquanto acontecer de sentido no humano que se percorre, que se inquieta com as questões que se manifestam nele. E, por isso, pensa e torna-se humano.

A pesquisadora-intérprete, enquanto doação da linguagem, corresponde à linguagem, percorrendo o caminho destinado a ela e, portanto, existindo. Deixando a linguagem se

manifestar e clarear o pensamento de quem percorre, junto com ela, as estórias primeiras contadas por Rosa, acontecendo juntos, para que viajante, estórias e leitores, possam inaugurar mundo vislumbrando o rio da travessia que desagua no existir. Não devemos, portanto, nos enclausurar em teorias de conhecimento que vislumbram a causalidade e, assim, encerram o ser da coisa em si, encerrando também o projeto poético do educar-existir. Asseguro.

O que está sendo proposto jamais pode ser visto como mais uma novidade metodológico-pedagógica arrolada em suposições tecnicistas. Ao contrário, saibam vocês: a narrativa desta viagem-tese se dará por meio da experiência-ação de atravessamento a qual devemos percorrer, uma experiencição de educar que conduz à realização poética, a humanizar-nos sendo o que recebemos para ser, a partir do exercício do pensar (meditar) sobre o que são as questões do educar, do ensinar, do aprender poéticos dados em travessia-leitura, que nos conduzirá, leitores-viajantes, ao existir.

É possível até ensaiar uma afirmação sobre o movimento de um educar poético: a de que esse movimento coloca qualquer leitor que queira passar pela experiência de procurar-se em constante movimento cíclico de lançamento-retração-(re)lançamento ao abismo de saber-se e não saber-se, no qual as questões que eclodem nesse caminhar-aprendizagem são parte do enigma do que vem a ser o ser humano. Para conseguir viver/ser essa experiência, “necessitava eu de transverberar o embuço, a travisagem daquela *máscara*, a fito de devassar o núcleo dessa nebulosa — a minha vera forma” (ROSA, 2005, p. 116-117).

Como o narrador de “O espelho”, é necessário fazer jogo de desvelamento radical, retirando as máscaras e reposicionando o olhar até não enxergar mais nossa forma física, e, assim, renascermos como flor pelágica, abertos às possibilidades de ser.

Essa experiência de se procurar, se desvendar, se folhear vislumbrando o desfolhar das máscaras é uma agonia tão dilacerante que, habitados pela angústia do ser que se sabe finito, é a própria vida se manifestando enquanto acontecimento-poético-apropriativo (*ereignis*): esse é o grande mistério de ser... humano. O poeta José Inácio nos fala deste mistério que é o humano:

O teu centauro te espera,
monta teu dorso
e vê o mundo pelos olhos da esfinge:
és o enigma, não o decifrador
[...]
Há de existir um lugar
onde teus mistérios possam descansar
(MELO *apud* Fagundes, 2016, p. 35).

Se certo! É o humano o mistério, o enigma a ser desvendado, o entre-acontecer-do-ser. Recolocando a questão de uma outra forma: como nos posicionar à descoberta do encobrimento permanente do humano e das coisas que se desvelam, velando o seu ser, o qual apropria-nos enquanto acontecimento (ser e tempo), e para o qual o mais importante não seria pensar que a resposta certa não importa nada? O essencial é que estejam as perguntas certas! Assim já nos dizia Mario Quintana em seu *Caderno H*.

Para percorrer o caminho à procura desse enigma a que somos lançados ao nada de possibilidades de via a ser, a pesquisadora-viajante inicia um diálogo com a obra literária de Guimarães Rosa, viajando junto com as personagens-questão de *Primeiras Estórias* pelos interiores mais inóspitos do SER-TÃO. A escolha por esta obra se deu por acreditar ser esta grávida de imagens-questões que conduzem o leitor a se perguntar sobre o sentido do ser e da vida, em travessia, enquanto aprendizagem poética, rumo a desvendar a questão-mistério do livro: “Você chegou a existir?”

Mas o que seriam as imagens-questões a que estamos nos referindo? O verivérbio é que uma obra de arte literária é feita de linguagem e fala. Contudo, a língua não dá conta de explicar a linguagem em sua totalidade. Esta excede qualquer língua, por ser a mãe de todas as línguas. Vocês já não perceberam que muitas vezes queremos dizer algo, mas não achamos a palavra certa, a forma em dizer. Muito bem, isso também acontece com os escritores e, portanto, eles se valem de palavras, imagens, personagens, acontecimentos para conseguir dar conta da realidade que está se manifestando no momento da escrita – a linguagem poética. O poético, a própria essência da linguagem, talvez seja o único que consiga se aproximar da excessiva riqueza do real. Sobre isso, pensemos juntos.

O assombrável! A realidade não cabe nessa univocidade das palavras-conceito. O fato é que quem traz para o mundo essa riqueza excessiva da realidade enquanto fenômeno é a palavra poética, a qual se torna mais poética ainda quando se dá como imagem-questão. Ao reunirmos as coisas, as pessoas e os acontecimentos – *i.e* mundo –, notamos que a realidade se manifesta em um mundo mutável de fenômenos, rico, estranho, poético. Contudo, ao mesmo tempo este mundo se retrai. E é neste momento que se cria a ficção poética, pois nela está presente o jogo da realidade em seu mistério. Por isso, ela se faz de imagens-questões, personagens-questões, eventos-questões, narrador-questão, enredo-questão. A obra de arte como tal e como um todo é um acontecer poético (CASTRO, 2015a). Este entendimento é o que Heidegger (2009; 2013) e Gadamer (2011; 2015) chamam de hermenêutica ontológica das questões.

Se e se?! A tramada situação: é assim que se constrói toda a obra de Rosa, em um acontecer poético que nos convoca ao questionar. E digo mais uma vez: é no e pelo questionar que se abre o enigma do tempo, o enigma em que estamos desde sempre vivendo, em nosso passado, presente e futuro. E toda resposta ao enigma do existir se dá no horizonte do ler (CASTRO, 2015a).

Ao iniciar a leitura de *Primeiras Estórias*, a intérprete-viajante passa a compreender que para nos questionarmos enquanto entre-acontecimento do ser devemos nos colocar, radicalmente, em posição de escuta da obra, dialogando com ela e permitindo ser por ela questionados, a essência do questionar se manifesta enquanto sentido e essência do agir humano. Ela reitera: a leitura se faz, aqui, enquanto movimento de procura e auto-procura que coloca obra e leitor frente a frente, num jogo de espelhos, revelando, pela reflexão das questões manifestadas em obra, as quais o humano é doação, a infinitude do ser.

E essa ação originária do questionar, enquanto leitura de mundo, leitura da realidade que se faz obra de arte, digo a vocês, vai nos conduzindo face ao nada, ao inaugural do mundo que gesta e gestualiza tanto leitor/intérprete quanto qualquer figuração que se venha a fazer do mundo. Enquanto seres humanos, agimos pelo questionar e questionamos agindo, pois o lugar de nossa eclosão é desde sempre o extraordinário (o *daymon*) da *phýsis* – a eterna natividade do real em acontecimento (CASTRO, 2015a).

Nosso horizonte de leitura e compreensão de mundo e do que seria a essência do ser humano como questão, portanto, será o lugar entre *ethos* e *daimon*. E esse “entre” lugar, os pensadores originários o chamaram de *logos*, em uma tradução mais aproximada, significa a reunião de toda e qualquer manifestação da linguagem enquanto possibilidade de sentido do real. Adentremos, a convite de nossa viajante-intérprete, ao universo misterioso da leitura enquanto experiência do existir.

4. A leitura literária: escuta do mito

Pergunto: “O que significa leitura como exercício de escuta da obra literária?” Aqui está um convite a pensar acerca da leitura enquanto travessia para aprendizagem poética. Será que estamos apenas falando do ato físico de escutar com os ouvidos os ruídos externos? Não, apenas. É mais! Falamos de um escutar como apelo para a abertura liminar, para o além-limite da linguagem. “Escutar é chocar a linguagem das palavras. [...] Eis porque na escuta o silêncio do sentido do ser se faz verdade e mundo” (CASTRO: Escuta 12)¹⁶.

Escutar a linguagem das palavras ao ler uma obra de arte é, portanto, lançar-nos em procura, pelo questionar, é estar no mundo enquanto presença (*dasein*), ser mundo, é realizar mundo enquanto possibilidade de sentido do real. A palavra *dasein*, na concepção de Heidegger (2009), significa conduzir-se para além de si, ser em si o outro – nas palavras do poeta Rimbaud: “Eu é um outro”. *Dasein*¹⁷ se manifesta enquanto transcendência no sentido de ser em si o outro, sempre de novo, a cada vez.

E é enquanto presença que pela leitura confrontamos a obra literária, questionando-a e dialogando com ela – no sentido de *polemos*¹⁸ –, e vamos sendo também por ela [obra] questionados em um movimento circular interpretativo, no qual o enigma para se chegar ao próprio de nós mesmos está em nos abrir para a fala e a escuta de Hermes, o mensageiro dos deuses, a palavra originária do mito.

Se caso que já se viu? O destino, enquanto sentido de missão a se realizar, nos é oferecido pela escuta dos mitos. Toda travessia humana – mito – gira em torno da fala e da escuta que se fazem linguagem inaugural! Mas, como saberemos que o mito está nos falando algo? Aquilo podia-se entender?

¹⁶ CASTRO, Manuel Antônio de, “Escuta, 12”. In: CASTRO, Manuel Antônio de. *Dicionário de Poética e Pensamento*. Internet. Disponível em: <http://www.dicpoetica.letas.ufrj.br/index.php/Escuta>. Acessado em: 3/09/2019.

¹⁷ Acerca da tradução de *dasein* por “presença”, Marcia de Sá Schuback afirma: “Traduzir *Dasein* é traduzir um sentido substantivo e substancial de ser como ser simplesmente dado para o seu sentido verbal, isto é, para a experiência de *Dasein* como transcendência, como tradução. Essa tradução fundamental da substantivação de ser para a temporalização de ser é o que tenho chamado de tradução etmológica. [...] *Dasein* não corresponde a um acontecimento no tempo mas à temporalidade do acontecer” (SCHUBACK apud HEIDEGGER, 2009, p. 20). E continua... Para fazer aparecer a dimensão fundamental de *Dasein* como temporalidade do acontecer, ou seja, como tensão do durante, do entre, do per-durar, escolheu-se traduzir *Dasein* por presença (SCHUBACK apud HEIDEGGER, 2009, pgs. 23-23).

¹⁸ Disputa habitada no *ethos* entre o limite e o não-limite, entre Terra e Céu. O diálogo ao qual nós estamos nos referindo deve ser entendido enquanto instância da essência do ser humano, do ponto de vista do agir do ser-humano: fazer obras ou desvelar, como diálogo/disputa. Então aqui o diálogo se dá como leitura. O interpretar é, portanto, um diálogo ético, porque todo interpretar é um interpretar-se pela escuta do *logos*. (Ver mais em CASTRO, Manuel Antônio de. *Dicionário de Poética e Pensamento*. Internet. Disponível em: <http://www.dicpoetica.letas.ufrj.br/index.php/Di%C3%A1logo>). Acessado em: 11/11/2020).

Para nos abrir em escuta do mito, se faz necessário pôr tudo o que conhecemos em questão – suspenso – tendo coragem de ouvir o mito, deixando o coração ser o sentido do existir... Deixar advir o silêncio e escutar o que esse mito diz. (CASTRO, 2011).

Ulisses para conseguir cumprir parte de sua travessia e não ser tragado mar adentro pelo canto das sereias precisou passar por elas amarrado por pés e mãos ao mastro de seu navio, abrindo-se e lançando-se à compreensão da palavra cantada, porque sagrada, cheia de mistérios de Hermes. Que fique posto que em nossa travessia para tornarmos a ser humanos temos um encontro marcado com as sereias, com a palavra cantada, e devemos compreendê-la e interpretá-la a partir da escuta amorosa do seu ser. E esse encontro vai nos exigir empenho do que somos para colhermos o penhor do que nos foi destinado. Arriscar-se em meio ao mistério do mito. Há de se ter coragem! (CASTRO, 2011).

Retomando a questão da circularidade interpretativa, a viajante-intérprete age no sentido de questionar a obra, tentando compreender o mundo e a ela mesmo. Hans George Gadamer (2015) pontua que esse movimento é o da circularidade hermenêutica como procura do próprio. A partir da concepção de compreensão, pensada por Heidegger (2009), o próprio Gadamer sugere que todo e qualquer fenômeno tem uma estrutura circular, para a qual os movimentos são dois: a projeção de expectativas frente ao que se mostra e a revisão dessas expectativas no ser e tempo em que aquilo que se mostra acontece. O que leva o intérprete a se doar enquanto presença ao diálogo com a coisa mostrada. Era a sério uma fusão de horizontes: compreender significa ser versado na coisa em questão, e destacar e compreender a opinião do outro como tal. Dessa feita, a primeira de todas as condições hermenêuticas é a pré-compreensão que surge do ter de se haver com essa coisa mesma (GADAMER, 2015).

De espanto e de esbarro! Percebam... o leitor só se constrói na e pela leitura, e esta só é leitura no leitor. A relação que se manifesta entre leitor e texto, além de ser uma relação de procura do próprio de cada ser humano, desvela a questão do nomear, do surgir da realidade que se dá a ver adiante da luz, em que a presença das coisas presentes se manifestam é no ocultar-se (CASTRO, 1982). Aqui está o jogo de velamento e desvelamento da verdade enquanto *alétheia* – a experiência originária da realidade enquanto jogo da não-verdade/não-desvelamento e da verdade/desvelamento.

Pelo tempo que vem travando diálogos com a arte, a viajante-intérprete percebe que a leitura de uma obra literária é experiência. Então, reflete. Essa questão da leitura enquanto experiência se dá como acontecimento apropriante pela linguagem, que conduz ao educar e, portanto, ao existir. O ato de ler deve ser de fato um agir livre, contemplativo e criativo que

engloba todo o nosso corpo enquanto processo de criação de sentido. Leitura é alimento, alimento físico que sustenta nosso metabolismo intelectual pelo qual devemos ir transformando os dizeres em questionamentos incorporados ao nosso ser. E conclui: Rosa é sábio ao dizer que “A vida também é para ser lida. Não literalmente, mas em seu supra-senso” (ROSA, 2009, p. 30).

A questão é saber qual é a estrutura essencial dessa experiência por meio da leitura. Por exemplo, para Husserl (1859-1938), as condições de possibilidades de uma experiência são questões transcendentais, para as quais a intencionalidade da experiência, ou seja, o manifestar do fenômeno a ser experienciando deve ser levado em conta como algo originário e fundamental (HUSSERL, 1965). Seguindo esse exemplo de observação proposto por Husserl em seu método de redução fenomenológica, é possível observar que se deve percorrer alguns caminhos para que se chegue a compreender a experiência-viagem proposta nesta tese. No entanto, para este percurso, é válido atentar para caminhos percorridos por Gadamer (2015) e Heidegger (2009) que os distanciaram da *prima* fenomenologia de Husserl.

Vejam: a obra literária, seja em prosa ou em poesia, pode ser observada em seu âmbito estrutural/formal por diferentes ângulos, dependendo da intenção que a viajante-pesquisadora, como intérprete, queira dar. Nesse caso, ela não estaria traindo seu projeto de circularidade hermenêutica pela escuta da obra e colocando suas impressões subjetivas à frente da interpretação? É preciso ter cuidado em relação à interpretação, cuidado no sentido de percorrer a obra despindo-se completamente (?) de sua condição de sujeito frente às coisas, passando à condição de entre-acontecer-entre-as-coisas. Só assim, acredita-se que o que venha a ser manifestado na intérprete-viajante, no momento da leitura-escuta de *Primeiras Estórias*, esteja, de fato, vigorando como verdade (*alétheia*), ou seja, manifestando-se como uma experiência da realidade enquanto linguagem.

Sofri o grave frio dos medos... Será que essa mesma obra literária jamais poderá ser vista em sua totalidade em qualquer tempo dado, sem que sobressaiam algumas partes em detrimento de outras? Habitei preâmbulos. — Sempre existirão mais ângulos a serem interpretados, mais combinações de formas/estruturas a serem vistas. Logo, existem variedades de apresentações possíveis da obra literária e suas infinitas interpretações pelo leitor/intérprete baseadas na escuta do que foi/é desvelado em obra na e pela obra literária em qualquer tempo. Não há de evitar o inevitável.

Afirmar isso me faz pensar que o leitor poderá ser convocado a novas interpretações que estarão vigorando no *pólemus* entre ser e arte, em diálogo com questões como tempo e

espaço, verdade (*aletheia*) e linguagem (*logos*). E que a experiência do intérprete ao se deparar com a obra aproxima-se mesmo da circularidade concebida por Heidegger (2009) e Gadamer (2011), quando estes tratam da questão da compreensão da presença (*Dasein*) em relação a si e ao mundo. Os autores acreditam que tanto a obra quanto o leitor (observador e a coisa) estão lançados no ser, no tempo e no espaço. Logo, a experiência do diálogo/percepção entre a presença do ser (*Dasein*) e a coisa (obra de arte) são acontecimentos, estão lançados em ser e tempo.

Ao meditar as palavras dos pensadores alemães, a pesquisadora-intérprete compreende também que as coisas, no caso a obra literária, transcendem nossa experiência com elas. Transfoi-se me. Esses trizes: o ser da obra jamais irá se esgotar em quaisquer interpretações, pois que em nossa percepção sempre haverá um ângulo a ser tomado, deixando à sombra as infinitas possibilidades de a coisa/obra aparecer/acontecer/agir/obrar. Parafraseando o poeta Alberto Caeiro, a nossa experiência com a obra não é a obra ela mesma, mas apenas a nossa experiência com a obra. A verdade da coisa, meus caros, não é o que pensam sobre a coisa, mas a manifestação da coisa dada como experiência... Isso, confesso, assusta-me, toma-me de assalto e me faz perceber que o que penso que é sempre será o que penso que é... por isso estou e estarei sempre em busca do próprio de mim, aproximando e ao mesmo tempo afastando o horizonte que vislumbro de mim mesmo.

Para dar seguimento ao método de interpretação hermenêutica de *Primeiras Estórias* inicio a escuta/leitura de cada uma das estórias da obra na sequência em que foram disponibilizadas no livro. Enquanto caminhante-intérprete, acredito que Rosa não escolheu essa sequência aleatoriamente, mas que esse processo arquitetônico (ou harmonioso) do livro segue uma sequência poética, o que Husserl (1965) acredita ser de “sucessividade”. E que acontece mais ou menos da seguinte maneira: a(s) leitura(s) das próxima(s) estória(s) sucessivamente tem que encerrar, mas não apagar inteiramente, a experiência com a(s) leitura(s) precedente(s), pois cada uma das estórias gera uma nova experiência que, ao fim, formarão, juntas, uma outra nova experiência do todo (um enredo, uma melodia).

Para equivaler à experiência de leitura do enredo total de *Primeiras Estórias*, a experiência da leitura de cada uma das estórias deve de algum modo ser retida, evanescendo no passado, enquanto no momento da(s) leitura(s) da(s) estória(s) seguinte. Outra particularidade desse processo de sucessividade é que: enquanto lemos cada estória, as estórias que ainda serão lidas na sequência são também, em certo sentido, parte da experiência. Essas próximas estórias que serão lidas são parte do que está sendo experienciado não no sentido de estarem sendo lidas junto, no mesmo momento com a

estória presentemente experienciada, mas como estória esperada – a isso Husserl (1965) chama de “Protensão”.

Aquilo podia-se entender? Por exemplo, para que aconteça a experiência de leitura/interpretação de uma obra como *Primeiras Estórias*, formada por 21 estórias aparentemente independentes, mas que na verdade estão desenhadas/arquitetadas de forma a construir uma unidade harmoniosa de sentido, deve haver, portanto, uma rede de relações retencionais e protencionais entre as estórias, mantendo os elementos da experiência unidos no momento da leitura de cada estória que deve vigorar no instante-agora.

O momento presente (presença) da experiência aponta para as outras estórias enquanto retidas ou esperadas no momento da leitura de cada estória. Esse balé de experiências retidas, presenciadas e esperadas formam um horizonte/destino de experiências a ser percorrido/procurado, atravessado e atravessante por quem viaja pelo percurso de leitura da obra, levando sempre em consideração que somos obra – caminho – caminhante – experiência, atravessados pelo tempo.

A experiência de ler cada uma das estórias isoladas, por exemplo, é bem diferente de lê-las tendo em vista um enredo harmonioso maior, no caso a totalidade das 21 estórias arquitetonicamente posicionadas dentro da obra. Sendo assim, a experiência de ir lendo as outras estórias é parte da experiência da leitura de cada uma das estórias, enquanto lidas nesse instante-agora.

A tempo, meus caros, se faz importante pensarmos as experiências de leitura no tempo, este como a estrutura mais fundamental da experiência consciente (HEIDEGGER, 2009), para a qual os momentos da experiência são fundamentalmente momentos temporais; em que nossas experiências são indelevelmente indexadas como ocorrendo em seus momentos particulares no tempo; e a cada re-leitura de um texto literário, por exemplo, essa experiência-ação não produzirá uma recorrência de uma experiência vivida, mas, ao contrário, uma nova experiência no tempo, um novo já-aí-agora. No pé tintim, muito de passo, é possível pensar: nossa experiência consciente está sempre fluindo; e o tempo está sempre escorrendo.

É, portanto, aí, meus caros, na experiência de leitura enquanto procura que se auto-procura, e que se dá pelo movimento circular hermenêutico, que está o vigor do educar poético, o qual nos conduz, pelas encruzilhadas da travessia, a uma aprendizagem poética, vivendo de maneira mais radical a experiência-tese. Pronto! Aqui se constrói o método dessa viagem, o seu caminho, seu *meta* (entre) *hodós* (caminho), em que o “entre” não está nem na primeira margem do rio nem na segunda, mas na terceira margem de um “rio [que] por aí

se estendendo grande, fundo, calado que sempre. Largo, de não poder ver a forma da outra beira” (ROSA, 2015, p.77).

O percurso que tomo para me lançar entre a pesquisa-tese é o da leitura enquanto experiência do educar poético em busca do existir. E esse método, aludindo ao tema da viagem presente em *Primeiras Estórias*, acontece também em travessia-viagem, visto que estamos sempre à procura de compreendermo-nos, dialogando com as questões originárias que nos fazem ser humano. É pela leitura que nos folheamos e nos preparamos, cada um de nós enquanto presença e questionar, para o instante rodante de ensozinhamento.

Vamos nos preparar! Algumas questões irão começar a habitar o pensamento. Não tem jeito, deve-se percorrer essa travessia doando-se ao exercício da escuta de alguns enigmas. Eles, os enigmas, se mostraram – e sempre nos visitam – de maneira latejante. Por isso é necessário perguntar: Como sou atravessada pela obra? Devo narrar esse processo? A tese (posição) deve tornar-se uma experienciação e ser/estar incorporada da/na palavra (linguagem)? Quando e como, enquanto pesquisadora-caminhante, realizo-me, tornando-me humana? Será no e pelo percurso? Ao perguntar pelo ser das coisas/obra, devo ultrapassar a perplexidade com o extraordinário do ordinário da coisa/obra até chegar ao fundo/originário manifestativo do ser da coisa/obra?

Mas, sabemos, não sabemos? – Indaga-se com certa perplexidade – O princípio de tudo é o *kaos*, tudo dentro e ao redor vigora no *kaos* – e já há algum tempo. – E continua – É possível perceber por essa experiência-ação de viagem-procura que as coisas, as questões, os pensamentos se abrem, se fendem, se entrelaçam, fazendo-se luz, sentido, portanto, se fazendo mundo. E vem a questão: O que seria fazer sentido enquanto mundo? E para tentar entender, me aproprio do que disse Clarice Lispector: “me ultrapasso abdicando de meu nome, e então sou o mundo. Sigo a voz do mundo com voz única.” (LISPECTOR, *Água viva*, 1998, p. 44).

Entendo – Tateando palavras – que enquanto inauguramos, por meio da linguagem, cada coisa, cada acontecimento, cada possibilidade de caminho e, pela leitura, nos recolocamos enquanto doação das questões que nos convocam a nos procurar, conduzimos nosso agir poético rumo à procura de quem somos, nos tornando seres humanos em travessia e, portanto, sendo mundo. O pensamento retorna, neste momento, à questão do existir como realização do humano no mundo. Sem fazer conta do se-ir do viver, temos que o existir só pode se dar no – num – mundo. O ser é ser visto como condição de possibilidade de sentido de todo e qualquer mundo, *ie.* o ser sempre se dá enquanto vigência de uma substantividade essencial infinitiva, como condição de possibilidade de qualquer forma de sentido *a*

posteriori. O vigor do ser inaugura as possibilidades de mundo, a partir do caos. Por conseguinte, o existir impõe o mundo como ordenação e configuração de um caos primordial, e ao mesmo tempo a superação desta ordem e deste modo de configurar (JARDIM, 2005).

Essas palavras orbitam o pensar, precisam ser escutadas em todo o seu vigor, visto que nos tiram certezas, nos colocam no movente não-ser, (co)movem-nos à travessia, lançam-nos ao abismo — ∞ — (Re)início da viagem, penso no impensado das coisas impensáveis. Durante a leitura de *Primeiras Estórias*, as imagens-personagens-questão manifestadas na obra conduzem por caminhos tortuosos ao encontro do próprio de quem somos? Sendo assim, nada nesta experiência irá apresentar-se como algo já constituído do que somos? Se sim, viajaremos ao princípio da possibilidade de entre-ser, para o qual, desde sempre, retornamos. E é preciso entender que os caminhos a tomar não estão fora, mas dentro do que está em crise e precisa ser transformado.

Sem fazer véspera, volto a questionar: o *kaos* manifestando-se novamente é sobretudo o princípio da possibilidade de tudo? É uma experiência de ser entre a realidade tão rica e inaugural que dela se origina tudo? O que é e não é? Seria por meio desta experiência que se nutre toda a criação em qualquer área ou nível, do real ou do irreal, do necessário ou do contingente? Será por isso que todo o propósito do pensar, falar ou agir remete sempre para este vigor incessante do ser e da realidade? Vê-se, fechando um pouco os olhos como a memória pede: “Do *kaos* provém, para o *kaos* remete, no *kaos* se mantém e de volta para o *kaos* retorna toda ordem e toda desordem, o mundo e o imundo, tudo o que está sendo como tudo que não está sendo” (LEÃO, 2010, p. 37).

O fato é que estar/pensar n(o) *kaos* é meditar, sobretudo, o princípio de possibilidade de se lançar a tudo: uma experiência de atravessamento do ser entre (*methá*) a realidade (*phýsis*) tão rica e inaugural que faz surgir o tudo do nada, um nada criativo que advém tanto do que é quanto do que não é – “Nonada” – clareira-espelho do ser e não-ser, do vir-a-ser. E por essa experiência no *kaos* é que se nutre toda a criação.

Portanto, o *kaos* ao qual estou me referindo vigora como um movimento circular, infinito e apropriante de destruição–repouso–transformação–re-construção– ∞ Esse é o caminho a ser percorrido. E esse caminho já somos nós. Pois que na tese-viagem a ação de des-locar-se, de lançar-se em caminho, sendo caminho, se dá na e como leitura/escuta da obra.

Essa estória de se questionar – insiste a pesquisadora-caminhante – é algo que acompanha o humano desde sempre. Somos, originariamente, pensamento e questão,

habitando a linguagem, e estamos sempre em busca de saber o quê e o porquê das coisas, a presença e a ausência do ser. Chuang Tzu (550 a 250 a.C), há muito se colocou em escuta à procura do ser pelo não-ser, questionando o nada como abertura para as possibilidades de ser:

A luz das estrelas perguntou ao Não-Ser: “Mestre, vós existis, ou não?”
 Como a luz das estrelas não obtivesse qualquer resposta, dispôs-se a vigiar o Não-Ser. Esperou para ver se o Não-Ser aparecia.
 Manteve seu olhar fixo no profundo Vácuo, esperando para tentar ver uma sombra do Não-Ser.
 Olhou durante todo o dia, e nada viu. Ouvia, mas não escutava nada.
 Tentava pegar, mas nada pegava.
 Então, a luz das estrelas exclamou, finalmente: “É ISTO!”
 Este é o mais distante! Quem poderá alcançá-lo?
 Posso compreender a ausência do Ser, Mas quem pode compreender a ausência do Nada?
 Se agora, acima de tudo isto, o Não-Ser é, Quem será capaz de compreendê-lo? (TZU *apud* MERTON, 1969, p. 110).

A pesquisadora-viajante já sabia: por sermos questão é que nos questionamos, e pelo questionar nos colocamos sempre adiante de nós mesmos, sabendo que nenhuma resposta que dermos irá esgotar o mistério de ser humano. Renata Tavares recoloca a questão acerca da condição de ser humano como abertura de possibilidades. Ela diz que “Ser humana não era um mundo de dores pré-definidas, mas a abertura para a grandeza inestimável do silêncio e do mistério” (TAVARES, 2012, p. 107).

Para os ondes caminhos, vivemos veementemente em busca por entender os acontecimentos da vida. Caros leitores, não adianta fugirmos de nós mesmos: somos o entre-ser que questiona e se questiona a todo tempo. O narrador-questão de “A terceira margem” passa a estória toda tentando entender os porquês das atitudes do seu pai e porque estas o comoviam a questionar-se:

Eu mesmo tinha achaques, ânsias, cá de baixo, cansaços, perrenguisse de reumatismo. E ele? Por quê? Devia padecer demais. De tão idoso, não ia, mais dia menos dia, fraquejar do vigor [...] Apertava o coração. Ele estava lá, sem a minha tranquilidade. Sou o culpado do que nem sei, de dor em aberto, no meu foro. Soubesse — se as coisas fossem outras. Eu fui tomando ideia. [...] Sou doido? Não (ROSA, 2005, p. 81).

Iniciar essa travessia pelas páginas de *Primeiras Estórias* leva a viajante-pesquisadora a compreender que não haveria porto seguro para alicerçar suas certezas — seu destino está traçado, deve-se seguir adiante por entre as veredas do ser em meio às estórias, acontecendo como *poiesis* entre o mundo, correspondendo ao seu destino, sendo ela mesma o habitar desse destinar rumo a tornar-se...

O senhor, mire e veja, o senhor: a verdade instantânea dum fato, a gente vai departir, e ninguém crê. Acham que é um falso narrar. Agora, eu, eu sei como tudo é: as coisas que acontecem, é porque já estavam ficadas prontas, noutra ar, no sabugo da unha; e com efeito tudo é grátis quando sucede, no reles do momento. Assim (ROSA, 2006, p. 437- 438).

E mais outro questionar manifesta-se para a caminhante-intérprete: essa procura, revelada em desvelo de acontecer, deveria vir escrita como estória narrada? Narração de um caminho, percurso? Travessia — ? Falar do atravessamento por entre os acontecimentos de *Primeiras Estórias*? Narrar, evocar imagens do enredo da estória/experiência-ação de viagem em-redada, amarrada pelos nós do vazio-clareira, do vazio-mistério das estórias primeiras-questões que convocam à busca do que desde sempre já se é: entre-acontecimento-humano-do-ser? Seguia, certa, por amor, não por acaso.

Sabia que narrar era já se conhecer, era nascer em palavra contada, palavra escrita, palavra inaugural que funda sentido, funda e aprofunda o mundo. Narrar na e pela tensão do não-saber se fazendo saber como palavra – linguagem – a partir do que habita a memória. Narrar: semente da árvore da vida em brotação incessante. E foi o que se deu com o cego Nicolau ao encontrar o moço muito branco que lhe entregou o caroço da árvore da vida...

Então o cego guardou, com irados ciúmes e por diversos meses, aquela semente, que só foi plantada após o remate dos fatos aqui ainda por narrar: e deu um azulado pé de flor, da mais rara e inesperada: com entrespecto de serem várias flores numa única, entremeadas de maneira impossível, num primor confuso, e, as cores, ninguém a respeito delas concordou, por desconhecidas no século; definhada, com pouco, e secada, sem produzir outras sementes nem mudas, e nem os insetos a sabiam procurar (ROSA, 2005, p. 142).

Estava nas altas atmosferas, a obra inscrevendo a escrevente como personagem aumentava sua presença, a fazendo, portanto, intérprete, caminhante e caminho desse enredo-viagem. Estória-tese que vai acontecendo pelo caminho/caminhar do percurso, rumando ao realizar-se como humana. Percurso em tese é a própria caminhante-narradora que busca com essa viagem-travessia sua aprendizagem poética: tornar-se!

Para iniciar a viagem pelas estórias originárias manifestadas como obra em *Primeiras Estórias*, eu preciso lhes contar uma coisa: o exercício agora deve ser o de me lançar em abertura à escuta amorosa da obra, dialogar com todas as outras personagens-questão da obra, atravessando as estórias e sendo atravessada por elas, experienciando cada questão e me misturando às personagens, tornando-me-as, em muitos momentos, uma coisa só, um só ser, o mesmo (mas nem por isso igual), movendo-me no vigor da linguagem, esta que revela

que entre o humano e o ser existe uma referência necessária e uma diferença irreduzível que possibilita ao humano ser humano.

Respiro fundo! Reporto-me ao transcendente: devo seguir na direção de realizar-me poeticamente em busca do próprio de mim, criando-me em *poiesis*, tornando-me humana em acontecimento. E toda essa dinâmica ocorre porque não podemos nos ausentar do sempre nosso, do já-próprio no instante-agora em que nos torna e necessariamente nos revela periféricos. Para o espantando (a personagem-caminhante-narradora), torna-se impossível se ausentar da ausência. Minha única saída para o encontro, ou melhor, a única entrada, para encontrar-me com o próprio encontrar-se, sem sair do lugar, movendo-me nele, é comover-me com o imenso-imediato lugar de cada vez, estar no já-aqui-agora em PRESENÇA (FAGUNDES, 2016).

Certa para o nunca e sempre, compreendi que o preparar para o percurso já convoca ao entendimento de que já estou (sou) no (o) próprio percurso. E que o caminhar, que já somos, vai se destinando na própria coisa pro-curada. Por aí, perdoem-me o detalhe, eu já amava: destinar é, mais do que tudo, cumprir o percurso em que caminhante e caminho são um espelho. A caminhante que vos narra já sabia que se olhar no espelho era começar a se procurar “– ao eu por detrás de mim – à tona dos espelhos, em sua lisa, funda lâmina, em seu lume frio” (ROSA, 2005, p. 116).

De tudo em tudo na vislumbração do espelho, a leitura-travessia causa dor, angústia, inquietação, raiva, medo, ânsia, mas também, amor, cuidado, cura; traz o bem, a paz de poder meditar no vigor das questões que são suscitadas no momento do atravessamento-leitura por entre as estórias primevas manifestadas em obra – a própria viajante-pesquisadora, retirando qualquer ideia de subjetividade, individualidade, de *déjà vu* das ideias pré-concebidas, porque pré-julgadas sem escuta, apenas útil, utilitárias, aplicáveis em fundamentos, fundamentadas a partir da lógica e da razão, vai existindo com (correspondendo à) a obra, se fazendo canal, meio, condutora do mistério, do mito, do sagrado da palavra.

Tinha os prazos, sabia que era preciso dar o salto mortal, lançar-me ao abismo do nada, do não-sabido, do não-percorrido, contudo, solicitado em todo o seu vigor naquele instante em que tomei o livro em mãos e o abri, indo ao encontro de uma das mais belas estórias em que a dimensão da solidão e do silenciar para o mistério do humano que se procura faz-se obra. Estava navegando por entre “A terceira margem do rio”. Estava no meio do diálogo com a questão do ser no vértice do nada, extraindo a versão mais verdadeira de minha humanidade em meio ao *kaos* da *phýsis*

Eis a travessia que todo ser humano deve empreender; um passo além foi dado no percurso ascensional para o tornar-se. O espanto de e no existir pode manifestar-se na abundância de um silêncio grávido da palavra do mito ou irromper em enxurrada de palavra de voz, para a qual o brotar é o fruto mais concreto do mistério da linguagem operado no próprio ser que se procura (FARIAS, 2005).

Ao ler a estória do pescador que num certo dia pegou sua canoa e se posicionou no meio do rio, nem numa margem nem em outra, mas no entre-rio, sem de lá nunca mais sair, a intérprete-viajante se viu inquieta em entender o porquê dessa atitude, foi tomada pelo frio do espanto característico da manifestação do extraordinário do mundo, teve a certeza de que estava jogada no-nada, sem nenhum sustento em chão firme para pisar. “Aquilo que não havia, acontecia” (ROSA, 2005, p. 78).

Latejava no peito a dor de querer desvelar o velado do ser, *cognoscere*, nascer com, renascer. Desvendar inquietações, posicionamentos em relação às questões, à vida, às coisas e aos outros seres. Sentia-me, muitas vezes, presa em máscaras que eu mesma me colocava, que não co-respondem ao que sou no mais profundo de mim. Precisava urgente narrar esse percurso de cura, tendo em vista que no narrar vigora a tensão pela qual o não saber torna-se saber enquanto linguagem, por entre as palavras: esta terra arada pelo silêncio.

Narrando para me ouvir/ler, narrando como forma de cura/cuidado, por isso amor, narrando para sobreviver de dentro de mim o novo, o des-conhecido, o re-nascido do que sou, mas não sei, durante muito tempo não sabia que poderia ser. Narrar e buscar pela memória o que des-lembro do que era/sou, ou o que me contaram do que era — [...] “Ao que sei que se saiba, ninguém soube sozinho direito o que houve. Ainda, hoje adiante, anos, a gente se lembra: mas, mais do repente que da desordem, e menos da desordem do que do rumor” (ROSA, 2005, p.83).

Saibam vocês, o verbo narrar forma-se da palavra latina *gnarus* – aquele que conhece. Portanto, ficar sem se percorrer como caminho para se realizar era algo que a narradora-caminhante já não conseguia mais. Desde o momento em que ficou frente a frente consigo, com sua vera forma no meio do SER-TÃO, onde não existem portas, muito menos janelas, menos ainda o diabo, pois tudo é e não é! E o que existe nessas veredas tortas da vida é apenas “Homem humano. Travessia —” ∞ (ROSA 2006, p. 608).

Uma questão latejante: o mistério do percurso está no fato de que este já está em curso, e no qual estamos imersos e somos o próprio percurso? Ao mesmo tempo, saber que não chegaremos a lugar algum, pelo menos não aos lugares conhecidos, decifrados, arrepi-

nos, somos tomados por uma espécie de tremor, calafrio, junto com um sopro de vida no meio do peito que causa uma sensação inesperada entre o riso e o choro ao mesmo tempo...

O horizonte do caminhar será sempre horizonte, vocês sabiam? Transluz-se que fitando-o, quanto mais próximo dele tentarmos chegar, mais ele se afastará. As imagens vistas à nossa frente jamais poderão ser decifradas de imediato, nelas acomodam-se ondas de calor, feitas aquelas que nossos olhos abarcam quando estamos no meio do sertão, em dias quentes de muito sol, em que nossos olhos nos enganam com miragens, pois nossos próprios olhos, de cada um de nós, padecem de viciação de origem. E no instante-agora rememoro a caminhada pelo SER-TÃO.

É o certo no certo! As coisas acontecem antes mesmo de acontecer. A vida é em *média res*, meus caros! E, como já nos disse, certa vez, Carlos Drummond de Andrade: “Se procurar bem, você acaba encontrando não a explicação (duvidosa) da vida, mas a poesia (inexplicável) da vida.” E o que seria chegar a um lugar ao se procurar? O que seria chegar a um limite, ao não transponível mais do caminho? Seria isso importante: a chegada? Ou mais valioso é estar caminhando, atravessando as veredas da vida feito um viajante, um Ulisses, que se lança à viagem em busca de cumprir o seu destino. E é ao encontro do destino que se entrelaçam o que estando será, e desta ação sucede a experienciação do que poderá vir-a-ser, do próprio de nós mesmos.

Ulisses, em viagem – lembram? –, depara-se com o canto inebriante das sereias – aquele de onde, originariamente, surge a sabedoria, o saber do próprio – e abre-se para a escuta da fala de Hermes, o mensageiro dos deuses, a palavra originária, sagrada e poética, cumprindo o seu destinar. Feito Ulisses, navegando por mares des-conhecidos, é que passo a questionar (me), também lançada à escuta da palavra de Hermes: o que seria chegar a algum lugar? Seria chegar ao limite? O que era limite? Limitar? Era não mais poder caminhar? Era ter chegado a um ponto fechado, há uma porta qualquer? Mas, vejamos, podemos abrir as portas, não podemos? E o que terá do outro lado? Só abrindo para saber... Ou ficaremos no meio, entre a entrada-saída da porta? Barrando o movimento de passagens das coisas e pessoas? Mais do que achar respostas, habitar perguntas – ∞ –

Chegar ao limite significa, portanto, chegar ao fim? À morte? E o que não seria a morte senão a apoteose da vida, a metamorfose para o recomeçar da flor pelágica se fazendo vida e mistério? Estremeceu! Mas, então..., e “Para o que estava ela se poupando? Era um certo medo da própria capacidade, pequena ou grande, talvez por não conhecer os próprios limites. Os limites de um humano eram divinos? Eram” (LISPECTOR, 1974, p. 40).

Isso tudo causa um certo incômodo, não é? Todas essas questões recolocadas em percurso-viagem. Imaginar-se um pau de enxurrada que vai barrando o curso natural das coisas pelo caminho, não deixando fluir o movimento. Chegará uma hora que de tanto segurar as coisas, a gente perde a força e tem que soltar, deixar ir, deixar ser... – a viajante-pesquisadora sabia disso, já tinha vivido a experiência de travamento – Seria melhor, então, pensar o limite como uma força propulsora de lançamento para o não-limite? O que vocês acham? Esta foi a escolha que fiz ao narrar essa estória-travessia — ∞

Contando a vocês um pouco mais sobre a questão do limite: a palavra tem sua origem no termo grego *péras*, que significa não somente onde uma coisa termina, mas, sobretudo, onde alguma coisa termina e inicia sua essência. Para os pensadores gregos, o limite não tranca, sobretudo, traz como pro-duzido a própria presença para o aparecer, *i.e.*, o limite liberta para o desvelado (HEIDEGGER, 2010).

Mais uma vez recorro à Clarice Lispector, a parafraseando: para que e por que deveria me poupar em procura? Talvez por sentir um certo medo de minha própria condição de ser/acontecer? Estaria me fazendo de vítima perante o mundo e não me arriscando a procurar a mim mesmo, por, talvez, não querer ver o que estava por detrás da imagem que criei? Provavelmente, por não conhecer meus próprios limites sem-limites, esgueirava-me desse percurso para a cura. Os limites de um humano eram divinos? É claro que no fundo já sabia que a resposta era sim. Mas ainda faltava encarar o limite do jogo de espelhos ao qual me propusera – ? –

Fiquem atentos, pois o jogo ao qual se iniciou a viajante-intérprete (que a todo tempo re-inicia) não se refere apenas à necessidade de divertimento, mas muito mais à criação de uma relação com o mundo. Jogo enquanto culto que restaura a capacidade afirmativa e equilibrada do humano! A respeito da questão do jogo, andei percorrendo algumas veredas que, por hora, afagam o pensar em relação àquele que extrapola o meramente entreter e adentra as condições de possibilidades de vir-a-ser do humano lançado no mundo. Foi Emmanuel Carneiro Leão que atentou que jogar é, também, evadir-se das imposições de um mundo cartesiano, criado a partir de regras e deveres, e (em)caminhar-se em direção ao mundo do inesperado, do extraordinário da criação da inventividade. E isso causa divertimento. No que o homem se diverte no jogo? No entre-ato das restrições e constrictões. Diverte-se com a liberdade do jogar. É, portanto, o jogo da memória que nos faz esquecer/lembrar e deixar cair as imposições e nos lança à diversão da liberdade e às peripécias da criação (LEÃO, 2003).

Para além das regras que todo jogo precisa ter para acontecer – os jogadores precisam estar cientes das regras quando resolvem participar –, o que estou percorrendo aqui é o jogo do criar-se enquanto agir poético, e para este as regras do jogar são excedidas pela liberdade de ser enquanto ficcionar, poetizar, enquanto ser humano na terceira margem do mistério do jogo de espelhos entre viajar e existir.

E durante o percurso da leitura-viagem, percebe-se que em *Primeiras Estórias* o espelhar entra em vigor pelo educar poético. Estava justamente especulando: o leitor que se aventurar a percorrer as páginas desta obra será convocado a se lançar em posição de presença entre as margens de tensão das máscaras do humano, entre as máscaras de ser e não-ser, em que a máscara é o vazio encharcado de possibilidades de existir, em meio à ação do educar.

Adiante: em *Primeiras Estórias*, a estória primeira, “As margens da alegria”, e a última, “Os cimos”, se espelham na experiência-ação entre vida e morte. São estas as questões-veredas da viagem do Menino, personagem principal das duas narrativas, as quais são acionadas pela pergunta-central do livro: “**Você chegou a existir?**”, para a qual o *salto mortale* será o percurso/travessia das outras personagens do livro em espelhamento por entre as demais estórias, resultando na aprendizagem poética do humano, ou seja, **Existir**.

Adentrando essa vereda, a viajante-intérprete escolhe alguns caminhos a percorrer, como: a viagem-travessia da procura, em que irá falar acerca de se colocar em caminho e, ao mesmo tempo, ser o caminho da procura para chegar a existir; o motivo da viagem em cada uma das estórias como questão propulsora para o torna-se; o amar enquanto acontecimento apropriante do próprio em busca de existir; o diálogo entre o educar poético e o existir pelo questionar, o qual conduz o humano a acolher o seu destino; a relação entre vida e Morte presente em “As margens da alegria” e “Os cimos”, que se espelham no existir.

Percebam, vislumbro desvelar algumas veredas: qual a relação que o Menino das estórias 1 e 21 tem com o Menino que aparece refletido no espelho na estória central: “O espelho”? Qual a relação que as estórias 1 e 21 têm com a estória 11? Como se dá a viagem-espelhamento entre o educar poético e o existir por meio da escuta-leitura na obra de Guimarães Rosa?

Pela viagem-leitura da obra, observo que a relação do livro como um todo e deste com suas partes – estórias – se dá de maneira espelhada entre as estórias e personagens. Essa relação de espelhamento parece acontecer enquanto projeto poético-existencial manifestado pela obra, e que nos convida, junto com as personagens, a revelar o crescer da alma, a partir

de suas angústias, liberando o humano que há em nós de tudo o que soterra, atulha e mascara, a fim de nos conduzir ao mistério sagrado da aprendizagem poética.

Uma questão chamava a atenção: a especulante-leitora bem sabia que a dor de ver-se no espelho é a dor de perceber, radicalmente, o que é e o que não é, arrancar as máscaras de conformidade necessárias nesse mundo de representações, funcionalidades e razões. Também tinha a consciência de que muitas vezes se via constrangida pelo modo acostumado de ser ainda atingida por conceitos de um mundo apressado em dar respostas rápidas e rasas, oriundas de julgamentos baseados na dicotomia do certo e errado; do verdadeiro e falso; do mau e bom, a tantas questões originárias. Em muitos momentos, seus olhos viciados, seus ouvidos moucos e seu pensamento encharcado da tinta dos conceitos que abortam as questões não a permitiam ver o extraordinário no ordinário das coisas e das questões.

Entretanto, não dava mais para fingir ser o que não era, não conseguia mais não me vasculhar, agora queria ser a humana atravessado — entre-ser — a que ferindo, fere-se. Era preciso, então, libertar-me para o desconhecido, sair da caverna rumo à luz que, num primeiro momento ofusca, mas que logo depois liberta, conduzindo-me até o nada-sopro de vida e ficar atenta, pois “Quando nada acontece, há um milagre que não estamos vendo” (ROSA, 2005, p. 113).

Ao fim — ? — da reflexão por entre essas questões, recoloca-se a pergunta acerca do que seria realizarmo-nos enquanto humanos tendo como questão a pergunta central do livro: “**Você chegou a existir?**” E ao atravessar esta questão seguimos em busca do tornar-se. Embarcando pelas diversas “[As] margens da alegria” até “Os cimos” mais altos do sertão, atravessando e sendo atravessada pelo “Famigerado” do ser, encontrando no meio da viagem-em-canto com “Sorôco, sua mãe, sua filha”, indo ao encontro da “A menina de lá” que me aconselhou sobre como tratar “Os irmãos Dagobé”, entrando em barcos que me levaram a conhecer os mistérios de ser humano, navegando “A terceira margem do rio”.

Nesse caminhar chego à escola das crianças de “Pirlimpsiquice” e as vejo encenar a re-apresentação¹⁹ da vida pelas vias do pensar, e isso fiz sem “Nenhum, nenhuma” ideia da “Sequência” de “Fatalidade” que iria me acometer até que chegasse a me ver [n] “O espelho” e dar de cara com a minha vera forma.

¹⁹ Retirando a cinzas com que pintaram o nosso pensamento, no sentido do que Ernesto Grassi tratou a questão da arte como representação, a partir do conceito aristotélico de *mimesis*, devemos pensar a palavra “re-apresentação” no seu vigor originário, no qual vigora o re-nascimento de sentido da palavra para o que vem a ser a eterna re-colocação das questões do real, seu eterno criar de possibilidades de sentido de nomear, *poiesis*.

Foi durante essa viagem-aprendizagem que percebi que “Nada e a nossa condição” aproximava-me de qualquer “Cavalo que bebia cerveja”, encontrando no meio do caminho com “Um moço muito bonito” que me fez entrar em “Luas-de-mel” e depois sumiu feito luz intensa e misteriosa, fazendo com que pensasse na travessia de “Partida do audaz navegante”. Fui consolada de imediato, “A benfazeja” mostrou-me o mistério de ser entre-acontecer, e em “Darandina” algo estranho ocorreu: senti uns calores de amor que me levaram a questionar as várias possibilidades do extra-ordinário acontecer do real, nada mais fazia sentido imediato, lancei-me em absurdos. E foi nesse momento que compreendi que a “Substância” do ser está na loucura da velha (nova) infância de “Tarantão, meu patrão”, que re-surge feito Menino, re-nascendo em novo sentido, em mundo.

Após essa viagem em meio às questões primeiras poetizadas por Rosa, a viajante-pesquisadora lança-se a uma última (?) vereda, pelo menos por hora, em busca de desvendar se o projeto poético-existencial de *Primeiras Estórias* se manifesta como trajeto ascensional do humano pelo educar poético chegando a realizar-se como homem humano. Em diálogo com a obra sou conduzida a um crescente-circular de procura, cuidado, amor e, pelo que é e poderá ser, vou tentando desvelar mistérios, às vezes não tão agradáveis do humano, tentando chegar ao encontro do que sou. Tornar-me!

5. O lugar da procura

Mais questões inquietavam nossa viajante-pesquisadora: qual seria o lugar de pergunta? Será que este deve estar posicionado na presença – *Dasein*, início da procura – do ser, enquanto caminhante-personagem, rumo ao percurso pela (na) obra? O ser humano no mundo, onde ele se inclui, inicia seu agir de realização na pergunta? Saber que a compreensão das coisas é implícita e pressuposta (condição pré-ontológica da presença), nos deve fazer entender que o questionar não possui um início cronológico, nem um fundamento, mas um fundar, para o qual o questionar acontece já em *média res* (ser e tempo)?

Mais, muito mais coisas deveriam ser percorridas no momento da experienciação-viagem-tese: por exemplo, a questão do percurso-atravesamento da procura em *Primeiras Estórias* está colocada na diegese²⁰ de cada estória? Se sim, devo meditar acerca do fato de a viagem-leitura pela obra como um todo revelar que as estórias 1–11–21 formam um *lemniscata* ∞. Ou seja, na obra, as estórias têm início, meio, fim e recomeço. E, talvez, – e isso só é possível saber já fazendo/sendo o caminho – as primeiras dez estórias sejam a preparação – movimento de se colocar em posição de procura, já estando no percurso da cura – para o caminhar-atravesamento rumo à aprendizagem poética de tornar-se: ser o que desde sempre já se é, mas não se sabe que é. Ou, uma outra hipótese, e esta parece ser a que mais se manifesta em obra: em cada uma das estórias as personagens-questão ou narradores-questão chegam a humanizar-se em percurso-caminho-estória, cada qual à sua maneira, vivendo o mesmo, mas não o igual, das questões, co-respondendo à pergunta central: “Você chegou a existir?”

Devo orientar-me! Faz-se necessário escolher o percurso a ser lançada em meio a tantos que se velam e desvelam em meu pensar. Seria, isso, possível? Ou já é mesmo o próprio caminho-destino que se desvela para que possamos, destinados, segui-los? Talvez, por hora, o caminho a ser percorrido para que se possa tentar compreender o que se manifesta em obra durante a viagem-leitura seja mesmo o da hermenêutica. O círculo hermenêutico que vislumbra o exercício do educar como uma dobra entre pensar e ser que supera toda e qualquer relação entre sujeito (leitor) e objeto (obra), para o qual a essência do pensar vigora na escuta silenciosa das questões que nos chegam a partir da leitura poética das obras, e nos movem, comovem e promovem sentido.

²⁰ “Termo de origem grega divulgado pelos estruturalistas franceses para designar o conjunto de ações que formam uma história narrada segundo certos princípios cronológicos.” Disponível em: <https://edtl.fcsb.unl.pt/encyclopedia/diegese/>. Acessado em: 16 de dezembro de 2019.

Gadamer já havia anunciado: círculo hermenêutico sugere a estrutura do ser no mundo. Quem sabe usar uma ferramenta não a converte em objeto, mas dialoga com ela (GADAMER, 2011). Percebamos, é preciso deixar-se ser obra pela e na obra auscultada para que sigamos nosso destino em busca de realizar-nos enquanto humano.

Aqui-agora, junto-me a Ulisses mais uma vez, quando este, atencioso, ouve Circe – a deusa das deusas, a filha do sol – e escapa da maldição do canto das sereias, canto que iria impedir de destinar-se em travessia, o prendendo nas profundezas do prazer efêmero das cantorias. Junto ao deus da travessia, abro os ouvidos à escuta da palavra sagrada do mito, acreditando ser pelo mito que nos é ofertado nosso destino, basta querer-se destinado, consciente, e se fazer caminhante (CASTRO, 2011). Ulisses tanto sabe disso que avisa sobre a escuta do destino e sobre o perigo que seria ceder aos encantos das sereias aos amigos de viagem. Ele clama aos seus companheiros que atentem ao horizonte do destinar que irá lhes contar. E avisa que cumprir o destino é procurar a morte conscientemente, e não mais fugir da apoteose da vida. Avisa aos companheiros que evitem escutar a voz maviosa das sereias, as quais somente a ele concede tal ausculta. E suplica: “peço a vós todos que me amarreis com bem fortes calabares, porque permaneça junto do mastro, de pé, com possantes amarras seguro” (HOMERO, 2015).

Reparem! Ulisses conduz-nos ao cuidado de si pelo questionar, e ao ler *Primeiras Estórias*, sabendo que ao questionar a obra seria por ela questionada, inicio a ação que me levará ao próprio do que desde sempre já sou (aprendizagem poética), dando a ver o processo do educar poético ser instaurado e iniciado em e por mim. À luz da circularidade hermenêutica, vou alargando meu horizonte existencial em diálogo com a obra, culminando na percepção de que meu próprio horizonte existencial deve ser a questão fundamental a ser percorrida.

Quando iniciou seu percurso (travessia/viagem) por entre às questões manifestas em *Primeiras Estórias*, a caminhante-intérprete, a exemplo do que foi estudado por Heidegger em *Ser e Tempo* (2009), conduziu-se por uma maiêutica do não-pensando e, portanto, para o questionado. A ontologia fundamental de Heidegger inicia com a tarefa de interpretar ou articular a compreensão pré-ontológica do ser (presença), e essa é manifestada não na forma como pensamos sobre as coisas, mas na forma como agimos frente à manifestação das coisas.

Fica latente uma questão: — devo seguir na direção de como se manifesta essa compreensão frente à interpretação de *Primeiras Estórias*. A cabeça fervilha... a todo momento as questões me rodeiam, sei que devo deixá-las agir e dialogar com elas, lanço-me

a desvendar (?) o mistério: O agir estaria iniciado no ato de ler? Como, ao ler/interpretar *a* obra, deixar aquilo que se mostra ser visto a partir de si mesmo, no próprio modo pelo qual se mostra a partir de si mesmo? Para tanto, é preciso compreender como se dá a ação criadora em João Guimarães Rosa.

6. A criação poética de João Guimarães Rosa

*Não é o chiste rasa coisa ordinária;
tanto seja porque escanha os planos da
lógica, propondo-nos realidade
superior e dimensões para mágicos
novos sistemas de pensamento.*
Guimarães Rosa

A epígrafe acima traz o modo de ver e conceber o que seja uma estória, de autoria do Guimarães Rosa, que nos convida a elevar o pensamento à manifestação da linguagem enquanto mistério, quando afirma que em suas narrativas o ser da obra vigora do nada e vai se desvelando no entre-leitura-escuta, por entre as veredas não tão fáceis de percorrer, porque se dando enquanto enigmas.

Nossa viajante-leitora se viu em meio a mais uma questão a ser percorrida: a leitura de *Primeiras Estórias*, presentificada por Guimarães Rosa. Ler um livro escrito por Rosa não é tarefa nada fácil. Não que o autor seja um prolixo rebuscado da linguagem, apesar de brincar de inventar palavras que florescem em novas possibilidades de sentido, mas porque por meio da linguagem, o demiurgo do sertão modela e organiza a matéria vertente caótica e preexistente em um agir criador de realidade, nos conduzindo ao labiríntico abismo de nossa existência enquanto humanos para que, em travessia-leitura, possamos percorrer o enigma cabal de toda história da humanidade: saber quem somos e qual o sentido da vida? Lanço-me em travessia — ∞

E qual não foi a descoberta quando inicio a viagem-leitura? Menos pela estranhez das palavras... mais pelo enfeitado do sentido! Percebi que por muitas vezes o autor, ao narrar suas estórias, o faz dialogando com a forma mais pitoresca da tradição oral, a anedota, afirmando ser esta a maneira mais eficaz de fazer pensar. Em um dos quatro prefácios de *Tutaméia: terceiras estórias*, intitulado “Aletria e Hermenêutica”, Rosa desvenda por que passa a inspirar-se nas anedotas para escrever suas estórias, após a criação do romance épico, *Grande Sertão: Veredas* e do conjunto de novelas reunido em *Corpo de Baile*, ambas obras publicadas em 1956.

O escritor conta que acredita que a estória jamais quer ser história. Mais, aquela deve ser contrária a esta, pelo fato de a estória, no mais das vezes, se aproximar ao sentido da anedota. “Uma anedota é como um fósforo: riscado, deflagrada, foi-se a serventia. Mas sirva talvez ainda outro emprego a já usada, qual mão da indução ou por exemplo instrumento de análise, nos tratos da poesia e da transcendência” (ROSA, 2009, p. 29).

Fico pensando nas palavras do escritor. Estas me fazem refletir se suas estórias, criadas com “o leite que a vaca não prometeu” (ROSA, 2009, p. 30), seriam o fio condutor para nos levar a pensar no vigor do mistério da criação poética enquanto agir originário pelas questões primeiras do humano, as quais estão em obra em *Primeiras Estórias* — ? —

Dialogando com o próprio Rosa, me vejo pensando se a narrativa drolática das estórias, apesar de ter o intuito de fazer rir, divertir, não conduz o leitor, de fato, a ler a vida nas entrelinhas, sem que isso o leve a nenhuma explicação lógica, que é o que fazem as narrativas anedóticas de *Primeiras Estórias*.

Nada mais a intimidava. O fato é que ao adentrar as páginas dessa obra, a viajante-intérprete é lançada ao não explicado, ao não conhecido, ao não entendido da linguagem – espanta-se... E continua: — O que lemos nas páginas narradas desta obra nos conduz ao não explicado e conhecido de uma linguagem funcional – aquela que encontra resposta em tudo e dá ao leitor respostas prontas, sem nenhum cuidado com o desabrochar da palavra em acontecimento. *Primeiras Estórias*, quando paramos para ver/escutar seu manifestar em obra, vai desvelando seu agir em diálogo com uma escuta amorosa de quem repousa o pensamento, de quem medita junto a ela.

Ler Rosa é tocar a linguagem do silêncio: é lançar-se ao mistério do ser. Quando me deparei com a estória de “A menina de lá”, alegrei-me com o fato de que o que menos Nininha quer é explicar, racionalmente, é o quê das coisas. A pequenina nos enlaça, a cada nova leitura, com seus jogos de criar sentidos sem-sentido com as palavras, fazendo com que nos percamos no claro-escuro, no jogo de velamento e desvelamento da linguagem. Nininha brinca com as palavras e com as possibilidades de sentido de cada uma delas, agindo poeticamente:

— “*Ele xurugou?*” — e, vai ver, quem e o quê, jamais se saberia. Mas, pelo esquisito do juízo ou enfeitado do sentido. Com riso imprevisto: — “*Tatu não vê a lua...*” — ela falasse. Ou referia estórias, absurdas, vagas, tudo muito curto. [...] Só a pura vida. [...]
[...] Nininha [...] não incomodava ninguém, e não se fazia notada, a não ser pela perfeita calma, imobilidade e silêncios (ROSA, 2005, p. 65).

A personagem, ao falar “absurdos” que quase ninguém entendia, na verdade, estava habitando o poético da linguagem, desvelando o vigor de seu manifestar e se fazendo mundo. E quando, junto com o pai e a mãe de Nininha, aborrecia-me com seus silêncios, pois precisava (?) desvendar certos mistérios que vinham tomando-me de assalto durante o percurso pelas estórias, a pequena saía com esta: “— ‘*Deixa... Deixa...*’” E não mais “se importava com os acontecimentos” (ROSA, 2005, p. 66).

Nossa viajante-intérprete entende, a partir de então, que a arte da palavra, não tem por função explicar nada, não serve como suporte do que quer que seja. A arte da palavra é doação da linguagem e, portanto, abertura para as possibilidades de acontecer e manifestar o real. A arte deve ser entendida como aquele algo insuportável ao agir criador na (des)medida em que conduz ao abismo por ser vertiginosa e dinâmica (FAGUNDES, 2016). A arte é o meio, o caminho, a vereda que nos leva à procura do próprio de cada humano. Sim, é isso: são, portanto, as obras de arte – alimento para nos fazer pensar e nunca para nos doutrinar – que questionam o que é o humano, o que é a realidade e o que é o destino. HUMANO–REAL–DESTINO: essas três questões são grandes enigmas da VIDA – essa também o é – e jamais podemos reduzi-las a conceitos herméticos, aprisionantes do acontecer incessante da ARTE e do SER²¹.

E assim lanço-me enquanto caminhante-pesquisadora em viagem-tese pelo questionar, dialogando com as obras de arte que conduzem à aprendizagem poética. Acreditando que a arte se faz em alimento para que possamos fazer da vida uma obra de arte – *poiesis* (CASTRO, 2007). Indo em busca do que mais importa neste jogo hermenêutico: fazer da arte, vida.

E para que possamos fazer da arte, vida, é preciso fazer o jogo: nos lançarmos em viagem ao círculo hermenêutico da escuta pelas histórias primeiras presentes na obra de Rosa, tendo em mente que será pela leitura de *Primeiras Histórias* que as questões originárias nos chegam, partem de nós e, em nós, se manifestam. Temos de acolher a palavra sagrada do mito que se faz história, que incorporada, já somos nós mesmo, viajantes-intérpretes, em travessia. Não porque nos reconhecemos no que escutamos-lemos, mas, sobretudo, porque é no momento da acolhida/escuta que iremos nos desconhecer (e, por isso, procurar-nos) no que entoamos, no que, incorporando, nos tornamos presença habitando a linguagem.

E mais uma vez afirmo, é preciso olhar em direção às reluzências do ar: as coisas e as questões vão se desvelando mesmo é pelo meio do caminho. E perceber que é o artístico da obra de arte, ou seja, o ser da obra, o caminho-aprendizagem propriamente do fenômeno de concepção da viagem narrada como tese, apesar de não ter pretensão nenhuma de fincar posição, mas deixar-se a-posicionar no entre do caminho, é que vislumbro que esse percurso se faz poético: é nele e por ele que habita (-me) o (no) percurso do procurar que se manifesta como agir originário – criação.

²¹ Estas palavras estão escritas em maiúsculas por se tratar das questões originárias as quais o homem deve responder, indo em busca de seu destino enquanto ser humano.

Dá-se a abertura ao nada: o percurso que devo tomar no momento da leitura-escuta e que se fará tese-viagem narrada irá tornar-me radicalmente uma obra poética. É, portanto, pela criação desta obra poética que conseguirei chegar pelo poético do educar a existir?

Vivemos em um mundo globalizado, dicotomizado, funcional e tecnicista, que não nos permite mais tempo para pensar, apenas funcionar, isso é fato. É urgente clamarmos por um educar originário, um educar que liberte para o questionar o que são: o humano, a realidade e o destino, retornando, cada vez mais, para a questão acerca do sentido do ser e de ser. Para conseguir chegar a este questionar, se faz necessário um mergulho profundo no universo das obras de arte, por meio de um educar que tem como tarefa integrar, concretamente e em diálogo, num círculo virtuoso, as questões originárias do humano: aqui está o poético de todo educar, presente na obra de Guimarães Rosa. Mas para isso, “Carece de ter coragem... Carece de ter muita coragem” (ROSA, 2006, p. 391).

E é esse o desafio proposto por *Primeiras Estórias* Rosa e percebido pela pesquisadora-caminhante: pensar o que se é, e ser o que se pensa. Pensar é necessário, pois, é ao pensar que procuramos por nós mesmo, buscando conhecer nossa humanidade. Logo, cabe nos interrogar por meio da concretude da *paidéia* poética, a qual a obra de Guimarães Rosa manifesta. Tenho em mente que essa questão do educar poético, como acontecimento apropriante que se dá no humano, ilumina, originariamente, o conjunto das obras de Guimarães Rosa.

Nesse sentido, esclareço: cada um dos textos literários de Rosa torna-se “uma” aprendizagem que move, promove e comove ao educar poético originário. Melhor dizendo: os textos de Rosa são faces da aprendizagem poética, na medida em que revelam ficcionalmente dimensões diferentes de uma mesma questão: o “pensar” enquanto dimensão do humano. Nela (na obra) o ser humano questiona-se na figuração das personagens que, tramadas pela procura que as enreda, ao mesmo tempo tramam diferentes possibilidades do procurar-se.

A obra Rosa se faz grandiosa nesse sentido, de nos conduzir ao percurso rumo ao nosso ser em busca do que não-somos do que somos. *Primeiras Estórias* foi criada a partir de narrativas que tratam das questões originárias, como vida, morte, verdade, arte, linguagem, amor, memória, tempo, e que nos jogam em travessia. Durante o atravessamento-tese ao qual percorro, vou em busca de desvelar o vigor da narrativa de Rosa, mostrando que seu manifestar originário está no fato do foco orbitar ao redor da questão do *genos*, do princípio, das origens de cada ser em meio às questões, tendo como pano de fundo a questão

da família. Mais uma vereda que solicita seu desvelar, sem a pre-ocupação de chegar, apenas de percorrer seu horizonte...

Por hora, é importante dizer que no livro das estórias primeiras do escritor mineiro existe, de fato, uma relação entre humano e real, em que, além de viajante, o humano é a própria travessia, e que, por meio da linguagem (*logos*), a realidade vai acontecendo. O leitor-viajante atravessa a realidade conhecendo-a, e vai conhecendo-a mediante a ação da *poiesis* originária – a atividade criadora –, que nunca é tão profunda e soberana como no ato de nomeação das coisas, do qual se opera a fundação do ser pela palavra (NUNES, 2013).

Uma estória central que nos atira à travessia radical do questionar é a labiríntica narrativa central de “O espelho”, que de cara nos lança a pergunta-desnudante: “Você chegou a existir?” Era a sério: ao atravessar junto com o viajante-narrador, o espéculo que irá conduzir à questão do que somos, angústia, frio no estômago, negação foi o que me tomou; me vi confrontada com uma figura que ainda não conhecia, se é que um dia iremos nos conhecer de verdade. Quem sabe, se não enveredar pela fuga de mim mesmo, possa um dia chegar perto... Por enquanto, o que via eram apenas (?) espelhos “— um de parede, outro de porta lateral, aberta em ângulo propício — [*que*] faziam o jogo” (ROSA, 2005, p. 115), os quais me fizeram iniciar uma experiencição de busca amorosa, partindo da figura estética do humano de mim até as mais profundas dimensões do ser. E o que pude enxergar:

Por instante, foi uma figura, perfil humano, desagradável ao derradeiro grau, repulsivo senão hediondo. Deu-me náusea, aquele homem, causava-me ódio e susto, eriçamento e espavor. E era — logo descobri... era eu mesmo! O senhor acha que algum dia ia esquecer essa revelação? (ROSA, 2005, p. 115).

Mais uma vez, me vi frente à encruzilhada entre o sabido e o não-sabido de mim, precisando dar o primeiro passo em direção ao que sou, pelo questionar. Tive, então, que conduzir a travessia pela questão do ver-me, do olhar-me no espelho (as águas de Narciso). Experiência das mais difíceis e constrangedoras, de início, essa do especular. Reparem: espelho vem do latim *speculum*, de onde também se forma o verbo “especular”. A busca da essência do espelho é a busca da essência do especular, do conhecer (com-nascer), da procura da verdade como manifestação do ser, e, portanto, como aprendizagem poética. É o que diz a personagem principal da estória: “Desde aí, comecei a procurar-me — ao eu por detrás de mim — à tona dos espelhos, em sua lisa, funda lâmina, em seu lume frio. Isso, que se saiba, antes ninguém tentara. (...) Sobreabriram-se-me enigmas” (ROSA, 2005, p. 116).

E de novo tive a clareza de que a obra de Guimarães Rosa é um convite a se lançar ao abismo do pensar pelo especular-se que conduz ao educar poético originário rumo ao

existir, em que podemos “aprender com”, num movimento contínuo do advento do inesperado como acontecer poético em nossas vidas e dentro do qual devemos nos mover. E isso se dá porque cada um de nós é um próprio, ou seja, somos o que recebemos para ser, e é em busca desse nosso destino que devemos permanecer em travessia.

Em muitos momentos desse atravessamento de leitura, pensei que poderia estar entrando numa seara já, em demasia, percorrida por outros viajantes em diálogos com a obra do Rosa. Mas, como diz o compadre meu Quelemém, em *Grande Sertão: Veredas*: “ — “Riobaldo, a colheita é comum, mas o capinar é sozinho...” (ROSA, 2006, p. 58). Minhas mãos, meu corpo todo, urgiam por este capinar. E novamente, enquanto viajante-pesquisadora precisava embrenhar-me nas questões e revolver a terra, plantar, regá-la com cuidado. Queria tocar o *húmus*, a matéria vertente, orgânica que se fazia nela e dela, fazer da vida, arte... Fui (estou) em busca do que sou pelo que não-sou de mim mesmo. Passo, portanto a especular o jogo de espelhos – que se faz viagem-travessia do (ao) próprio – entre o viajar e o existir.

VIAJAR

*Toda escuta do que se é é travessia, caminhada, viagem
existencial.*

Manuel Antônio de Castro

*Atravessar o aberto do horizonte não deixa de ser o perigo
de perder-se no canto do infinito, no canto doce e divino do
aberto, do indeterminado, no aoristo da pura possibilidade*
Márcia Sá Schuback

1. A viagem-travessia da pro-cura

Existir e viajar se confundem.
Benedito Nunes

Muito antes de iniciar a viagem, o corpo todo a sente como se conduzido por uma força maior que sussurra: “Vai! Toma teu caminho em direção ao sol. Lança-te em procura de conhecer quem és de verdade.” Os pensamentos embaralham, vagueiam em diversas direções. Titubeio? Não! Me vejo em encruzilhadas, sem conseguir ainda escolher em qual direção seguir... Respiro! A procura pelo que somos é tarefa árdua, sinuosa, necessita de acuidade, escuta, zelo, mas também leveza, soltura, fruição, preparando olhos, ouvidos, pensamentos para o aberto, para o extraordinário da viagem.

A intérprete-viajante tinha os prazos em saber que viajar pelas origens das questões é fazer o retorno ao interior dela mesma, enquanto humana, chegando até o líquido amniótico de onde somos gerados. É lá, na origem genealógica do humano que iremos encontrar o sopro vital que nos acompanhará pelo percurso de procura amorosa. Teria esse desejo de me lançar em viagem origem nessa água lustral e tépida do ventre da *phýsis*? Se sim, posso pensar que tal desejo alimenta-se na origem germinativa do *genos* que faz brotar a sementinha da nossa condição de eternos nômades em busca de nos tornar seres humanos. É preciso escuta para esta questão...

Desde muito cedo, o encantamento pela viagem-expição do mundo e dos seres nos comove à procura. É só voltarmos às *Primeiras Estórias* para perceber a alegria que margeava o coração sedento por novidades do Menino que “fremia no acorçoo, alegre de se rir para si, confortavelzinho, com um jeito de folha a cair.” O Menino de certo já sentia que “a vida podia às vezes raiar numa verdade extraordinária”, a qual iria lhe proporcionar “novo senso de esperança: ao não-sabido, ao mais. Assim um crescer e desconter-se – certo como o ato de respirar – o de fugir para o espaço em branco” (ROSA, 2005, p. 49).

Preparar a viagem! — ? — O que seria estar pronto para entrar em estado de viajante? Viajar enquanto percurso de procura significa o quê? Muitas são as questões e nenhuma, a resposta, pelo menos nenhuma que esgote o apelo grandiloquente do que seja viajar enquanto linguagem-mistério: questão! Riobaldo, ao final da sua contação, nos diz que “O diabo não há! É o que eu digo, se for... Existe é homem humano. Travessia —” (ROSA, 2006, p. 608).

Será, portanto, que somos em nossa origem seres transientes em busca de saber quem somos? Como somos? Como devemos agir? Qual o nosso destino? Lembro de Édipo, o

destinado, aquele que atravessa o deserto para não matar o próprio pai; mas que apesar de tentar fugir de seu destino, não consegue furtar-se deste. Destinar-se! Esse é o percurso da nossa viagem-travessia? Somos viajantes em busca de destinarmos enquanto humanos? Somos todos Ulisses lançados ao mar, à terceira margem do rio-do-pensar, questionando-nos a todo tempo sobre o quê das coisas e de nós mesmos. — Quem sou? Quem somos?

A viajante-intérprete habita preâmbulos: Será então que somos seres viajantes, atravessantes, sabendo (?) que toda travessia é uma caminhada a partir do que recebemos para ser? Se sim, essa caminhada-travessia acontece é todo dia, no tempo em seu sentido de acontecer poético! Viagem-experienciação poética no e do tempo! É isso? Se for, então, passo a entender o apaixonamento pela obra de Guimarães Rosa. Esta que nos presenteia a todo momento com a viagem-procura pelas questões originárias das quais somos doação, concordam? E nos lança nessa condição – a qual já desde sempre somos – de “estar em viagem”: homem—humano—travessia.

Fui lançada em percurso. Me via às voltas com o SERTÃO-enCRUZilhada, entre o não-sabido de todo sabido, buscando a experiência visceral e radical de ver-me no espelho: esta que narro aqui em busca de me conhecer, sabendo que a experiência de se conhecer é uma questão disparada pela nossa própria condição de finitude, a qual nos assola há tempos. Pergunto(-me): e como se daria esse agir de conhecer a nós mesmo? Cascavilhar nossas sombras? Rumar ao interior de nossa vera forma e nos descobrir o quê? Calafrios. Como seria o eu por detrás de mim mesmo? Que espécie de animal seria? Sinto-me em meio a um rio escuro e caudaloso, de águas bravias que jogam o barco de um lado para o outro. Estaria à deriva? Onde segurar? Devo ir até a proa ou permanecer no meio do barco, tentando equilibrar para não cair? Afogar-me, não! Sei nadar. No máximo ficaria por algumas horas boiando entre-margens, mundiada numa espécie de devaneio *sfumato*²² de contemplação da realidade que se mostra a mim. Tomo emprestado a expressão *sfumato*, do professor e poeta João de Jesus Paes Loureiro, a qual sugere que é este tipo de devaneio que funde os elementos do real e do (i)real numa realidade única, na qual o poético vigora, vibra e envolve todas as coisas em uma única atmosfera (LOUREIRO, 2000).

Mas, que ser, que haver? A viajante-pesquisadora sabe que se conhecer é se permitir ver o irromper próprio da *phýsis*: “Como alguém poderia manter-se encoberto face ao que

²² A expressão “*sfumato*” passou a ser usada por João de Jesus Paes Loureiro, em sua tese intitulada *Cultura Amazônica uma poética do imaginário*, e faz parte da coleção *Obras reunidas*. Vol. 4. São Paulo: Escrituras Editora. 2000. Paes Loureiro toma emprestado o conceito cunhado por Leonardo da Vinci sobre a pintura, o qual tem o sentido de fusão das personagens do quadro com a natureza, resultando em unidade profunda à pintura, revelando uma relação de empatia entre a natureza humana e a cósmica.

nunca se deita?” brada Heráclito, em seu fragmento 16. Às vezes penso. às vezes, devaneio: o que nunca se deita é a realidade do real, esta eterna natividade de acontecer que nos concede, humanos, infinitas possibilidades de conhecer o que quer que seja: fazermo-nos mundiantes, mundiados entre-mundos. Depois do que muito se sucedeu em pensamento, espantava-me o fato de que conhecer nada mais é do que “nascer com”, uma experiencição do real manifesta dentro do próprio real, e pela qual só podemos mesmo vir a nos conhecer porque já estamos habitando o próprio real. Conhecer é uma questão que já se dis-põe a nós por ser o que somos e como somos: o entre-acontecer da *phýsis*.

Tivemos de nos acostumar com isso. Às penas, que, com isso, nós nunca mesmo nos acostumamos, em si, na verdade. Tiro por mim, que no que queria, e no que não queria, demorava às vezes a entender que desde o real, no real e enquanto real, nós o correspondemos como uma exigência desse mesmo real, no qual todo agir pelo qual estamos dispostos se origina. Vejam! O que é mesmo que toda essa conversa está nos mostrando? Seja, se certo... que habitando a possibilidade radical de nos encontrarmos enquanto entre-acontecer ao aberto do real, vamos nos tornando humanos é mesmo pela experiência na e pela linguagem de criar sentido às possibilidades de acontecer do real (GATTO, 2014).

Parecia coisa de invento! E era... veja só o que acontecia com o jagunço que chegou e apeou em demanda na casa do doutor, em “Famigerado”, para saber o significado de uma tal palavra que estava lhe tirando o juízo. Chegou avessado, estranhão e depois de arrodar o narrador com conversa para teias de aranhas que estremeciam de medo o doutor, fechando-o com jogo sonso de iludir e enigmar, deu o dito:

— “Vosmecê agora me faça a boa obra de querer me ensinar o que é mesmo que é: *fasmisgerado... faz-me-gerado... falmisgerado... famílias-gerado...?*” (ROSA, 2005, p. 57).

Se sério, se era... o que o jagunço veio saber do doutor não era mais nada senão a respeito do vigor da linguagem manifestando-se enquanto realidade do real. Nesse momento trava-se o diálogo pelos mistérios da linguagem entre o “bravo sertanejo, jagunço até na escuma do bofe” e o doutor que possuía era “as grandezas machas duma pessoa instruída!”. E nada mais podia evitar o de evitar, era preciso responder a Damázio, dos Siqueiras, em viagem vinda da Serra pelas veredas da linguagem, seis léguas, expresso direto para saber palavra e acalmar o coração para não dá mais de cara com as brutas feras do seu ser.

— *Famigerado?*

— “*Sim senhor...*”

[...]

Só tinha de desentalar-me. O homem queria estrito o caroço: o verivérbio (ROSA, 2005, p.58).

O que Damázio, dos Siqueiras, queria era desvendar seu destino pela linguagem, habitando-a, para poder dar sentido à sua viagem ao tornar-se, e atravessar o aberto do horizonte da linguagem para realizar-se enquanto humano. Li certa vez em algum lugar que atravessar o aberto do horizonte não deixa de ser também o perigo de perder-se no canto do infinito —? — conduzindo-nos para o canto doce e divino do aberto, do indeterminado, no sem limite de pura possibilidade (SCHUBACK, 1999).

Ainda que relutasse, não podia pensar para trás! Junto a Eros, enquanto essência do agir em total e completa energia de realização, rumar ao aberto do percurso feito a menina Brejeirinha, de “A partida do audaz navegante”, que inicia a narrativa-viagem em busca de compreender o amor: “— *‘Eu hoje estou com a cabeça muito quente...’* [...] — *‘Eu queria saber o amor...’* [...] — *‘Sem saber o amor, a gente pode ler os romances grandes?’* — Brejeirinha especulava” (ROSA, 2005, p. 154). Na estória, a personagem inquieta e cheia de indagações como toda criança, vai experimentando amorosamente, por meio da linguagem, várias formas de recriar a realidade em sua volta, “inventando” diferentes versões para a estória entre a irmã Ciganinha e o primo Zito.

— *“Zito, você podia ser o pirata inglório marujo, num navio muito intacto, para longe, lo-õ-onge no mar, navegante que o nunca-mais, de todos?”*[...]

— *“O Aldaz Navegante, que foi descobrir os outros lugares valetudinário. Ele foi num navio, também, falcatruas. Foi de sozinho. Os lugares eram longe, e o mar. O Aldaz Navegante estava com saudade, antes, da mãe dele, dos irmãos, do pai. Ele não chorava. Ele precisava respectivo de ir. Disse: — “Vocês vão se esquecer muito de mim? O navio dele, chegou o dia de ir. O Aldaz Navegante ficou batendo o lenço branco, extrínseco, dentro do indo-se embora do navio [...] Por fim, não tinha mais navio para se ver, só tinha o resto de mar. Então, um pensou e disse: — “Ele vai descobrir os lugares, que nós não vamos nunca descobrir...”* (ROSA, 2005, p. 155).

Para Brejeirinha, inventar possíveis e diversas realidades já era amar, um amor enquanto criação. Tomemos nota: devemos pensar a realidade – linguagem e sentido – enquanto mundo. Habitando o amar, desde sempre, e no momento-agora em que amamos estamos vigorando como amor-criação no mundo, *i.e.*, tudo acontece enquanto sentido e linguagem. Amar, é, portanto, desde sempre permitir-se ver o manifestar de mundo e sentido, unidade e musicalidade. Amar é o deixar vigorar o sentido musical do ser, enquanto criação poética. (CASTRO, 2011).

Venho a me lembrar! Em *Primeiras Estórias*, a viagem-travessia não manifesta apenas a realização transiente do humano. Não... O que temos é o manifestar-se do

real/mundo. A viagem-travessia torna-se, portanto a viagem da viagem – agir originário de retorno às questões. E esta acontece é mesmo na terceira margem. Adentramos, logo na primeira frase do livro: “Esta é a estória. Ia um menino.” (ROSA, 2005, p. 49), na própria viagem pela linguagem que se faz caminho-caminhante: “Você chegou a existir?” — ∞

Foi de supetão que a intérprete-caminhante percebeu que na obra de Rosa o percurso/SER-TÃO abre-se em possibilidades de caminhos, cada estória manifesta-se em encruzilhadas/enigmas a serem decifrados rumo ao salto mortal: a viagem de ida-retorno em busca do tornar-se inicia com o Menino, chega ao Velho Tarantão e retorna ao Menino ∞ — Existir e viajar, na obra de Rosa, fazem-se uma coisa só.

Junto às personagens lançava-me vivente de momentos e momentos, caminhos e caminhos, lugares e lugares, em novos momentos de amor, sem uma compreensão da linha temporal e tortuosa e de onde iria chegar (isso não importando, a não ser a travessia), apenas deixando-me guiar pelo enigma de quem era/sou no momento da viagem-leitura-questão. Ligando(-me) a todos os lugares-existência, lugares-presença, sem atentar para saídas e entradas, chegadas e partidas, me embrenhando na viagem-circular – a qual não me conduzia a andar em círculos vazios, mas rumando uns dias por veredas tortuosas, noutros, por plena calmaria de silêncio – a qual conduzia a percorrer caminhos que manifestavam a mesma questão por diferentes vieses, sempre levando a questionar-me enquanto caminhante-intérprete-humano-em-travessia entre a terceira margem do caminhar.

A viajante-pesquisadora rumava em travessia das coisas, vivente, redescobrimo o mundo e a si mesmo, em aprendizagem poética em que o próprio viver consiste. Lembrando que a viagem-travessia que se transvive na lembrança é o saldo misterioso de todo agir, o qual memória e imaginação juntas recriam (NUNES, 2009). É só lembrar de Riobaldo quando na conversa-rememoração de sua travessia pelos sertões do Gerais deu o dito:

Eu atravesso as coisas — e no meio da travessia não vejo! — só estava era entretido na ideia dos lugares de saída e de chegadas. Assaz o senhor sabe: a gente quer passar um rio a nado, e passa; mas vai dar na outra banda é num ponto muito mais em baixo, bem diverso do que em primeiro se pensou. Viver nem não é muito perigoso? (ROSA, 2006, p. 35).

Caros leitores, percebam uma coisa: em *Primeiras Estórias*, a aventura em se lançar em viagem consiste em experimentar, pelo jogo da criação/imaginação e da arte, os caminhos possíveis de ser humano. Temos aqui a viagem de formação, ou melhor seria dizer, a viagem pela aprendizagem que se faz poética, pois recria a realidade a todo momento, recolocando as questões originárias as quais somos doação e, por isso, correspondemos a elas num movimento contínuo de atravessamento rumo ao desaprender de todo aprender:

tornarmo-nos humanos em travessia. Pela doação à escuta/leitura de *Primeiras Estórias* vamos percebendo a manifestação da viagem – viajando junto – enquanto linguagem-criadora. Viajar é narrar estórias em busca de conhecer (“nascer com” o real na e pela linguagem) as coisas, os seres, e a nós mesmo, sabendo-nos já e desde sempre doação do mistério da *phýsis*.

— Se quer seguir-me, narro-lhe; não uma aventura, mas experiência, a que me induziram, alternadamente, séries de raciocínios e intuições. [...] Reporto-me ao transcendente. Tudo, aliás, é a ponta de um mistério. Inclusive, os fatos. Ou a ausência deles. Duvida? Quando nada acontece, há um milagre que não estamos vendo (ROSA, 2005, p. 113).

Nisto, o visto! Me achei? As coisas todas foram outras... O viver da gente é que é mesmo o mistério. Narro esta viagem-tese sabendo que todo caminho é procura pelo mistério de se conhecer, por nascer com o real que se dispõe e impõe. E esse conhecer impõe um lançar-se ao mistério da travessia, sem certeza de onde iremos chegar, apenas vivendo o caminho, sendo o próprio caminhar. “Conhecer é uma questão disparada pela própria finitude que inquieta o homem” (GATTO, 2014, p. 43). Ao narrar-conhecer, permito-me ver o irromper próprio da *phýsis*, indo ao encontro de tentar responder à questão posta por Heráclito, há alguns capítulos atrás: “Como alguém poderia manter-se encoberto face ao que nunca se deita?” (Fragmento 16).

Vejam, tudo é a ponta do mistério: a *phýsis*, essa eterna natividade da vida, é ela que jamais se deita, jamais apaga sua luz, manifesta-se incessantemente velando e desvelando o seu ser e nos conduzindo a ser, nos concedendo possibilidades infinitas de conhecer o que quer que seja. Seguia, certa; por amor, não por acaso, e o que se desvela à frente, por exemplo, nas duas estórias-espelho de *Primeiras Estórias* é a relação entre o Menino e o peru; e entre o Menino e o tucano, em “As margens da alegria” e “Os cimos”, respectivamente. Atinei para o fato de nestas duas relações, a questão do ser manifesta-se de maneira latente. Rosa nos presenteia com a relação entre o ser—natureza—animais, na qual estes não são meros cenários das estórias, mas se manifestam é dentro de cada personagem, em que cada uma faz sua natureza (MEYER, 2008), nos fazendo pensar que a busca de quem somos se dá é entre o real, entre a realidade do real, entre a *phýsis*.

Durante a leitura-escuta fui entendendo que tanto a imagem do peru quanto a do tucano manifestam-se ao menino enquanto princípio originário da *phýsis*, o qual vigora no belo, visto que já o conduzem à procura, pelo amar, a tornar-se. O aparecimento do peru e do tucano trazem luz e sentido de renascimento da vida acontecente tanto nos olhos quanto no coração do Menino. As duas aparições se deram logo após uma realização de perda e

tristeza e, portanto, fazem renascer no Menino a alegria e a esperança de reconhecer o extraordinário manifestar da *phýsis*:

Senhor! Quando avistou o peru [...] O peru, imperial [...] se proclamara [...] completo, torneado, redondoso, todo em esferas e planos, com reflexos de verdes metais em azul-e-preto — o peru para sempre. Belo, belo! Tinha qualquer coisa de calor, poder e flor, um transbordamento. [...] O Menino riu, com todo o coração (ROSA, 2005, pgs. 50-51).

E: — “*Pst!*” — apontou-se. A uma das árvores, chegara um tucano, em brando batido horizontal. Tão perto! O alto azul, as frondes, o alumiado amarelo em volta [...] Seria de ver-se: grande [...] Saltava de ramo em ramo [...] Toda a luz era dele [...] E, de olhos arregaçados, o Menino, sem nem poder segurar para si o embrevecido instante, só nos silêncios de um-dois-três. [...] O Menino estando nos começos de chorar. Enquanto isso, cantavam os galos. O Menino se lembrava sem lembrança nenhuma. Molhou todas as pestanas (ROSA, 2005, p. 204).

Aliás, é fácil perceber a manifestação da *phýsis* na obra de Rosa. É só observarmos que as personagens de suas histórias estão sempre cercadas por esta totalidade do real se dando, nas imagens de bichos, plantas e rios. Benedito Nunes (2013) destaca que a natureza enquanto força criadora das coisas do real, para Rosa, é tanto exterior quanto interior ao mesmo tempo, e ganha vigorosa amplitude de acontecimento ao se manifestar em imagens-questão de vacas, perus, cavalos, tucanos, bois, passarinhos das mais diversas espécies, rios, buritis e outras plantas, no SERTÃO. Todas essas espécies de coisas são seres pervasivos às personagens e a nós leitores, e que nos aderem e nos instalam mundo.

Assim, no vão do mundo, vocada e ordenada, ia a vaca fugida em viagem para os onde caminhos, em “Sequência”, conduzindo o rapaz, senhor-moço, rumo ao destino de amar. A vaca não só conduzia o rapaz, mas a caminhante-observadora, que se anorteava, tateando o caminhar por entre rios, morros, só vendo mesmo era o horizonte que transcendia ao que se destinava. Rumar destino! O que seria isso? Essa viagem-tese a cada dia desvela-se em mistérios para o meu entender. O sentimento por diversas vezes foi de desistir da viagem... cheguei a pensar que esta andança toda não mais fazia sentido. Queria voltar ao acostumado do mundo, das coisas... Procurar-me por entre estas veredas estava me conduzindo a lugar nenhum (?), pelo menos não a lugares conhecidos. “Tinha de perder de ganhar? Já que sim e já que não, pensou assim: jamais, jamenos”.

O senhor-moço, filho de seo Rigério, não-sabia e “Sofria como podia, nem podia” o sentido daquele andamento todo. Mas “A vaca, essa, sabia: por amor desses lugares”, por onde devia nos conduzir – o moço e a mim. E digo a vocês, a chegada ao pasto da fazenda, entrando pela porteira-mestra, portal dos currais, “Sob o estúrdio atontamento” (ROSA,

2005, p. 110) desvela que o caminho até ali era mesmo o de experiência de procura destinados a amar²³. O moço era o bem-chegado. Estava sendo esperado:

A uma roda de pessoas. Às quatro moças da casa. A uma delas, a segunda. Era alta, alva, amável. Ela se desescondia dele. Inesperavam-se? O moço compreendeu-se. Aquilo mudava o acontecido. Da vaca, ele a ela diria: — “É sua”. Suas duas almas se transformavam? E tudo à sação do ser. No mundo nem há parvoíces: o mel do maravilhoso, vindo a tais horas de estórias, o anel dos maravilhados. Amavam-se.
E a vaca — vitória, em seus ondes, por seus passos (ROSA, 2005, p. 111).

A viajante-pesquisadora tinha em mente que o ato de conhecer é uma experiencição em viagem amorosa pelo real dentro do próprio real, e isso manifesta-se enquanto linguagem. Rememora! Só podemos dar sentido a algo e vir a conhecer alguma coisa porque já habitamos tanto a linguagem quanto o real amorosamente. E esse habitar se dá em função de sermos, nós humanos, entre-acontecer destinados ao mistério da *phýsis*. Conhecer é uma questão que já se dispõe ao homem por ser ele o que é e como é. Estão lembrados?! É o homem que corresponde ao real desde o real, habitando o real e enquanto real. E isso se dá por uma exigência do próprio real que se faz linguagem e de onde todo agir se origina.

Ao habitar a possibilidade radical de se encontrar aberto à escuta do real, nós o somos pela experiência, *ie*, todo corresponder ao real deve ser entendido como ato participante de diálogo com o real e suas manifestações, dando-se em e criando sentido – *poiesis* – na e pela linguagem, e isto também é tornar-se, percebem? Não somos nós, enquanto homens humanos que falamos, mas é a linguagem a qual já somos doação que fala. Só falamos e damos sentido as coisas e a nós mesmos porque já habitamos/somos linguagem em possibilidades de acontecer. Somos seres acontecentes, em que o acontecente é um já acontecido pelo acontecer como voz média para torna-se e manter-se acontecido. E enquanto estamos acontecendo, este agir não resta de todo consumado – caso contrário teríamos findado nossa existência –, mas, ausente pelo vigor do nada, e potente pelo prenúncio de vir-a-ser, permite a clareira do *novamente*, o presente como futuro no passado: o existente (FAGUNDES, 2020). E todo esse caminhar de escuta do real é a viagem rumo ao destino.

²³ “Amar é deixar vigorar o que recebemos para chegar a ser, jamais passível de doação, entrega e recepção. Então, como se ama? Sendo o que já desde sempre somos e recebemos para chegar a ser. Dessa maneira, amar não é jamais tomar posse, apossar-se daquilo e daquele/a que não podemos tomar posse. Amar é deixar ser. É a mútua renúncia à posse para, deixando ser, cada um chegar a ser o que é, o próprio [...] Amar é a energia iluminadora e vitalizadora do solo fértil do desvelamento, crescimento e consumação do que somos, do nosso próprio. Libertação” (CASTRO, Manuel Antônio de. "Amar e ser". In: *Arte: o humano e o destino*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2011, p. 306).

Para que possa ir em busca de conhecer algo, corresponder ao nosso destino, devemos nos movimentar no sentido de acolher, escutar, transformar criativamente, ou seja, dar sentido ao agir, que não deixa de ser o próprio caminhar-viagem. É no meio do redemunho, dentro do real, que vamos co-produzindo, por que criação; co-respondendo, por que escuta; co-manifestando, por que mostrando-nos em desvelo, nosso destino e, portanto, nos elevando em presença, sendo presença, acontecendo por entre as encruzilhadas – chego a dizer encruzilhaça – do caminho, manifestando nossa humanidade enquanto ser e tempo atravessante. E digo *encruzilhaça*, tendo como medida a não medida do caminhar, visto que esta concentra e também descentra tanto a (em)cruz-ilhada, como fato e condição, quanto o (em)cruz-ilhar, enquanto dinâmica de movimento que nos lança NONADA ∞

O poeta Igor Fagundes (2020) sugere que o movimento de encruzilhaça é criado por uma concomitância de caminhos que se sucedem em tempos diferentes. Recebia uma claridade de juízo – feito um assopro – doce, solta. Em *Primeiras Estórias* é este o movimento apropriante das estórias-viagens que nos leva por direções diversas, por encruzilhaças que concedem alguma concordância à discrepância dos caminhos habitados, resguardando, portanto, entre as veredas alguma distância para que possamos, inclusive e inesperadamente, seguir rumo a outras encruzilhaças não pré-vistas, pré-concebidas.

As encruzilhaças presentes em *Primeiras Estórias*, meus caros, “desmente plana a travessia” (FAGUNDES, 2020, p. 32) e nos solicita que viajemos para além dos modelos cartesianos de percurso, manifestando durante os caminhos não uma reta horizontal, mas vértices diversos que se reviram, metamorfosicamente, em vórtices, fazendo viva e vibrante a viagem circular e giratória pelas estórias-questões no (do) SER-TÃO: destinados que somos a caminhar espelhados pela VIDA—MORTE—VIDA. “Não há dia que não anoiteça enquanto amanhece. O destino da noite é tecer-se manhã” (FAGUNDES, 2020, p. 32).

E ao conhecer/destinar vamos ganhando um novo estado de ser – presença – correspondendo ao mundo já sempre descoberto, habitando nosso destinar em diálogo com o mundo, com os outros seres, com as coisas, *ie.*, com a *phýsis*. Durante a experiência de leitura de *Primeiras Estórias*, fui percebendo que para Rosa não existe uma separação entre o mundo e o homem que o atravessa, pelo contrário. O viajante que se permite mergulhar por entre os caminhos sinuosos das estórias primeiras torna-se também a própria viagem – condutor e conduzido da própria travessia – em cujos processos o mundo vai se manifestando. As personagens-viajantes das estórias e, também, o leitor-intérprete-*viator* vão atravessando a realidade conhecendo-a no momento-agora da viagem, e esse conhecer

se dá por meio da ação da *poiesis* originária, atividade criadora que se manifesta também em nomeação das coisas, pela qual vai se dando a fundação do ser pela palavra (NUNES, 2009).

Em *Primeiras Estórias*, em função de andanças, partidas, chegadas, passagens, o que existe mesmo é uma peregrinação que não busca chegar a lugar algum, apenas percorrer caminhos, experienciar o real em meio a questionamentos que chegam em forma de situações ou mesmo personagens para que sejam solucionados (?) conflitos, os quais não se realizam de véspera, mas no meio da travessia. Apanhara com o olhar cada sílaba do horizonte: eu deveria seguir caminho rumo ao Nada, no encalço dessa travessia.

Foi o que fez o filho de seo Rigério, em “Sequência”, quando atinou de seguir a vaca de cor grossa e afundada, que viajava rumo ao rio e pra lá do rio, rumo à fazenda do Pãodolhão, terras de uma Major Quitério:

Pôs-se a cavalo. Soubesse o que por lá o botava, se capaz. Saiu à estrada-geral. Ia indo, à espora leve. Ia desconhecidamente. [...] Já a vaca. O avanço, que levava, não se lhe dava de o bastante. Ante o morro, a passo, breve, nem parava para os capins do barranco: arracava-os, mesmo em marcha, no mesmo surdo sossego. [...] Já o rapza se anorteava. Só via o horizonte e sim. Sabia o de uma vaquinha fugida: que, de alma, marca o rumo e faz atalhos — querençosa. Entrequanto, ele perguntava. Davam-lhe novas de arribada. Seu cavalo murça se aplicava, indo noutra forma, ligeiro. Sabia que coisa era o tempo, a involuntária aventura. [...] Deu patas à fantasia (ROSA, 2005, p. 108).

A travessia da gente se dá é no meio do caminho, sem nem chance, às vezes, de nos mostrar porque é mesmo que estamos indo... É assim, no vão do mundo, vocado e ordenado que o filho de seo Rigério ia consumando o seu destino — Fazemos isso a todo momento — Sem conseguir pensar palavra e nem propósito, vamos caminhando sem saber para onde “a vaquinha” está nos levando; e vamos rumando ao “inomeçado, o espantoso, o desnorte o necessário” caminho-destino, só mesmo é resvelando e guardando o florir, o desabrochar do horizonte velado se manifestando em nossa frente, teimando de nunca chegar. Damos o salto?! Seja o que seja — ? —

Foi o filósofo e professor Benedito Nunes (2009) que sinalizou certa vez que esse tipo de experiência sem rumo certo acontece também em “A terceira margem do rio”, visto que a peregrinação soturna e tresloucada de um homem que vagueia à deriva entre as margens do rio acima e rio abaixo não quer chegar, apenas permanecer em silêncio, meditativo de sua condição de humano, habitando o entre-acontecer do mundo. Diferentemente de o velho Tarantão que não está em busca da viagem pelo rio do pensar, quase de forma meditativa, do “nosso pai”. Ao contrário, em “— Tarantão, meu patrão” temos uma viagem alucinante por vilarejos e cidadelas, do velho Iô João-de-Barros-Diniz-

Robertes, que sai, destinado, rumo à “*grande empreitada de acabar com este mundo*”, e convocando: — “*Arranja um cavalo e vem, sob minhas ordens, para a grande vingança, e com o demônio!*” (ROSA, 2005, p. 195), como um Quixote, a quem queira segui-lo em aventuras de que é viver, em busca do próprio. Mas, que ser, que haver? O velho tinha um brilho no olhar que conseguia fisgar a querência de qualquer um que se aproximasse dele.

Mas o velho convocou; e um se quis, bandeou com a gente. [...] Me tive em admirações. Tantos vindo, se em seguida. [...]

Assim a gente, o velho à frente — *tiplóco... t'plóco... t'plóco...* — já era cavalaria. Mais um, ainda, sem cujo nem quem: o vagabundo “Corta-Pau”; o sem-que-fazer, por influências. A gente, com Deus: onze! Ao adiante — tira-que-tira — num sossego revoltoso. Eu via o velho, meu Patrão: de louvada memória maluca, torre alta. [...] Possa faltar de suar; mas aquilo tinha para grandezas. [...]

A gente: treze... e quatorze. A mais um outro moço, o “Bobo”, e a menos um “João-Paulino”. (ROSA, 2005, p. 196-197).

A demanda rumo ao tornar-se empregada por Tarantão que, aos olhos desatentos parecia não fazer sentido, manifestava-se com tanta verdade no coração daqueles que como ele viam o mundo presente doando-se a eles, os quais, correspondendo a estas manifestações por algum “calor de amor”, adentravam aos mistérios da loucura, assoprados pelo mistério do ser, como uma maneira de retornar às fontes primordiais. Que o de bem se crer?

Todos vindos, entes, contentes, por algum calor de amor a esse velho. A gente retumbava, avantes, a gente queria façanhas, na espraiança, nós assoprados. A gente queria seguir o velho, por cima de quaisquer ideias. (ROSA, 2005, p. 197).

Nisto, o visto! Me achei... É mesmo no ciclo da viagem que o destino se modifica às custas de circunstâncias diversas, os anseios e causas se retorcem, entretecem, agindo por meio de movimentos circulares de idas e voltas: é o destino que convoca o homem a tornar-se humano. E este destino originário de várias e diferentes ações que se comungam não tem seu fundamento em força exterior nenhuma, mas se manifesta enquanto desenho completo da trajetória da vida, do próprio viver e atravessar caminhos na ação do tempo.

E essa atividade temporal da existência, base da *poiésis* original, e imagem-questão da viagem do ser rumo ao tornar é que podemos considerar o ponto-chave da narrativa de Rosa em *Primeiras Estórias*. Aqui, a personagem-viajante se vê não enquanto transitória no mundo, mas enquanto o próprio mundo dando-se a ver, realizando-se enquanto humano, manifestando-se em sua própria viagem.

2. O motivo da viagem

As estórias narradas por Rosa têm um ponto central que dão início à viagem. A pergunta feita pelo narrador de “O espelho” no final da narrativa “*Você chegou a existir?*” (ROSA, 2005, p. 120) é condutora do percurso de procura de cada personagem, em que, cada uma, a seu modo, vai construindo sua travessia tentando corresponder à questão para o tornar-se. Durante as várias leituras-viagens que fiz, fui percebendo que cada uma delas apresentava um “motivo” de viagem-travessia para o torna-se, e esse passava mesmo é pela questão de como cada personagem correspondia ao seu destino.

O que abordo neste subcapítulo é o que considero ser o princípio do uno e do múltiplo nas estórias de Rosa, visto que a mesma estória se torna todas as demais, tendo em foco que a fonte primeira e primordial da obra vigora nessa questão central lançada pelo narrador de “O espelho”, a qual é inesgotável, podendo se dissipar em infinitas estórias, em que cada uma contempla e contém a semente do todo. Esta se dá por inteiro, na medida em que floresce plena, e se retrai por completo, a fim de gerar mais caminhos a serem percorridos sempre vislumbrando o sentido de ser e do Ser.

Para M^a Lúcia Guimarães Farias (2005), esta semente – a busca pelo existir – vigora em cada uma das estórias/partes e não está em parte alguma, visto que jamais chegaremos a uma explicação definitiva acerca do sentido do ser. Como se uma única estória se repetisse em todas as outras sem se esgotar em nenhuma delas. Entretanto, estória-central é capaz de engendrar tantas outras estórias exatamente porque não pode ser esgotada. Um silêncio solene a mantém mistério. Apenas seus frutos falam. O seu perpétuo velar-se em tudo o que desvela é o que a faz permanente presente.

E, aqui, inicio a viagem pelas estórias originárias manifestadas como obra em *Primeiras Estórias*, lançando-me, aos poucos, passo por passo, tateando questões, adensando outras, em abertura à escuta amorosa da obra, dialogando com todas as outras personagens-questão, atravessando e sendo atravessada pelas estórias, experienciando cada questão e me misturando às personagens, tornando-me em diálogo com estas uma coisa só personagem, um só ser, o mesmo (mas nem por isso igual), habitando a linguagem, esta que revela que entre o humano e o ser existe uma referência necessária e uma diferença irreduzível que possibilita ao humano ser humano. Aqui e agora, convido você, leitor destas páginas, a mais uma vez seguir comigo nesta travessia rumo a aprendizagem poética do que somos enquanto possibilidades de vir a sermos — QUESTÃO!

*

ESTA É A ESTÓRIA... Em “As margens da alegria”, embarcamos no avião da Companhia numa viagem inventada no feliz rumo à descoberta da vida. Esta era uma viagem-procura que ainda se dava beirando as margens sem adentrar mais profundamente no entre-rio da gente. Fui convocada por um menino ao aberto de possibilidades de acontecer do mundo. A partir de então, nos lançávamos *in via*, éramos *viatores*. E o nosso “lugar era o da janelinha, para o móvel mundo”, em movimento de expiação:

as nuvens de amontoada amabilidade, o azul de só ar, aquela claridade à larga, o chão plano em visão cartográfica, repartido de roças e campos, o verde que se ia a amarelos e vermelhos e a pardos e a verdes; e, além, baixa, a montanha (ROSA, 2005, p. 50).

Nós, eu e o Menino, vivíamos! A alegria que sentíamos ia “despedindo todos os raios”, como se afastássemos – ou mesmo nem lembrássemos de – tudo de ruim que a vida pudesse nos trazer.

Este início de viagem era tateado, nos conduzia à eterna nova idade do mundo como princípio da procura. Tínhamos tudo de uma vez, e nada, ante a mente, apenas a folha em branco esperando ser rompida por um tracejado. E a cada manifestar de vida que ia se rompendo, abríamos o coração, nos impulsionando cada vez mais para perto das margens da alegria:

Enquanto mal vacilava a manhã. A grande cidade apenas começava a fazer-se, num semi-ermo, no chapadão: a mágica monotonia, os diluídos ares. [...] O Menino [e eu junto a ele] via, vislumbra. Respirava muito. Ele queria poder ver ainda mais vívido — as novas tantas coisas — o que para os seus olhos se pronunciava (ROSA, 2005, p. 50).

A vida, senhores, podia mesmo era raiar numa verdade extraordinária: a viagem nos conduzia a um novo senso de esperança, ao mais: o de fugirmos para um espaço em branco e podermos criar. Esta viagem rumo à vida se dava como expiação, por que viver mesmo é um transbordamento, nomeando o sentido das coisas, fazendo-as ressurgir do opaco. Viver é morrer em miligramas e doer-se na circuntristeza, morrendo e renascendo para o mundo a cada novo dia no nada, habitando o nada.

A viagem do tornar-se em “As margens da alegria” acontece no momento mesmo o qual estamos dentro da mata e nos espantamos com a dança do vagalume, esta que se faz linguagem rumo à clareira do existir, nos revelando que de toda treva nasce a luz para o tornar-se. “Sim, o vagalume, sim, era lindo! — tão pequenino, no ar, um instante só, alto, distante, indo-se. Era, outra vez em quando, a Alegria” (ROSA, 2005, p. 53). Agora, tinha

certeza: junto ao Menino, rumava em viagem transbordamento de vida, tentando corresponder ao existir, conseguindo perceber – tudo é a ponta de um mistério – que chegar a existir é viver às margens da morte, em busca do tornar-se!

*

FOI DE INCERTA FEITA — O EVENTO. “Famigerado” começa assim. Quem poderia esperar uma viagem se dando na linguagem! Eu mesma quando dei por mim, já estava em percurso, junto a Damásio, dos Siqueira, e seu grupo de cavaleiros, em viagem rumo ao tornar-se que se dá enquanto demanda da palavra, a fim de entender palavra, desvendar o mistério da linguagem que nos lança à angústia do desconhecido. “E concebi grande dúvida” (ROSA, 2005, p. 55).

O que será que aquele jagunço avessado, estranhão e perverso faria ao descobrir o real significado da palavra *famigerado*? Seria esta a viagem rumo ao habitar a linguagem, esta enquanto abertura para o tornar-se? Mas como saber? Não conseguia ligar o pensamento, tudo na cabeça da gente dava um borrão! Tive medo do desconhecido, assim como o doutor, que estava cabismeditando acerca de toda aquela situação na porta da sua casa: “O medo é a extrema ignorância em momento muito agudo. O medo O. O medo me miava. Convidei-o a desmontar, a entrar” (ROSA, 2005, p. 56).

E ficávamos ali, na porta de entrada da linguagem, sem conseguir nos encarar, olhando mesmo só de esquelha. Só Damázio era mesmo quem falava, numa conversa para teias de aranha – antes de desvendar-se, o medo do desconhecido emaranha nosso pensamento. E tínhamos de entender-lhe era nas mínimas entonações, seguindo seus propósitos e silêncios. Foi então que: “Assim no fechar-se com o jogo, sonso, no me iludir, ele enigmava. E, pá:” (ROSA, 2005, p. 57) Damázio soltou o verivérbio. Queria saber o significado da palavra “*fasmisgerado ... faz-me-gerado... falmisgeraldo... familhasgerado...?*” (ROSA, 2005, p. 57).

Nos disse isso de golpe, trazendo entre os dentes a frase-questão. Detinha em medo e em silêncio a resposta, apertávamos. O doutor tinha que descobrir a cara. — *Famigerado?* Habitamos preâmbulos. A palavra desentalava-nos. Não havia outra resposta a não ser desvelar seu significado, e este em “fala de pobre, linguagem de em dia-de-semana” para que Damázio pudesse habitá-la e seguir seu destino, sem medo de não sabê-la, por não

habitar a/na linguagem. E foi, então, que o doutor disparou o verbo e o diálogo revelador do mistério da linguagem aconteceu:

- *Famigerado?* Bem. É: “importante”, que merece louvor, respeito...
 — “Vosmecê agarante, pra a paz das mães, mão na Escritura?”
 Se certo! Era para se empenhar a barba. Do que o diabo, então, eu sincero disse:
 — Olhe: eu, como o sr. me vê, com as vantagens, hum, o que eu queria uma hora destas era ser famigerado – bem famigerado, o mais que pudesse!... (ROSA, 2005, p. 58).

E o que cuidada, que queria, era mesmo ter presenciado este embate pela linguagem, esta viagem me conduzia a pensar que a palavra “famigerado” ultrapassa a expectativa do “lugar comum” e conduz enquanto criadora de um “novo” homem, que ao acolhê-la em seu sentido criador, instaura também um mundo novo: linguagem enquanto abertura do ser a ser – humano, em travessia ∞

Em “Famigerado”, o tornar-se de Damázio acontece no horizonte da linguagem, quando este passa a habitá-la e sobe em si, desagravando-se num desafogaréu, e põe-se em seu cavalo, rumando a viagem de retorno para casa, mas desta vez com a alma expandida por “ter”, “conhecer” o sentido da palavra “faz-me-gerado”. O que presenciei nesta estória-viagem foi a questão do homem que se inicia no horizonte da linguagem, em que uma palavra faz gerado um novo homem. A linguagem, meus caros, não é o que diz o dicionário, mas o *quantum* de ser que se insinua, manifesta no homem.

Ia Damázio de volta para casa norteadado pela linguagem. O doutor vencera o medo da brutalidade desconhecida e agradeceu aquele encontro inesperado com a linguagem que o conduziu a pensar em si enquanto busca do próprio de si mesmo: tornou-se! Viu o velho Damázio ir-se junto a seus cavaleiros: “Oh, pois. Esporou, foi-se, o alazão, não pensava no que o trouxera, tese para alto rir, e mais, o famoso assunto” (ROSA, 2005, p. 59).

E eu? Segui em viagem-travessia a fim de conhecer mais de perto o canto da loucura embarcado no trem do sertão.

*

AQUELE CARRO PARARA NA LINHA DE RESGUARDO. Assustava o tamanho do vagão que surge no início de “Sorôco, sua mãe, sua filha”. Pelo se notar com mais afincio, dava para ver que não era um vagão comum, de passageiros do ir-e-vir dessas andanças.

Suas janelas tinham grades. Fui chegando, devagarinho, avistando tudo de longe, sem ainda me abandonar por estas veredas, mas entendendo que a expectativa da viagem convoca toda a gente! Eis que eis...

A viagem tem seu início quando os moradores da cidade avistam Sorôco, sua mãe, sua filha, vindo em caminhada da rua de baixo até a linha do resguardo, no desvio de dentro, na esplanada da estação, onde o nada se explana, clareia para dar início da viagem. Posiciono-me é no meio da rua, no entre-caminho desta viagem, e sigo com eles para tentar ouvir o cantar sem-razão das duas mulheres, “a cantiga não vigorava certa, nem no tom nem no se-dizer das palavras — o nenhum” (ROSA, 2005, p. 62).

Sorôco vinha trazendo as duas: sua mãe, sua filha. No que ele vinha cabisbaixo, elas vinham em ação movente, cantando a linguagem-mistério, nem nunca antes compreendida por toda aquela gente que, ao redor, esperava, entristecida, o acontecer das coisas. Cantando, sua mãe e sua filha pareciam se entender. Elas *ex*.istiam, por estarem lançadas (ek-) no aberto do ser em direção à eclosão de ser. Sorôco era só os ocos da razão, não entendia aquele canto muito menos o porquê dele. Só-Ôco! Fazia sua viagem de braços dados com a loucura, sem ainda atinar para onde aquele caminhar iria lhe levar. Carrancudo e sem os prazos para o pensar, vestiu sua melhor roupa e calçara sapatos para, após tanta tristeza e vergonha, torcer para que aquele tormento em vida acabasse.

A viagem aqui era mesmo pelas vias da loucura, pela entoação do canto desmedido da loucura em busca de existir. A gente olhava era mesmo nas reluzências do ar: loucura aqui não se trata do não senso de qualquer concepção racional e funcional da linguagem, mas, ao contrário, é a eclosão do humano com a/ pela linguagem. Pela escuta do mistério da linguagem entoamos palavras que nomeiam mundo, e esse canto só consegue ser compreendido por quem acolhe a loucura-êxtase, a loucura-transbordamento como condição premente do humano.

Ainda que relutasse com a ideia, não mais podia pensar para trás: mãe e filha já estavam em viagem-loucura desde sempre pelo excesso mesmo de espírito da vida que se manifestava por todo o corpo, do cantar ao movimento dos braços. Só ele – Só-Ôco – é que ainda estava sem se saber o entre-acontecer-do-humano, e não podia experimentar o êxtase, a epifania do que é viver/existir pelo cantar! Dava para percebê-lo nessa tristeza infinita:

Tomara aquilo se acabasse. O trem chegando, a máquina manobrando sozinha para vir pegar o carro. [...]
Sorôco não esperou tudo sumir. Nem olhou. Só ficou de chapéu na mão, mais de barba quadrada, surdo — o que nele mais espantava. O triste do homem, lá decretado, embargando-se de poder falar algumas suas palavras.

Ao sofrer o assim das coisas, ele, no ôco sem beiras, debaixo do peso, sem queixa, exemploso” (ROSA, 2005, p. 64).

Suspa! Vimos elas entrarem no trem – Nau dos Loucos²⁴ – rumando para o sem-fim do percurso. Atônita, olhei para Sorôco que “se sacudiu, de um jeito arrebatado, desacontecido, e virou, pra ir-s’embora. Estava voltando para casa, como se estivesse indo para longe, fora da conta” (ROSA, 2005, p. 64).

Seguimos, todos (?), atrás dele. Mas de repente – o ôco sem beiras – ele “se esquisitou, parecia que ia perder o de si, parar de ser” (ROSA, 2005, p. 64). A gente se esfriou num instantâneo. E assim, como que num recebimento de excesso de espírito, o Ôco do ser transformou-se em Sou-Louco. “Num rompido — ele começou a cantar, alteado, forte, mas sozinho para si — e era a cantiga, mesma, de desatino, que as duas tanto tinham cantado. Cantava continuando” (ROSA, 2005, p. 64).

Fomos, a gente tudo e sem combinação, levando SouLouco para a casa dele de verdade, e fomos indo até onde que ia aquele cantar desatinado, em melodiosa transformação para chegar a existir. A cantiga de desatino conduzia ao destino: cantar sozinho para si já era mesmo viver a travessia rumo ao seu próprio: existir. Em “Sorôco, sua mãe, sua filha” manifesta-se um sentimento profundo da continuidade que se inaugura. A música é a ponte que conduz ao movimento cósmico que rege o universo e solidariza as almas que se disponibilizam a segui-lo. Sorôco, pelo cantar, passa a habitar a própria experienciação de tornar-se, sua morada de verdade, este é o motivo da viagem que faz o velho brutalhudo de corpo que soltara a voz, não mais pouca, para entoar aquela cantiga do existir.

E no que me dei conta de mim, já estava partindo outra vez, seguindo viagem, fiquei sabendo da existência de uma “Menina de Lá”, longe-perto do SER-tão. E sem saber-me fui percorrendo caminhos que me levariam à ação criadora de transcendência²⁵ para o tornar-se. Deixa... Deixa...

²⁴ Também conhecido como o Navio dos Desatinados, é uma imagem-questão muito usada na cultura ocidental, tanto na literatura quanto nas artes visuais. Platão, no *Livro VI da República*, já se referia a uma embarcação conduzida por uma tripulação disfuncional. Em *A história da loucura* (2019), Michel Foucault faz um estudo minucioso sobre a questão da loucura em diversos tempos e via na nau dos loucos uma metáfora da consciência viva do homem acerca do bem e do mal, na mentalidade medieval e nas paisagens imaginativas da Renascença. O filósofo, neste estudo, levanta a hipótese que na literatura, a partir da Idade Média, o louco passa a ser visto como o “detentor da verdade”. (2019, p. 14). O louco, a partir de então, é o que detém o mistério da verdade e não mais aquele fora da normalidade.

²⁵ “Transcendental é, segundo o significado imediato do termo, aquilo que se refere ao transcendente, à transcendência. Transcendente é o que ultrapassa, seja nosso ato de conhecimento, enquanto tal realidade transcendente é misteriosa, seja nossa consciência, enquanto ela é imanência, seja nosso mundo como totalidade. Transcendentais são conceitos cuja universalidade ultrapassa todas as formas diferenciadas do ser e que, portanto, valem de tudo o que, de alguma forma, participa do ser” (HUMMES, 1963, s/p).

*

SUA CASA FICAVA PARA TRÁS DA SERRA DO MIM, onde o humano excedia o ente e rumava ao abismo da procura. Era a casa em que morava “A menina de lá”. E eu sabia que esta viagem seria mais silenciosa do que se mostra para o que se oculta. Restava-me saber ver, auscultar tudo o que estava em volta, em doação ao agir poético da *physis*. Fui me aproximando de um brejo de águas límpidas, pelo que me disseram, o lugar se chamara “Temor-de-Deus”. Ainda não era possível compreender por que alguém temeria o Sagrado e não o amaria.

Vi Nhinhinha, ela não parecia temer nada. Só teme ou se intimida com as coisas quem não é por inteiro, quem se vê apartado da *physis* e não entra em diálogo silencioso e escuta o real se dando a ver em seu acontecer incessante. Ela estava ali, em estado silencioso, meditativa, sentindo. “Fazia vácuos”, abrindo clareiras para ver o extraordinário rio do mundo, rio caudaloso e de águas correntes. Nhinhinha abria-se para o mistério da *physis*. Mas ninguém a entendia. O pai aparece e diz: “— ‘Ninguém entende muita coisa que ela fala...’” (ROSA, 2005, p. 65).

O que ninguém acreditava: tomou a ordem de palavra. Pensei: palavra nomeia mundo. O que Nhinhinha habita era linguagem e doava-se ao seu mistério silencioso, para que o inaudível e o invisível do mundo pudessem ser ouvidos/vistos. A Menina não era nem tanto daqui nem tanto de lá, mas vivia no “entre” o mundo daqui e o mundo de lá, habitava o “eu por detrás de mim”, o qual buscava o narrador de “O espelho”. A Menina de lá era só a pura Vida. Nhinhinha gostava de mim, no tempo em que passei na casa dela, conversávamos bastante. Foi numa dessas conversas que entendi que a travessia de Nhinhinha vigorava em torno – no entre do mundo – de existir transcendendo em silêncios e escuta. Ela dialogava com o universo de mistérios do mundo de lá:

Ela apreciava o casacão da noite. — “*Cheinhas!*” — olhava as estrelas, deléveis, sobre-humanas. Chamava-as de “*estrelinhas pia-pia*”. Repetia: — “*Tudo nascendo!*” — essa sua exclamação diletta, em muitas ocasiões, com o deferir de um sorriso. E o ar. Dizia que o ar estava com cheiro de lembrança. — “*A gente não vê quando o vento se acaba...*” Estava no quintal, vestidinha de amarelo. [...] Suspirava, depois: — “*Eu quero ir pra lá.*” — Aonde? — “*Não sei.*” (ROSA, 2005, p. 66)

Foi depois desse encontro com a Menina de lá que questioneei: será que Nhinhinha tinha mesmo consciência de sua condição de humano? Será que o “lá” o qual ela pedia para

ir não é o próprio real acontecendo em pura vida, em “tudo nascendo”, e que só pode ser visto por quem não tem urgência do mundo do “aqui e agora”, feito o Pai, a Mãe e Tiantônia, que eram quem temiam a Deus e tinham um medo extraordinário das coisas? Deixa... Deixa...

Nhinhinha começou a querer as coisas. Passou mesmo a fazer milagres – o milagre da vida vem da escuta da *physis* –; trabalhava feitiços. Queria o sapo, ele aparecia; pedia uma pamonhinha de goiaba, aparecia uma dona, de longe, trazendo o doce. Um dia quis o arco-íris, choveu. Nhinhinha se alegrou tanto, tão extraordinariamente, com a refrescação do dia. “Fez o que nunca se lhe vira, pular e correr por casa e quintal. — ‘Advinhou passarinho verde?’ — Pai e Mãe se perguntavam” (ROSA, 2005, p. 68). A Menina sentia a alegria de se saber entre-ser/mistério em meio ao real.

Mas um belo dia foi repreendida por Tiantônia, adoeceu. No que a tia ralhou, houve uma quebra no acontecer de Nhinhinha no mundo daqui. A Menina se viu repreendida, castrada, por apenas ser. Isso a entristeceu e a fez querer voltar a ligar-se ao mundo de lá, e morreu. No vilarejo, disseram que foi “da má água desses ares. Todos os vivos atos se passam longe demais” (ROSA, 2005, p. 68). Uma tristeza só! A gente sentindo “muitas diversas dôres, de todos, dos de casa: um de-repente enorme” (ROSA, 2005, p. 68).

Deixa... Deixa... Ninguém nem nunca compreendeu Nhinhinha, ela não era mesmo do mundo daqui. Não percebiam que o milagre da Menina de lá estava em habitar a linguagem de maneira tão radical que ao nomear as coisas estas aconteciam, passavam a existir? Percebam, meus caros, as coisas só acontecem quando são deixadas ser. “Deixar ser” é a essência mesmo da liberdade. E Nhinhinha, por habitar a abertura entre lá—aqui aprendeu a deixar o ser das coisas se manifestar, esse era o seu milagre.

A travessia de Nhinhinha para o tornar-se acontece no momento de sua transcendência ao mundo de lá, à abertura para o local onde céu (lá) e terra (aqui) se encontram; e esse encontro manifesta-se pela imagem-questão do arco-íris, o horizonte tão almejado de se alcançar, e que por isso mesmo se faz tão envolvente e arrebatador, e atua como potência instituidora do vínculo indissolúvel entre mundo e homem (SOUZA, 2002). Eis que eis: é em busca do horizonte do existir que traçamos nossa travessia para o tornar a ser humano.

Ao vivermos o horizonte vamos existindo em estado de transcendência. Foi Nhinhinha que nos ensinou isso, quando coroa o seu existir no momento de sua passagem para o mundo de lá. Neste momento, portanto, é que se manifesta o tornar-se de Nhinhinha. O motivo da viagem de “A menina de lá” é a transcendência que se anuncia e com ela e a

partir dela a morte se desvela como o berço da vida, parecendo transmutar a face sombria que havia acabrunhado o menino de “As margens da alegria”, confinando-o na circuntristeza. Na sequência, a morte é, outra vez, fonte da vida: morte de um, vida para outros (FARIAS, 2005).

E mais uma vez o corpo serenou: suspensão no pensamento. Deixa... Deixa... É preciso partir em travessia, meu lugar agora era o de colocar-me frente à imprevisibilidade da vida. E foi no que deu...

*

ENORME DESGRAÇA. No vilarejo onde moravam os “Irmãos Dagobé” todos estavam em alvoroço e espantados com o acontecido. Na casa dos irmãos, o velório do mais velho deles, Damastor, reunia pessoas de todos os cantos falando entre dentes. Medo e assombro pairavam no ar. Nesta estória o oculto está a todo momento velando-se mais do que desvelando-se. Fui entrando devagarinho, tentando não ser notada. A vontade era apenas de entender o que estava acontecendo. Eis que ouvi a estúrdia proposição! Eis que eis:

um lagalhé pacífico e honesto, chamado Liojorge, estimado de todos, fora quem enviara Damastor Dagobé, para o sem-fim dos mortos. O Dagobé, sem sabida razão, ameaçara de cortar-lhe as orelhas. Daí, quando o viu, avançara nele, com punhal e ponta; mas o quieto do rapaz, que arranjara uma garrucha, despejou-lhe o tiro no centro dos peitos, por cima do coração. Até aí, viveu o Telles” (ROSA, 2005, págs. 71-72).

O espanto! E era mesmo estranho que os outros irmãos estivessem quietos, sem quererem obrar vingança, após ouvirem tal fato narrado da morte do irmão. Pelo que falavam, os Dagobé eram todos facínoras, gente que não prestava, viviam, sob a chefia despótica do morto, em estreita desunião. Não tinham ninguém, nem mulher, nem parentes.

Agora, porém, durante que o morto, em não-tais condições, deixava de oferecer perigo, possuindo [...] só aquela careta sem-querer, o queixo de piranha, o nariz todo torto e seu inventário de maldades. Debaixo das vistas dos três em luto, devia-se-lhe contudo guardar ainda acatamento, convinha” (ROSA, 2005, p. 71).

Mas eis que eis, que os Dagobé ainda depositavam o medo em quem os olhasse. Fui adentrando pensamento e observando tudo ao redor. E pelo mais que ser, que haver, comecei a perceber que a viagem a qual estava percorrendo junto aos Dagobé era pelo pôr-se em obra de espanto indo bater de frente com a imprevisibilidade da vida. O inesperado, digo a vocês,

contém a verdade da ficção. Estávamos, todos, esperando que os irmãos que ficaram fossem cumprir vingança em nome do morto. “Mas tudo tinha um ar de espantoso” (ROSA, 2005, p. 71).

A vida, senhores, não é uma travessia pelo já-sabido, mas pelo inesperado, pelo não-sabido que se põe em obra. Foi Heráclito, no fragmento 18, que nos sugeriu que: “Se não se espera, não se encontra o inesperado, sendo sem caminho de encontro nem visão de acesso.” E foi de incerta feita:

Aquilo podia se entender? Eles, os Dagobé sobrevividos, faziam as devidas honras, serenos, e, até, sem folia mas com a alguma alegria. [...] Se assim, qual nada: a ninguém enganavam. Sabiam o até-que-ponto, o que ainda não estavam fazendo. Aquilo era quando as onças. Mais logo. Só queriam ir por partes, nada de açodados, tal sua não rapidez. Sangue por sangue; mas, por uma noite, umas horas, enquanto honravam o falecido, podiam suspendera as armas, no falso fiar. Depois do cemitério, sim, pegavam o Liojorge, com ele terminavam” (ROSA, 2005, p. 72).

NADA. O assombrável é que os Dagobé iam e vinham e nada acontecia. Pelo menos não o esperado do que o de sempre faziam. O pálido pasmo era o que nos tomava. Me remexi em ideias: será que os irmãos Dagobé tinham mesmo era tornado a vir a ser outros? Esta viagem a qual embarcamos iria nos conduzir ao inesperado do ser? A morte de Damastor aconteceria para os irmãos como o *salto mortale* para a transformação rumo ao existir?

A gente espiava os Dagobé, aqueles três pestanejares. Só: — “*Dei’sta...*” — o Dismundo dizia. O Derval: — “*Se esteja a gosto!*” — hospedoso, a cara honrava. Severo, em si, enorme o Doricão. Só fez não dizer. Subiu na seriedade (ROSA, 2005, p. 73-74).

E era o que era: o moço Liojorge, ao final, ainda foi à casa dos Dagobé pedindo permissão para segurar o caixão do Damastor. Vejam só! “Seria assim de alma entregue, uma humildade mortal” (ROSA, 2005, p. 74). E os irmãos nada não faziam, só falaram o quase: “— ‘*Hum... Ah!*’ Que coisa” (ROSA, 2005, p.74). Pensei palavra: Liojorge era mesmo o destinado lançado ao nada, conduzindo, pela morte, a transformação dos três irmãos. A morte de Damastor cumpre-se como o salto mortal ao existir. Depois de tudo acontecido, do caixão fechado e enterrado, o silencio se torcia. Dismundo, Derval e Doricão deram cabo de terminar o interminável. Só ouvimos: “— ‘*Moço, o senhor vá, se recolha. Sucede que o meu saudoso Irmão é que era um diabo de danado...*’” (ROSA, 2005, p.75).

E no pé-tintim daquele entremeamento, ainda virou-se para a gente, o Doricão, agradecido, e soltou: “— ‘*A gente, vamos’embora, morar em cidade grande...*’ O enterro estava acabado. E outra chuva começava” (ROSA, 2005, p. 75). E envoltos em alguma

alegria, de solerte contentamento, os três irmãos seguiram viagem, livres para o acontecer inesperado da vida.

Se assim, qual nada, lhes falo, é no percurso da viagem, em escuta silenciosa dos acontecimentos, que os três irmãos foram libertando-se ao aberto, à clareira do abismo de ser: eis o motivo da viagem dos Dagobés. E, portanto, ao tornarem-se à vida após a morte do irmão mais velho, se colocam em disposição para o existir. Na estória dos irmãos Dagobé, o existir se apresenta é na soleira da mesma porta por onde se esgueirou a morte. E isso podia se entender? A vida nos pede escuta.

Após esta experiência de transformação pela morte, o coração da gente fica sobressaltado, sem entender muito bem o quê das coisas. Coloquei-me a atravessar pensamento, caminhar para tentar entender a experiência de sermos lançados para a morte como a apoteose da vida. O que seria isso? Tudo, a todo momento, se faz mais uma vez a ponta do mistério. Segui, seguimos ∞

*

Fui dar por mim, estava em meio a “A terceira margem do rio”, chegando numa casinha que ficava na beira de um grande rio, caudaloso, sereno e de entre-margens grandes. Vi todo o acontecido de longe ainda: um homem velho, saiu de dentro da casa com um remo na mão, foi indo em direção ao rio, onde estava uma canoinha tão pequena e estreita que só cabia era ele mesmo. De repente, ouvi um grito: “O pai! Me leve com o senhor”. O homem nem estremeceu, só olhou para trás e fez o gesto de abençoar o filho. Entrou na canoa, se acomodou, e foi em direção à outra margem. Mas para a minha (nossa) surpresa, parou de remar bem no meio do rio e lá ficou.

“NOSSO PAI ERA HOMEM CUMPRIDOR, ORDEIRO, POSITIVO, e desde menino era assim aquele pai em “A terceira margem do rio” (ROSA, 2005, p. 77). Virei-me de espanto e de esbarro. Era o filho mais velho que falava comigo, e logo me convidou a entrar em sua casa. Começou a me contar do pai, disse que era homem quieto, mas que não figurava mais estúrdio. Por isso estranharam quando ele encomendou uma canoa especial, com madeira das mais fortes e bem pequena, e se lançou para o entre-rio sem nada mais dizer.

Nosso pai nada não dizia. Nossa casa, no tempo, ainda era mais próxima do rio, obra de nem quarto de légua: o rio por aí se estendendo grande, fundo, calado que sempre. Largo, de não se poder ver a forma da outra beira. E esquecer não posso do dia em que a canoa ficou pronta. Sem alegria nem cuidado, nosso pai encalocou o chapéu e decidiu um adeus para a gente. Nem falou outras palavras, não pegou matula e trouxa, não fez a alguma recomendação (ROSA, 2005, p. 77).

Rumou para o rio, para o meio do rio largo, fundo, calado, sabendo que ali iria encontrar o silêncio de que tanto precisava para dar início à travessia para o existir. E ficou lá, só mesmo com a companhia do seu chapéu que cabia era o mundo inteiro. “Nosso pai não voltou. Ele não tinha ido a nenhuma parte. Só executava a invenção de se permanecer naqueles espaços do rio, de meio a meio” (ROSA, 2005, p. 78). O rio vigorava na grandiosa dimensão do silêncio e da solidão, do ser consigo mesmo lançado ao nada, manifestando a versão mais original do diálogo de si com o caos do nonato – aquele que ainda não chegou a re-nascer: o não nascido para o ser.

Passei a acompanhar o filho mais velho na saga de querer trazer o nosso pai de volta. E foi o que se deu: pelo narrar do filho, fui compreendendo que aquela viagem também rumava para o existir. E “aquilo que não havia, acontecia”. Ninguém entendeu o porquê daquela ida ao entre-margens do rio, solitariamente. Nossa mãe, minha irmã, as pessoas do vilarejo, todos estavam achando que nosso pai estava era mesmo com doideira. Acharam até que nosso pai estava com doença feia, dizia o filho. Mas não, não era o nada do já-acontecido.

Era o mais: pensei! Será que a travessia para a solidão silenciosa entre-margens o conduzia cada vez para mais perto de si, para o encontro com o próprio? Nosso pai “se desertava para outra sina de existir [...] da forma como cursava no rio, solto, solitariamente” (ROSA, 2005, 78)?

Enxerguei nosso pai, no enfim de uma hora, tão custosa para sobrevir: só assim, ele no ao-longe, sentado no fundo da canoa, suspendida no liso do rio. Me viu, não remou para cá, não fez sinal (ROSA, 2005, p. 78-79).

Depois do encanto, a gente entra é no vulgar inteiro dos dias, os dos outros, não o da gente. Tudo começou a clarear, a viagem ali era compartilhada: pai—rio—filho, uma viagem entre o existir—e—não-existir. Nosso pai, quando ruma à terceira margem do rio, lança-se ao existir pelo silêncio e solidão do pensar, o rio é sua travessia, a imagem-questão da conquista da eternidade na temporalidade: tornar-se! O filho, em viagem verborrágica, até tenta trocar de lugar com o pai, mas não tem coragem de dar o salto mortal e vive no não-existir, não se apropria de si frente ao destino.

Li certa vez algo que me fez entender esta nossa viagem à terceira margem do e pelo rio. Disse Plotino (1954) que a viagem pelo rio da solidão é o encontro do sozinho com o Sozinho. Da gente com o Ser que nos co-move e nos convoca a sermos humanos em travessia, basta que nos coloquemos em posição de acolhimento/escuta.

“— *Foi o pai que um dia me ensinou a fazer assim*”! Esta viagem-solitude é que é o encontro mais radical com o divino do nosso ser, se dando em diálogo entre iguais, no qual, pelo silêncio e escuta, o divino se humaniza e o humano se diviniza. Nesta viagem-ensozinhamento, a solidão passa a ser a morada do ser, e o silêncio, sua linguagem.

O filho ainda tentou se lançar em viagem, depois de anos acompanhando de longe o pai, eu vi. Ele não estava confortável, questionava-se um tanto, mas mais para se justificar do que para se-ir:

Sou homem de tristes palavras. De que era que eu tinha tanta culpa? Se o meu pai, sempre fazendo ausência: e o rio-rio-rio, o rio – pondo perpétuo. Eu sofria já o começo de velhice – esta vida era só o demoramento. Eu mesmo tinha achaques, ânsias, cá de baixo, cansaços, perrengues de reumatismo. E ele? Por quê? Devia de padecer demais. [...] Apertava o coração. Ele estava lá, sem minha tranquilidade. Sou culpado do que nem sei, de dor em aberto, no meu foro. Soubesse – se as coisas fossem outras. Eu fui tomando ideia.

Sem fazer véspera. Sou doido? Não (ROSA, 2005, p. 81).

Era certo: o filho se iluminara, seu coração chegou até a bater no compasso do mais certo. Nosso pai tinha o escutado? Se sim, se não. Não adiantou. O filho tremia era profundo. Não dava conta de se lançar: queria era continuar no vivente do mundo a ter que passar pela experiência de tornar-se. Ele não podia... “Por pavor, arrepiados os cabelos, corri, fugi, me tirei de lá, num procedimento desatinado. [...] E estou pedindo, pedindo, pedindo, um perdão” (ROSA, 2005, p. 82).

Fiquei sabendo mais tarde que o filho passou a sofrer de grave frio dos medos, adoeceu, perguntava-se a todo momento se era mais ou menos homem depois desse falimento. “Sou o que não foi, o que vai ficar calado. Sei que agora é tarde, e temo abreviar com a vida, nos rasos do mundo” (ROSA, 2005, p. 82). Do nosso pai, ah, desse ninguém teve mais notícias...

Eis a travessia que todo ser humano deve empreender: o percurso silencioso dele com ele mesmo, dando um passo além do percurso para o existir. O entusiasmo de tornar-se humano pode acontecer na excessividade de um silêncio cheio de mais outros sons ou irromper misteriosamente em palavra de voz, cujo brotar é o fruto mais concreto de um

encantamento operado na alma. E tive de seguir viagem, para dar em outras bandas, numa outra cidadezinha e deparar-me com a em-cen-ação da vida.

*

AQUILO NA NOITE DO NOSSO TEATRINHO FOI DE OH. Aquilo é isto que se dá a ver nesta viagem de existir. O espanto de ser — OH — é para os puros mistérios. Para qualidade de uma alma encantada; um estado puro e profundo de alma que eclode em arrebatamentos de transcendência — “Pirlimpsiquice”. Tracei rota, era chegada a vez de me posicionar em frente ao entremeio do encantado da vida, sua verdade em desvelo que se vela em brotação do novo. Sentir-me avocada, convocada pelo imperioso vigor de existir, tendo-me de religar à infância imemorial, na qual residem os embriões de todas as formas de vida: pirlimpsiquice?

E foi o que sucedeu! Para tentar compreender mais esta vereda-questão, proponho um pacto: um percurso de puro entusiasmo pela/com a vida que se faz incessante criação de nova-idade. Ao longe, começo a ouvir o narrar de um dos garotos do Colégio do Dr. Perdigão, o ensaiador. Reparem:

O estilo espavorido. Ao que sei, que se saiba, ninguém soube sozinho direito o que houve. Ainda, hoje adiante, anos, a gente se lembra: mas, mais do repente que da desordem, e menos da desordem do que do rumor. [...] Tivemos culpa de seu indesfecho, os escolhidos para o representar? (ROSA, 2005, p. 83).

Às vezes penso, às vezes não! Será que estamos embarcando numa viagem pelo narrar que nos faz re-viver? Será esta uma viagem pelo inesperado em busca da verdade narrada — esta que se desvela, velando o seu ser? Os garotos de “Pirlimpsiquice”, no início da estória, propuseram um pacto de puro entusiasmo com a vida, esta que é a incessante invenção – criação – de novas-idades – ser e tempo.

Mais uma vez senti um ar fino de cheiros desconhecidos, e isso me alegrava. Estava pronta para embarcar em mais uma travessia-aprendizagem para ser: tornar-me. Queria era mesmo entender o motivo desta nova viagem. Fui acompanhando o narrar das aventuras dos garotos pelo ficcionar, eles iam re-criando narrativas, re-colocando questões e re-presentando novas ideias que presentificavam todas as coisas já outrora vividas. Sim, era isso. A viagem a qual embarcamos em “Pirlimpsiquice” vai em busca de uma verdade

narrada que acontece é mesmo no aqui-agora manifestativo dos acontecimentos, não há roteiro, nem muito menos ensaio que dê conta da vida-verdade. Ela acontece é no meio da travessia.

Os fatos, meus caros, eu os narro: foram chamados pelo padre Prefeito em companhia do Dr. Perdigão, os garotos para encenarem a peça de final de ano do Colégio. “Então, cada um teve de ler do texto alguma passagem, extraindo de si a melhor voz bonita, que pudesse; leu-se desabaladamente.” (ROSA, 2005, págs. 83-84). Até, então, o texto acertado pelos padres não abalou as vias de ser dos garotos da escola, tudo corria no certo pelo certo.

Depois de acertados os papéis e distribuídas as falas, combinaram de manter segredo sobre a estória que seria contada. “— *‘Ninguém conta nada aos outros, do drama!’* Concordados, combinou-se, juramos. Careciam-se uns momentos, para a grandiosa alegria se ajustar nos cantos das nossas cabeças. A não ser o Zé Boné, decerto” (ROSA, 2005, p. 84). Este era o único que não atentava ao juízo, pelo menos não ao juízo ordinário do mundo.

Zé Boné, com efeito, regulava de papalvo. Sem fazer conta de companhia ou conversas, varava os recreios reproduzindo fitas de cinema: corria, pulava, à celerada, cá e lá, fingia galopes, tiros disparava, assaltava a malaposta, intimando e pondo mãos ao alto, e beijava afinal [...] Dele, bem, se ria. O basbaque (ROSA, 2005, p. 84).

Estava muito dentro dele mesmo, em algum cantinho de si. Digo a vocês, se de cá não me engano, era o Zé Boné que no meio desta representação — “*Representar é aprender a viver além dos levianos sentimentos, na verdadeira dignidade*” (ROSA, 2005, p. 85) — operava a paideia mitopoética, realizando a arte enquanto vida, *i.e.*, se dando em verdade de acontecer. Se e se? A gente a ver, à espera.

A grande questão em “Pirlimpsiquice” é a questão da verdade. Mas qual seria, portanto, o critério de verdade o qual a estória manifestava? Fui percebendo durante o percurso narrado que a estória da nossa vida vai tomando um rumo que tem que ser – o não planejado, o destinado. E que a estória dos meninos do Colégio se assemelha mesmo é com a vida da gente, quando estabelece um jogo entre ficção e realidade, para o qual a verdade é o que se busca durante a caminhada-encenação.

Se as coisas fossem outras? Poderíamos dizer que realidade e ficção são coisas completamente adversas, certo? Não, já vimos anteriormente nesta tese-viagem-narrada que ficção e realidade estão totalmente imbricadas pelo critério da verdade manifestativa do real. Mas dessa questão já temos o prazo de entendimento.

Voltando para o motivo da viagem – aquilo que move e co-move ao tornar-se – é necessário dizer que em “Pirlimpsiquice” a viagem feita pelas personagens, a qual se

manifesta como “encenação”, vai em busca da verdade (*aletheia*) enquanto brotação do novo, desconstruindo certezas e adequações, rumando pelo desconhecido encantado da vida, manifestado no ato de ficcionar.

A verdadeira estória a ser contada não era a imposta pelo Dr. Perdigão, aquela de contentamento ensaiada, mas que não fazia sentido de ser. E na hora de encená-la, foi o que se deu:

Não era o monte de momento, sim, não. Era a hora na hora. Parecia que nos empurravam – para o de todo sem propósito. Me punham para a frente. Só ouvi as luzes, risos, avistei demais. O silêncio. Eu estava ali, parado, em pé, de fraque, a beira-mundo do público, defronte. E, que queriam de mim, que esperavam? (ROSA, 2005, p. 89).

A vida não é ensaiada, ela se manifesta é no acontecer misterioso da *physis*.

E tinha-me lembrado da terrível coisa, meu-deus, então ninguém tinha pensado nisso, antes? Porque, aquele arranjo de todos nós no palco, vindos ao proscênio, eu adiante, era conforme o escrito no programa [...] Mas, esses versos, eu não sabia! [...] Um minuto parou. [...] explicavam-me o que eu já sabia que não sabia, não podia (ROSA, 2005, p. 89).

E foi que Zé Boné começou a re-apresentar a toda encenação criada é ali mesmo, no momento exato que a vida acontecia: “Zé Boné representava – de rijo e bem, certo, a fio, atilado – para toda a admiração. Ele desempenhava um importante papel, o qual a gente não sabia qual. [...] Ele recitava com muita existência” (ROSA, 2005, p. 90).

A verdadeira estória era aquela que ia se fazendo/ficcioneando durante a própria encenação/viagem – “a nossa estória”, “a estória de verdade do drama”. E que comovia a todos a seguir na encenação da vida:

Num instante, quente, tomei vergonha; acho que os outros também. Isso não podia, assim! Contracenamos. Começávamos, todos, de uma vez, a representar *a nossa inventada estória*. Zé Boné também. A coisa que aconteceu no meio da hora. Foi no ímpeto da glória – foi – sem combinação. Ressoaram outras muitas palmas (ROSA, 2005, p. 90).

Certo em mim, apanhara com o olhar cada sílaba do horizonte daquela estória encenada. A vida, como a arte, não é representação como mera imitação de qualquer coisa que seja, mas a verdadeira re-apresentação, re-colocação, re-nascimento das mesmas questões que nos solicitam desde sempre a nossa humanidade, e cada um vai encenando sua viagem, buscando pelo ato criador originário – ficcionar – ir dando sentido ao próprio do seu ser, rumando a tornar a ser – existir – humano.

Os garotos do Colégio do Dr. Perdigão conseguem transcender em humanidade quando se vêem em meio aquele “estro estrambólico”, e conduzem a todos a ver o teatro²⁶ da apresentação e da re-apresentação do mito, aquilo que nunca parava, não tinha fim. A encenação dos garotos “tomava o forte, belo sentido, esse drama do agora, desconhecido, estúrdio, de todos o mais bonito, que nunca houve, ninguém escreveu, não se podendo representar outra vez e nunca mais” (ROSA, 2005, p. 91).

Fui ficando extasiada de tanta vida se fazendo presente ali naquele teatrinho. Os garotos “protagonistas, outros atores, as figurantes figuras, mas personagens personificantes” (ROSA, 2005, p. 91) pelo ato de re-apresentar o extraordinário mistério do tornar-se. Zé Boné conduzindo a todos com seu brilho, seria o melhor de todos? E “era. Ei. E. Fulge, forte, Zé Boné! — freme a representação” (ROSA, 2005, p. 91).

Zé Boné estava todo em si, presente, vivendo com intensidade o papel destinado a ele, o de conduzir-nos ao encontro de nós mesmo, pela verdade de ser; nos fazendo acolher “que a gente era outros — cada um de nós, transformados” (ROSA, 2005, p. 91). Sem combinação nenhuma, apenas “transvivendo, sobrecrentes, disto: que era o verdadeiro viver? E era bom demais, bonito — o milmaravilhoso — a gente voava, num amor, nas palavras: no que se ouvia dos outros e no nosso próprio falar” (ROSA, 2005, p. 91).

Eu precisava seguir viagem, mas estava impossível o terminar de viver aquele ato, fiz força tentando me soltar do encantamento, carecia de seguir para outras veredas bem mais altas e longes dali, mas como terminar? Só existia um jeito: “Só uma maneira de interromper, só a maneira de sair — do fio, do rio, da roda, do representar sem fim” (ROSA, 2005, p. 91). E era a de ir para a beirada do palco, no abismo de se ir, de propósito, se despencando dali, como se alguma coisa fosse começar ou parecia que o mundo ia acabar.

*

²⁶Teatro, do latim *theātrum*, com referência ao grego *théatron*, é uma palavra formada pela raiz *thea-*, que significa “contemplar”, e pelo sufixo *-tron*, que indica “lugar”; logo, espaços que se dão a ver; aquilo que se manifesta e se mostra a ver. Para Copeliovitch (2014), o teatro está relacionado a uma presentificação da ação originária do mito no tempo e no espaço, no aqui e no agora. E esses espaços que se dão a ver estão vazios — são como uma folha em branco do poeta à espera do começo da escrita — e para onde o observador volta o seu olhar, contemplando o vazio cheio de mistério do abismo do mundo.

“Nenhum, Nenhuma”. Era mesmo eu adentrando o sertão novamente, indo para longe, em recomeçadas distâncias e quando atinei já estava “DENTRO DA CASA-DA-FAZENDA, ACHADA, AO ACASO DE outras várias” (ROSA, 2005, p. 93). Questionei-me o que encontraria ali, num lugar tão ermo e parecendo abandonado. Mas, ao mesmo tempo, existia um clima de encantamento que atravessava as fronteiras da memória entre o sonho e a realidade, entre ser e não-ser. Tremeluzi.

“A mansão estranha, fugindo, atrás de serras e serras, sempre, e à beira da mata de algum rio, que proíbe o imaginar” (ROSA, 2005, p. 93). Tudo estava ainda muito nevoado, não sabia onde tinha chegado, quem morava naquela casa, que pelo olhar trazia dor e abandono, mas tinha ao mesmo tempo, relembrações de um amor de outrora. Duvido-me — Minha memória me traía? “Ou talvez não tenha sido numa fazenda, nem do indescoberto rumo, nem de longe? Não é possível saber-se, nunca mais” (ROSA, 2005, p. 93).

De relance, um Menino aparece em um dos quartos. Tudo acontecia à minha frente tal qual um filme em preto-e-branco e esfumado, sem saber identificar se era fato de agora ou coisa presa na retentiva da gente. O Menino olha assustado para o fundo do quarto e vê um homem já quase sem aparências, mas que aparentava ser bem mais velho, entrando em anos. O quarto, a casa, o Menino, o homem velho, tudo – relendo-se na memória – era a lembrança de um tempo que “*nunca mais houve*” (ROSA, 2005, p. 93).

A viagem agora, meus caros, é a viagem-metáfora do atravessamento do tempo que vai manifestando-se nas personagens-questão do Menino, do Moço e do Velho. É uma viagem pelo jogo da memória em busca do torna-se, viagem de rememoração, pela relembração, de um tempo que já houve, mas que a cada viagem de volta pela lembrança é acionado novamente, num movimento de vai-e-vem, de lembrança-esquecimento, que recria a realidade vivida.

Me via envolta em uma névoa conduzida pelas Musas — em “Nenhum, Nenhuma”, são as filhas de Mnemosine que conduzem o jogo pelo fio-narrativo da relembração, misturando personagens no tempo, em que o eu que narra os acontecimentos da vida de um eu-narrado são a mesma pessoa: Menino-Moço-Velho que se procura pelas reminiscências de um passado que, mesmo não tão distante temporalmente, se faz abismal emocional e psicologicamente. E

O homem sem aspecto tenta agora parecer-se com outro — um desses velhos tios ou conhecidos nossos, deles o mais silencioso. Mas, segundo se apurou, não era. Alguém, apenas chamara-o, na ocasião, de nome com aproximada assonância; e os dois, o ignorado e o sabido, se perturbam. Alguém mais, pois, ali entrara? A Moça, imagem. A Moça é então que reaparece, linda e recôndita. A lembrança em torno dessa Moça raia uma

tão extraordinária, maravilhosa luz, *que, se algum dia eu encontrar, aqui, o que está por trás da palavra “paz”, ter-me-á sido dado também através dela.* Na verdade, a data não poderia ser aquela. Se diversa, entretanto, impôs-se, por trocamento, no jogo da memória, por maior causa (ROSA, 2005, págs. 93-94).

O jogo entre esquecimento e lembrança proposto pelas Musas e narrado entre-vozes do Menino-Moço-Velho nos lança ao abismo do procurar, pela memória, ao próprio de nós mesmo, acontecendo junto às personagens, atravessando o tempo em busca de nossa humanidade. Evitava o de evitar: é pela memória que vamos nos construindo enquanto entre-acontecer-que-procura rumando ao existir.

Nesta estória, o eu-narrado (Menino-Moço) só consegue rumar à procura do existir pelo narrar do eu-narrador (Moço-Velho), num jogo da memória o qual o passado torna-se presente plasmando possibilidades de futuro. Para seguir a viagem, é preciso fazer o jogo:

Tenho de me lembrar. O passado é que veio até mim, como uma nuvem, vem para ser reconhecido: apenas, não estou sabendo decifrá-lo. [...] Orientar-me! — como um riachinho, às voltas, que tentasse subir a montanha. [...] Tenho de me recuperar, deslembrar-me, excogitar — que sei? — das camadas angustiosas do olvido. Como vivi e mudei, o passado mudou também. Se eu conseguir retomá-lo (ROSA, 2005, págs. 96-97, grifos do autor).

Já sabemos, não sabemos? Que é vivendo que se aprende; mas o que se aprende, mais, é só fazer outras maiores perguntas. Questiono-me: para onde essa lembrança iria me levar? O que em mim estava cravado nesta estória-viagem pela qual estava atravessando? Nenhum juízo, nenhuma ideia, apenas seguia o caminho, pensando que o Menino-Moço-Velho se narrava entre reminiscência de uma vida em que “*As lembranças são outras distâncias*” (ROSA, 2005, p. 98), e então revela-se em aprendizagem poética para tornar-se, e realiza: “A gente cresce sempre, sem saber pra onde” (ROSA, 2005, p. 98).

Ao lermos “Nenhum, nenhuma” sentimos como se tivéssemos adentrado labirintos de memória de nós mesmos, sem ainda termos nos entregado à escuta do ser, pelo menos não completamente. Como no Mito da Caverna, de Platão, vamos em direção à saída, olhando para a luz e descegando aos poucos os olhos. São lampejos intermitentes do que sempre fomos e seremos, mas essas lembranças ainda estão vigorando no escuro imemorial. Deve haver, aqui, uma entrega radical, sem medo de enxergar-se, para que não nos afastemos de realizarmo-nos.

E o Menino sabia, sem saber, que deveria adentrar a casa da memória:

Tudo não demorou calado, tão fundamente, não existindo, enquanto viviam as pessoas capazes, quem sabe, de esclarecer onde estava e por onde

andou o Menino, naqueles remotos, já peremptos anos? Só agora é que assoma, muito lento, o difícil clarão reminescente, ao termo talvez de longuíssima viagem, vindo ferir-lhe a consciência. Só não chegam até nós, de outro modo, as estrelas (ROSA, 2005, p. 94).

E deixar-se conduzir pelo jogo de velamento e desvelamento das Musas:

Ultramuito, porém, houve o que há, por aquela parte, até aonde o luar do meu mais-longe, o que certifico e sei. A casa — rústica ou solarenga — sem história visível, só por sombras, tintas surdas: a janela parapeitada, o patamar da escadaria, as vazias tarimbas dos escravos, o tumulto do gado? Se eu conseguir recordar, ganharei calma, se conseguisse religar-me: adivinhar o verdadeiro e real, já havido. Infância é coisa, coisa? (ROSA, 2005, p. 94, grifos do autor).

A viagem que fazíamos agora — o Menino-Moço-Velho e eu — se dava por entre lembranças e esquecimentos, desde as infância que, enquanto coisa em causa, se dava a (re)ver pelos olhos da memória, nos conduzindo ao encontro com o nosso destino, sabendo-nos e não sabendo-nos, vivendo entre ser e não-ser. Devemos sempre estar presentes, tendo em mente que a vida não tem fundo e, por isso mesmo, carece que tenhamos coragem de saltar ao abismo, procurando fazer da nossa estada na casa da memória uma viagem rumo ao existir. Tenhamos zelo na escuta, pois o canto das Musas pode nos iludir!

Na própria precisão com que outras passagens lembradas se oferecem, de entre impressões confusas, talvez se agite a maligna astúcia da porção escura de nós mesmos, que tenta incompreensivelmente enganar-nos, ou, pelo menos, retardar que perscrutemos qualquer verdade (ROSA, 2005, p. 94, grifos do autor).

O que estava para ser revelado pelas relembrações? Quem eram essas pessoas que circulavam na memória e faziam o Menino duvidar se aquela viagem era para ele mesmo? Era preciso re-posicionar o pensamento, sabendo que muitas vezes o que turva irá, em algum momento, clarear. Escutar o pensamento, questionar o caminho, talvez, mudá-lo? Quem sabe? “*As nuvens são para não serem vistas. Mesmo um Menino sabe, às vezes, desconfiar do estreito caminhozinho por onde a gente tem que ir — beirando entre a paz e a angústia*” (ROSA, 2005, p. 95, grifo do autor).

Saibam, o que não podia acreditar, tomava ordem de palavra! Duas questões presentes na viagem para o existir são paz e angústia. Por elas vamos travando nosso percurso, como se fossem pontes interligadas que nos conduzem à caminhada. Não temos como escapar de, em momentos extremos de calma oriundos de verdades desveladas, estas tornarem a se velar e nos re-colocarem no seio da angústia: este é o agir originário do

percurso do humano. É na estranheza da angústia que nos procuramos, vislumbrando o saber que habita todo não saber.

Devemos transverberar este embuço, peço que me acompanhem nesta jornada do pensar! De certa maneira, a angústia está diretamente ligada à nossa condição humana enquanto seres finitos, ou seja, à nossa finitude. É ela, a angústia, que nos corta a palavra, nos retira da linguagem, pelo fato de enquanto presença tentarmos fugir do caminho e, assim, justamente, sermos acossados pelo nada, em sua presença, o qual emudece qualquer dicção do ser.

Atentem! O fato de nós procurarmos, muitas vezes, na estranheza da angústia, rompendo o vazio do silêncio com palavras sem nexos, é apenas o testemunho da presença do nada. E que a angústia revela o nada enquanto clareira de possibilidades, já o sabemos no momento em que a própria angústia se afasta. E, de posse da claridade do olhar, a lembrança recente, manifestada pela memória, nos leva a entender que diante de nós e por nós a angústia nos aparece para que possamos percorrer o nada (HEIDEGGER, 1979).

Vivemos sempre na angústia do nada. É ela que nos solicita a procura por nós mesmos, sabendo-nos finitos, vamos numa busca angustiante por nos conhecermo-nos. E muitos são os caminhos para o desvelo de quem somos — assim, existimos. Ao Menino de “Nenhum, nenhuma” foi apresentado o caminho pela relembração de uma vida de outrora para que pudesse ir se re-fazendo, re-construindo, re-vivendo. Talvez isso explique o fato de “Àquela casa, como e por que viera ter o Menino?” (ROSA, 2005, p. 95).

Tudo era relembração de re-construção do que foi, do que é, do que pode vir a ser. As velhas estórias passadas, guardadas na memória, e que devido ao tempo em que passou não as revisitando, pareciam estar encurtadas pelo esquecimento. Era preciso esforço para lembrar: serenidade, silêncio, escuta.

Tênue, tênue, tem de insistir-se o esforço para algo lembrar, da chuva que caía, da planta que crescia, retrocedimento, por espaço, os castiçais, os baús, arcas, canastras, na tenebrosidade, a gris pantalha, o oratório, registros de santos, como se um pedaço de renda antiga, que se desfaz ao se desdobrar, os cheiros nunca mais respirados, suspensas florestas, o porta-retratos de cristal, floresta e olhos, ilhas que se brancas, as vozes das pessoas, extrair e reter, revolver em mim, trazer a foco as altas camas torneado, um catre com cabeceira dourada; talvez as coisas mais ajudando, as coisas, que mais perduram (ROSA, 2005, p. 95, grifos do autor).

O texto em itálico nos traz o pensamento angustiado do Velho – antes, Menino – que se mistura a voz que narra, em ação de rememorar sua vida. Tudo parece estar a ponto de se desvendar, como se fosse mesmo “um pedaço de renda antiga, que se desfaz ao se

desdobrar”, era só continuar o movimento de ir se lembrando, extraindo, retendo e revolvendo na memória, para, revivendo, renascer ao existir. Até a velhinha veio em seu pensamento para que lhe dizer que ela “não era a Morte, não. Nem estava morta. *Antes, era a vida. Ali, num só ser, a vida vibrava em silêncio, dentro de si, intrínseca, só o coração, o espírito da vida, que esperava*” (ROSA, 2005, p. 96, grifos do autor). A vida estava se manifestando enquanto canto das Musas para que o Menino-Moço-Velho pudesse dar o *salto mortale*.

Só que tudo ainda se fazia muito nebuloso. E ele parecia ter consciência disso, ou talvez medo de se entregar às lembranças. Dizia a si mesmo: “— ‘*Você ainda não sabe sofrer...*’” (ROSA, 2005, p. 96), como se entendesse que toda aquela rememoração fosse lhe trazer sentimentos de muita dor que talvez não fosse capaz de sentir. Mas, ao mesmo tempo sabia que precisava dar o primeiro passo à liberdade de tornar-se: “*Tenho de me lembrar. O passado é que veio a mim, como uma nuvem, vem para ser reconhecido: apenas, não estou sabendo decifrá-lo*” (ROSA, 2005, p. 96).

Viajar pelas páginas de “Nenhum, nenhuma” nos joga em uma experiência entre o conhecer-se e o desconhecer-se. Todas as imagens parecem turvas. Assim como o narrador, quase chegamos a “enxergar” a realidade que está se manifestando à nossa volta, mas nossos olhos (e ouvidos) não conseguem, muitas vezes, ir adiante, então retornamos e voltamos a tornar-nos humanos. Nesta estória, podemos ver as manifestações de possibilidades de ser humano em suas várias facetas. Pelo que consegui entender desta viagem, todas as personagens-questão – Menino, Moço, Velho, Moça, Velha – nada mais são do que as possibilidades de acontecer do narrador, e que se misturam em diálogo da memória.

Parecia coisa de invento, talvez vocês devem estar pensando! E é: a vida é o inventar-se e reinventar-se de possibilidades de vir-a-ser. Mas para fazer o jogo do existir, devemos estar muito atentos, morando em nós mesmos, pois “*Tem horas em que, de repente, o mundo vira pequenininho, mas noutra de-repente ele já torna o ser demais de grande, outra vez. A gente deve de esperar o terceiro pensamento*” (ROSA, 2005, p. 100, grifos do autor). O lançar-se ao existir requer que estejamos presentes, em posição, na terceira margem do ser, meus caros. Será que vocês já têm os prazos? Vocês, algum dia, já chegaram a existir?

“— ‘*Vocês não sabem de nada, de nada, ouviram?! Vocês já esqueceram de tudo o que, algum dia, sabiam!...*’” (ROSA, 2005, p. 100, grifos do autor).

Trasvisto, sem sofrer, rumo para as bandas de alguma outra cidade, para tentar compreender o quê de “Fatalidade” vem se misturando em nossas vidas. E este entendimento só mesmo depois de muito percorrer caminho: “Para o pobre, os lugares são mais longe” (ROSA, 2005, p. 62). Chegando à cidadezinha, encontrei um certo moço que me convidou a conhecer um amigo seu, homem de muito pensar, sendo poeta, professor e ex-sargento de cavalaria e delegado de polícia, que “Por tudo, talvez, costumava afirmar: — ‘*A vida de um ser humano, entre outros seres humanos, é impossível. O que vemos é apenas milagre; salvo melhor raciocínio*’” (ROSA, 2005, p. 101); este parecia viver entre a lei e a graça.

E quando chegamos lá na casa desse Meu Amigo nos surpreendemos com tal fato: “FOI O CASO QUE UM HOMENZINHO, recém-aparecido na cidade, veio à casa do Meu Amigo, por questão de vida e morte, pedir providências” (ROSA, 2005, p. 101). Convidados a entrar, sentamo-nos à mesa da sala, e nos colocamos a ouvir a motivação daquela viagem toda. O homenzinho, vindo do arraial do Pai-do-Padre, de nome José de Tal, mas chamado no vulgar de Zé Centralfe, era pessoa simples, miúdo, moído e concreto como uma anta, vivia o correr da vida no reto correto, sujeito à lei e a ordem do mundo: “— ‘*Sou homem de muita lei... Tenho um primo oficial-de-justiça... Mas não me abrange socorro. Sou muito amante da ordem...*’” (ROSA, 2005, p. 102). Chegara à casa do Meu Amigo pedindo auxílio para resolver uma fatalidade da vida que há tempos lhe assombrara.

Vinha pedir que Meu Amigo o ajudasse a acabar com um tal de Herculinão, de sobrenome Socó, “um desordeiro, vindico, [que] se engraçou desbrioso com a [sua] mulher, olhou para ela com olho quente” (ROSA, 2005, p. 102). E há tempos, mesmo que eles se mudassem de cidade, esse Herculinão, homem de má cabeça, os seguia e perseguia. No que o Meu Amigo parava, pensava e questionava: “— ‘*Se o destino são componentes consecutivas — além das circunstâncias gerais de pessoa, tempo e lugar... e o karma*’” (ROSA, 2005, p. 101)?

Em “Fatalidade”, o que se manifesta enquanto motivo de viagem é mesmo a questão do destino e do trágico. E mais uma vez sentia um ar fino de coisas desconhecidas. E mais uma vez era tomada por um novo senso de esperança ao não sabido. Lanço-me a percorrê-lo, tentando desvendar o que seria, naquele momento, corresponder ao destino pelo trágico. Só desta maneira poderia experienciar a aprendizagem poética do existir.

Aquela frase dita pelo Meu Amigo tilintou o juízo da gente, estávamos diante do viver entre lei e caos? Qual a relação entre destino e trágico que esta viagem-estória estava manifestando? Seria possível corresponder ao nosso destino jogando com ele, nos colocando em meio às possibilidades abertas de fluir mesmo que por meio do trágico? O que vinha a

ser o trágico? Que questão seria esta que desatinava o pensamento? Esta questão se manifesta em nós pelo simples fato de que somos nós, humanos, o caminho que se faz questão. E pelo questionar estamos sempre adiante de nós mesmo: ao perguntarmos radicalmente pelo que somos já estamos vigorando no trágico. É a questão do trágico que nos revela a relação do humano com o mundo, a essência da condição humana, sua dimensão fundamental de existência. Contudo, saibam, as respostas jamais esgotam nem definem a questão, apenas evidenciam ainda mais o humano em nós. (MACHADO, 2006).

Esta é a estória: devemos pensar o trágico enquanto a reserva criativa do real dirigindo-se a nós, humanos, como possibilidade de realização. Vocês mais uma vez irão pensar que tudo isso mais parece é coisa de invento, e é, se pensarmos a palavra invento como mais uma possibilidade de dar sentido ao real pela linguagem. Vejamos, tentarei explicar melhor essa questão do trágico que neste momento está se manifestando a nós!

O trágico enquanto questão irá nos levar a questão da referência necessária e da diferença irreduzível entre os entes e o Ser, *i.e.*, a questão da diferença ontológica entre o Ser e os entes. O trágico não deve jamais ser visto como algo catastrófico, evento acidental ou mesmo ocasional. O trágico desde sempre já é uma questão que se doa a nós em pensamento para que possamos, em diálogo criativo do pensar que habita a linguagem, corresponder ao destino e, assim, irmos percorrendo nossa aprendizagem poética enquanto entre-acontecer-do-real.

E pensar no que seja o trágico já nos coloca em travessia rumo ao nosso destino, visto que o trágico nos lança sobre a questão da liminaridade do real e do homem dentro dele. Se e se? A gente ia ver, à espera!... Às vezes me pego pensando que a vida humana já é trágica, porque o sopro de vida que vigora em nós é, de certo modo, todas as coisas, mas nós não somos todas as coisas, concordam? Vejam: todos nós, eu, você, somos e ao mesmo tempo não somos. E, apesar de termos uma leve compreensão do que seja o ser, sendo esta prévia e não questionada, jamais seremos o ser, apenas nos aproximamos dele de relance, e é por isso que vivemos em travessia à procura do que somos.

Esta travessia é a nossa própria aprendizagem poética que se dá pelo *páthei máthos* – ou seja, a aprendizagem concreta pela dor da liminaridade da existência humana, lançada, em razão do devir temporal, no eloquente balé entre vida e morte. Convido vocês a lançar o olhar – pensar – para além das reluzências do ar. O que devemos aprender pelo sofrer, pela dor, não é nada mais do que a percepção de nossos limites enquanto seres humanos; entender que as barreiras que nos separam do divino jamais podem ser superadas (GADAMER, 2015), nem tanto pela lei dos homens, muito menos pela graça dos deuses.

E é isso que se manifesta em “Fatalidade”. Esta estória recupera a questão do trágico, desvelando-o como a liminaridade do real em sua ambiguidade dirigindo-se como questão ao homenzinho Zé Centralfe. É ele que se coloca enquanto interlúdio entre o destino e a liberdade. A angústia de ser perseguido pelo tinoso Herculinão se dirigem a Centralfe não por sua decisão ou ato de vontade, mas se manifestam enquanto destino a ser percorrido para que ele possa ir caminhando ao existir.

E Zé Centralfe, não tendo os prazos de ainda agir sozinho, estava disposto a pedir os serviços do Meu Amigo para acabar de vez com aquele sofrimento e voltar a viver seus dias com sua mulher pelo correr ordinário da vida. Era só o que queria! Herculinão tinha se tornado seu tormento, atravessava seu caminho e fazia Centralfe e a mulher correr pelas estradas, mudando de cidade de tempos em tempos. Chegaram a mudar para três cidades diferentes, e Herculinão os achava. Zé Centralfe até chegara mesmo a aceitar que aquilo era fatalidade da vida e que estava destinado a viver fugindo para não traspasar a lei, era o jeito. O que se via pelas atitudes do homenzinho é que ele ainda brigava com seu destino, ainda não se sabia interlúdio entre destino e liberdade.

O que ele não sabia, porque vivia no ensombramento de ainda não se assumir destinado, era que o destino da lei é, sim, a fatalidade, mas o destino da graça, esse é o puro amor de existir em liberdade – esta fora qualquer interpretação subjetivista de ato de autonomia ou voluntarismo do sujeito – é a própria elevação ao destino como diálogo criativo com as origens que nos são destinadas. E que para tanto, precisava fazer a travessia sendo surpreendido pela presença do nominoso, o Herculinão, homem sem estatutos com o qual não queria se infernar, e que, por muitas vezes, “Só para atalhar discórdias, prudenciara; sempre seria melhor levar à paciência. E se humilhara, a menos não poder” (ROSA, 2005, p. 102).

Meu Amigo, este “existia, muito; não só fornecia somente figura fabulável. Vivia especulando ideias, habitando o pensar que lança ao questionar do que somos e não-somos. E de vez em quando, soltava o verivérbio: “— ‘*Só quem entendia de tudo eram os gregos. A vida tem poucas possibilidades*’” (ROSA, 2005, p. 101, grifos do autor). Meu Amigo era mesmo um questionador. Só por pensar, existia. Tinha conhecimento de que é preciso ver a graça do extraordinário do mundo para conseguirmos seguir nosso destino. Dizia ao fatalista homenzinho: “— ‘*Não estamos debaixo da lei, mas da graça...*’” (ROSA, 2005, p. 102, grifos do autor). Zé Centralfe escutava tudo sem nem entender: “o homenzinho, posto em cruz comprida, e porque se achasse rebaixado, quase desonrado — e ameaçado — viera dar parte. Apanhou o chapéu, que caíra ao chão, com a mão o espanava” (ROSA, 2005, p. 102).

E foi o que se deu a estória: depois de todo o narrar, contando que vivia muito bem com sua mulher, “que tirava divertimento do comum” (ROSA, 2005, p. 102), Zé Centralfe apertou os olhos suplicantes por ajuda e “calou-se, em silêncio médio”, quase que implorando ajuda ao Meu Amigo que, prontamente, mas mantendo-se em silêncio

fez uma coisa. Virou, por metade, o rosto, para encarar aquela carabina. Sério, carregando o minuto. Só. Sem voz. Mais nela afirmando a vista, enquanto umas quantas vezes rabeava com os olhos, na direção do homenzinho; em ato, chamando-o a que também a olhasse, como que a puxar à lição. Mas o outro ainda não entendia que ele acenasse em alguma coisa. Sem tanto, que deu: — “*E eu o que faço?*” (ROSA, 2005, p. 104).

O homenzinho se ensonbrara. “Fosse chorar?” (ROSA, 2005, p. 103). Ainda não conseguia ver nem escutar a linguagem no mistério se manifestando em atos e gestos bem à sua frente porque não se calava, não conseguia pensar palavra, estava encoberto por rumores de fatalidade trazidos pela presença de Herculinão que não percebia que este era o caminho ao destinar-se *i.e.*, Herculinão é faz como a própria imagem-questão do destino a ser consumado para que Zé Centralfe saísse do viver da fatalidade e se lançasse à lei da graça, se reespiritando ao existir. Dizia:

— ‘*Viajamos para cá, e ele, nos rastros, lastimando a gente. É peta. Não me perdeu de vistas. Adonde vou, o homem me atravessa... Tenho de tomar sentido, para não entestar com ele*’ (ROSA, 2005, p. 103).

O sofrer de Zé Centralfe só consegue ver cura para este mal é na lei. Mas qual é a lei que Zé Centralfe estava buscando? Quem era a lei? Como fazer a lei vigorar?

Surdeava o Meu Amigo, pato-mudo. Soprou nos dedos. Sempre em fito, na arma, na parede, e remirando o outro — ao tempo que — tanto quanto tanto. De feito, o homenzinho se arregalou — de desperto. Desde que desde, ele entendesse, a ver o que para valer: a chave do jogo. Entendeu. Disse: — “*Ah.*” E se riu: às razões e conseqüências. Donde bem, se levantou; podia portar por fé (ROSA, 2005, p. 104).

Zé Centralfe se reespiritou, pelo silêncio que o pensar manifesta, e depois de narrar sua fatalidade e se questionar: “*E eu o que faço?*”, passa a ver o seu destino desenhado enquanto imagem-questão na pessoa de Herculinão, e entende que destinar é existir, é viver entre a lei e a graça. E que para corresponder, pelo amor da graça, ao seu destino, era preciso ele mesmo dar cabo desse Herculinão, “este iscarotes”. O destino de Herculinão era o destinar de Zé Centralfe.

Zé Centralfe acolheu o trágico de ser humano, aceitando o convite a assumir plenamente o seu destino em liberdade, obedecendo (*ob-aidire*) as questões a ele destinadas.

Em que obedecer não significa ser servil, mas se colocar em posição de escuta das questões, correspondendo criativamente ao seu destino, rumando ao existir.

Sem repiques nem rebates, meus caros, o destinar da gente não tem origem fatalista, em que as coisas acontecem por já estarem predeterminadas, sem conceder espaço ao agir do humano. É preciso ir vivendo na graça do sagrado da *physis*, correspondendo ao acontecer da vida, se reespiritando para existir de fato. Em “Fatalidade” o motivo da viagem é perceber que co-responder ao destino não é viver sob a pena da lei, mas sob o amor da graça; não é lutar contra o destino que se doa, mas acolhê-lo em trágica liberdade; não é temer a vida e paralisar frente à morte; mas saber que vida-e-morte são, na verdade, uma coisa só: o caminho de todo ser humano em busca de existir. Pensei junto ao Meu Amigo: “— ‘*Esta nossa Terra é inabitada. Prova-se, isto*’” (ROSA, 2005, p. 105).

*

Em “Sequência” da viagem, fui dar lá “NA ESTRADA DAS TABOCAS, [ONDE] UMA VACA VIAJAVA. Vinha pelo meio do caminho, como uma criatura cristã” (ROSA, 2005, p. 107). Segui a vaquinha vermelha, que “Nem hesitava nas encruzilhadas. Sacudia os chifres, recurvos em coroa, e baixava testa, ao rumo, que reto a trazia, para o rio, e — para lá do rio — a terras de um Major Quitério, nos confins do dia, à fazenda do Pãodolhão” (ROSA, 2005, p. 107).

A seu tradutor alemão, certa vez, em entrevista, Guimarães Rosa afirma ser esta, talvez, sua estória predileta, visto que “quer ser pura poesia” (ROSA, 2003, 313). E como não sê-la: “Sequência” nos apresenta um viagem em busca do amor na qual um rapaz, sem nem saber porque viaja, persegue uma vaquinha que lhe conduz ao amar pelo entre-caminho de ser. Temos como condutora da viagem uma vaca, animal sagrado em muitas religiões do mundo oriental — a deusa egípcia Hathor²⁷ —, vista como fonte de amor, beleza, fertilidade e espiritualidade, tida pelos Hinduístas como fonte essencial para manter a vida humana.

²⁷ “Por trás da vaquinha vermelha [...], esconde-se uma importante ascendência mítica que remonta o Egito antigüíssimo. Os seus chifres, ‘recurvos em coroa’, atestam a nobreza de sua linhagem. Em primeiro lugar, a vaquinha associa-se à Hathor, uma das mais antigas deusas do egípcias, cultuada durante toda a história da civilização faraônica. Na época pré-dinástica, ela era o consorte do ‘Touro de Amenti’, a primeira divindade da necrópole. Em períodos posteriores, ela tornou-se uma deusa celeste, e foi considerada filha de Ra e esposa de Hórus. Na verdade, o seu nome significa ‘Templo de Hórus’, numa alusão ao grande mito segundo o qual Hórus entrava em sua boca toda noite para descansar, emergindo de novo como o sol da manhã seguinte. Foi

Em um determinado momento, já quase ao fim do narrar, a vaquinha seguia reta, e conduzia-nos — eu e o rapaz — “na ceguez da noite — à casa da mãe do breu: a vaca, o homem, a vaca — transeuntes, galopando. [...] Pelas vertentes distantes, e até ao cimo do monte, um campo que se incendiava: faíscas — as primeiras estrelas” (ROSA, 2005, p. 110), aproxima-se à imagem-questão do mito da divindade egípcia da deusa Hathor, a condutora do amor e da alegria.

E para além de uma aproximação com as divindades do mundo oriental, Rosa, homem estudioso das plantas e dos animais, traz em sua obra poética a natureza em seu vigor mais originário de eterna natividade da vida, e não apenas como palco ou cenário para ambientar suas narrativas; o que se manifesta em sua obra é a natureza e a relação com o humano, para a qual o homem vai se construindo em meio ao real e às coisas que o habitam, bailando uma dança originária entre seres e coisas dentro da *physis*.

A paixão de Rosa pelo mundo-mistério dos seres do real salta as páginas dos livros e nos envolve, enquanto leitores, em diálogos amorosos a partir de narrativas que se manifestam a cada leitura, e nos fazem seguir viagem-travessia junto às personagens-questões, sejam eles humanos, bichos, plantas. Para o autor, saindo de uma flor a um tucano e um peru, ou até mesmo uma vaca, e destes à imensidão de um sertão sem fim (até mesmo aquele de dentro da gente), a criação poética é sempre amorosa, e mesmo quando a ação nos parece algo bruto e ameaçador, o poético não deixa de acontecer (MEYER, 2017).

E, por isso, que me vi enamorada pela estória do vaqueiro que me convidou a seguir junto dele a vaca, mesmo ainda sem sabermos onde esta viagem estaria nos conduzindo. E ela, a vaca, nada nem ninguém a tirava do caminho.

Seguia, certa; por amor, não por acaso [e] Fazia parte de um gado, transportado, de boiadeiros, gado de coração ativo. Viera do Pãodolhão — sua querência. Apressava-se nela o empolgo de saudade que adoce o boi sertanejo em terra estranha, cada outubro, no prever trovões. Apanhara a boca-da-estrada — para os onde caminhos — fronteando o nascente (ROSA, 2005, págs. 107-108).

por esta função que ela assumiu o papel de vaca celestial retratada nos relevos e pinturas murais como uma vaca ou como uma mulher com orelhas de vaca. Protetora das mulheres, Hathor é a dispensadora do amor e da alegria. Ela é a senhora do canto e da dança e a fonte da força do reino. Em alguns ritos, ela era chamada de mãe de Ra, porque carregava o sol entre seus chifres. Ela também aparece em algumas pinturas como uma vaca com estrelas na barriga. A referência às estrelas aponta um outro ilustre ancestral da vaquinha: a deusa egípcia Nut, divindade celestial, concebida como uma mulher estendida em arco ao longo do horizonte, cujos trajes são tecidos de estrelas, ou como uma vaca celeste que come as estrelas todas as manhãs e as dá à luz outra vez ao crepúsculo. Em muitos relatos religiosos, Nut é a vaca na qual o deus Ra está montado quando emerge do abismo no momento da criação” (FARIAS, 2015, p. 120-121).

A vaca sabia-se presente e presença do/no mistério que é a vida. E, só por isso, seria ela capaz de conduzir o predestinado rapaz, senhor-moço, um dos filhos de um tal seo Rigério, que mesmo ainda não se sabendo,

quis-se, de repente, para aquilo: levar em brio e tomar conta. Atou o laço na garupa. Disse: — “*É uma vaquinha pitanga?*” Pôs-se a cavalo. Soubesse o que por lá o botava, se capaz. Saiu à estrada-geral. Ia indo, à espora leve. Ia desconhecidamente. Indo de oeste para leste (ROSA, 2005, p. 108).

É de se pensar a questão do destino da gente mais uma vez. Na verdade, ser destinado é nossa condição premente, o difícil muitas vezes é se saber destinado. Muitas vezes, só nos damos conta disso no já-agora da caminhada, e aí, não tem mais como voltar atrás: é seguir viagem e pronto! Claro que no meio desse percurso titubeamos muitas vezes, por medo, não por amor, e empacamos frente a encruzilhadas que se apresentam pelo caminho. Foi assim, comigo, e ainda é, e com vocês também, tenho fé. Mas o mais engraçado e doido da vida — foi Riobaldo do sertão dos gerais que deu o dito — é que as pessoas não estão sempre feitas no correto e reto vão do mundo, mas se constroem e mesmo no meio da travessia, cada dia um pouquinho. Assim mesmo, igual ao agir desta escrita que vai se construindo, na qual vou narrando o percurso desta viagem-tese e me narrando e, por isso, também me construindo, um dia de cada vez, uma página a mais, cumprindo o destino que me foi dado, indo em busca de tornar-me seja lá o que for. E não adiante forçar, pois que o SER-TÃO não tem portas e muito menos janelas, ele se apresenta é no meio do caminho!

Voltando à “Sequência” de viagem, ia a vaca condutora do amanheSER, que já no “avanço, que levava, não se lhe dava de o bastante. Ante o morro, a passo, breve, nem parava para os capins dos barrancos: arrancava-os, mesmo em marcha, no mesmo surdo insossego” (ROSA, 2005, p. 108). Tinha pressa de chegar e não mais adoecer de saudade do que era seu, de verdade. A vaca sabia-se. “O dia era grande, azul e branco por cima de matos e poeiras. O sol inteiro” (ROSA, 2005, p. 108) incandescia a viagem do retornar.

E o rapaz, ah, este “se anorteava” — eu via, sentia-me também sem direção — habitava o nada rumo ao norte do caminho, procurava sentido naquela marcha à beira de abismos, e “Só via o horizonte e sim. [Queria] Sabia o de uma vaquinha fugida: que, de alma, marca o rumo e faz atalhos — querençosa” (ROSA, 2005, p. 108). O fugir da vaca não era ao acaso, ela tinha que cumprir seu destino de condutora da luz e da fonte do mistério da vida, e, assim como a deusa Hathor que carregava o sol em seus chifres, a vaquinha iluminava os caminhos e “alteou-se e berrou — o berro [que] encheu a região tristonha” (ROSA, 2005, p. 108).

O rapaz em seu rastro, a-norteando-se no “Entrequanto, ele perguntava. Davam-lhe novas de arribada. [...] Sabia que coisa era o tempo, a involuntária aventura. E esquipava. Ia o longo, longo, longo. Deu patas à fantasia. Ali, escampava” (ROSA, 2005, p. 108). O senhor-moço, filho de seo Rigério, parecia ter entendido que aquele caminho todo que se fazia no encaço da vaca era o destino lhe chamando, e não mais alguma voluntária aventura sem sentido de ser. E a vaca “providenciava”! Como ser escolhido para a demanda de conduzir o moço ao encontro da moça e consumir seu destino, seguia reta, inflada pela querência de retornar às suas origens, querência do seu coração. E foi que de certa feita

alta cerca a parou, foi seguindo-a, beira, beira. Dava num córrego. No córrego a vaquinha entrou, veio vindo, dentro d’água. Três vezes esperta. Até que outra cerca travou-a, ia deixando-a desairada. Volveu — irrompida ida: de um ímpeto então a saltou: num salto que queria ser voo. Vencia. E além se sumia a vaca vermelha, suspensa em bailado, a cauda oscilando. O inimigo já vinha perto (ROSA, 2005, p.109).

No vão do mundo era onde nos encontrávamos — o rapaz e eu — vocados e ordenados a viver tal experiência de viagem que, mesmo já a querendo, naquele momento, hesitava-se! Era de se aborrecer todo aquele aperreio. E só faltava isso agora, ter que atravessar o córrego atrás de uma vaquinha vermelha que mais parecia turrone de não se emparedar. Ela saltou. Saltávamos nós?! O rapaz me olhou irritado.

Pensou de arreperder caminho, suspender aquilo para mais tarde. Pensou palavra. O estúpido em que se julgava. Desanimadamente, ele, malandante, podia tirar atrás. Aonde um animal o levava? O inomeçado, o empatoso, o desnorte, o necessário (ROSA, 2005, p. 109).

O senhor-moço, filho de Rigério, por vezes, não compreendia todo aquele tormento em ter que seguir caminho para resgatar uma vaca, que julgava estar empatando sua vida por se achar não começada e sem norte, seu rumo, mas rapidamente voltava a atinar pensamento e a sentia necessária. E sem saber o porquê seguia a esse “deus/deusa” na cegueira de um impulso amoroso ainda desconhecido, entristecido em torno, foca o olhar a seu entorno, ao mundo se dando em acontecimento à sua volta, este prestes a voltar a florescer seu olhar. “Só as encostas guardando o florir de árvores esfolhadas: seu roxo-escuro de julho as carobinhas, ipês seu amarelo de agosto” (ROSA, 2005, p.109).

Tal qual o Menino de “As margens da alegria”, o rapaz também habitava às margens do amor e não conseguia ver a brotação da vida se dando em possibilidades bem na sua frente. Perdemos, por vezes, de enxergar as coisas mais óbvias da vida por estarmos habitando as efemeridades do mundo, vendo apenas “os longes de um quadro. O absurdo ar. Chatos mapas” (ROSA, 2005, p. 109). Cerramos os olhos para o maravilhoso, o

extraordinário vigor de natividade da vida que nos ajudar a renascer a cada dia que amanhece.

Mas, como de relance, e por milagre, o foco da visão vai voltando, os sentidos de amor vão novamente esquentando o coração e um rubor toma nosso corpo todo, fazendo eriçar os pelos do rosto que nos faz sentir um arpejo de novos ares no ar. É nesta hora que devemos atender o chamado da travessia e lançarmo-nos ao abismo para o nada. Foi o que se deu: “O rapaz lançou longe um olhar. De repente, ajustou a mãe à testa, e exclamou. Do ponto, descortinou que: aquela. A vaquinha, respoeirando. Aí e lá, tomou-a em vista. O vulto, pé de pessoa, que a cumeada do morro escalava. Ver o que diabo” (ROSA, 2005, p. 109).

Era assim que se dava a verdade do mistério do destinado, revela-se, velando-se o seu ser. O senhor-moço esfregava os olhos, mas a vaquinha voltou a se esconder. Será que foi neste momento que ela “Transcendia ao que se destinava” (ROSA, 2005, p. 109)? E destinada seguia sempre reta na demanda de levar o moço até a moça, sua querência! A vaca, cumpria seu destino enquanto imagem-questão da providência celeste do sagrado, que conduz o rapaz ao existir, quando este, em busca de amar.

Mas o rapaz ainda sem a ver, “durante e tanto, montado no bom cavalo, à espora avante, galgando” para entender toda aquele agir. “Sempre e agudamente olhava. Podia seguir com os olhos como o rastro se formava. Só perseguia a paisagem” (ROSA, 2005, p. 109), ainda às margens do salto mortal. Foi, então, que ele parece ter se reespírito, retomando sentido ao juízo, o “rapaz — desdobrada vida — se pensou: — *“Seja o que seja.”*” (ROSA, 2005, p. 109).

O senhor-moço, já não suportando mais a dor de não se saber, se pensa e repensa e entende-se: era preciso voltar a ver aquela vaca, encontrá-la, dar o salto mortal ao “rio, liso e brilhante, de movimentos invisíveis. Como cortando o mundo em dois, no caminho se atravessava — sem som” (ROSA, 2005, págs. 109-110). Será que o mundo parava?! Será que no momento em que temos a visão de qual caminho devemos seguir para rumar ao existir tudo em nossa volta dá uma pausa para que se possa alinhar os passos? Não! Um absurdo pensar assim! Nem o mundo, nem mesmo a gente conseguimos parar de acontecer, apenas temos a real sensação de que giramos quase que 180°, até 360° graus, no momento do lançamento. Como a vaca que em voo quase pausado no ar, deu o salto mortal ao destinar-se. Devemos, todos nós, fazê-lo um dia.

E foi por “uma mexidinha figura — quase que mal os dois chifres nadando — a vaca vermelha, o transpondo, a esse rio, de tardinha; que em setembro” (ROSA, 2005, p. 110), no tempo da floração do ser que de tão preenchido pelo amanhecer do sol, se incendia com o

brotar das flores. A vaca emergia do abismo tal qual o momento da criação do mundo; e o rapaz via, agora enxergava tudo, até mesmo as aves, que já tinham, anunciando uma nova vida a nascer. Ele pensou: “às pausas, parte por parte [...] Tinha de perder de ganhar?” (ROSA, 2005, p. 110). O que perderia para depois ganhar? O filho de seo Rigério “Hesitou, se. Por certo não passaria, sem o que ele mesmo não sabia — a oculta, súbita saudade. Passo extremo! Pegou a descalçar as botas. E entrou — de peito feito. Àquelas quilas águas trans — às braças. Era um rio e seu além. Estava, já, do outro lado (ROSA, 2005, p. 110).

A dúvida do rapaz em atravessar o rio foi superada pela oculta e súbita saudade que desse sempre já sentia. Penso palavra: o que seria essa saudade a qual todos nós, humanos, já nascemos sentido? Me pego pensando que de vez em quando, e de repente, também sou tomada por uma oculta e súbita saudade que nem mesmo sem dizer do que? O que explicar, se não sentir. Uma saudade por muitas vezes doída, que nos tira o ar. E então retorno o pensamento a questão do amor. O que nos dá saudade enquanto humanos, se não é do amor original de Eros, o amor da criação – a dimensão divina/sagrada de todo ser humano?

Eros é o princípio originário da vida, o agente fecundador, a força universal de atração que justifica o desejo entre os seres, para que estes se procurem e se unam, perpetuando o mistério da vida — o divino. O que orienta a providência, norteando a vaquinha, é Eros, a essência de todo agir, a total e completa energia de realização, a luz irradiante em contínuo acontecer, por isso conduz o rapaz a amar e existir²⁸. Eros é a incansável e irresistível força vital que anima a viagem da vaquinha querenciosa e incita o rapaz a persegui-la, acolhendo a involuntária aventura, sem saber que aquela viagem era a consumação do seu destino. E a travessia em busca do que nos é próprio vigora sempre no limiar entre Eros — o amor da criação: vida — e Thanatos — morte — e, portanto já é amar e existir.

²⁸ “De acordo com o mito órfico, no início era a Noite, Nyx, concebida sob a forma de um pássaro de asas negras. Impregnada pelo vento, ela acordou o Ovo prateado no gigantesco colo de Érebo (as Trevas), do qual eclodiu o filho impetuoso Vento, um deus de asas douradas. Ele foi chamado de Eros, o deus do amor, mas este, embora o mais adorável, e apenas *um* de seus nomes. *Protogonos* é outro de seus nomes e significa “o primeiro a nascer”. Mas é seu nome de *Phanes*, “o brilhante”, “o que aparece”, que explica exatamente o que ele fez quando saiu da casca do ovo: revelou e trouxe à luz tudo o que até então jazia oculto no Ovo prateado, vale dizer, o mundo todo. [...] Segundo a *Teogonia*, de Hesíodo, no começo era o Caos, o informe e indiferenciado vórtice do abismo, em seguida veio Gaia, a morada de todas as divindades, tanto as que habitam o Olimpo, quanto as que residem em suas entranhas, e, finalmente, Eros, o mais belo dos deuses imortais. Do Caos, descendem, sem a intervenção de Eros, Érebo, a fechada escuridão das profundezas, e Nyx, a Noite. Mas a união da Noite com Érebo, que engendra o Éter e o Dia, já acontece sob o patrocínio do deus do amor, assim como as núpcias de Gaia (a Terra) com Urano (o Céu), que, cheio de ardor, a cobre toda inteira. O desejo propiciado por Eros existe, primordialmente, para proporcionar o nascimento de outros seres. (KERÉNYI, 1982 *Apud* FARIAS, 2005, págs. 125-126).

O moço teve a coragem, era preciso existir! Era isso, perder tudo de velho que tinha sido até agora, e ganhar-se em novo, de novo, um novo moço, e ainda que sendo o mesmo, já não era possível ser igual àquele, antes de atravessar o rio, amedrontado e desnorteado. Ele se norteara, atravessou as tranquilas águas de peito aberto, feito, às braças. O rapaz neste momento faz o rito de passagem ao atravessar o rio, o “liso e brilhante” (ROSA, 2005, p. 109) rio, feito a lâmina do espelho pela qual se especulava o narrador de “O espelho”, quando, estarecido, não consegue ver nem os próprios olhos, apenas o “brilhante e polido nada” (ROSA, 2005, p. 119). Esse diálogo feito pelas estórias que se seguem, nos faz ver que tanto o rio quanto o espelho são, de fato, imagens-questão da travessia do homem em busca de se conhecer, viagem solitária e cheia de encruzilhadas que conduz à grande transformação do humano de uma vida regida pelas necessidades emergenciais a uma vida experienciada pelo ver o extraordinário do acontecer da *physis* —a metamorfose para o existir.

Aqui, neste momento da escrita, assistiram-se seguras inspirações acerca da questão do transformar. Pensamentos que vêm e logo depois se esvaem... A vida da gente é um vento querendo apagar a lamparina. Volto a repensar: Vivemos, hoje, em um tempo muito acelerado. Parece até que estamos vivendo uma vida com muitas vidas, todas repletas de muitas vivências. Entretanto, se retornarmos à questão ontológica do ser, esta irá nos falar a respeito diretamente do tempo da experiência, o qual é o tempo da *metábole* (do grego, *metábole*, que significa mudança, alteração), ou seja, o tempo de um movimento essencial de transformação.

Toda transformação precisa radicalmente de um tempo próprio, o tempo do ser se manifestando e transformando-se, pelo qual passamos a ser mais do que uma forma: simplesmente somos. Neste ser, o que é se manifesta em **como é** – vivências – e este se transforma, além de em **como se conhece**, no sentido do que é. Será que me faço entender? Tudo, às vezes, parece mesmo coisa de invento, ou a ponta de um mistério. Mas eis que precisamos desvendar esse mistério que é o ser, ou não é por isso que estamos realizando esta viagem-travessia-de-tese?! Pois bem, Outra é a vez: se ser é agir e o agir se manifestando não deixa de ser o advir do sentido, a clarividência – clarivivência –, tanto do que é, quanto do como se conhece, então todo este agir do ser se transforma em vivência de experiência, em experienciar a vida pelo acontecer das especulações que fazemos em busca do que somos, por isso, podemos dizer que em nós, seres humanos, não há apenas a vida, mas o existir.

E para existir, o rapaz sabia, tinha que conseguir alcançar a vaca, apertou o passo no encaço, “à boa espora, à rédea larga”, tranquilo estava seu coração, não sentia mais medo

de não se saber, teve a anunciação quando viu aquela vaquinha vermelha no rio. Sabia que não era mais por missão, nem muito menos por acaso que a seguia, mas por amor. Seu sofrer agora era apenas de desespero para tornar ao existir. “O andamento. O rapaz: obcego. Sofria como podia” para saber “Onde e aonde?” (ROSA, 2005, p. 110) o levaria de fato aquela vaquinha.

A vaca, essa sabia: por amor desses lugares. Chegavam, chegavam. [...] O rapaz e a vaca se entravam pela porteira-mestra dos currais. O rapaz desapareava. Sob o estúrdio atontamento, começou a subir a escada. Tanto tinha de explicar. Tanto ele era o bem-chegado! (ROSA, 2005, págs. 110-111).

Destinados, a vaca e o rapaz, agora, cumpriam o seu destino. O motivo da viagem em “Sequência” era percorrer os onde caminhos da travessia de procura do ser rumo a existir. A vaca existia, reta no que certa, o rapaz, passou a existir, ao avistar a moça que se desescondia dele. Eles inesperavam-se? Pode a saudade unir duas pessoas que se desconhecem?! Se sim! “O moço compreendeu-se. Aquilo mudava o acontecido. Da vaca, ele a ela diria: — ‘*É sua*’. Suas duas almas se transformavam? [Boto fé] E tudo à sação do ser” (ROSA, 2005, p. 111), no tempo setembrino da floração de ser! Porque tinha que ser: “Amavam-se. E a vaca — vitória, em seus ondes, por seus passos” (ROSA, 2005, p. 111). A “Sequência” se consumou, esta que não é jamais lógica, por não ser prosseguimento de nenhum plano definido, mas, e sobretudo, o agir do mais puro ímpeto de amor que conduz as pessoas aos seus veros lugares – suas querências de amor. Eu fiquei no pé da escada, este ainda não era o meu destino, apenas apreciava tudo com atenção e com o coração cheio de calor de amor, mas precisava seguir viagem!



O ENTRE-MEIO OU O JOGO ENTRE AMOR E NADA

Espanto! Por horas fiquei parada olhando para o horizonte, mirando o nada. Será que é certo, isso do jogo no entremeio do livro? Não? Sim? Talvez fosse apenas minha veia crítica querendo achar teorias mirabolantes a serem comprovadas por certezas teóricas. Era isso! Ou não era? Talvez? A coisa estava se dando a ver, mas quando eu ia tentar escrever o experimento pelo qual estava passando, ela sumia, o pensamento ficava embaralhado, não sabia mais o que deveria colocar na página em branco; ela – a página – brilhava à minha frente, via imagens, desenhos mesmo de letras sendo inscritas. O nada estava se manifestando para que eu encontrasse naquele momento alguma possibilidade de acontecer. Era o jogo do pensar. Tudo é jogo?! Mistério? Sim, tudo são possibilidades de acontecer. O jogo de interpretação em que as questões se desvelam e velam-se novamente manifestando-se bem ali na minha frente. Ah, então, só pode ser verdade mesmo, não estou absorta por nenhuma certeza teórica de teoria nenhuma. É o próprio ser da obra se manifestando a cada passada de página, leitura de parágrafo, revelação de questões entre uma estória e outra. Sim! Era isso. É isso! A coisa se dando a ver novamente. Preciso acolher esta epifania.

E qual não foi minha surpresa ao me deparar com mais um jogo do extraordinário, o qual nos conduz *Primeiras Estórias*. Reparem só: bem no meio do livro, no entre-meio, três estórias aparecem, construídas numa dança inebriante que nos leva, mais uma vez, à questão-enigma: “*Você chegou a existir?*” As estórias? “Sequência”, “O espelho” e “Nada e a nossa condição”. Elas estão completamente ligadas pelas questões do amor e do nada. Explicarei melhor.

Em “Sequência”, temos um rapaz que, sem nada saber, persegue uma vaquinha que o conduz ao amor; em “O espelho”, o narrador, em experimento de procura, ao especular-se diante do espelho, consegue perceber que por sua busca já amava e chega ao nada, para depois renascer em flor pelágica; e em “Nada e a nossa condição”, Tio Man’Antônio, em sua travessia para existir, entende que o nada é a única condição premente do ser humano que o lança em abertura de possibilidades de ser, e conduz ao amor de existir.

É isso, não é?! Se sim, esta obra é ainda mais enigmática do que pensava. Tudo costurado em suas estórias é a ponta do mistério que Guimarães Rosa acolheu e nos presenteou para que pudéssemos atravessar nossa viagem de procura envoltos pelas questões que se doam a nós para que possamos cumprir nosso destino: EXISTIR.

Não irei alongar tanto este entremeio porque cada uma dessas questões está sendo atravessada por mim – que as experencio por meio da escuta-escrita desta tese-viagem – e por vocês – no momento em que embarcam comigo nesta viagem-experiência de leitura e exercício de escuta das imagens-questões que nos advém a cada novo percurso, por cada nova estória.

Talvez este seja o grande projeto poético pensado por Guimarães Rosa quando criou a sequência das questões que apresentou na escrita *Primeiras estória* – mas isto só saberemos ao final (?) desta viagem-tese, ou não, continuamos no não-saber que rege todo saber. Sabendo que, enquanto humanos, nossa condição sempre será a de nos especular até encontrarmos o nada e dele e por ele renascer em flor pelágica, chegando ao tudo: a amar e existir sempre habitando poeticamente as questões as quais somos doação.

Em *Primeiras estórias*, Rosa nos convida a atravessar a vida, a morte, a angústia, o medo, o tempo, a loucura, o amor, o mistério, a memória, a linguagem, o nada e, assim, a cumprirmos o nosso destino enquanto entre-acontecer poético que procura. Tudo é e não é!

o mais importante e bonito, do mundo, é isto: que as pessoas não estão sempre iguais, ainda não foram terminadas – mas que elas vão sempre mudando. Afinam ou desafinam. Verdade maior. É o que a vida me ensinou (ROSA, 2006, p. 23).

Só iremos mesmo saber se estamos indo em busca de cumprir nosso destino é no atravessamento dele, na terceira margem. Ah, o sertão e estes seus vazios. Esta vida está é mesmo cheia de ocultos caminhos.



NONADA é a nossa condição. Foi assim que se revelou a estória quando, no meio do caminho, encontrei um moço que me contou que: “NA MINHA FAMÍLIA, EM MINHA TERRA, NINGUÉM CONHECEU uma vez um homem, de mais excelência que presença [...] Era fazendeiro e chamava-se Tio Man’Antônio” (ROSA, 2005, p. 121). Juntos, percorremos lugares de terras muito distantes, umas “déz léguas” ou mais, e dobrando uma montanha, num “erguido ponto e de onde o ar num máximo raio se afinava translúcido” (ROSA, 2005, p. 121), avistamos ao longe, bem acima da vista, a fazenda do Tio Man’Antônio, onde fincava sua casa, a qual sempre que precisava falar nela, dizia: — “... Lá em casa... Vou para casa...” (ROSA, 2005, p. 121). Mas tarde, dá-se a ver que a casa e o Tio Man’Antônio são, na verdade, uma coisa só.

A casa, centro da estória, é “assobradada, alicerçada fundo, de tetos altos, longa e com quantos sem uso corredores e quartos [...] fazia face para o norte” (ROSA, 2005, p. 121), é a que norteia, dá rumo, em sentido ontológico, ao tornar-se do Tio. Ela – dava para ver – é a imagem-questão da existência do humano que era/é Tio Man’Antônio, e, por isso, nela irão se manifestar as transformações vividas por ele. E era ainda esta casa onde viviam sua esposa, Tia Liduína, suas filhas, e diversidades de servos, que o esperavam por dias e dias até que ele retornasse de suas andanças por entre montanhas e caminhos fragosos.

O Tio, homem que vivia curvado, como se não se coubesse em si; vivia feito tenção, sempre beirando abismos, às margens do caminho. “A tento, amiúde, distinguir-se-iam mesmo seus omissos gestos principais: o de, vez em vez, fazer que afastava, devagar, de si, quaisquer coisas; o de alisar com os dedos a testa, enquanto pensava o que não pensava, propenso a tudo” (ROSA, 2005, p. 122).

A viagem pela qual atravessa ao “Nada e a nossa condição” me fez perceber que esta é uma experiência que nos conduz a pensar que a questão do tornar-se humano se faz mesmo é em caminhada de recriação da vida pelo jogo do “faz-de-conta”. Pudessem isso ser? Sim. O “*Faz de conta*” o qual o Tio falava toda vez que era questionado sobre os solavancos e atravessamentos da vida significa aqui, radicalmente, acolher a realidade manifestada à nossa frente e recriá-la poeticamente em busca de nos tornarmos humanos. Foi o que se deu...

Tio Man’Antônio, como se sabe, é um homem “de mais excelência que presença”, e de “tão apartado em si se conduzia ele, individuo e esquivo na conversa” (ROSA, 2005, p. 121), existia à parte, ocultável; e pela dor da perda da esposa, conseguiu ressignificar a morte, passando a viver o faz-de-conta, transcendendo em alegria e amor e, por isso, chegando a existir!

A viagem-expição que nos conduz Tio Man' Antônio nos leva exatamente ao nada para renascer em nossa condição humana: amar e existir. No começo, temos a impressão de que ele não tem conhecimento desta condição, pois, a seu respeito, muita coisa real não se sabia. “Só se de longe. Senão quando vinha, constante, serra acima, a retornar viagem, galgando caminhos frágios, à beira de despenhadeiros e crevassas (ROSA, 2005, p. 122).

Mas depois de irmos adentrando veredas, pisando mais forte no chão daquelas alturas de terras que chega dá pra sentir o cheiro do ar ainda fresquinho, vamos compreendendo que, na verdade, Tio Man' Antônio, quando de seus sumiços em viagem, passava horas em expiação das coisas e de si dentro delas, só que vivia em seus tensos silêncios, talvez porque?

“Nem olhasse mais a paisagem?” Sim, se os cimos — onde a montanha abre asas — e as infernas grotas, abismáticas, profundíssimas. Tanto contemplava-as, feito se, a elas, algo, algum modo, de si, votivo, o melhor, ofertasse: esperança e expiação, sacrifícios, esforços — à flor (ROSA, 2005, p. 122).

Eram esses cimos, onde a montanha abre asas, e os quais avistava da varanda da casa, no que passava horas contemplando-os, e as infernas gotas abismáticas e profundíssimas, quem o conduziam para dentro de si mesmo, por veredas ainda tortuosas, mas que o levariam a renascer em flor, a mesma flor pelágica do Menino que beirando “As margens da alegria, procura-se n' “O espelho” para chegar a “Os cimos” do existir. Contudo, ainda vivia em horas precárias — “debilitada a vista, nos tempos de agora” (ROSA, 2005, p. 122) — de não seguir direto o caminho para a brotação da flor. “Olhava, com a seu nem ciente amor, distantemente, fundos e cumes. Seduzível, conheceu-se, ele, de encarar sempre o tudo?” (ROSA, 2005, p. 122).

Mas para que isso acontecesse, repare, Tio Man' Antônio ainda precisaria percorrer a travessia para o nada: isso só se deu após a morte de Tia Liduína, que o libertou e o fez chegar a, de fato, amar e existir.

O entre-meio desta estória: morre, “de repente, no entrecorte de um suspiro” (ROSA, 2005, p. 123), a esposa — Tia Liduína. Tio Man' Antônio passa a sair da escuridão da casa do ser, escancara-se para a vida, e, sem nem titubear, percorre todos os cômodos da casa e inicia a transmutação, manda

abrir, par em par, portas e janelas, a longa, longa casa. [...] incôgruo visitou ele, além ali, um pós um, quarto e quarto, cômodo e cômodo. Pelas janelas, olhou;urgia a divagação. Passou a paisagem pela vista, só a segmentos, serial, como dantes e ainda antes. De roda, na vislumbração, o que dos vales e serros vem é o que o horizonte é — tudo em tudo. [...] Definia-se, ele, ali, sem contradição nem resistência, a inquebrantar-se, desde quando de futuro e passado mais não carecia. Talvez, murmurasse,

de tão dentro de si, coisas graves, grandes, sem som nem sentido (ROSA, 2005, p. 123).

Era outra a vez de mais uma íngreme viagem. E foi, então, que ao deparar-se com esta encruzilhada, tornou-se para dentro das coisas graves, grandes, para às questões que realmente interessavam, mas que estavam sem som nem sentido, e foi, então, rumando ao seu destino, deixando as filhas, e todos nós, sem entender todo aquele agir, que a ele

por detrás de si mesmo, pondo-se de parte, em ambíguos âmbitos e momentos, como se a vida fosse ocultável; não o conheceriam através de figura. Sendo que refez sua maciez; e era uma outra espécie, decorosa, de pessoa, de olhos empalidecidamente azuis. Mas fino, inenganador, o rosto, cinzento moreno (ROSA, 2005, p. 123).

Tio Man' Antônio se dava inteiro a si mesmo e a todos que o cercavam: iniciava para o existir. Transluziu-se que até em olhá-lo no instante-de-um-agora, recebíamos o incabível curativo de uma graça. E a filha mais jovem foi que, dirigindo-se ao pai, colocou em questão o viver da gente:

— “Pai, a vida é feita só de traiçoeiros altos-e-baixos? Não haverá, para a gente, algum tempo de felicidade, de verdadeira segurança?” E ele, com muito caso, no devagar da resposta, suave a voz: — “Faz de conta, minha filha... Faz de conta...” Entrentendidos, mais não esperavam. [...] Tio Man' Antônio, no dizer essas palavras, que daí seriam as suas dele, sempre (ROSA, 2005, p. 123).

Passa a compreender que para ressignificar toda uma vida vivida no silêncio apartado de ser e abrir-se às possibilidades de acontecer, precisou chegar ao nada, oriundo da morte de sua esposa, se livrando também de todo o passado que atulha o pensar e o agir, e fazer de conta, re-criar a vida poeticamente, e sair de trás de si mesmo e brotar em flor à flor.

Então, as filhas e ele choraram; mas com o poder de uma liberdade, que fosse qual mais forte e destemida esperança. [e] Ele — o transitório — sé se diga, por esse enquanto. Nada dizia, quando falava, às vezes a gente mal pensava que ele não se achasse lá, de novo assim, sem som, sem pessoa. Ao revés, porém, Tio Man' Antônio concebia. — “*Faça-se de conta!*” — ordenou, em hora, mansozinho. Um projeto, de se crer e obrar, ele levantava. Um, que começaram. (ROSA, 2005, p. 124).

Aqui, agora, mais uma vez recebia uma claridade de juízo doce, solta, feito um assopro do canto das Musas. Não estaríamos diante de uma profunda manifestação do sentido do agir que conduz o homem ao nada, ou seja, à morte, sendo esta a própria condição ontológica para a vida? Tudo em seu tempo ser dadamente descoberto! Seguia, seguimos — Talvez, só mais à frente saberemos se este assopro irá se manifestar outra vez em realidade de acontecimento.

E ele continuava o agir do fazer de conta, “De arte que inventava outro sorrir, refeito ingênuo; [e] esquecer-se de todos os bens passados.” E, então, tomou certeza de si em si:

E seu surdo plano, enfim, no dia, se fechou. [...] pretendia ele desmanchar o aspecto do lugar, que desde a antiguidade, a fisionomia daquelas rampas de serras, que a Mãe vira e quisera? No desbaste, rente em redor, com efeito, nada se poupava — nem o mato lajeiro, tufo ticos de moita, e arbustos — onde ali tudo se escampava (ROSA, 2005, p. 125).

Nem mesmo o questionar se aquilo de mandar limpar rente do chão toda a vegetação que criava a fazenda não seria um pecado contra a saudade pela morte de Tia Liduína fez com que Tio Man’Antônio voltasse atrás de sua ideia. E quieto e manso, respondia: — “*Nem tanto, filha... Nem tanto...*” (ROSA, 2005, p. 125). E mostrava o descampado livre se estendendo pelo horizonte, só restando mesmo uns airosos e verdes capins que aconteciam em real vivacidade e brotação.

O agir de Tio Man’Antônio com a terra dava vida e sentido tanto a ele quanto ao solo que renascia, e era mesmo o renascer da *physis*: a vida não acabando de acontecer, de brotar e rebrotar, renascendo do nada para o tudo. Ele agora existia nas possibilidades de vir a ser o seu próprio. E “Nada leva ao não crer, por aí, que ele não se movesse, prático, com os mais; mas, conforme a si mesmo: de transparência em transparência. [Será que] Avançava, assim, com honesta astúcia, se viu, no que quis e fez?” (ROSA, 2005, p. 126).

E eis que as filhas tomaram rumo, ele as viu renovarem redescobertas “de alegria e de alma — só de ser, viver e crescer, como ora, se dá” (ROSA, 2005, p. 126). As filhas também tornaram a acontecer por outras bandas, e Tio Man’Antônio ficou sozinho em sua fazenda, mas não triste. Era dele o de respeitar a movida muda matéria da: a *physis* em acontecimento poético e, assim, habitava amorosamente, agindo no seu faz-de-conta de recriação da realidade e de si mesmo. Tio Man’Antônio, distraidamente, acarinhava a vida deixando-a fluir em alegria de amor e apenas existia, dialogando com o mundo em brotação.

Vez, vez, entanto, e quando mais em forças de contente bem-estar se sentindo, então, dispostamente, ele se levantava, submetia-se, sem sabida precisão, a algum rude, duro trabalho — chuva, sol, ação. Parecia-lhe como se o mundo-no-mundo lhe estivesse ordenando ou implorando, necessitado, um pouco dele mesmo, a seminar-se? Ou — a si — ia buscar-se, no futuro, nas asas da montanha. Fazia de conta; e confiava, nas calmas e nos ventos (ROSA, 2005, p. 127).

Tio Man’Antônio, transitório, transitoriante e transitoriador, não pela efemeridade e fugacidade da vida, mas por se colocar sempre em percurso, vislumbrando o horizonte que é tudo em tudo, confiava, criava e, ia se descobrindo pelo questionar e fazer de conta das questões que se manifestavam nele e por ele, e, por isso, existia. Acompanhar Tio

Man'Antônio em viagem é nos faz, muitas vezes, titubear o pensamento. Será que ele iria seguir adiante com sua trajetória em busca de retirar tudo o que o entulha e o afasta de si e continuar sua trajetória rumo ao nada? Já não bastava o que se dava à vista? Todo aquele renascimento em brotação já não seria seu destinar? Olhava para ele e pensava: “Realmente, seu pensamento não voltava atrás?”

Confesso que hesitei em continuar a seguir aquela viagem. Parei uns dias apenas pensando naquele homem e suas questões de existir, que eram minhas também. Como continuar seguindo depois de perder a pessoa amada, alicerce para seus dias e que de tão docemente amorosa, tentava esconder-se no doar e apenas “sorrir sobre sofrer — só de ser, vexar-se e viver, como, ora, dá-se” (ROSA, 2005, p. 124)? A dor que se sente pela perda de um amor é devastadora, seria eu capaz de ressignificar a morte com fez o Tio? Conseguiria passar do nada do tudo? Tio Man'Antônio, em algum momento, não perderia a esperança naquele agir? O que cuidava, que queria mesmo era entender desses mistérios.

E eles me foram revelados por mais um agir poético do Tio, que por “mais causas, no mundo e em si, ele, à esperança, em sua circunvisão, condenado [e destinado], descobria. Tio Man'Antônio tornou a escutar novos sentidos de viver, e concluiu que deveria de fazer mais e que haveria de presentear-se doando tudo o que era externo a si mesmo, para que conseguisse se aproximar ainda mais dos cimos onde as montanhas abrem asas. Pensou: “Se o paiol limpo se deve de, para as grandes colheitas: como a metade pede o todo e o vazio chama o cheio” (ROSA, 2005, p. 127). E foi isso que se deu, mais uma vez o Tio Man'Antônio fez de conta e foi

uma muita remexida história. E eis. E pois. [...] Tio Man'Antônio doou e distribuiu suas terras. Sim, tudo procedido à quieta, sob espécie, com o industrioso de silêncios, a fim de logo não se espevitar todo-o-mundo em cobiça, ao espalhar-se o saber do que agora se liberalizava ali, em tanta e tão espantosa maneira (ROSA, 2005, p. 127).

Ficamos todos sem entender o todo desprendimento. Se assim, qual nada, ainda veríamos mais! A tramada situação, a gente iria ver o inesperado. Aquilo tudo era pura e tanta loucura ou amerceamento justo? E no que ele nos olhava e dizia: “O grande movimento é a volta. [...] ‘Faz de conta gente minha... Faz de conta’ — era o que dava, e quando, embora, no que dizer essas palavras; não sorria, sengo (ROSA, 2005, p. 128).

E no que pensávamos e olhávamos era nas reluzências do ar para tentar compreender todo aquele caminhar. Dele mesmo, nada conservara, doou tudo aos seus muitos sequazes homens. Ficou apenas com a casa: ela era ele “e de onde o tamanho do mundo se fazia maior, transclaro, sempre com um fundo de engano, em seus ocultos fundamentos.” Tio

Man'Antônio... “Nada. Talvez não. Fazia de conta nada ter; fazia-se, a si mesmo, de conta. Aos outros — amasse-os — não os compreendesse” (ROSA, 2005, p. 128). Apesar de fazer de conta que eram donos das terras que outrora eram do Tio, não o compreendiam, continuavam o servindo; não o amavam. Mas ele os viajava, para a graça de ser, ajudava-os a administrar as terras. E foi que um certo dia deu-se a grande transformação por entre o nada: “Deu — o indeciso passo, o que não se podia seguir em ideia. Morreu, como se por um furo de agulha um fio. Morreu; fez de conta. [...] acharam-no, na rede, no quarto menor, sozinho de amigo ou amor — transitoriador — príncipe e só, criatura do mundo” (ROSA, 2005, p. 129).

Era preciso reverenciar Tio Man'Antônio? Atontávamos, no silêncio amedrontado. Será que vinha se vingar? O doar-se em vida foi castigado por qual fim? Destino é mesmo enormidade de mistérios. Fizemos velório, honramos no usual sua figura no que tinha que ser. Cantamos e choramos na varanda da casa. Tocou-se o sino. Mas nada ainda não tinha sido tudo. Terminada a obrigação, o pálido pasmo. Se caso que já se viu?

incendiou-se de repente a Casa, que desaparecia. [...] Assim, a vermelha fogueira, tresenorme, que dias iria durar, mor subia e rodava, no que estalava, septo a septo, coisa a coisa, alentada de plena evidência. Suas labaredas a cada usto agitando um vento, alto sacudindo no ar as poeiras de estrume dos currais, que também se queimavam, e assim a quadraginta escada, o quente jardim dos limoeiros. Derramados, em raio de légua, pelo ar, fogo, faúlhas e restos, por pirambeiras, gargantas e cavernas, como se, esplendidissimamente, tão vã e vagalhão, sobre assas, a montanha inteira ardesse. O que era luzência, a clara, incôngrua claridade, seu tétrico radiar, o qual traspassava a noite. [...] Até que, ele, defunto, consumiu-se a cinzas — e, por elas, após, ainda encaminhou-se, senhor, para a terra, gleba tumular, só; como as consequências de mil atos, continuamente. Ele — que como que no Destinado se convertera — Man'Antônio, meu tio (ROSA, 2005, págs. 120-130).

E chegamos ao destino, ao motivo da viagem com o Tio Man'Antônio, o de chegar ao nada, com a passagem para o além-morte, o Tio percorre o grande caminho de volta ao nada, este que é a nossa condição — nonada existir, criar, edificar e transcender poeticamente, pelas vias do faz-de-conta que brota do solo da poesia — a grande gleba tumular.

A partir da morte da esposa, Tio Man'Antônio sai dos silêncios à beira do abismo e passa a existir, pois ele — acontecedor transitório entre o céu e a terra — consegue converter-se em destinado ao nada — transcender —, sempre em imensa presença de si para si mesmo, ouvindo o apelo das asas da montanha. Ele, portanto, assume a guarda do destino do ser quando lança-se ao tornar-se: **EXISTIR**.

*

E viajando rumo ao desencobrimento da vida, fui dando num lugar apartado de tudo aos extremos, e fui avistando uma espécie de chácara. “ESSA CHÁCARA DO HOMEM FICAVA MEIO OCULTADA, escurecida pelas árvores, que nunca se viu plantar tamanhas tantas em roda de uma casa” (ROSA, 2005, p. 131). Era a casa de um homem estrangeiro na qual vi, pasmem, “O Cavalo que bebia cerveja”. Lá, fui percebendo aos poucos, é onde a vida eclode inesperadamente, mesmo em situação adversa.

Logo de início, conheci um rapaz e sua mãe adoentada, mais muito sábia. O nome dele era Reivalino Belarmino, que me contou sobre o homem estrangeiro que, segundo sua mãe lhe dizia, veio chegando na cidade, acautelado e espantado, fugindo da gripe espanhola que tomou conta das terras onde nasceu. O nome dele era Seo Geovânio, fincou morada naquele lugar fechado, protegido “de todo defendimento, e a morada, donde de qualquer janela alcançasse de vigiar a distância, mãos na espingarda” (ROSA, 2005, p. 131).

Reivalino parecia não gostar tanto do homem assim. Falava que sentia nojo pelo que “comia a quanta imundície: caramujo, até rã, com as braçadas de alfaces embebidas num balde de água” (ROSA, 2005, p. 131). Foi o que Reivalino contou:

Ver, que almoçava e jantava, da parte de fora, sentado na soleira da porta, o balde entre suas grossas pernas, no chão, mais as alfaces; tirante que, a carne, essa, legítima de vaca, cozinhada. Eu passava por lá, ele me pedia: — “*Irivalíni, bisonha outra garrafa, é para o cavalo...*” Não gosto de perguntar, não achava graça. Às vezes eu não trazia, às vezes trazia, e ele me indenizava o dinheiro, me gratificando. Tudo nele me dava raiva. Não aprendia a referir meu nome direito. Desfeita ou ofensa, não sou o de perdoar — a nenhum de nenhuma” (ROSA, 2005, p. 131).

Apesar de Reivalino dizer que o que o fazia remoer de rancor do homem “estrangeiro às náuseas” era o fato de não achar justo que tal homem possuísse o dinheiro e o estado e viesse comprar terras cristãs por essas bandas, sem honrar, de jeito nenhum, a pobreza dos que lá eram nascidos, gastando a rodo em dúzias de cervejas, pronunciando a feia fala de que eram para o cavalo? Sim. O cavalo bebia cerveja? Contudo, pelo narrar continuado de Reivalino, fui percebendo que o que mais incomodava era mesmo o fechamento da casa e a condição de apartado de si manifestada por Seo Geovânio, tanto que, num determinado momento de nossa conversa, o rapaz apertou o palavrão:

Cabrão! Parava pitando, uns charutos pequenos, catiungentos, muito mascados e babados. Merecia um bom corrigimento. Sujeito sistemático, com sua casa fechada, pensasse que todo mundo era ladrão. [...] Comigo,

não adiantava — não dispunha de minha ira. [...] Sabia que sou sem temor, em meus altos. [...] Tomara ele me xingasse! Aquele homem ainda havia de me ver (ROSA, 2005, p. 132).

Durante este percurso ao lado de Reivalino e Seo Geovânio, fui dando conta de que o que se dava a ver ali era a questão do aprisionamento do fluir da vida em seus mistérios, não levando em conta que a morte é a sua condição por excelência. O motivo dessa viagem, então, era acolher a morte e deixar a vida vir. E ela vinha, a vida eclodia inesperadamente em seus mistérios, mesmo em situação adversa, mas para isso era preciso sair do confinamento, do cativeiro que aprisiona os homens. E foi no que se deu.

O encontro entre Seo Geovânio e Reivalino — era bonito de se ver — ficou marcado por um festejo de duas almas que se uniram num sentimento comum, ocasião suficiente pela qual se deu a abertura que resgatou e/ou inaugurou um existir. Querem ver? Então, convidoo novamente a me seguir nesta viagem. Primeiro, preciso falar algumas coisas sobre esta nossa condição de sermos cativos, prisioneiros de nós mesmos, orbitando pequenos problemas, nos esquecendo de que a vida deve fluir em seu acontecer. Era o que se dava também com Reivalino e com Seo Geovânio, cada um cativo de sua pequenez: o primeiro, alimentando sentimentos de raiva, ranço, nojo e até ódio pelo homem a quem nem mesmo conhecia direito, só o via sentado à soleira da sua grande casa fechada, vivendo sua vida em simulacro; o segundo, por medo de se abrir para si e para o mundo, escondia um segredo que o aprisionava, fazendo o esquecer de compactuar com o fluir extraordinário da vida.

O fechamento de Reivalino se dava por ele não aceitar que as pessoas e as coisas são diferentes em seu manifestar, e tudo o que vinha de Seo Geovânio era motivo de ódio em Reivalino. Ele mesmo vivia dizendo: “Tudo nele me dava raiva” (ROSA, 2005, p. 131). E sempre pensava um jeito de desencobrir todo aquele mistério que cercava o homenzarrão “enjooso”. Foi ele que me falou assim:

— *“Tu espera, porco, para se, mais dia menos dia, eu não estou bem aí, no haja o que há!”* Seja que, por essa altura, eu devia ter procurado as corretas pessoas, narrar os absurdos, pedindo providências, soprar minhas dúvidas. O que fácil não fiz. Sou de nem palavras (ROSA, 2005, págs. 132-133).

Era isso, percebem, o fechamento de Seo Geovânio conduz ele ao fechamento de si em si e Reivalino ao fechamento de não ver o extraordinário e bonito das diferentes pessoas. O estrangeiro era tão aprisionado num segredo, que abortava a floração da vida, aprisionando-se num passado, sendo mero expectador passivo do presente e temente do futuro. Seo Geovânio apenas subsiste, prisioneiro pela sensação de perda/ausência da morte

em todo seu vigor, como rito de passagem para uma vida em contínuo acontecer, tanto que é incapaz de sofrer. Me pego pensando todas as vezes que a morte atravessa o caminho: sempre temos a falsa ideia de que podemos superar a morte – de alguém muito querido e até a nossa mesmo –, mas como é possível superar algo que é a continuação da própria vida. Falamos em superação no sentido de “vencer”, alcançar a vitória sobre algo ou alguém”; portanto, vencer a morte é algo impossível para nós humanos, visto que a morte é uma questão, assim como a vida, da qual somos doação. Só somos humanos em aprendizagem do nosso próprio porque em vida somos sempre lançados para a morte. Como já nos disse Martin Heidegger, somos seres-para-a-morte. E a morte não é um fim final e finito, mas um lançar-se infinito para a rebrotação da vida, para um sempre novo e originário viver.

Seo Geovânio ainda não conseguia perceber esse milagre da vida que é a morte. A morte de seu amado irmão o tinha cerrado para o milagre que é viver: dia após dia, amanhecendo com o sol e anoitecendo com a lua, entregando-se ao correr natural da vida. Nem mesmo dentro da própria casa conseguia entrar, estava completamente fechado. É Reivalino que nos conta da casa trancada e escondida, que segredara dentro o irmão que morrera, mas que permanecia oculto a todos e até ao próprio Seo Geovânio.

Do que mais estranhei, foram esses encobrimentos. Na casa, grande, antiga, trancada de noite e de dia, não se entrava; nem para comer, nem para cozinhar. Tudo se passava da banda de cá das portas. Ele mesmo, figuro que raras vezes por lá se introduzia, a não ser para dormir, ou para guardar a cerveja — *ah, ah, ah* — a que era para o cavalo (ROSA, 2005, p. 132).

Diferentemente de Tio Man’Antônio, em “Nada e a nossa condição”, Seo Geovânio aprisionava a morte e não conseguia, pois, abrir-se para o existir. A casa é a imagem-questão do que era Seo Geovânio – trancado, escuro, mofado, apartado de si – na qual não se entrava nem para comer – alimentar o ser – nem para cozinhar – agir poético do ser. Na casa, assim como em Seo Geovânio, vive-se o total expatriamento, o desterro, sobrevive-se à margem, na banda de fora de si. Tal expatriamento era tamanho que o fazia não pertencer à própria casa do ser. Vivia fora da graça, agindo sempre pelo lado de fora, ocultando e ocultando-se.

O que nos deixava curioso para entender era o que se passava dentro daquela casa. Seria Seo Geovânio algum forasteiro? Assassino, criminoso? Foi o que vierem botar vistas as autoridades vindas da capital, que, por meio do subdelegado, seo Priscílio, mandaram chamar Reivalino, para saber do tal homem. Questionaram-no se não era perigoso. No que retrucou Reivalino: “Perigoso, para mim? — *ah, ah*. Pelo que, vá, em sua mocidade, podendo ter sido homem. Mas, agora, em pança, regalão, remanchão, somente quisesse a cerveja — para o cavalo” (ROSA, 2005, p. 133).

Reivalino também vivia fechado em suas ideias: as de não se submeter a nada e ninguém: “Quem sou eu, quati, para cachorro me latir? (ROSA, 2005, p. 133); e mais: a de desvendar os porquês dos fechamentos de Seo Geovânio: “Mas eu queria jeito de entender, nem que por uma fresta, aquela casa, debaixo de chaves, espreitada” (ROSA, 2005, p. 133). E não é que Seo Geovânio, um belo dia, desconfiando dessa querência de Reivalino, começou a se abrir. Reivalino, pasmoso, adentrou:

Pois, por minha hora de surpresa, me chamou, abriu a porta. Lá dentro, até fedia a coisa sempre em tampa, não dava bom ar. A sala, grande, vazia que qualquer amobiliado, só para espaços. Ele nem que de propósito, me deixou olhar à minha conta, andou comigo, por diversos cômodos, me satisfiz. Ah, mas, depois, cá comigo, ganhei conselho, ao fim da ideia: e os quartos? Havia muitos desses, eu não tinha entrado em todos, resguardados. Por detrás de alguma daquelas portas, pressenti bafo de presença — só mais tarde? Ah, o carcamano queria se birbar de esperto; e eu não era mais? (ROSA, 2005, págs, 133-134).

Neste momento inicia-se a abertura para o existir tanto de Reivalino quanto de Seo Geovânio. Os dois irão conduzir a um diálogo amoroso, mesmo que ainda espinhoso em alguns momentos, na direção de abrirem-se a um novo existir que ia abrindo portas, salas, quartos, ouvidos, olhos, pensamento. Reivalino questionava-se a todo momento e narrava esse questionar, tentando, com isso, entender o que mais poderia surgir de dentro daquela casa e das próprias atitudes de Seo Geovânio. Disseram que numa certa noite ouviram diferentes “galopes no ermo da várzea, de cavaleiro saído da porteira da chácara. Pudessem ser? (ROSA, 2005, p. 134). Reivalino punha-se a pensar:

Então, o homem tanto me enganava, de formar uma fantasmagoria, de lobisomem. Só aquela divagação, que eu não acabava de entender, para dar razão de alguma coisa: se ele tivesse, mesmo, um estranho cavalo, sempre escondido ali dentro, no escuro da casa? (ROSA, 2005, p. 134).

E qual não foi nossa surpresa quando, num dia qualquer, seo Priscílio chega à casa de Seo Geovânio inquirindo sobre todas essas estórias misteriosas que rondavam sua chácara, do tal do cavalo beber cerveja! Estávamos, eu e Reivalino, sentados à soleira da porta, fingindo nem nada saber. O subdelegado apertava o carcamano, que permanecendo muito cansado, apenas balançava a cabeça. Passando a mão na testa, suspirando longamente, deu o dito: “— *‘Lei, quer ver?’*” E trouxe uma gamela cheia de cerveja, pedindo a Reivalino para ir buscar o alazão que tomou tudinho e ainda parecia pedir mais! Assustamo-nos: “O — qual era de se dar a fé? [...] Quando era que tinha sido ensinado, possível? (ROSA, 2005, p. 134).

Vi com os olhos vidrados na cena que Seo Geovânio e Reivalino se entre-olharam: “— *‘Irivalíni, que estes tempos vão cambiando mal. Não laxa as armas!’*” (ROSA, 2005, p. 134). Reivalino aprovou, sorriu, mesmo ainda se desgostando de não ter avistado os quartos. Para ele, “alguma outra razão devia de haver, nos quartos da casa.” (ROSA, 2005, p. 135). Foi, então, que seo Priscílio foi com um soldado na chácara e pediu para que Seo Geovânio abrisse cômodo por cômodo. E assim se deu o fato: Seo Geovânio, como em um ato de libertação, abriu logo o mais trancado de todos. “O do pasmoso: que, ali dentro, enorme, só tinha o singular — isto é, a coisa a não existir! — um cavalo branco, empalhado. Tão perfeito, a cara quadrada, que nem um de brinquedo, de menino [...] o cavalo de São Jorge” (ROSA, 2005, p. 135). Seo Geovânio empalhava a morte, aprisionando o re-nascer da vida. E soltou, mais uma vez entrecruzando o olhar com Reivalino: “— *‘Irivalíni, pecado que nós dois não gostemos de cerveja, hem?’*” (ROSA, 2005, p. 135). O rapaz aprovou.

Mas nossa curiosidade foi mais uma vez aguçada, se naquele quarto duro de trancado aprisionava-se a vida, e os outros quartos ainda cerrados?! Seo Priscílio ordenou que se desse busca por inteiro, os quartos foram sendo abertos. E Seo Geovânio também, começou a falar:

— “Irivalíni, eco, a vida é bruta, os homens são cativos...”

— “Mas, Irivalíni, nós gostamos demais da vida...” (ROSA, 2005, p. 135).

Depois se calou, como que se quisesse pausar a abertura. Reivalino sentiu: “Coisa terrível, assistir aquele homem, no não dizer suas lástimas” (ROSA, 2005, p. 135). O silêncio de Seo Geovânio, diferente da mais pura forma de excessividade para o existir de Nosso Pai, em “A terceira margem”, é pobre, indigente, amargurado e estéril. Era preciso voltar à abertura, voltar a narrar sua dor, deixar a vida fluir por entre palavras e ações, sair do aprisionamento que era o seu viver apartado de si. Nisso, se deu o maravilhoso acontecido. Meio que de repente,

Seo Geovânio abriu de em par a casa. Me chamou: na sala, no meio do chão, jazia um corpo de homem, debaixo de lençol. — “*Josepe, meu irmão*”... — ele me disse, embargado. Quis o padre, quis o sino da igreja para badalar as vezes dos três dobres, para o tristemente. Ninguém tinha sabido nunca o qual irmão, o que se fechava escondido, em fuga de comunicação das pessoas. Aquele enterro foi muito conceituado. [...] Mas, aí, se viu só o horror, de nós todos, com caridade de olhos: o morto não tinha cara, a bem dizer — só um buracão, enorme, cicatrizado antigo, medonho, sem nariz, sem faces — a gente devassava alvos ossos, o começo da goela, gargomilhos, golas. — “*Que esta é a guerra...*” — Seo

Geovânio explicou — boca de bobo, que se esqueceu de fechar, toda doçuras (ROSA, 2005, p. 136).

Mesmo de banda de fora, conforme sempre foi, Seo Geovânio, achacoso, envelhecido e subitamente no trepassamento de tantos anos de manifestada dor, iniciava seu retorno para a banda de dentro, deixando transparecer a todos os presentes suas grandes dores, as quais o aprisionavam e não o deixavam corresponder à sua condição de humano que era a de soltar a vida, libertando o cavalo empalhado, aceitando a morte, enterrando o irmão morto há tempos, e, portanto, iniciar seu existir. Mais uma vez, vira-se a Reivalino, o convidando a seguir com ele.

E, então, ele fez a mais extravagada coisa: abriu cerveja, a que quanto se espumegasse. — “*Andamos, Irivalíni, contadinho, bambino?*” — propôs. Eu quis. Aos copos, aos vintes e trintas, eu ia por aquela cerveja toda. Sereno, ele me pediu para levar comigo, no ir-m’embora, o cavalo (ROSA, 2005, p. 136).

A cerveja compartilhada por Seo Geovânio e Reivalino é o fim de um viver longo no desconhecimento e começo de um existir que inicia com um reconhecimento mútuo lançado a um conhecer enquanto abertura para o existir. Seo Geovânio, após liberar a morte, libertando os quartos do cavalo empalhado e do cadáver do irmão, passou a se conduzir pelo fluir da vida. Abrir-se em compaixão, entendendo que a morte é o seu curso natural e, para tanto, deve ser louvada, honrada enquanto sentido da vida foi o que também fez Reivalino:

Não avistei mais o meu Patrão. Soube que ele morreu, quando em testamento deixou a chácara para mim. Mandei erguer sepulturas, dizer missas, por ele, pelo irmão, por minha mãe. Mandei vender o lugar, mas, primeiro, cortarem abaixo as árvores, e enterrar no campo o trem, que se achava, naquele referido quarto. Lá nunca mais voltei. Não, que não me esqueço daquele dado dia — o que foi uma compaixão. Nós dois, e as muitas, muitas garrafas, na hora cismei que um outro ainda vinha sobrevir, por detrás da gente, também, por sua parte: o alazão façalvo; ou o branco enorme, de São Jorge; ou o irmão, infeliz medonhamente. Ilusão, que foi, nenhum ali não estava. Eu, Reivalino Belarmino, capisquei. Vim bebendo as garrafas todas, que restavam, faço que fui eu que tomei consumida a cerveja toda daquela casa, para fecho de engano (ROSA, 2005, págs. 136-137).

Com a morte de Seo Geovânio e dada todas as honrarias aos mortos, Reivalino capiscou a vida: passou a existir e a corresponder ao fluir da brotação incessante do que é viver. Eu, fiquei meditando sobre toda essa estória de crise para a libertação. E percebi que em “O cavalo que bebia cerveja” a viagem se dá por entre encruzilhadas que, ao final deste percurso nos mostraram que o fechamento da vida e da casa de Seo Geovânio rumou à extravagada abertura para o existir; que o cativo que aprisiona os homens deve rumar em

direção à impetuosa liberdade de viver; que o rígido e estéril silêncio vindo de Seo Geovânio transforma-se em força catártica da fala guardada que inicia a narrativa para o existir; e que o ser expatriado de si uma hora consegue retornar à casa e abrir-se ao misterioso milagre que é a morte e que o conduz à liberdade do fluir da vida. Se é assim, agora já não sei, mas foi assim que se deu o caminhar por essas veredas. Este que nunca tem fim, apenas recomeços!

*

Temí, neste exato momento, não ter mais fôlego para continuar a viagem! Sentia um cansaço extremo, como se as forças vitais tivessem sido sugadas do meu corpo. Iria conseguir chegar até o fim da viagem. Esta viagem-tese teria um fim, ou apenas paragens e veredas que cada vez mais levariam a outras paragens e veredas? Seria capaz de acompanhar mais outras tantas personagens-questões por entre as *Primeiras estórias*? Deveria, então, retornar? Mas retornar para onde? Do ponto onde iniciei o percurso? Isso seria possível? Já estava transformada por todas essas estórias que se manifestaram por mim e em mim, para as quais fui apenas escuta e acolhimento. Resistir. Reexistir. Lembrei de Fernando Pessoa: “Navegar é preciso, viver não é preciso? Viajar e existir são precisos? Existe um começo, meio e fim da viagem para o existir? Refazer o roteiro? Mas o destino tem roteiro a ser seguido, ou apenas devemos acolher o acontecer natural das coisas e do ser e, destinados, seguir viagem?”

Quanta inquietação...! Só saberemos no meio do caminho. Estaria, portanto, percorrendo o meio desta viagem? Questões! Em mim, rebuliços nevoados de pensamento. Tinha que continuar a seguir viagem, não teria mais como voltar atrás, algo já, e desde sempre, me transformara. Estava mais uma vez em novos aumentos de amor. Tempestades, estrondos, terremotos. Tudo remexia a terra. E foi no que deu, rumei para outras bandas, e fui ouvindo estórias difíceis de acreditar.

*

Eis que eis: após um feixe luminoso que se projetara no espaço, que revirou a “NOITE DE 11 DE NOVEMBRO DE 1872, NA COMARCA DO Serro Frio, em Minas Gerais, deram-se fatos de pavoroso suceder” (ROSA, 2005, p. 139). Foi o que me contaram lá para as bandas da Fazenda do Casco, de um senhor chamado Hilário Cordeiro, que ficava dentro da rua do Arraial do Oratório. “Um moço muito branco”, avistaram após dias de reviravoltas, tempestades “que remexeu vales, matou gente sem conta” e “Mesmo a distância do astroso arredor, a muita criatura e criação pereceu, soterradas e afogadas. Outros vagavam ao deus-dar, nem sabendo mais, no avesso, os caminhos de outrora. (ROSA, 2005, p. 139). Disseram que o moço era

um coitado fugitivo desses, decerto persuadido da fome: o moço, pasmo. O que foi quando subitamente, e era moço de distintas formas, mas em lástimas condições [...] foi ele avistado, de muita manhã, aparecendo e se escondendo por detrás do cercado das vacas. Tão branco; mas não branquicelo, senão que de um branco leve, semidourado de luz: figurando por dentro da pele uma segunda claridade. [...] fazia para si outra raça (ROSA, 2005, p. 140).

Esse moço transformaria todos em Serro Frio, feito a alegria que se apresenta como um dom capaz de transfigurar o destino de quem cruzar seu caminho. Foi Hilário Cordeiro quem o acolheu, e para surpresa de todos, que depois passaram mesmo é a gostar dele, o moço passava por extraordinária desgraça, foi o que falaram:

perdida a completa memória de si, sua pessoa, além do uso da fala. Esse moço, pois para ele sendo igual matéria o futuro que o passado? Nada ouvindo, não respondia, nem que não, nem que sim; o que era coisa de compaixão e lamentosa. Nem fizesse por entender, isto é, entendia, às vezes o contrário, os gestos. Dado que uma graça já devia de ter, não se lhe podia pôr outro nome, não adivinhado, nem se soubesse de que geração fosse — o filho de nenhum homem (ROSA, 2005, p. 140).

Quem mais gostou do moço foi o preto meio alforriado José Kakende, homem de ideia conturbada, que era tido como louco. Como de habitual, são os loucos e os marginais da razão que conseguem ver e ouvir além do visível e audível de uma realidade regida pela lógica, para além de toda dimensão poética da realidade. Foi José Kakende que de pronto entendeu que o moço não era filho de nenhum homem, pois que era ele próprio o fruto de toda a humanidade, o que transcendeu a condição meramente humana e entabulou uma conexão mais direta com o sagrado, realizando-se numa dimensão intermediária entre as esferas divina e sagrada; e que se estava ali era para trazer a alegria originária a todos que se deixassem tocar pela graça que emanava, a fim de que as pessoas pudessem ter a oportunidade de se rever e passar a existir.

Mas os loucos não são, na maioria das vezes, levados a sério. Muitos de Kakende diziam que o preto, por não atinar direito, vivia criando sandices de não se acreditar:

por último, então, delirado varrido, pelo fato de padecidos os grandes pavores, no ligar do Condado: girava agora por aqui e ali, a pronunciar advertências e desorbitadas sandices — querendo por em pé de verdade portentosa aparição que teria enxergado, nas margens do Rio do Peixe, na véspera das catástrofes (ROSA, 2005, p. 140).

Disseram que a aparição e a conseqüente convivência com o moço fez mesmo toda a espécie do vilarejo passar por uma transformação radical. Logo no começo da estória, contam que “após os cataclismos” da aparição, o próprio terreno da cidade “mudara de feições”.

Ah, esse moço, que “fazia para si outra raça” (ROSA, 2005, p. 140), assim como o Nosso Pai, de “A terceira margem” e Ninhinha, de “A menina de lá”; não me parecia pessoa sem senso nas ideias, apenas sem divisão na memória do que era passado-presente-futuro. Esse personagens-questão nos conduzem a pensar numa quarta dimensão do tempo que é a linguagem, e por ela o tempo se faz poético, o que e nos conecta, enquanto humanos, radicalmente com a dimensão divina-humana dos seres. A linguagem, enquanto quarta dimensão do tempo, funda tempo e espaço. E esse fundar está no sentido de realizar o lugar, o mundo. A linguagem, meus caros, é mundo e sentido, é pela linguagem que nós, seres humanos que somos enquanto doação da linguagem, vamos dando sentido ao mundo ao nosso redor, nos construindo poeticamente, indo em busca do nosso destino que é existir!

Era mesmo muito estranha toda esta estória. Uns diziam que o moço não parecia ser tonto, bobo ou qualquer coisa parecida, mas que observava tudo ao redor com ares de saudade:

só aquela intenção sonhosa, o certo cansaço do ar. Surpreendente, contudo, o que assaz observara, resguardado, até espreitasse por miúdo os vezos de coisas e pessoas; o que, porém, melhor se viu pelo depois. Gostou-se dele (ROSA, 2005, p. 140).

O moço muito branco, mesmo sem memória aparente, sabia o motivo de estar ali, e observava tudo e todas as coisas com o silêncio na alma de quem já passou por tudo aquilo e que já não mais fazia parte do mundo de cá. Sentia mesmo era uma

saudade inteirada, a salvo do entendimento, e que por tanto se apurava numa maior alegria — coração de cão sem dono. Seu sorriso às vezes parava, referido a outro lugar, outro tempo. Sorrindo mais com o rosto, senão com os olhos (ROSA, 2005, p. 141).

Essa saudade inteirada que apertava seu peito estava ligada a outro lugar, a outro tempo, que não este de agora. Mas, tal qual Ninhinha, o moço não pertencia ao mundo de cá,

funcionalista, racional, do tempo das urgências ordinárias; seu mundo era o de lá, onde, pelo silêncio e escuta, os homens voltam-se à sua estreita ligação com os mitos, os deuses, o sagrado da vida, sabendo-se integradores e integrantes de um mundo harmonioso entre coisas–*physis*–seres–deuses.

As transformações não acontecem apenas com o espaço físico, pessoas que se aproximavam do moço também viam suas vidas e atos transformados. O moço realizava-se, portanto, como um arcanjo mediador que libera os homens para transcensões insuspeitas. Primeiro, Hilário Cordeiro, cordial e alegre, que recebe o moço de coração aberto, e “eis que tudo lhe passou a dar sorte, quer na saúde e na paz, em sua casa, seja no assaz prosperar dos negócios, cabedais e haveres” (ROSA, 2005, p. 142). Depois, Duarte Dias, “pai da mais bela moça, por nome Viviana; e do qual se sabia ser homem de gênio forte, além de maligno e injusto, sobre prepotências” em cujo “coração não caía nunca uma chuvinha” (ROSA, 2005, p. 141), irá encontrar, conduzido pelo moço, em suas terras, “uma grupiara de diamantes; ou um panelão de dinheiro, segundo diversa tradição.” E, não foi o fato de que, por fim, Duarte Dias “mudado de fato esteve, da data por diante, em homem sucinto, virtuoso e bondoso” (ROSA, 2005, p. 144).

Além desses, o cego Nicolau, pedidor desperta a atenção comovida do moço que “em o vendo, olhou-o sem medida e entregadamente — contam que seus olhos eram cor-de-rosa! — e foi em direitura a ele, dando-lhe rápida partícula, tirada da algibeira” (ROSA, 2005, p. 141). O que o cego Nicolau recebeu foi uma semente desconhecida que

guardou, com irados ciúmes e por diversos meses, aquela semente, que só foi plantada após o remate dos fatos [...] e [que] deu um azulado pé de flor, da mais rara e inesperada: com entreaspecto de serem várias flores numa única, entremeadas de maneira impossível, num primos confuso, e as cores, ninguém a respeito delas concordou, por desconhecidas no século; definhada, com pouco, e secada, sem produzir outras sementes nem mudas, e nem os insetos a sabiam procurar (ROSA, 2005, p. 142).

A semente dada ao cego Nicolau e que originou num azulado pé de flor de brilho etéreo nos faz pensar ser a imagem-questão da flor de narciso, a flor pelágica originária do re-nascer dos seres, e que está presente em várias outras narrativas de *Primeiras estórias*, como em “O espelho”, “Os cimos” entre outras, como manifestação de transformação pelo movimento de brotação da *physis*. O moço muito branco originário de todas as cores é, neste caso, quem possui a semente para ser presenteada a um cego que tudo vê. Aqui podemos perceber, claramente, a ligação entre o cego Nicolau e Tirésias, um dos mais célebres profetas de Tebas, que também era cego. Personagem de muitas narrativas do imaginário

grego, como o mito de Narciso, a *Odisseia* (século VIII a.C), de Homero; foi também importante personagem da trilogia tebana *Édipo*, *Édipo Rei*, e *Édipo em Colono*. Segundo o mito, Tirésias não só sabia do passado, como do presente e do futuro; teria ficado cego porque os deuses ficaram zangados com ele por ter revelado aos mortais segredos que gostariam de ter guardado para si. Outra versão fala que a cegueira de Tirésias dia uma origem muito mais extraordinária: certa vez, durante um passeio pelo monte Cilene, Tirésias encontrou duas serpentes entrelaçadas e as separou com seu bastão, o que o fez se transformar em mulher. Tempos mais tarde, Tirésias volta a encontrar as duas serpentes mais uma vez entrelaçadas e retoma sua forma primeira. Por ter conhecido os dois sexos, foi então escolhido como juiz de uma desavença que acontecera entre Júpiter e Juno, pronunciando-se contra a deusa que tomara conta do caso, que de tão irritada o privou da visão, entretanto, fora compensado com o dom da profecia, que recebera de Júpiter, e Minerva o presenteara com um bastão e o ajudava a andar como se ainda possuísse a visão perfeita²⁹.

Quem passa por uma transformação importante ao encontrar com o moço é Viviana, a moça, filha de Duarte Dias, que ao ser tocada delicadamente no seio pela palma da mão do moço, foi curada de uma dor ancestral que a paralisava e a impedia de viver. Desde então, Viviana despertou em si numa alegria para o restante do seu viver. E foi assim que se deu o episódio da moça Viviana, dizem que muito mal contato:

O que foi quando ele [o moço] lá apareceu, acompanhado do preto José Kakende, e deu com a moça, mui bonita, mas que não se divertia ao igual das outras: e ele se chegou muito a ela, gentil e espantoso, lhe pôs a palma da mão no seio, delicadamente. Ora, sendo assim a moça Viviana a mais formosa, tinha-se para admirar que a beleza do feitio lhe não servisse para transformar, no interior, a própria vagarosa tristeza (ROSA, 2005, p. 143).

Dizem que o pai da moça, Duarte Dias, ficou foi muito bravo com o acontecido, e quis obrigar o moço a casar com sua filha: “Tem que casar! Agora, tem de casar!” (ROSA, 2005, p. 143). Mas tanto o moço quanto a moça sabiam que aquilo não era matéria para matrimônio de dois sujeitos. O que vinha a fazer sentido para eles era que a partir daquele toque tudo havia se transformado, o calor da graça vindo da palma da mão do moço e tocando o seio, bem no coração da moça tinha conduzido ambos ao existir: o moço, que já se sabia instrumento de transformação, ouvia toda a gritaria de Duarte Dias “de boa concórdia” (ROSA, 2005, p. 143). Viviana, a filha, “com radiosos sorrisos, o serenava. Ela, que, a partir

²⁹ Para saber mais sobre o mito de Tirésias, ver “Os Labdácidas” In. *Mitologia Grega e Romana* (2011), escrita por P. Commelin, com primeira edição em 1993, traduzida por Eduardo Brandão. Obra referida no final deste trabalho.

dessa hora, despertou em si um enfim de alegria, para todo o restante de sua vida, donde um dom” (ROSA, 2005, p. 143).

E quem me contou toda essa estória do aparecimento de uma espécie de anjo originário do mundo de lá, que chegou pela luz da graça para transformar todas as coisas do vilarejo do mundo de cá foi um narrador que não participou dos fatos, e, assim como nós, ouvintes/leitores, apenas soube da estória por relatores que, há época dos acontecimentos, eram ainda meninos. O narrador, portanto, narra-nos, esperando extrair do narrar o sentido do que narra e ao fim da estória conclui que o moço muito branco de todas as cores, cintilou ausente, aconteceu, e mais nada.

Cintilar ausente nada mais é do que o movimento da *physis* de desvelar, velando todos os seres e as coisas e, por isso, acontecendo e fazendo acontecer todas as coisas e os seres; mais: cintilar ausente era brilhar sem mesmo se deixar ver, realizar-se como fonte luminosa que projeta luz, mas que ao mesmo tempo se esconde; desocultar-se, ocultando-se; a luz branca originária de todas as outras cores, a origem de tudo, para a qual o anulamento cromático é o fundar do inesgotável colorir (FARIAS, 2005).

Era este o destino do moço muito branco: ao aparecer por meio da destruição do que era velho tinha como missão a brotação do novo, e, para isso, ia desvelando os seres que a ele se chegavam, os transformando por meio da graça e do amor, fazendo com que os moradores do vilarejo, um a um, pudessem acontecer re-espíritos. E, a partir do movimento cíclico e infinito de desvelar e velar, pudessem existir.

O próprio moço, após todos esses atos de transformação pela graça do ser e de ser, transforma-se de “o moço, pasmo” (ROSA, 2005, p. 139) em “o moço, plácido” (ROSA, 2005, p. 144), ao final, conquistando asas com as quais retorna ao mundo de lá, sua pátria estrelar. Eu, por mim, retorno em viagem em busca de existir, aprendendo, poeticamente, que as coisas extraordinárias acontecem é na simplicidade dos atos que a gente menos espera durante as mesmices dos caminhos tortuosos desta vida. Assim se deu. Segui. Sigamos!

*

E “NO MAIS, MESMO, DA MESMICE, SEMPRE VEM A NOVIDADE. Naquela véspera, eu andava meio relaxo, fraco; eu já declinava para nãoezas?” (ROSA, 2005, p. 145).

Foi assim que começou o seu narrar um tal de Joaquim Norberto, hoje pessoa quase de paz o quanto podia, que se questionava sobre o acontecer das coisas e o agir, de forma acautelada:

Sou remediado lavrador, isto é — de pobre não me sujo, de rico não me emporcalho. Defesa e acautelamento é que não falecem, nesta fazenda [...] Aqui é um recanto. Por moleza do calor era que eu ficava a observar. Nesse dia, nada vezes nada. De enfastiado e sem-graça, é que eu comia demais (ROSA, 2005, p. 145).

A estória já surge do completo nada: “Nesses dias, nada vezes nada”. Eu tinha acabado de chegar nas terras da fazenda Santa-Cruz-da-Onça, de hospitalidade de Joaquim Norberto, de corpo cansado, mas de alma aberta para mais uma estória que me conduziria à aprendizagem do que sou e não-sou. E logo de início, o tal lavrador remediado passou a me contar um caso que aconteceu com ele em tempos de calmarias pelo nada e que o colocou à espera ao inesperado da vida.

Pudesse ser? Pelo narrar, vocês verão que essa espera o causou tensão, agir, procura, cuidado, realização. Sobreentendi. Aquela estória pela qual viajava tinha um motivo; a narrativa nos conduzia aos começos e recomeços, aos fins que se revelavam início. Viajávamos à espera do nada enquanto abertura para as possibilidades de re-brotar para a vida, re-nascer: existir. E tudo começa assim, na mais inteirada nãoezas do acontecer (?) Mas, é bom ter cautela, pois já sabemos que “Quando nada acontece, há um milagre que não estamos vendo” (ROSA, 2005, p. 113). Foi o próprio Joaquim Norberto que contou:

Do almoço, empós, me remitia, em rede, em quarto. Questão de idade, digestões e saúde: fígado. Sa-Maria Andreza, minha santa e meio passada mulher, ia ferver um chá, já, para o meu empacho. Bom. Seo Fifino, meu filho, banda de fora da porta, noticiou: que tendo chegado certo sujeito, um positivo, com carta. Tomei pausa. Prestezas e pressas não me agravavam.

Joaquim Norberto era homem cuidadoso, acautelado e, me parecia consciente de seu agir, até mesmo o inesperado era, por ele, esperado, só não saberia quando isso se daria, mas me parecia aberto ao acontecer. Sigamos seu narrar:

E aí, meu capataz, José Satisfeito, soprado informava o nome dele, o qual — o “Baldualdo”. Sou mosquitinho em queixo de onça: não fiz celhas, não dei pasmo. Sabia da fama desse Baldualdo — que valendo um batalhão, com grande e morta freguesia. Por ora, que bem me importava? [...] Só a vida é que tem dessas rústicas variedades. Eu ponho a mesa e pago a despesa. Me mexi da rede, vim ver quem. (ROSA, 2005, p. 145-146).

Joaquim Norberto recebeu desse Baldualdo uma carta de seu estimado amigo e compadre, Seo Seotaziano, que lhe pedia para dar repouso a dois jovens noivos, fugidos para se casarem. E, para Joaquim Norberto, tal ato era para ser cumprido com o mais digno

respeito e confiança: “Se ele riscou, eu talho” (ROSA, 2005, p. 146). A carta: “*Para um moço e uma moça, lhe peço forte resguardo. O mais se verá, mais tarde.*” (ROSA, 2005, p. 146). E o “mais” era o nada, o inesperado que despontara no horizonte e que irá se dar enquanto fundar do tudo. Após um bom tempo de calma e nãoezas, o extraordinário chegará em forma de calores de amor trazido pelos jovens. E foi o princípio do abrir-se de Joaquim Norberto, que inicia uma primeira experiência pelo inesperado amor já em altas idades. Ele mesmo confessou: “Essas doidices de amor! — sorri. Saí dos suspensos para os preparos. No quieto do que se precisava. Temperar o vir de outras coisas, acomodar os hóspedes, que esperados” (ROSA, 2005, p. 146).

“Saí dos suspensos e dar início aos preparos”, além de iniciar a acolhida dos noivos na fazenda, com todo requinte de cuidados, também sinaliza o começo da transformação de Joaquim Norberto, que sai dos suspensos não-agir, não ser, das nãoezas, para se lançar à viagem ao existir. Entretanto, de modo ainda acautelado, esperando o esperado.

A gente olhava tudo nas reluzências do ar fino de cheiros outrora conhecidos, mas agora adormecidos com o passar da vida. Joaquim Norberto colocou toda a sua gente que trabalhava na fazenda a preparar a casa para receber os jovens amantes, pondo ordem, consoante — ele dizia que prevenido vale por quatro. Mandou trazer mais quatro homens de fora para proteger a casa e os noivos de qualquer trama de violência que poderia estar por vir do pai da noiva. Mandou comprar arroz e feijão, cargas de pólvora, chumbo e bala à-bastança. Estaria preparado para o que fosse. Até mesmo para o renascer do amor?

Sa-Maria Andreza, minha mulher me mirava. [...] Na varanda, caminhei, uns passos, exercitados. Os que por vir, moço e moça? Sa-Maria Andreza, minha correta mulher, os um ou dois quartos arrumasse — toalhas, bem-estar, flores em vasos. Seguro que de noite chegavam, sagazes. — “*Ah, minha velha, vamos tocar rabecas...*” — gracejei, limpando a parabélum.

Joaquim Norberto passa de sujeito calmo para sujeito entusiasmado com a possibilidade do acontecer de algo que ainda não sabe o que é, e para tanto, já se abre, se prepara para acolher tanto para o re-nascer das alegrias de amor quanto para o re-nascer das aventuras de jagunço que fora há tempos passados. Só Sa-Maria Andreza, sua boa companheira, que parece ainda não acreditar que velhos hábitos possam ser mudados. No que ele olha para ela, com entusiasmo para os novos fazeres, e ela replica: “— ‘*Aroeira de mato virgem não alisa...*’” (ROSA, 2005, p. 147). E no que Joaquim Norberto se agiganta já amando, em mais: “Peguei na mão dela, meio afetuoso. Repensei em todas as minhas armas. Ai, ai, a longe mocidade” (ROSA, 2005, p. 147).

Foi preciso longo tempo de calma para que o narrador, frente a uma situação inesperada, partisse do nada para o desabrochar em novas alegrias de amor, que o levariam ao existir. E tanto ele quanto sua esposa irão aos poucos se abrindo para este novo re-brotar, retomando olhares e cuidados um com o outro, se enlaçando em luas-de-mel trazidas pelos novos ares de amor do moço junto à moça. Ao narrar a chegada dos jovens na fazenda, Joaquim Norberto já se mostra entusiasmado pelo desabrochar de novos recomeços:

Sem ninguém de nós desprevenidos, de fato em meia-noite chegaram. Noivos, amor muito. Ela, era das lindas, suspendendo as atenções; nem eu soube filha de que pai. Só meio assombradazinha, sorrisos desabafados. O moço — rapaz! — dos bons. Vi, com olho imediato. Tinha rifle longo. Tinha o garbo guapo. Não, inda não eram casal. [...] Ah, eles tinham viajado vindo sozinhos, como se deve-de, em fugas particulares. Gostei, mais. (ROSA, 2005, p.147).

A fazenda estava em festa. No outro dia, Joaquim Norberto amanheceu antes do sol, e tudo estava em paz. Ele, parou o olhar enebriado pelos novos ares vindo com a brotação de uma nova vida, e disse, inesperadamente:

Admiro essas certezas, do campo, em cheiros, enfeitado; enquanto nada. Sa-Maria Andreza, minha mulher me cuidava. A ela eu disse: — *‘Não me conste quem é esta moça, nem o que tenha revelado.’* Não no por ora. Eu não queria saber (ROSA, 2005, p. 148).

Joaquim Norberto, a partir de então, não mais queria preparar-se ao inesperado nada, apenas acolhê-lo, deixar vir e senti-lo. Sabia que o nada, o não saber era que o iria conduzir a um novo viver, queira assim. Sabia ser assim. Disse: “Herói é no que dói!” (ROSA, 2005, p.148). Estava ele em busca de realizar seu destino, realizar-se, destinado, correspondendo ao seu destino, o de existir pelos novos ares de amor, e para isso, deixava vir em sua memória todo o vigor de amor já vivido outrora, quando ainda era moço, e acontecia: “Se me se diz, nem pensei: os namoros dessas gentes, são minhas outras mocidades” (ROSA, 2005, p. 148).

E contemplava o amor e convidava sua esposa a seguir com ele, Sa-Maria Andreza, sua conservada mulher, que agora era vista por ele com olhos enebriados de querência, olhos desanuviados. A menção à sua esposa vai se reconfigurando, gradualmente, assim como os atos de cuidado da esposa com ele, manifestando as diversas etapas de eclosão do amor que lhe tomavam o ser. Vejamos:

Sa-Maria Andreza, minha santa e meio passada mulher, ia ferver um chá (ROSA, 2005, p. 145).

Sa-Maria Andreza, minha mulher, me mirava (ROSA, 2005, p. 146).

Sa-Maria Andreza, minha correta mulher (ROSA, 2005, p. 147).

Sa-Maria Andreza, minha mulher, me cuidava (ROSA, 2005, p. 148).

Sa-Maria Andreza, minha conservada mulher, em cozinhar se esmerava (ROSA, 2005, p. 148).
 Sa-Maria Andreza, mulher, sinceros carinhos lhe dava (ROSA, 2005, p. 148).
 Sa-Maria Andreza, minha, por mim também rezasse? (ROSA, 2005, p. 148).
 Sa-Maria Andreza, minha mulher, com gosto dispôs o altar. (ROSA, 2005, p. 148).
 Minha Sa-Maria Andreza, bem vestida, figuro também que até corada (ROSA, 2005, p. 149).
 Olhei minha sadia Sa-Maria Andreza — contemplada (ROSA, 2005, p. 149).
 Sa-Maria Andreza, mulher minha. (ROSA, 2005, p. 150).
 Sa-Maria Andreza, mulher, me sorria. (ROSA, 2005, p. 150).
 Sa-Maria minha Andreza me mirou com um amor, ela estava bela, remuçada (ROSA, 2005, p. 150).
 Eu, feliz, olhei minha Sa-Maria Andreza; fogo de amor, verbigrácia (ROSA, 2005, p. 150).
 Sa-Maria Andreza, e eu, nós, a gente contemplava (ROSA, 2005, p. 152).
 Olhei minha Sa-Maria Andreza, que me olhava. Ai-de. Enquanto nada (ROSA, 2005, p. 152).
 Abracei minha Sa-Maria Andreza, a gente com os olhos desnublados (ROSA, 2005, p. 152).

Nada. O que é o nada?! Nada seria a não coisa? As nãoezas, como proferiu no começo da estória Joaquim Norberto? Ou nada era a inesperada abertura para as possibilidades de tudo? Nada, enquanto possibilidades de possibilidades, pode ser pensando sempre como doação do humano à novas realizações, em que o tempo o atravessa e o conduz ao existir. Nada, enquanto essa predisposição a novas realizações, então, já existir! Se me se diz: Joaquim Norberto passou a existir com a chegada dos noivos, enquanto nada!

Vocês verão! A entrega do nosso narrador ao inesperado nada se dará mesmo é no meio do caminho, no entre-viagem amorosa, quando ele se vê em luas-de-mel e acolhendo o nada em um movimento marcado pelo passar dos dias e das noites, como ele mesmo nos conta. Bem no início do seu narrar, ele diz que o acontecer dos dias na fazenda são tranquilos até demais: “Aqui é um recanto. Por moleza de calor era que eu ficava a observar. Nesses dias, nada vezes nada” (ROSA, 2005, p. 145).

Depois, com a chegada do moço e da moça, em novas luas, visto que chegaram “de fato em meia-noite. [...] Cearam. Nada falaram” (ROSA, 2005, p. 147), Joaquim Norberto sai de vez do suspenso não agir e passa a apreciar as posturas dos jovens e a gostar cada vez mais do que se manifesta à sua frente e, assim, vai narrando os acontecimentos dos dias de acolhimento e preparativos para as bodas do jovem casal. É assim que Joaquim Norberto narra a primeira noite em que os noivos estavam na fazenda:

Tudo em tudo, em ordem, adormeci, consoante, proprietário do meu sono. Como Não? [...] De encaminhar, me adormeci bem. Só vivo no supracitado. Amanheci antes do sol, tudo em paz, posses e orvalhos. Admiro essas certezas, do campo, em cheiros, enfeitado; enquanto nada. [...] A gente se mexendo, tranquilos, o tempo crescendo, parado. Do jeito, passou-se esse dia, em ouros e copas; enquanto nada. [...] Assim mais gente, outra vez, acordou-se antes dos galos. Ali, para a incerta segunda-feira — meio redonda. Dia dos fortes chegares (ROSA, 2005, p. 147-148).

Joaquim Norberto, a essa altura, era só amor, enquanto nada. Ao se lembrar dos jovens caminhando pela fazenda, ele rememora palavra: “Amor é só amor. Airosos. Iam os dois, braços pelos braços. Vejam como são as paixões! Tudo bom, bem bom” (ROSA, 2005, p. 149). E, ao falar do banquete que se deu após o casório, lembra, mais uma vez, do valeroso moço e da formosura da moça, nesse momento já casados, e solta mais palavras ao nada — abrindo-se para o tudo —, tentando compreender como vinha levando uma vida atolada pelos escombros de não mais se enxergar como destinado ao amor: “A velhice da lã é a sujeira... — eu pensei, consoante, me vendo. Essas delícias de amor! — suspirei, mal pensando. Eu descia dos vales para os montes! (ROSA, 2005, p. 149).

Este movimento ascensional de subir, descendo, que nos conduz à estranheza de pensar, na verdade é a imagem-questão da construção dos alicerces para um novo existir, mesmo já tendo entrado em idades, o qual vigora radicalmente no movimento originário da re-criação pela renovação das fazes da lua, que conduz nosso narrador às luas-de-mel, pela eterna juventude de Eros. Pudesse ser?! Não sei! Mais uma vez, só aquela divagação que eu não acabava de entender!

O nada estava o tempo todo à espreita para ser acolhido, presente na vida de Joaquim Norberto. O nada toma ordem de palavra: “Nada vezes nada”; “enquanto nada”; Nada falaram” são expressões recorrentes na fala do narrador. Muitas vezes o nada vem em forma de ninguém, o qual também manifesta a abertura para possibilidades do acontecer das coisas pelas quais esperava Joaquim Norberto, acolhedor. Reparem:

A hora — de fechar os fôlegos. Aqui, a gente esperava — com luz para mil mariposas. E: *manda o tri-o-li-olá...* — se me se diz — *pique-será!* **Ninguém** viesse? Ao ao-que-é-que-é, estávamos.

A gente, a um passo da morte, valentes, juntos, tantos, bastante. **Ninguém** vinha. [...] Com o que outro míngua, eu me sobejo. Minha Sa-Maria Andreza, mulher, me sorria. O que os velhos não podem mais ter: segredinhos, segredados. **Ninguém** vinha. Madrugar, e galos cantavam. [...] Senti o remerecer, como era de primeiro, nesse venturoso dia. Recebi mais natureza — fonte seca brota de novo — rebroto, rebrotado. Sa-Maria Andreza me mirou com um amor, ela estava bela, remoçada. Nessa noite **ninguém** vinha? Enquanto **nada!** Madrugada. (ROSA, 2005, p. 150, grifos meus).

E o nada aconteceu! Veio, e deu-se milmaravilhoso!

Eu feliz, olhei minha Sa-Maria Andreza; fogo de amor, verbigrácia. Mão na mão, eu lhe dizendo — na outra o rifle empunhado —:— “*Vamos dormir abraçados...*” As coisas que estão para a aurora, são antes à noite confiadas. Bom. Adormecemos.

Amanheci fora de horas, me nascendo dos conchegos. [...] Aquele dia, terça-feira. Era o diz? A gente esperava (ROSA, 2005, p. 150).

Joaquim Norberto enebriado e remoçado pelo amar e existir, figurados pelo símbolo —:—, o qual, se me se diz, significa, aqui, duas pontes — ama e agir —, representadas pelos travessões, que tem no seu meio, dois pontos, que é o entre que aponta ao diálogo entre amar e agir que conduz ao existir. Eis o milagre operado pelo vigor do mistério de amar/Eros. E esse amar é tão fortemente remoçado que faz Joaquim Norberto re-nascer pelos aconchegos de amar e perder a hora de acordar.

Eis, que então, surge a nova: um recado. Estando Joaquim Norberto, agora, aberto às novas-idades, pronto para acolher quaisquer possibilidades que pudessem vir a acontecer: “Vá o que pois for. Minha porta é para o nascente. Não vejo outra banda. Sou homem muito leal. Sou o que sou — eu — Joaquim Norberto” (ROSA, 2005, p. 151). — ele — no meio da travessia, existindo!

E o que veio foi o irmão da noiva trazendo as boas-novas — a benção dos pais —, não para “embalar escândalos”. No que Joaquim Norberto tinha como dever e gosto reconciliar, recatar e recompor. Ele foi quem contou: “Me clareei, chamei o homem para almoçar. [...] Chamei os noivos, para a mesa” (ROSA, 2005, p. 151).

Nisto, o visto, me achei: a não aceitação esperada do casório pelos pais dos noivos, principalmente, pelo pai da moça, manifesta-se, com a chegada do irmão da noiva, em inesperada aceitação, regada à festa e à benção. Tudo, portanto, estava resolvido. Joaquim Norberto e Sa-Maria Andreza, satisfeitos, foram também convidados à festa das benções, no que preferiram, “pelos fatos”, ficar quietos em casa e mandar o filho, Seu Fifino, para lhe representar.

Ao final dessa estória, existiam, além dos dois jovens noivos, mais dois noivos já entrado em idades, que por ocasião do transbordamento de amor trazido pelo moço e pela moça, conseguiram se re-espíritar, transcender em luas-de-mel. Joaquim Norberto é quem conta:

Da varanda, Sa-Maria Andreza, e eu, nós, a gente contemplava... [...] Tudo tão terminado, de repente, se me se diz, tudo quitado. Nem guerra, nem mais lua-de-méis, regalo não regalado.

Olhei minha Sa-Maria Andreza, que me olhava. Ai-de. Enquanto nada. [...]

Aquelas luas-de-mel, tão poucas, assim em assopro de gaita. As passageiras consolações: fazer-de-conta-de-amor, o que era meu cestinho de carregar água. A gente, agora: sair das desilusões, o entrar em idade. Mas, Seo Fifino, meu filho, um dia devia de roubar uma moça assim — em armas! Sorri... [...] Abracei minha Sa-Maria Andreza, a gente com os olhos desnudados. Se me se diz?

Depois de ouvir atentamente todo esse narrar, percebi que o que estava se manifestando à minha frente era que toda essa viagem conduziu Joaquim Norberto e sua amada esposa, Sa-Maria Andreza — e quem mais a atravessou — à experiência de re-cordar, re-ver, re-sentir, re-viver o amor, que precisou vir do nada para re-brotar em seus corações. E, com isso, converteram a moleza e a quase ausência do ser em alento vital que os fizeram re-nascer, re-espitirar, transcender e passar a existir. Mas que com o ir-embora dos noivos, agora já casados, se não adormece novamente nossos dois velhos noivos, os coloca mais uma vez em suspenso esperando o inesperado. Enquanto nada! E esta viagem para o existir não termina aqui... ela irá brotar em outras paragens, por outros caminhos, com outras personagens. Segui. Sigamos ∞

*

Tomei rumo para outras paragens, a viagem foi longa, durante todo o tempo, vinha questionando como as coisas aconteciam, brotadas, é no meio do caminho. Amanhecichovia! Encontrei um rapaz moço que contava estórias da “Partida do audaz navegante”, estórias criadas por sua irmã mais novinha: Brejeirinha. Dizendo ele, que ela tinha o dom de poetar, de brincar com as palavras formando sentidos diversos para as coisas e os acontecimentos. Ele me disse: “Brejeirinha, às vezes, formava muitas artes” (ROSA, 2005, p. 153). E foi assim que se deu o seu narrar:

NA MANHÃ DE UM DIA EM QUE BRUMAVA E CHUVISCAVA, parecia acontecer coisa nenhuma. Estava-se perto do fogo familiar, na cozinha, aberta, de alpendre, atrás da pequena casa. No campo, é bom; é assim. Mamãe, ainda de roupão, mandava Maria Eva estrelar ovos com torresmos e descascar os mamões maduros. Mamãe, a mais bela, a melhor. [...] Suas meninas-dos-olhos brincavam com bonecas. Ciganinha, Pele e Brejeirinha — elas brotavam num galho. Só o Zito, este, era de fora; só primo. Meia manhã chuvosa entre verdes (ROSA, 2005, p. 153).

E tudo começa no nada, entre o nada, em “meia manhã chuvosa entre verdes”, onde se dá a mais pura plenitude de tudo. É o que vemos, não é? No começo desta estória, amanhecia e “parecia não acontecer coisa nenhuma”. Mas, já vou avisando que apenas parecia, porque o que se deu nesta viagem foi, mais uma vez, o manifestar de tudo. Tanto é que no início do narrar, estávamos perto do “fogo familiar”, com ares de abertura para que o nada se manifestasse, assim como Ciganinha, Pele e Brejeirinha que brotavam em galhos, nasciam com o mundo.

Brejeirinha tinha os olhos ávidos para as coisas que estavam ao seu redor. Curiosa e inquieta, prestava atenção em tudo e em todos: “Aos tantos, não parava, andorinhava, espiava agora — o xixixi e o empapar-se da paisagem — às pestanas til til” (ROSA, 2005, p. 153-154). Queria era mesmo aprender o ser de cada coisa: “— ‘*E o cajueiro ainda faz flores...*’ — acrescentou, observava da árvore não se interromper mesmo assim, com essas aguaceirices, de durante dias, a chuvinha a bruaar e a pálida manhã do céu” (ROSA, 2005, 154).

E de tanto observar o ser das coisas se manifestando, Brejeirinha foi aprendendo, com o acontecer da *phýsis*, a criar novos sentidos, doando-se à linguagem, aprendeu a poetar, a fazer estórias brotarem a todo momento, re-nascendo e fazendo re-nascer quem a ouvisse. Naquela manhã, observando Ciganinha, sua irmã, e seu primo, Zito, que estavam na cozinha da casa, brigados de véspera, soltou: “— ‘*Eu sei por que o ovo se parece com um espeto!*’ —” (ROSA, 2005, p. 154). Foi o irmão que em contou que

ela vivia em álgebra. Mas [que] não ia contar a ninguém. Brejeirinha é assim, não de siso débil; seus segredos são sem acabar. Tem porém infimículas inquietações: — ‘*Eu hoje estou com a cabeça muito quente...*’ — isto, por não querer estudar. Então, ajunta: — ‘*Eu vou saber geografia.*’ Ou: — ‘*Eu queria saber o amor...*’ (ROSA, 2005, p. 154).

Brejeirinha, de fato, se entregava a conhecer as coisas no que elas se dão. Quando diz “*Eu vou saber geografia*”, é como se eliminasse a fase anterior, a de estudar, e já estivesse na fase do saber, por ser tão conectada com o mundo, por conseguir escutar o apelo da linguagem. Ela tem o dom de aprender as tenuidades, por captar o que os outros sentem sem que precisem dizer nada, apenas por intuição que vem pelo dom de saber auscultar a linguagem. Por isso, para ela, era muito fácil fazer associações metafísicas que aproximam um ovo, por exemplo, de um espeto. Reparem, ambos são coisas, não são? Sim! Então, por serem coisas estão sempre em causa, dentro da totalidade do real; logo, estão a todo tempo manifestando suas coisidades, o seu ser. Rosa, em carta a seu tradutor alemão Curt Meyer-Clason, nos orienta na seguinte questão: ao perceber a semelhança entre o ovo e o espeto,

“Brejeirinha descobre uma profunda verdade metafísica, desmoralizadora da nossa concepção idiota da ‘realidade estática’: as coisas aparentemente mais diferentes, são em verdade, às vezes, as mais próximas uma da outra” (ROSA, 2003, p. 317).

E qual verdade metafísica seria esta? O que seria uma coisa em causa? Bom... isso são questões que devemos re-visitar para re-lembrar-nos. E tudo no seu tempo ser dadamente descoberto. Se já repararam, Guimarães Rosa faz da coisa uma questão em constante manifestação em sua obra. É só ter olhos para ver, que elas aparecem em seu vigor de mundo mítico. É preciso, portanto, olhá-las com o olhar mítico, assim como também o faz Clarice Lispector, quando diz que é preciso aprender a se aproximar das coisas, sem ligá-las à sua função; e que temos de conseguir ver como são as coisas e as pessoas antes de lhe darmos o sentido de nossa esperança humana ou de nossa dor. Explico melhor!

A palavra “coisa” vem de uma antiga palavra da língua alemã, *thing* e *dinc* — *ding*, em alemão atual —, e que tem o sentido de tudo aquilo que concerne e diz respeito ao homem. Para os romanos, *res* significava falar sobre alguma coisa, tratar ou de alguma coisa, negociar alguma coisa. Por isso, *Res publica*, não quer dizer necessariamente, Estado, a República, mas, sobretudo, tudo o que tocar, dizer respeito, concernir publicamente a todos os cidadãos de uma sociedade, ou seja, aquilo que pertence a todos. A palavra “*res*”, portanto, evoca toda e qualquer questão que concerne o homem, a causa, não no sentido de causalidade, mas significando o que está em jogo, em causa! Neste sentido, “causa” diz respeito a reunir para tratar de um assunto de interesse de todos. Sendo assim, a palavra latina que melhor corresponde ao sentido de “*res*”, “causa” é: *la cosa*, a coisa. Então, pergunto: o que será que concerne a todos os homens, o que está sempre em causa, desvelando-se e velando-se novamente, se não é o ser?! O que acham? Concordam?! Se, sim, podemos, então, dizer que o ovo, o espeto, o rio, a chuva, às árvores, eu, você, o nada, a linguagem etc. são coisas, estão em causa, velando e desvelando as suas coisidades, o seu ser (HEIDEGGER, 2018).

Depois deste breve passeio pelas veredas das coisas, convido vocês a voltar à estória da “Partida do audaz navegante”, pensando sobre a questão do poeitar de Brejeirinha. Aquilo podia-se entender?! Tomemos, então, que Brejeirinha especula, procura e pensa — logo, existe —, brincando com as palavras, com os significados das coisas, criando e re-criando estórias, fazendo (-se) mundo: poetizando na e pela linguagem. Ela soltava: “— ‘*Sem saber o amor, a gente pode ler os romances grandes?*’ — Brejeirinha especulava” (ROSA, 2005, p. 154). No que sua irmã, Pele, desdenhava: “— ‘*É, hem? Você não sabe ler nem o*

catecismo...” (ROSA, 2005, p. 154). No que Brejeirinha rebate: “— *“Engraçada!... Pois eu li as 35 palavras no rótulo da caixa de fósforos...”*” (ROSA, 2005, p. 154).

Brejeirinha sabia que para poetar não necessitava de uma linguagem adestradora de regras; apenas deixar vir a linguagem simples do dia a dia, aquela que fazia a vida vir. Mas ao mesmo tempo, brincava com o sentido de palavras “carrancudas”:

Por isso, queria avançar afirmações, com superior modo e calor de expressão, deduzidos de babinhas. — *‘Zito, tubarão é desvairado, ou é explícito ou demagogo?’* Porque gostava, poetista, de importar desses sérios nomes, que lampejam longo clarão no escuro de nossa ignorância (ROSA, 2005, p. 154-155).

E, reparem, quando o irmão me falou que “Brejeirinha tinha o dom de apreender as tenuidades: delas apropriava-se e refletia-as em si — a coisa das coisas e a pessoa das pessoas” (ROSA, 2005, p. 155), pensei que a meninazinha, por se questionar, partindo do nada — da insignificância das tenuidades —, lançava-se, era mesmo, à clareira das infinitas possibilidades do ser e, pela aprendizagem poética do que pode vir a ser, apropriar-se de quem é, ou seja, passa a existir enquanto entre-acontecer-que-procura (-se). E, poetizando, criando estórias, convoca todos a embarcar em viagem com ela pelo milmaravilhoso mundo ficcional, habitando a linguagem. Foi assim que iniciou a estória dentro da estória. Brejeirinha, tomando o amor de Ciganinha e Zito, passa a narrar a estória-viagem da “Partida do audaz navegante”. Começa assim: “*“Zito, você podia ser o pirata inglório marujo, num navio muito intacto, para longe, lo-ô-ongue no mar, navegante que o nunca-mais, de todos?”*” (ROSA, 2005, p. 155).

Zito passa a ser, pelo narrar de Brejeirinha, o audaz navegante em viagem eterna de procura de si, pelo mar/sertão/vida. Zito, ou o audaz navegante, na verdade, é a imagem-questão de todo ser humano que se põe em travessia para o existir. E ninguém parecia entender todo aquele propósito da menina. O lançar-se em viagem é mesmo difícil de compreender ou de deixar-se ir. Para tanto, é preciso estar brotando em galhos, verdnascentes, como a menina poetista. Foi o irmão que contou que depois de iniciar a estória, “Zito sorri, feito um ar forte. Ciganinha estremecera, e segurou com mais dedos os livros hesitada. Mamãe dera a Pele a terrina, para ela bater ovos” (ROSA, 2005, p. 155).

Parece que a perplexidade de todos deixou Brejeirinha mais empolgada do que nunca em brincar com as palavras. Ela sabia que a viagem para o existir se dá por meio do jogo com a linguagem, já, desde sempre, fazendo desta seu *ethos*, sua morada, habitando, radicalmente, a linguagem. E essa viagem narrada por Brejeirinha vai desvelando as possibilidades de vir-a-ser. A menina começa, então, a compreender que a vida não é

estática, e, pelo poeitar e re-criar diversas vezes sua narrativa, re-cria mundo, passando a existir enquanto narra, não mais conseguindo segurar em si o “jacto de contar”:

O audaz navegante, que foi descobrir os outros lugares valetudinário. Ele foi num navio, também, falcatuas. Foi de sozinho. Os lugares eram longe, e o mar. O audaz navegante estava com saudade, antes, da mãe dele, dos irmãos, do pai. Ele não chorava. Ele precisava respectivo de ir. Disse: “Vocês vão se esquecer muito de mim?” O navio dele, chegou o dia de ir. O audaz navegante ficou batendo o lenço branco, extrínseco, dentro do indo-se embora do navio. O navio foi saindo do perto para o longe, mas o audaz navegante não dava as costas para a gente, para trás. A gente também inclusive batia os lenços brancos. Por fim, não tinha mais navio para se ver, só tinha o resto de mar. Então, um pensou e disse: “Ele vai descobrir os lugares, que nós não vamos nunca descobrir...” Então e então, outro disse: “Ele vai descobrir os lugares, depois ele nunca vai voltar...” Então, mais, outro pensou, pensou, esférico, e disse: “Ele deve de ter, então, a alguma raiva de nós, dentro dele, sem saber...” Então, todos choraram, muitíssimos, e voltaram tristes para casa, para jantar...(ROSA, 2005, p. 155).

Vocês perceberam o que Brejeirinha de acabado de narrar?! Sim? Não? Aquilo nada mais era do que a viagem-procura que todos nós, um dia, se tormarmos coragem de nos lançar em travessia, atravessaremos! Sim?! Uma viagem à semelhança do percurso especulativo realizado pelo narrador de “O espelho”, que também ruma para lugares jamais vistos por outrem, uma viagem para dentro dele mesmo. Uma viagem ao rio-mar do pensamento rumo ao existir, a qual percorreu o Nosso Pai, de “A terceira margem do rio”.

Aqui, o audaz navegante, mesmo já dentro do navio a partir, sente medo do desconhecido, e isso podemos ver no momento em que ele não consegue dar as costas para o já vivido, o já sido. Entretanto, não desiste da procura: o navio some dos olhos dos que ficaram, já não era mais possível vê-lo, o audaz navegante tinha ido para o alto-mar, bem lon-õ-onde da terra firme, onde os acontecimentos nos dão a falsa sensação de segurança. Temos, portanto, a re-criação e um novo Ulisses? Que mesmo audaz pela aventura de saber, ainda se assustava com o que poderia encontrar? Somos todos o novo Ulisses, audazes navegantes?

Disse, Brejeirinha, reflexiva: “— ‘*Antes falar bobagens, que calar besteiras...*’” (ROSA, 2005, p. 155). A menina é o próprio brotar das palavras, ao modo das flores que eclodem enquanto flor pelágica. Ela consegue captar o sentido ontológico de brincar com as palavras: eclodir mundo. Brejeirinha é a própria imagem-questão da frase dita por Riobaldo a uma senhora, a qual ele ajudou a dar à luz: “Minha Senhora Dona: um menino nasceu — o mundo tornou a começar...!” (ROSA, 2006, p. 468). Brejeirinha fazia o mundo eclodir em re-começos a cada novo narrar da estória do audaz navegante. Suas palavras, muitas vezes,

eruditas e suas estórias re-inventadas brotam do nada e se realizam enquanto mundo, como a verdadeira “primeira estória” de todos nós, humanos, tanto em sentido original quanto originário.

O uso de palavras fora do contexto de uma criança, como Brejeirinha, algumas mesmo bombásticas que nos fazem perder o rumo da viagem, nos leva a crer que, para Brejeirinha, o narrar originário não se constrói com o encadeamento progressivo de palavras e acontecimentos que se sucedem no tempo, mas, sobretudo, com prontidão e astúcia para captar as palavras que quebram, inesperadamente, o silêncio e que consigam modelar em novas outras possibilidades de sentido. O narrar continua...

Foi seu irmão que contou que depois de tanta chuva amanhecida, a manhã, como uma esponja, fez temperar o tempo e brotou-se em flores. Ciganinha e Zito se suspiravam. A mãe deixou com que todos fossem espiar um riachinho longe-perto da casa, que depois de tanta chuva, devia de estar cheio. Brejeirinha se iluminou, parecia querer voar e experimentar todas as coisas no-aqui-agora. Ela “de alegria antes todas, feliz como se, se, se: menina só ave” (ROSA, 2005, p. 156).

Foram! Pelo caminho, alegrias amanhecendo em todos, Brejeirinha, Pele, Zito, Ciganinha andavam por debaixo de restinhos de chuva, “chuvinha se segredando” (ROSA, 2005, p. 156). O ar respirado fresco. Re-existindo. Só “experiência de felicidades” (ROSA, 2005, p. 156). O riachinho ficava no sobe-desce-sobe ladeiras; iam felizes, até Nurka, a cachorra, no “enlameável e escorregoso, poças” (ROSA, 2005, p. 156).

O que se queria, aqui, era a pequena angra, onde o riachinho faz foz. Abaixo, aos bons bambus, e às pedreiras de beira-rio, ouvindo o ronco, o bufo d’água. Porque, o rio, grossoso, se descomporta, e o riachinho porém também, seu estuário já feio cheio, refuso, represado, encapelado — pororoqueja. — “*Bochchudo!*” — grita-lhe Brejeirinha. Sumiu-se a última areinha dele, sob baile de um atalhado de espumas, no belo despropositar-se, o bulir de bolhas. Brejeirinha já olhou tudo de cor” (ROSA, 2005, p. 157).

A meninazinha, há tempos, sabia de cor como dialogar com as coisas ao seu redor, com a natureza que brotava infinita à sua frente. Habitva a linguagem de maneira tão natural que nomeava as coisas pelo manifestar destas; sabendo que tudo é e não é, fazendo um pacto de escuta com o real.

— ‘*O mar não tem desenho. O vento não deixa. O tamanho...*’ [...] — ‘*Peixe, assim, a esta hora?*’ [...] Divagava Brejeirinha: — ‘*A cachoeirinha é uma parede de água...*’ Falou que aquela, ali, no rio, em frente, era a Ilhazinha dos Jacarés. — ‘*Você já viu jacaré lá?*’ — caçoava Pele. — ‘*Não. Mas você também nunca viu o jacaré-não-estar-lá. Você vê é a ilha, só. Então, o jacaré pode estar ou não estar...*’ (ROSA, 2005, p. 157).

E Brejeirinha não conseguia para de inventar diferentes caminhos para a viagem do audaz navegante. De supetão, virou para Ciganinha e Zito e soltou o verivérbio questionador: — ‘O Aldaz Navegante não gostava de mar! Ele tinha assim mesmo de partir?’” (ROSA, 2005, p. 158). Narrando, queria entender o amor, dizia que o audaz navegante

amava uma moça, magra. Mas o mar veio, em vento, e levou o navio dele, com ele dentro, escrutínio. O Aladaz Navegante não podia nada, só o mar, danado de ao redor, preliminar. O Aldaz Navegante se lembrava muito da moça. O amor é original... (ROSA, 2005, p. 158).

Brejeirinha não parava de poetar, todos foram a encorajando a contar mais sobre o amor do audaz navegante pela moça, magra. Ciaganinha e Zito, segredando-se, passaram a se considerar nas beiras da realidade: “‘*O amor é singular...*’ [...] ‘*eles dois estavam nas duas pontinhas da saudade... O amor, isto é...*’” (ROSA, 2005, p. 158).

As muitas estórias se deram. A viagem que fizemos junto com Brejeirinha, sua trupe e o audaz navegante nos conduziu a existir pela re-criação infindável de mundo pelo narrar. Brejeirinha nos ensinou que narrando, existimos; e que para existir, é preciso narrar-nos. Fez-se o milagre. E veio a vida. Junto com Brejeirinha atravessamos a vereda do existir pela palavra! Nos doamos à linguagem e chegamos a existir? E você?!

*

A viagem que se inicia agora é por demais obscura; foram várias tentativas de encontrar caminhos que me levassem ao desvelar da verdade, sem grandes sucessos. Talvez, seja parecida com os moradores do sereno lugar ao qual eu tinha chegado? Talvez!? Mas, saber-me cega para os acontecimentos à minha volta me levava a antigos e tenebrosos lugares, de quando ainda não tinha os prazos de doar-me ao acontecer do ser. Agora, já sabia, não existe viagem de volta quando já fomos introduzidos na procura! Vocês confiam?

Talvez, a narrativa que acabava de ouvir fosse hermeticamente fechada, feito a pedra, de Wisława Szymborska, cheia de grandes salas jamais vistas por quem quer que fosse, e que podemos até conhecer, mas jamais sabê-las, visto que com toda a sua superfície, se voltam a nós, mas com todo o seu interior, nos dão as costas (SZYMBORSKA, 2011). “A benfazeja” não se deixa penetrar facilmente; foram vários sentimentos que me afastavam e me aproximavam desta estória: obscuridade, repulsa, fuga, e quanto mais eu não conseguia

penetrá-la, mais inquietação eu sentia. Ficava por horas, dias, pensando sobre ela, cheia de verdades subjugadas as quais não alcanço; tentando ser/ver/entender suas personagens: Quem era a Mula-Marmela? O que o narrador estava tentando nos mostrar com suas palavras? E o cego Retrupé? Porque a seguia, temendo-a? Acho que a ânsia em desvendá-la tenha me feito cegar? Queria explicação para tudo, sem dar tempo ao manifestar das questões que esta estória trazia. Deixei-a de lado por muitos meses. Silêncio!

Retorno, hesitante... Leio novamente a primeira frase da estória: “SEI QUE NÃO ATENTAM NA MULHER; NEM FOSSE POSSÍVEL. Vive-se perto demais, num lugarejo, às sombras frouxas, a gente se afaz ao devagar das pessoas. A gente não revê os que não valem a pena. Acham ainda que não valia a pena?” (ROSA, 2005, p. 161). Silêncio inquietante... A cabeça entontece. Calma, é preciso ter calma, respirar, re-espíritar-se e voltar a doar-se ao mistério que é a linguagem! Desanuviar os pensamentos, pensar em nada. No nada, deixar o nada se manifestar. De repente, entre-caminho, uma luz, clarão em forma de alegria. Verdade. Era a verdade, era, não, era?!

Reparem, quando o narrador nos diz que vivemos perto demais, “às sombras frouxas”, e que por isso nos acostumamos com as coisas e as pessoas, ele está nos clamando a pensar e a atravessar esta nova viagem em busca de vermos a verdade que se manifesta no ser das coisas, das pessoas. É isso! Não é? O que está mais próximo e jamais conseguimos ver é o ser, e para corresponder ao apelo do ser, só nos doando à sua verdade manifestativa, ao seu acontecer. Sim, é isso!

Estremeci. A viagem que se daria por esses caminhos nos conduziria a retirar as vendas dos olhos, a deixar de lado certezas infundadas, a nos abrir para o que se daria a nossa frente no momento mesmo em que a coisa acontece. O que nos clama o percurso é: esquecer-nos do modo de lembrar que nos ensinaram, e raspar a tinta com que nos pintaram os sentidos, desencaixotando as emoções verdadeiras, desembrulhar-nos para chegarmos a sermos nós (Alberto Caeiro).

Segui caminho, tomei rumo a doar-me à escuta da verdade do ser. Pedi que o narrador, com calma, fosse me contando o que tinha acontecido naquele vilarejo que de tão calmo, nos fazia ofuscar os sentidos. Convidei-o para uma conversa no tim-tim-tim do ouvido. Fez-se o narrar: ele começou me falando que era homem de fora do lugar, por isso, conseguia ver o que os moradores, de tão ensimesmados pelas suas verdades, não eram capazes de ver. Me disse que a estória que iria contar, falava de uma mulher “suja de si, misericordiada, tão em velha e feia, feita tonta, no crime não arrependida — e guia de um cego” (ROSA, 2005, p. 161). Entretanto, ele questionada por que aquelas pessoas do lugar

jamais suspeitaram que aquela mulher pudesse viver no mais extremo fechamento, por ter correspondido aos domínios do demasiado destino? Nem mesmo o nome dela essas pessoas sabiam, apenas a chamavam de Mula-Marmela, só.

a abominada. A que tinha dores nas cadeiras: andava meio se agachando; com os joelhos para adiante. Vivesse embrenhada, mesmo quando ao claro, na rua. Qualquer ponto em que passasse, parecia apertado. Viam-lhe vocês a mesmez — furibunda de magra, de esticado esqueleto, e o se sumir de sanguexuga, fugido os olhos, lobunos cabelos, a cara —; as sombras carecem de qualquer conta ou relevo (ROSA, 2005, p. 161).

O homem estrangeiro parecia indignado com toda aquela situação, e resolveu, então, chamar a atenção dos moradores para quem de verdade era aquela mulher, e mostrar-lhe que o que ela tinha feito de tão criminoso assim, tinha-os livrado da dor de conviver com o mal. Teriam eles ouvidos para escutar e olhos para ver? Talvez? E mesmo com tudo tão exposto, eles “nem desconfiaram, hem, de que poderiam estar em tudo e por tudo enganados?” (ROSA, 2005, p. 161).

Diziam dela todos os desafores de temores, injúrias várias, até que roubava as esmolas que o cego Retrupé, seu (per)seguidor, ganhava! Fato falso. Poderia ser até rica, mas de “outromodo, sim, pelo que o destino, o terrível” (ROSA, 2005, p. 162). O moço me contou que as pessoas sentiam asco pela mulher, e que não conseguiam nem mesmo olhar para ela com atenção, não sendo “capazes de desencobrir-lhe as feições, de sob o sórdido dessorumo, do sarro e crasso; e desfixar-lhe os rugamentos, que não de idade, senão de críspia expressão” (ROSA, 2005, p. 162). O contador dizia que chegava a clamar aos pobres coitados para que fizessem um esforço de lembrar, compensando as frugais palavras, e os gestos pobres e para que pudessem enxergar, para além do crime que cometeu, aquela mulher astuta e cautelosa ao extremo. Mas não! Queriam apenas bradar sobre o seu crime. E sabe qual foi? Me disse o homem:

Seu antigo crime? Mas sempre escutei que o assassinado por ela era um hediondo, o cão de homem, calamidade horribilíssima, perigo e castigo para os habitantes deste lugar. Do que ouvi, [...] entendo que, por aquilo, todos lhe estariam em grande dívida, se bem que de tanto não tomando tento, nem essa gratidão externassem. Tudo se compensa. Por que, então, invocar, contras as mãos de alguém, as sombras de outrora coisas? (ROSA, 2005, p. 162).

Agora, tudo mais fácil de entender. O que acontecia com aquelas pessoas era que elas não conseguiam se desapartar de julgamentos oriundos de verdades infundadas, criadas por elas mesmo, para que continuassem a viver cegas, na escuridão da não-verdade. Não eram

capazes nem de refletirem sobre os atos da mulher que os salvou de um assassino sanguinolento, que por acaso era o seu marido, o Mumbungo. Segundo o narrador,

Esse Mumbungo era célebre-cruel e iníquo, muito criminoso, homem de gostar do sabor de sangue, monstro de perversias. Esse nunca perdoou, emprestava ao diabo a alma dos outros. Matava, afligia, matava. Dizem que esfaqueava rasgado, só pelo ancho de ver a vítima caretear. Será a sua verdade? (ROSA, 2005, p. 163).

Respeito mesmo, tinham apenas pelo cego Retrupé, mas sem nem saber por quê! Pois que xingava, gritava, blasfemava prepotente o seu esmolar, e ninguém demorava a lhe dar dinheiro. Diziam: “— *‘Ele é um tranca!’*” Quem sabe tinham medo dele, piedade ou escrúpulo? Ou mesmo percebiam no miserável, mesmo que obscuramente, “um mando de alma, qualidade de poder” (ROSA, 2005, p. 162). O de-fora me contou que chegou até a questionar os moradores sobre o pecado que era negar “o de cristão”, e que com isso, estavam negando era mesmo a eficácia da compaixão de ser humano! Para nada, todos não conseguiam perceber, ou não queriam!?

Questionei aquela estória toda de temor à Mula-Marmela. Todos a temiam, até o cego Retrupé, mas ninguém conseguia ver. Achavam-no a imagem-semelhança do grotesco:

Homem maligno, com cara de matador de gente. Sobre os trapos trazia um facão, pendente. Estendia, imperioso, sua mão de tamanho. E gritava, com uma voz de cão, superlativa. Se alguém falasse ou risse, ele parava, esperava o silêncio. Escutava muito ao redor de si. Mas nunca ouvia tudo; não sabia nem podia” (ROSA, 2005, p. 162).

O narrador, cada vez, se indignava com tamanha indiferença com a verdade oriunda daqueles pobres moradores de espírito. Todos “seguros” em seus modelos falidos de viver. Dizia-lhes que o Retrupé tinha o ar do mal, mas “Tinha medo, também; disso vocês nunca desconfiaram. Temia-a, a ela, à mulher que o guiava. A Mula-Marmela chamava-o, com a simples sílaba, entre dentes, quase esguichando um “*ei*” ou “*hã*” — e o Retrupé se movia de lá” (ROSA, 2005, p. 162-163). Mas o que ninguém sabia era a verdade verdadeira deste temor. Quem saber era temor de amor!? Será se?

“O amor é a vaga indecisa palavra. [...] Do temor que se sabe. [...] Soubessem, porém, nem de nada. A gente é portador” (ROSA, 2005, p. 163). Essas palavras do narrador atonteavam. Do que se sabe, do que todos nós somos portadores é do nosso destino. Seria, portanto, o chegar a cumprir o destino o que tanto temíamos? Mas se somos portadores, somos destinados. Logo, jamais conseguiremos fugir do nosso destino, concordam? Temer algo pode, às vezes, nos afastar do que devemos cumprir, noutras vezes, alongar o sofrimento do cumpridor? Tanto Retrupé, o filho do mal Mumbungo, quanto o próprio, apesar de terem

sangue assassino nas veias, temiam verdadeiramente Mula-Marmela. Talvez soubessem que os seus destinos seriam cumpridos por meio dessa mulher, que conduzindo-os ao trágico fim, seguia destinada, também, a cumprir o seu próprio. Foi o que pensei? Tudo ainda estava muito incerto, nebuloso. Havia de ter um caminho... E este só se dará pela verdade. É esta a questão central dessa viagem-narrativa a qual estamos percorrendo agora.

Falar da verdade é falar do ser se dando em seu mais vigoroso manifestar. Ou seja, ver a realidade eclodindo, desvelando-se em disputa com o seu velar. Isso nos mostra que a verdade corresponde à não-verdade, pelo jogo do dar-se e retirar-se, o que acham? Se certo, continuo: a verdade enquanto desvelamento nada mais é do que a realidade se dando como presença, sendo esta, sempre, o corpo denso e inteiro, em direção à plenitude, à esfericidade do ser. E isso é o ser humano: corpo-presença entre-acontecer, indo em busca de cumprir o seu destino. Se não me engano, foi Clarice Lispector que, em sua obra *Água viva* (1998), nos diz que a verdade está em alguma parte, entretanto, é inútil pensar. Não a descobriremos, e no entanto, vivemos dela e nela. Desde que somos lançados no mundo, como presença, já estamos habitando a verdade, visto que nosso manifestar original se dá na e pela verdade.

E isso era o que acontecia bem na frente de todos aqueles pobres habitantes do lugarejo pacato, e que clamava o narrador para que eles tivessem olhos para ver, ouvidos para escutar e discernimento para compreender, mas não conseguiam. Dava aflição vê-los tão presos na ignorância, chegavam a ser até levianos de tanta cegueira. Não conseguiam perceber ou não queriam? O narrador, em certo momento do seu narrar, reconhece que para quê essas pessoas quererão saber a verdade, “Se ninguém entende ninguém; e ninguém entenderá nada, jamais; esta é a prática da verdade” (ROSA, 2005, p. 169).

O fato é que Mula-Marmela estava sendo condenada por ter matado o marido, Mumbungo, assassino dos mais ferozes; e maltratar o cego Retrupé, “o que é, cabidamente, é o filho tal-pai-tal; o ‘cão’, também, na prática da verdade” (ROSA, 2005, p. 164.). Nunca, ninguém reparou o que tinha no coração daquela velha senhora, esquelética, vista como hedionda de causar medo, dada às bruxarias, era, na verdade, somente amor, compaixão e dor. Seu nome já assinalava seu destino de ser amável cuidadora: Mula-Marmela, tinha no entre-nomear o amor original e originário que guia e faz cuidar todos o que a cercam. Reconhecia em cada um dos que cruzavam o seu caminho, a travessia que teria que fazer de procura pelo amor. Cuidar era o seu destino, mesmo que este fosse lhe render um pecado capital que é o de tirar a vida de um grande amor para proteger um amor maior: o ser humano.

Por que, então, matou Mumbungo? Ninguém nunca pensou sobre isso, apenas culpavam-na. “Por que não de ser tão infundados e poltrões, sem espécie de perceber e

reconhecer?” (ROSA, 2005, p. 164). Um ato de puro amor a fez tirar a vida do seu companheiro, e, desde então, passou a cuidar, generosamente, do filho do homem que matou, e que não era seu; nunca pudera ter filho? Depois disso, todos puderam voltar a viver sossegados, o mal se fora, tão de repente e felizmente. E foi o narrador, homem estrangeiro do lugar, que narrar o comecinho dos acontecimentos desse matricídio. Convido vocês a ouvi-lo:

Matou o marido, e, depois, própria temeu, forte demais, o pavor que se lhe refluiu, caída, dado ataque, quase fria de assombro de estupefazerimento, com o cachorro a uivar. E ela, então, riu. Vocês, os que não a ouviram não rir, nem suportam lembrar direito do delírio daquela risada.

Se eu disser o que eu sei e pensam, vocês inquietos se desgostarão. Nem consentam, talvez, que eu explique, acabe. A mulher tinha de matar, tinha de cumprir por suas mãos o necessário bem de todos, só ela mesma poderia ser a executora — da obra altíssima, que todos nem ousavam conceber, mas que, em seus escondidos corações, imploravam. Só ela mesma, a Marmela, que viera ao mundo com sina presa de amar aquele homem, e de ser amada por dele; e, juntos, enviados. Por quê? Em volta de nós, o que há, é a sombra mais fechada — coisas gerais. A Mula-Marmela e o Mumbungo, no fio a fio de sua afeição, suspeitassem antecipadamente da sanção, e sentença? Temia-a, ele, sim, e o amor que tinha a ela colocava-o à mercê de sua justiça. [...] Só ela poderia matar o homem que era o seu, ela teria de matá-lo. Se não cumprisse assim — se se recusasse a satisfazer o que todos, a sós, a todos os instantes, suplicavam enormemente — ela enlouqueceria? A cor do carvão é um mistério; a gente pensa que ele é preto, ou branco (ROSA, 2005, págs. 164-165).

Mais uma vez, a questão da verdade e a precisão de nos abriremos a ela com escuta e pensamento nos solicitam atenção. Quando o narrador diz que “Em volta de nós, o que há, é a sombra mais fechada — coisas gerais”, ou mesmo, “A cor do carvão é um mistério; a gente pensa que ele é preto, ou branco”, ele nos convida a habitar a verdade e seguir nossa viagem rumo à aprendizagem poética do ser, a fim que cheguemos a existir verdadeiramente. Os moradores da cidadezinha pacata não foram capazes de se abrir para a verdade e se realizarem enquanto humanos. Passaram os restos dos seus dias cegos. Não conseguiram perceber que o “entressentir-se, entre as pessoas, vem de regra com exageros, erro, e retardo” (ROSA, 2005, p. 168). O narrador, com lágrimas nos olhos e coração aflito, contou que virou para os miseráveis de espírito, após ter contato toda a verdade sobre o ato de grande generosidade daquela pobre mulher, e bradou: “Sei, vocês não notaram, nada. E, mesmo, agora, vocês se sentem um pouco mais garantidos, tranquilos estamos. É de crer que, breve, estaremos livres do que não amamos, do que danadamente nos enoja, pasma” (ROSA, 2005, p. 168).

Até no final, quando, após a morte sofrida do cego Retrupé se deu, e Mula-Marmela deixou o vilarejo, soltando o último mal suspiro de sofrimento, indo-se, silenciosa e ainda invisível, eles não foram capazes de vê-la verdadeiramente. Dizem que só não a acusaram ou prenderam-na, porque o alívio de ver o que achavam, levemente, que era o mal partir, para o nunca mais, era alimento para a alma oca de cada um. Vocês não! Ela sim! Ela existiu, cumpriu o seu destino de se doar ao amor pelo humano que há em qualquer pessoa, mesmo que para isso precisasse matar; e foi para qualquer lugar ao-longo, “ia longamente, ardente, a só e só” (ROSA, 2005, p. 170). Mumbungo e Retrupé, pai e filho, feito cão, existiram; conseguiram cumprir seus destinos se doando não ao temor, mas ao amor pela mulher que os cuidou e os amou.

E nós, conseguimos existir?! Ao fim da minha viagem por essas paragens, o moço estrangeiro se virou pra mim e disse, que antes de partir ainda precisava dar um último recado aos moradores que fossem lá permanecer. Diria que era para eles nunca se esquecerem daquela mulher!

Tomem na lembrança, narrem aos seus filhos, havidos ou vindouros, o que vocês viram com esses seus olhos terríveis, e não souberam impedir, nem compreender, nem agradecer. De como, quando ia a partir, ela avistou aquele cachorro morto, abandonado e meio já podre, na ponta-da-rua, e pegou-o às costas, o foi levando —: se parar livrar o logradouro e lugar de sua pestilência perigosa, se para piedade de dar-lhe cova em terra, se para com ele ter com quem ou o quê se abraçar na hora de sua grande morte solitária?” (ROSA, 2005, p. 170).

Nunca saberemos o que essas pobres e cegas pessoas sem caridade, sem nem mesmo mostrar gratidão por todo aquele livramento fizeram de verdade. Espero que, pelo menos, tenham pensado, meditado naquela mulher e sua grandeza de existir. De resto, seguimos viagem, tendo aprendido que a verdade se dá apenas em quem tem o coração aberto para acolhê-la, com escuta silenciosa e cuidadosa frente ao acontecer manifestativo do ser. Existir é habitar a verdade e cumprir nosso destino. E, agora, eu pergunto mais uma vez: será que algum dia seremos capazes de chegar a existir — ? —

*

“Darandina”, corre-corre, confusão, atordoamento... foi o que aconteceu no entre-meio da viagem. De repente, passa correndo um homem de paletó e gravata, e ruma para o

meio da praça. Vocês não vão acreditar! Ele subiu feito super-homem ao céu, e foi parar em cima de uma palmeira que ficava na praça, no centro da cidadezinha. Assombro geral! Ouvi uma voz que vinha do meio da multidão falando assim:

DE MANHÃ, TODOS OS GATOS SÃO NÍTIDOS NAS PELAGENS [...] E, pronto, refez-se no mundo o mito, dito que desataram a dar-se, para nós, urbanos, os portentosos fatos, enchendo explodidamente o dia: de chinfrim, afã e lufa-lufa (ROSA, 2005, p. 171).

Demorou tempo para que eu recobrasse o juízo, antes, passei vista em tudo que estava acontecendo em volta, sem conseguir entender nada, uma correria, uns gritando, outros apenas passando apressados, com cara de que não estavam acreditando no que viam: um homem no céu, abraçado aos galhos finos de uma palmeira-real, todo paramentado com vestimentas de gente importante, parecendo ser “*Sujeito de trato, tão trajado...*” (ROSA, 2005, p. 171), disseram. Ouvi, de outro homem, um interno do hospital psiquiátrico da cidade, que na hora do acontecido, bem de manhãzinha, estava à frente do hospital, à espera do menino com os jornais” (ROSA, 2005, p. 171), que o tal homem que sai correndo, parecia ser um senhor “exato, rápido, podendo-se dizer que provisoriamente impoluto” (ROSA, 2005, p. 171), e que, não sabia por que motivo, tinha surgido de dentro do carro “onde até então cochilara, o chofer do dr. Bilôlo” (ROSA, 2005, p. 171) e afanado de um transeunte uma caneta-tinteiro.

Aquele homem, em meio a pequena multidão, feito “gatos nítidos nas pelagens”, porque gente comum-no-comum, que não se enxergava nas diferenças de suas identidades, teve coragem, super-humanamente, de um “ato pessoal, transe hiperbólico, incidente hercúleo” (ROSA, 2005, p. 173), de dar o *salto mortale* para o existir. De peito aberto, atirou-se ao ar, tentando alcançar a palmeira-real, e tendo-a agarrado, a escalou vorazmente, incrivelmente e, ascensionalíssimo, susteve-se em seu cume fino. Nesse momento, eu já estava no meio da multidão, entre-os-incrédulos, numa mistura de espanto e alegria por presenciar tamanha coragem daquele homem nosso, “diga-se que ostentoso, em sua altura inopitada, [que] floria e frutificava” (ROSA, 2005, p. 172). Ouvi, por detrás da nuca, uma voz dizendo, admirada: “nosso não era o nosso homem. — ‘*Tem arte...*’ — e quem o julgava já não sendo o jornaleiro, mas o capelão da Casa, quase com regozijo” (ROSA, 2005, p. 172).

Tomei fôlego, puxei o ar bem do fundo do peito e soltei-o demoradamente, como se quisesses ganhar tempo para pensar em tudo aquilo que estava presenciando, eu, enquanto presença, me aproximara daquele homem, super, ao alto, em transe de procura de si. Ali, eu

entendi que o salto para o nada, para a abertura de ser acontece nos de-repentes de nossos atos, quando não mais estamos dando conta de continuar a viver na mesmice dos afazeres protocolares e funcionais do dia. Em-louco-ser para não enlouquecer, para não sucumbir à loucura de não nos procurar enquanto seres humanos poéticos, *i.e.*, seres lançados na *poiésis* da *physis*, acontecendo com todo seu vigor de presença, atravessando e sendo atravessados pelas questões que nos solicitam escuta para que assim possamos cumprir nossa aprendizagem poética que é existir!

Mas para que vocês consigam me acompanhar nessa divagação, precisamos tornar à estória e tentar entender os fatos que se sucederam. “Darandina” narra a estória de um senhor distinto e bem trajado que, numa manhã qualquer, sem mais nem menos, rouba a caneta-tinteiro de uma pessoa que estava passando na rua, bem na frente do hospital psiquiátrico da cidade, onde estava o narrador que nos conta toda a estória, assustado com tamanha insanidade. Após ser perseguido por alguns transeuntes, o ladrão corre para o meio da praça, que ficava quase no centro da cidadezinha, e atira-se ao alto, numa grande palmeira-imperial que ali se instalara. Todos imaginam que ele era fugitivo do hospício, só muito tempo depois, descobrem que ele tinha se internado voluntariamente, para o caso de virem a faltar vagas se a loucura acometesse os moradores da cidade. Esse fato, foi o Adalgiso, outro morador que trabalhava no hospital que contou, para a surpresa de todos:

— ‘Disse que era são, mas que, vendo a humanidade já enlouquecida, e em véspera de mais tresloucar-se, inventara a decisão de se internar, voluntário: assim, quando a coisa se varresse de infernal a pior, estaria já garantido ali, com lugar, tratamento e defesa, que, à maioria, cá fora, viriam a fazer falta...’ [...] — ‘Você se espanta?’ (ROSA, 2005, p. 173).

Nosso homem, como o chamara o narrador, realiza-se, igualado com o absurdo que acabara de criar e permanece firme, equilibrado no seu apogeu. Todos estavam atentos a ele — era o que queria, tinha conseguido iniciar sua destinada travessia. Num determinado momento, já nas alturas de ser, ele revela sua identidade: trata-se do Secretário de Finanças Públicas. O narrador, então, tentava explicar o fato: “Ele lá não estava desequilibrado; ao contrário. O repimpado, no apogeu, e rematado velhaco, além de dar em doido, sem fazer por quando. A única coisa que fazia era sombra” (ROSA, 2005, p. 174).

Nosso homem queria mesmo era nos fazer ver a verdade, de que como ele, também éramos capazes de nos lançar, abruptamente, ao abismo de nós mesmo e passar a nos percorrer, a nos questionar, a agir correspondendo ao nosso destino, a dar o salto mortal ao existir. Esse era o seu ato de loucura! E se pararmos um pouco mais para pensar, o louco

deixa de se ele e passa a ser quem não se escuta e não se coloca em travessia de ser. Era isso que ele estava clamando quando

no justo momento, gritou, introduziu-se a delirar, ele mais em si, satisfável: — ‘*Eu nunca me entendi por gente!...*’ — de nós desdenhava. Pausou e repetiu. Daí e mais: — ‘*Vocês me sabem de mentira!*’ Respondendo-me? Riu, ri, riu-se, rimo-nos. O povo ria (ROSA, 2005, p. 174).

Não se entender por gente era não se entender mais por esse tipo de gente acostumada a viver nas sombras do que não é, sem se questionar enquanto possibilidades de vir a ser. Viver no acostumado dos dias, sem conseguir mais se enxergar enquanto humanos em acontecer — *poiesis* — destinados, que somos, a existir. Todos que ali (aqui) estavam não o sabiam de verdade, pois não se permitiam enxergar a grandeza que é o humano em nós; para isso, é preciso dar o salto ascensional e louco ao abismo de ser. E tal revelação nos fazia rir de nervoso e medo, ríamos por não saber ou ríamos por saber que devíamos ir ao encontro de todo não saber do que somos?

O povo, olhando para o alto, não consegue ainda entender o que está de fato acontecendo, passam a vaiar o nosso homem, que se diz o secretário de finanças do município, o tacham de demagogo, louco. Num gesto de teatro burlesco, nosso homem finge se atirar, deixa cair os sapatos, o povo volta a aplaudi-lo, aparece o dr. Diretor do hospital, e iniciam os planejamentos para a operação de resgate. O dr. Diretor, dono da falsa ideia de verdade que, arrogantemente, tinha de si e de todos à sua volta, solta: “— ‘*Há de ser nada!*’” (ROSA, 2005, p. 174). Começa a operação de salvamento, nosso homem, mais uma vez ameaça se jogar, e dá o dito e declarado: “— ‘*Viver é impossível!*’” (ROSA, 2005, p. 175). Aquilo! Tudo à nossa frente gritando:

Era um revelar em favor de todos, instruía-nos de verdadeira verdade. A nós — substantes seres sub-aéreos — de cujo meio ele a si mesmo se raptara. Fato, fato, a vida se dizia, em si, impossível. Já assim me pareceu. Então, ingente, universalmente, era preciso, sem cessar, um milagre; que é o que sempre há, a fundo, de fato. De mim, não pude negar-lhe, incerta, a simpatia intelectual, a ele, abstrato — vitorioso ao anular-se — chegado ao píncaro de um axioma” (ROSA, 2005, p. 175).

O que o nosso homem, excelso, nos chamava a atenção com aquele agir, impensadamente, verdadeiro, que o fez subir ao alto, afastando-o de nós, seres sub-aéreos, era que a vida só seria possível de ser vivida se nos voltássemos para o mais íntimo de nós mesmos, nas loucuras de nosso ser em aprendizagem, e nos déssemos a oportunidade de nos conhecermos verdadeiramente, apesar dos fatos e atos. Aqui está o ponto mais alto do

axioma do que é ser humano e existir. Viver em procura é nos colocar à escuta de nós mesmos, habitando eticamente este mundo, agindo verdadeiramente, correspondendo ao ser que nos solicita um existir poético, real, em diálogo com o mundo e, por isso, criando mundo, dando sentido as coisas; vivendo em amor que cura, que procura, incansavelmente, o ser se dando em nós.

Mas não satisfeitos em não o (re)conhecê-lo de verdade, queriam abortá-lo da cura sem que ele tivesse pronto para renascer. Chegara a polícia, os bombeiros, todos prontos para rebocá-lo, baixá-lo, reduzi-lo. Eis que o nosso homem, autor do seu festival alcandorado, entendendo do alto os planos incautos das autoridades, disse: “— ‘*O feio está ficando coisa...*’ [...] — ‘*Querem comer-me ainda verde?!*’ [...] — ‘*Só morto me arriam, me apeiam!*’ [...] — ‘*Se vierem, me vou, eu... Eu me vomito daqui!...*’ (ROSA, 2005, p. 177). Nosso homem parecia tudo poder, e nós, sem certeza disso, olhávamos atônitos para o alto. “A morte tocando, paralela conosco — seu tênue tambor taquigráfico. Deu-nos a tensão pânica: gelou-se-me” (ROSA, 2005, págs. 177-178), ficamos frente a frente com nossa finitude. Nem isso foi capaz de fazer aquela multidão toda, o dr. Diretor, o Adalgiso, o professor Dartanhã pensar?! “A praça reclamava, clamava. Tinha-se de protelar. Ou produzir um suicídio reflexivo — e o desmoronamento do problema? [silêncio] “Ele dependia dele, ele, dele, ele, sujeito. Ou de outro qualquer evento, o qual, imediatamente, e muito aliás, seguiu-se” (ROSA, 2005, p. 178).

Nada se fazia urgente fazer. Nosso homem estava certo de si e bem dentro dele mesmo. Mas o dr. Diretor não se conformava com a derrota. Com toda a sua doutoridade em verdades infundadas, tenta entrar em diálogo, persuasivo, sutil, de baixo para cima com o dependurado homem: “— ‘*Excelência!...*’” (ROSA, 2005, p. 178) — começara mal. Todos os vaiaram. Passou o megafone para o narrador, estarrecido e temeroso em si: “— ‘*Amigo, vamos fazer-lhe um favor, queremos cordialmente ajudá-lo...*’”; eis que uma voz assaz sonora, ao longe, nas alturas, produzindo eco, foi ouvida: “— ‘*Favor? De baixo para cima?*’” (ROSA, 2005, p. 179). O narrador ainda tentando dissuadi-lo do ato impensado (?), falou intimamente e altiloquente: “— ‘*Psiu! Ei! Escute! Olhe!* No que o homem retrucou, altitonando: “— ‘*Vou falar bens?*’” (ROSA, 2005, p. 179).

Compreendendo entediadamente todo aquele estardalhaço para o seu falso resgate, deu o dito: “— ‘*O amor é uma estupefação...* [...] ‘*Tenha-se paciência!...*’ [...] ‘*Você, eu e os neutros...*’” (ROSA, 2005, p. 179). Nosso homem, em surto de psiquiatista, estado de quase loucura divina, livre de normas e convenções que aprisionam e abortam o florescer da alma, ainda questionara mais uma vez os donos da verdade que cá embaixo estavam no

“paralaparacaparlar, razões de quiriquiqui, a boa nossa verbosia. Tomou palavra: “— ‘*Foram as últimas hipóteses?*’” (ROSA, 2005, p. 179).

E não é que logo após esse quiprocó todo, não nos aparece o verdadeiro Secretário de Finanças Públicas, todo bem-quisto, em abraços e apertos de mão, para desmentir o nosso louco homem das alturas?! Foi o que se deu. Acreditam, vocês?! O fato ocorreu em “meio-dia em mármore. [...] não se tinha fome nem sede” (ROSA, 2005, p. 180), apenas os olhos, ouvidos e corações voltados ao nosso homem que, irritado, bradou que todos ali presentes o estavam enganando, e jocosa e mais ensandecidamente, começou a se despir. Acreditem, o homem ficou nu em pelo, assim como veio ao mundo. A multidão olhava, em balbúrdias, envergonhadamente, pela presença de senhoras, mulheres e crianças. O nosso homem, de fato, já não estava mais em sua sã consciência? Ou todo aquele agir era uma maneira de ele transcender ao original e originário do seu ser para que pudesse sustentar toda a alegria da alma de se ver livre, e proclamar-se em verdade: humano em viagem pela aprendizagem poética do existir?! Era ele o louco, ou nós, que nos envergonhávamos pelo seu despir?! O que sentíamos era vergonha ou medo de tirar tudo o que nos vem soterrando há tempos, e ter coragem de pular para o abismo do nada, vislumbrando, pela viagem, a possibilidade de nos tornarmos tudo?!

Fora perseguido, ridicularizado, xingado, odiado, o nosso homem que, no mais, o seu verdadeiro assalto, tinha sido o de levar com ele, às alturas do pensamento, toda essa gente que vivia se arrastando, acorrentada pela mesmice de uma vida enclausurada em normas e regras de um bem-viver enfadonho por não permitir o salto mortal ao existir. O superhumano salto mortal dá ao nosso insano homem uma nova compreensão de si mesmo, passando a arquiteto e criador de suas próprias atitudes. E, iluminado pelo vigor da linguagem, equilibrado em seu eixo extra-ordinário, grita: “— ‘*Minha natureza não pode dar saltos?...*’” (ROSA, 2005, p. 181). O dito, mais uma vez, se torna mito, se faz em palavra sagrada e verdade. A natureza humana, sempre à prova de uma nova aprendizagem, deve ser livre para mudar de rota, de direção, e agir, buscando no horizonte o não-saber do que é, lançada ao acontecer enquanto fenômeno misterioso de ser. Viagem ao existir, é disso que consiste nossa busca diária. Ou pelo menos, deveria ser assim! Não acham?

Nosso “homem, porém, atento, além de persistir em seus altos intentos, guisava-se também em trabalho muito ativo. [...] Tomou cautela. Contra-atacava” (ROSA, 2005, p. 181) toda a sorte de movimentos estranhos, troados de ordem para retirá-lo das alturas do existir. Percebam, sua experiência, dada em ação, acontecia na frente de todos, não tinha nada a esconder, aquele homem, pelo contrário, seu ser se dava a ver; e, de cima de uma palmeira,

aquele reespiritado ser contemplava tudo, como se aquilo que via, os coros e decoros, o encorajasse cada vez mais a se despir e existir. Darandinava-se! Darandinávamos? “Outra coisa nenhuma aconteceu. O homem, entre o que, entreaparecendo, se ajeitara, em berço, em seus palmares” (ROSA, 2005, p. 182).

Tudo parecia retornar, ouvia-se o zum-zum-zum das autoridades propondo um novo resgate. E foi o que se deu, o homem voltara à sanidade?! O narrador relatou o visto:

Reaparecendo o humano e estranho. O homem. Vejo que ele se vê, tive de notá-lo. E algo de terrível de repente se passava. Ele queria falar, mas a voz esmorecia; e embrulhou-se-lhe a fala. Estava em equilíbrio de razão: isto é, lúcido, nu, pendurado. Pior que lúcido, relucido; com a cabeça comportada. Acordava! Seu acesso, pois, tivera termo, e, da ideia delirante, via-se dessonambulizado. Desintuído, desinfluído — se não se quando — soprado. Em doente consciência, apenas, detumecera-se, recuando ao real e autônomo, a seu mau pedaço de espaço e tempo, ao sem-fim do comedido. Aquele pobre homem descorçoava. E tinha medo e tinha horror — de tão novamente humano. Teria o susto reminescente — do que, recém, até ali, pudera fazer, com perigo e preço descompasso. [...] E era o impasse da mágica. É que ele estava em si; e pensava. Penava (ROSA, 2005, p. 183).

O que pensar quando nos vem à cabeça que o “impasse da mágica” significava, aqui, o homem ter voltado a si, “reaparecendo o humano e estranho” de si? O homem? Acordado e lúcido? Mas a lucidez não o tinha acompanhado a vida pregressa inteira, o aprisionando para fora dos mistérios do ser? Não era a loucura o *salto mortale* à liberdade de uma vida em questão? O homem recobrou o juízo e voltara a viver nos devidamente? Hesitava-me. Tudo ainda sem cores de sentido. O acordar e voltar ao termo, para o nosso homem, era, então, reinflui-lo e reintui-lo ao sem-fim do comedido? Sem transbordamentos de vida, apenas vivendo com a cabeça comportada por um agir doente de consciente? Tudo era mesmo a ponta do mistério. Todo homem é, na verdade, irreversível? Sua natureza se faz estática? “Todo pontilhado na espera da dúvida” (ROSA, 2005, p. 183). O que estaria pensando o nosso homem: será que principiara um desprojetar-se do abismo da procura e voltara-se à razão absoluta? Presumo que não!

Contrariando o mito refeito no início desta viagem, continuo a crer que “de noite, todos os gatos são pardos”; aquele nosso homem, o que fazia, era experimentar-se em possibilidades, frente a uma multidão espantosa e enlouquecida ele tinha conclamado-a a segui-lo nas e pelas alturas de ser; e, ela acreditou nele, em seu poder de mestre-aprendiz a conduzi-la à louca experiência da procura de si, por si mesmo. Não poderia mais voltar atrás e dizer que tudo não passou de uma grande farsa. Não! Iriam linchar-lhe, escorraçá-lo aos

mais escuros caminhas do esquecimento. “Aquele homem apiedava diferentemente — de fora da província humana. A precisão de vencer vencia-o” (ROSA, 2005, p. 184).

Ele mirou a multidão, já cá embaixo, junto à terra, aterrado, e proclamou: “— ‘*Viva a luta! Viva a liberdade!*’” (ROSA, 2005, p. 184). Nosso homem, agora, estava nos braços do povo, do seu povo, sua humanidade, os gatos pardos de mil pelagens nítidas, onde se via e se revia, e se reconhecia em semelhanças e estranhamentos, porque assim é! E o mito fora redito: é por meio da luta entre-ser-e-não-ser, do jogo poético de ir em busca de se conhecer que nós, humano, chegaremos à liberdade de vir-a-ser. Só assim, por um caminhar pensando, meditado, questionado nas suas sanidades e insanidades, que conseguiremos ser livres para nascer, renascer — tornar-nos!

Esta viagem pela loucura de ser, nos levou à insanidades inquietas e ascensionais, à flexibilidade vital e à mobilidade fluente de um princípio sempre ativo, e vigoroso, da leveza de uma alma que roga em deixar o solo e se atirar à mutação contínua, pela irreversibilidade dos fenômenos que se manifestam em nós e por nós, a fim de alcançar a originalidade sempre renovada daquilo que jamais se deita, frente ao que sempre se mostra: o ser. O motivo da viagem que fizemos agora nos mostra que “— ‘*A vida é constante, progressivo desconhecimento...*’” (ROSA, 2005, p. 184), resta-nos acolhê-la e, por ela, aprendermos, poeticamente, que o existir é à hora! Nada mais...

*

Começarei esta viagem anunciando que o motivo o qual ela acontece é nada mais do que deixar a coisa coisar a sua coisidade enquanto fundar do amor enquanto destino ao existir! A estúrdia proposição? Parecia coisa de invento?! Se e se, a gente ia ver à espera deste narrar... Explicando melhor o dito acima. Digo a vocês que a viagem que nós iremos atravessar a parti de agora acontecia mesmo para que a gente aprendesse que o melhor da vida era deixar a substância manifestar o seu ser e, assim, fizesse resplandecer o amor original e originário de *Eros* que conduz ao pleno existir. Foi assim que se deu a estória de Maria Exita e Sionésio. Deixem que lhes conte...

O que será narrado é a estória do encontro de dois corações completamente distintos e apartados que, após anos, num belo dia, com o sol batendo pino de tão quente, se entre-sentiram fundo, brilhantes, e passaram a amar e a existir! Mas antes da coisa se dá, Seu

Nésio, oriundo trabalhador da célebre família dos Samburá, tinha herdado a pequena, magra e feiosinha menina,

historiada de desgraças, trazida, havia muito, para servir na Fazenda. [...] a vida não lhe deixava cortar pelo sono: era um espreguiçar-se ao adormecer, para poupar tempo no despertar. Para a azáfama — de farinha e polvilho (ROSA, 2005, p. 185).

Maria Exita, era seu nome; seu ofício, “o ingrato serviço, de todos o pior: o de quebrar, à mão, o polvilho, nas lajes” (ROSA, 2005, p. 186), embaixo de um sol a pino e castigante. Ela tinha vindo trabalhar na fazenda, trazida, por piedade, por Seu Nésio, ainda rapaz de “madrças visagens” que botou na cabeça começar o plantio de mandioca, a única coisa que vingava naquelas terras. Dizem que, “contra a menos feliz, a sorte sarapintara de pretos portais e portas” (ROSA, 200, p. 186). E foi assim que a pequena Maria Exita tinha se livrado de uma vida tão cheia de adversidades.

Tudo isso, quem contou, foi uma velha da cidade a qual tinha acabado de chegar, vindo de uma travessia darandinoso, cheia de insensatez re-espirtada ao acontecer das possibilidades de existir! A velha falou que a tal moça, desde novinha, vivia nas desgraças de uma vida solta, sem cuidados:

a mãe, leviana, desaparecida de casa; um irmão, perverso, na cadeia, por atos de morte; outro, igual feroz, foragido, ao acaso de nenhuma parte; o pai, razoável bom-homem, delatado com lepra, e prosseguido, decerto para sempre, para um lazareto. Restassem-lhe nem afastados parentes; seja, recebera uma madrinha, de luxo e rica, mas que pelo lugar apenas passara, agora ninguém sabendo se e onde vivia (ROSA, 2005, p. 186).

Certo dia em festas de casamentos, em maio, “mês mor — de orvalho, da Virgem, claridades no campo” (ROSA, p. 185), o rapaz, agora chamado Sionásio, pelos costumes do chamamento, “ali, a notara: ela, flor” (ROSA, 2005, p. 185). E logo se percebe que a ligação de Maria Exita com o polvilho, substância de seu destinado ofício! Foi também a velha que, iniciou seu narrar assim:

Sim, na roça o polvilho se faz a coisa alva: mais que o algodão, a garça, a roupa na corda. Do ralo às gamelas, da masseira às bacias, uma polpa se repassa, para assentar, no fundo da água e leite, azulosa — o amido — puro, limpo, feito surpresa.
Chamava-se Maria Exita. (ROSA, 2005, p. 185).

Conto a vocês o que ouvi e sei, essa estória irá nos conduzir ao nascimento, pelo assentar fundante e alvo do polvilho, do amor vivido entre Maria Exita — que tão presente na vida e tão conectada à substância telúrica, apenas precisava de “restar na pureza” — e

Sionésio — homem apegado às suas posses, desgarrado de si e errante em si. Um amor que transcende do amor erótico, no sentido de vulgar, indo na direção do amor original e originário de mundo, produzindo sentido para a vida dos dois, os presenteando, reciprocamente, de generosidade e graça.

Às vezes penso, noutras não, mas o que ninguém acreditava, tomou ordem de palavra. Em “Substância”, mais uma vez, nos deparamos com a coisa e sua coisidade. Guimarães Rosa nos apresenta esta questão como se quisesse nos fazer revisitar, a todo momento, a manifestação fundante do ser dos entes. Nesta estória, a coisa, no caso o polvilho, se faz protagonista da estória de amor generoso, singelo, de uma doce brancura, entre Maria Exita e Sionésio. Vou contar a vocês essa como aconteceu esta viagem-encontro com a coisa se dando a amar e existir. Ultramuito, porém, houve o que há! Sionésio vivia por entre-viagens, não parava, apenas para descansar em prazos, pelas casas das redondezas, garantindo ao corpo consolo e repouso.

Prazer era ver, aberto, sob o fim do sol, o mandiocal de verdes mãos. Amava o que era seu — o que seus fortes olhos aprisionavam. Agora, porém, uma fadiga. O ensimesmo [...] tantas coisas a renovar, e ele sem sequer o tempo” (ROSA, 2005, p. 186).

Cansado, Sionésio retornava à fazenda num quieto completo dia de domingo. Perguntou à Nhatiaga onde estava sua protegida, Maria Exita, no que a velha respondeu: “— ‘*Ela parte o polvilho nas lajes...*’” e no que ele, num contentamento manipulante, repensou o fato de a moça, até em dias de folga, se prestar a um serviço deste; poderia ver de mudarem ela de serviço. Mas a velha Nhatiaga voltou a falar: “— ‘*Ela é que quer, diz que gosta. E é mesmo, com efeito...*’” (ROSA, 2005, p. 186). Segundo a velha, o manipular o polvilho de sol a sol, sem descanso, para Maria Exita, tinha um significado mais do que nobre. Era a cura para uma vida pregressa de tanta desgraça e má-sorte. Na laje via sua salvação iluminada pela alvura do polvilho.

Sionésio não foi logo vê-la, esperou o meio-dia de sol a pino que assustava até passarinho para ir ao encontro do que nem sabia que aconteceria. E foi no que se deu o início da coisa:

Ela estava em frente da mesa de pedra; àquela hora, sentada no banquinho rasteiro, esperava que trouxessem outros pesados, duros blocos de polvilho. Alvíssimo, era horrível, aquilo. Atormentava, torturava: os olhos da pessoa tendo de ficar miudinho fechados, feito os de tatu, ante a implacável alvura, o sol em cima (ROSA, 2005, p. 187).

Sionésio jamais imaginava que aquela visão horrível que tinha acabado de presenciar seria, na verdade, o início do seu reespíritar. Teve pena de Maria Exita naquele ofício tão cruel, passando os dias a fio num ar parado, tremeluzendo a vista no horizonte que teimava em temperar a intensidade da luz para poder avistar melhor. Perguntou a ela: “— ‘*Que serviço você dá?*’” (ROSA, 2005, p.

187). No que ela nem se perturbou, apenas respondeu, com boca entre aberta, sorrindo timidamente, que gostava do que fazia. E pasmem,

com ela acontecesse diferente: nem enrugava o rosto, nem espremia ou negava os olhos, mas oferecidos bem abertos — olhos desses, de outra luminosidade. Não parecia padecer, antes tirar segurança e folguedo, do triste, sinistro polvilho, portentoso, mais a maldado do sol. E a beleza. Tão linda, clara, certa — de avivada carnação e airosa — uma ilhazinha, moça feita em cachoeira (ROSA, 2005, p. 187).

Sionésio tinha se engraçado por ela: “*De suas maneiras, menina, me senti muito agradado...*” (ROSA, 2005, p. 187). Mas não era de se estranhar, me disse a velha que narrava a estória, pois todos, hoje, sabiam que Maria Exita tinha uma alma diferente, bem diversa dos outros. Parecia já saber-se destinada à branCURA pelo polvilho desde que chegou na fazenda dos Samburá:

Assim, que chegara lá, com os vários sem-remédios de amargura, do oposto mundo e maldições, sozinha de se sufocar. Aí, então, por si sem conversas, sem distraídas beiras, nenhuma, aportara àquele serviço — de toda a despreferência, o trabalho pedregoso, no quente feito boca-de-forno, em que a gente sente engrossar os dedos, os olhos inflamados de ver, no deslumbrável. Assoporava-se sob refúgio, ausenciada? Destemia o grado, cruel polvilho, de abater a vista, intacto branco. Antes, como a um alcanforar o fitava, de tanto gosto. Feito a uma espécie de alívio, capaz de a desafligir, de muito lhe dar: uma esperança mais espaçosa. Todo esse tempo. Sua beleza, donde vinha? Sua própria, tão firme pessoa? A imensidão do olhar — doçuras (ROSA, 2005, p. 187).

Foi, então, todo o encantamento. Sionésio, quando se deu conta, viu que estava lhe fazendo cortesia, logo tentou se desconversar, falando bobagens sem-lugar; mas a coisa já tinha se manifestado dentro dele. Ele já estava aberto para o reluzi da coisa/substância polvilhada ao seu redor, o fazendo alumiar. Pudesse ser? Só aquela divagação que eu ainda não acabava de entender. Tomei pausa, presteza e pressas em circunstâncias do manifestar da coisa em si só iriam atrapalhar a aprendizagem... Hesitei... O polvilho era mesmo a coisa a fundar o amor?! Polvilho e amor se irmanavam na alvura inaugural do ser? Se e se, só tinha de desentalar-me com tamanha descoberta. E se as coisas fossem outras? Eram? O polvilho, aqui, é a substância que funda e dá sustento ao amar. Sobreentendi! O polvilho é a coisa se dando. É a manifestação perceptível do ser. E sua alvura é a imagem-questão do que permance de sua coisidade: seu ser.

Mas vejam, é preciso compreender melhor a questão da coisa e da coisidade enquanto manifestação do ser. Se não me engando, foi Martin Heidegger que, em estudo sobre a coisa como questão, falou sobre o caráter de juntar, reunir da coisa. Ele diz que no momento em que deixamos a coisa ser no seu coisar, *i.e.*, no momento em que acolhemos o acontecimento apropriativo do ser se manifestando, a partir e dentro do mundo realizando-se em sentido, ou seja, do mundo sendo e fazendo sentido enquanto ser e tempo, nos deixamos tocar pelo acontecer de mundo — realidade do

real — que nos percebemos integrantes e integradores desse mundo em acontecimento, nos percebendo como providos de coisa e da coisa. Logo, se deixarmos a coisa ser em sua coisidade, preservando o seu ser, no domínio a partir do qual ela é, então, entenderemos que o sentido da coisa é o “aproximar de mundo, reunir mundo (HEIDEGGER, 2012a, 2018).

Em “Substância”, o polvilho enquanto coisa, reúne mundo, reúne terra e céu, claro e escuro, alvura e escuridão, reúne tudo o que orbita em favor do surgir inaugural de alvor e fulgor. O polvilho reúne Maria Exita e Sionésio pela irradiação luminosa do amor original — *Eros*. O polvilho, enquanto substância/coisa reúne todas as manifestações transformadoras que acontecem tanto em Maria Exita quanto em Sionásio, os conduzindo à metamorfose transcendente que os torna apropriantes para ser: é pelo manipular incandescente do polvilho que Sionésio e Maria Exita passam a existir.

Passaram a se visitar, Sionésio sem entender nada, apenas contemplava e acolhia o bom, o belo, o feliz sentimento, apesar das asperezas. Maria Exita à espera apenas de um aceno do homem que ainda se escondia em cascas de caramujo. Ele a rodeando, pensava: “*Se outros a quisessem, se ela já gostasse de alguém?*” — as asas dessa cisma o salteraram [...] a ideia lhe doía (ROSA, 2005, p. 188). Aquietou-se somente quando ficou sabendo que ela não se entregara a amor de ninguém por medo da herança do pai — a lepra — ou da mãe — a falta de juízo. Maria Exita vivia ali a manipular os incontáveis baldes de polvilho, quebrando-os nas pedras quentes da laje em chamas. Vivia acautelada, mas não menos radiante, não para os olhos de Sionésio que acreditara que nunca devemos nos prover a partir de garantias perpétuas.

Ele passou a viajar menos e a frequentar mais as festas, do começo ao fim, mesmo desgostando de dançar, só para ficar admirando, cuidadosamente, tomando de conta, Maria Exita em sua beleza reluzente. Depois de tempos, perceberam-se, sem embargo! “Ele, a queria para si, sempre por sempre. E, ela, havia de gostar dele, também, tão certamente. Mas, no embaraço de inconstantes horas — às esperanças velhas e desanimações novas — de entre-momentos” (ROSA, 2005, p. 188). Passaram tempos só mesmo na mútua admiração, como se estivessem esperando o momento certo para o polvilho assentar.

Sabem não é? As coisas boas acontecem quando fundadas, aterradas no telúrico do ser. O polvilho, para assentar, carecia de se hidratar, regar com água pura, e temperar. Sionésio entristecia-se por não conseguir deixar a coisa fluir: “As muitas semanas castigavam-no, amiúde sem conseguia dormir, o que era ele mesmo contra ele mesmo, consumição de paixão, romance feito” (ROSA, 2005, p. 189). Temia perdê-la de vista, de vontade dela de ir-se, ou de — “*Se não é que, no que não espera, a mãe ainda amanhece por ela... Ou a senhora madrinha...*” Salteou-se” (ROSA, 2005, p. 189). Pensou que a vida não mais valeria a pena sem aquele calor de amor que, mesmo sem saber, já irradiara seu ser. Precisava apenas deixar a coisa fluir... Para ele só existia ela, a única Maria no mundo, nenhuma outra. Mas lutava contra esse sentimento?

Consigo forcejava. Queria e não podia, dar volta a uma coisa. Os dias iam. Passavam as coisas, pretextadas. Que temia, pois, que não sabia que temesse? Por vez, pensou: era, ele mesmo, são? Tinha por onde merecer? (ROSA, 2005, p. 189).

Sionésio, sem saber-se, não conseguiu ir ao encontro de sua cura, ficava às margens, rodeava a coisa, negando-a, por vezes; noutras, não dando o tempo de a coisa florescer, atropelava tudo por pensamento. Os dias iam passando e a sua angústia só ia aumentando, não conseguia mais nem contemplar Maria Exita sob o sol do meio-dia. Trevava! Às vezes queria que tudo ficasse falso, por mentira de invento, só assim, poderia se entregar a desilusão. O que encontrou às vistas escuras foram somente lágrimas. Precisava iluminar-se, voltar a pôr os olhos na coisa, a substância se dando em claridade e vigor. Era preciso voltar a ver Maria Exita. Vou em direção à laje, foi procurá-la — e ela, Maria Exita, sua existência, viva!

A hora era de nada e tanto; e ela era sempre a espera. Afoito, ele lhe perguntou: — “Você tem vontade de confirmar o rumo de sua vida?” — falando-lhe de muito coração. — “Só se for já...” — e, em resposta, ela riu clara e quentemente (ROSA, 2005, p. 190).

Sionésio estremeceu! A coisa tinha acabado de manifestar-se, substancialmente, claramente. Talvez não fosse o certo a se fazer, ela mesmo podia ter herdado as mazelas da família — hesitou-se! Acontece, meus caros, que o amor, enquanto polvilho, assenta no fundo, na matéria, quando regado, e irradia, alvo, no espaço do tempo, configurando-se como destino a ser acolhido e percorrido, numa viagem rumo a amar e existir. Destino, esse, que se manifesta enquanto providência do sagrado em ação, jamais como fatalidade.

Sionésio, quando bota o olho em Maria Exita e se encanta, é somente memos

A alumiada surpresa.

Alvava.

Assim; mas era também o exato, grande, o repentino amor — o acima. Sionésio olhou mais, sem fechar o rosto, aplicou o coração, abriu bem os olhos. Sorriu para trás. Maria Exita. Socorria-a a linda claridade. Ela — ela! Ele veio para junto. Estendeu também as mãos para o polvilho — solar e estranho: o ato de quebrá-lo era gostoso, parecia um brinquedo de menino. Todos o vissem, nisso, ninguém na dúvida. E seu coração se levantou (ROSA, 2005, p. 190).

Sionésio tomou coragem para aceitar o acolher da coisa que latejava em seu ser — o amor por Maria Exita aconteceu. Originou-se ela incandescência do polvilho e se fortaleceu no momento em que Sionésio pegou a substância às mãos e se deixou tocar por ela, sua bela maciez. O fato de quebrar o polvilho o levou ao tempo de menino, quando tudo o que era novo fazia sentindo e, portando, dava-se enquanto mundo — existia. O amor dos dois abre-se, portanto, a partir do brilho alvo do polvilho, tal qual pétalas da mais bela flor pelágica, de uma azul brilhante, inaugural, que

chega a ofuscar a vista, sem cegá-la. Ele ainda chega a perguntar à Maria Exita se ela quer o mesmo que ele: “— ‘*Você, Maria, quererá, a gente, nós dois, nunca precisar se separar? Você, comigo, vem e vai?*’ Disse e viu. O polvilho, coisa sem fim. Ela tinha respondido: — ‘*Vou, demais*’” (ROSA, 2005, p.190).

Eles, portanto, colocam-se diante da vida, que é amar e, por isso, existir. O amor entre Sionésio e Maria Exita vigora tendo como cenário a concepção dramática do universo, a qual pensou Plotino, para a qual não existe ruptura entre o mundo sensível e o mundo inteligível — ruptura esta concebida por Platão. O que Plotino propõe é um diálogo direto e estreito entre esses dois mundos, visto que o mundo sensível é a imagem-questão, em excessivo vigor de manifestação do mundo inteligível. Por esta concepção, podemos afirmar que Maria Exita, portanto, ao final da narrativa, se manifesta como a imagem-questão da própria substância, assentando fundo e, com isso, concretizando-se enquanto fundar do amor no coração de Sionésio. “Sionésio e Maria Exita — a meios-olhos, perante o refulgir, o todo branco” (ROSA, 2005, p. 190). Ela realiza-se como substrato que funda em Sionésio um novo existir. E “Acontecia o não-fato, o não-tempo, silêncio em sua imaginação” (ROSA, 2005, p. 190). Eles existiam. “Só o um-e-outra, um em-si-juntos, o viver em ponto sem parar, coraçõemente: pensamento, pensamôr. Alvor. Avançavam, parados, dentro da luz, como se fosse no dia de Todos os Pássaros” (ROSA, 2005, p. 190).

E nessa viagem-estória o que não era, acontecia. Sionésio, sentia pela primeira vez, ao manifestar o polvilho, deixando a coisa se manifestar em sua coisidade, a energia vital — *Eros* — a qual já sabia Maria Exita; e, assim, inicia sua ascensão rumo ao divino do ser e de ser. Re-espiritase, re-tornando ao existir!

*

A viagem por entre as estórias está quase terminando. Jamais chegando ao fim! Porque chegar ao fim, findar, é passar a não mais se procurar. E não é isso que está acontecendo. O que de fato está se dando é que, esta etapa da viagem de procura, em diálogo com as primeiras estórias escritas por Guimarães Rosa, está entrando em percurso final. E aqui, reparem, “entrar” e “final”, para além de qualquer paradoxo³⁰, e mesmo assim já estando dentro da dobra do entre-pensar o inesperado, devem significar, para quem está lendo esta viagem-tese, como um percurso circular, infinito, não estático

³⁰ Para-doxo forma-se do pré-verbal *pará*, que significa junto a, em casa de, entre. E *-doxo* vem do verbo *dokéo*, que significa parecer, julgar, pensar em. De *dokéo* se forma o substantivo *doxa*, opinião, conjectura, juízo. O paradoxo é o inesperado, o incrível, o raro, o insólito, o que nos faz sair do ordinário. No paradoxo a opinião e juízo são levados para o sem certeza, para o inesperado, para o aberto. Este aberto é dito pelo *pará-*, enquanto o estar junto a, no entre (CASTRO: Paradoxo, 1. Disponível em: <http://www.dicpoetica.letas.ufrj.br/index.php/Paradoxo>. Acessado em: 02/12/2021).

e não excludente da viagem; apenas mais uma paragem, vereda que deverá levar a outra viagem de procura. Estou cansada! Mais uma vez, não consigo pensar em nada para continuar viagem pela penúltima estória desta obra imensa — *Primeiras estórias*. Estou quase chegando à fazenda de um tal Iô João-de-Barros-Diniz-Robertes, o qual me disseram ser um velho, lazarento e insano, que aterroriza seus empregados com suas manias e loucuras. Vejamos como se dará esta viagem!

*

E a estória começa assim... Essa eu vi mesmo por estar lá, chegando à fazenda do velho, esmarte patrão do atrapalhado Vagalume, moço simpático que me recebeu no susto, e já foi narrando o acontecido. “Suspa! — que não me dão nem tempo para repuxar o cinto nas calças e me pôr debaixo de chapéu, sem vez de findar de beber um café nos sossegos da cozinha. Aí — ‘... *ai-te...*’ — a voz da mulher do caseiro declarou, quando o caso começou” (ROSA, 2005, p. 191).

E o caso tinha sido a fuga do tal dono da fazenda, o velho Iô João-de-Barros que, de supetão se levantou da cama, fazendo o de sempre das suas loucuras, sem nem sentir a idade avançada que já ia em tempos. Foi assim que Vagalume iniciou o narrar da viagem que fez, pajeando o patrão para, no início, tentar contê-lo de tamanha loucura, mas que depois, no entre-viagem, percebeu que aquela também era a sua travessia para o existir; e, portanto, passou ombrear o velho Robertes, por uma certa insensatez de atravessar cidades, conclamando pessoas de nãoezas a, junto com ele, dar conta de corresponder ao destino.

O velho Iô João-de-Barros_Diniz_Robertes, à la D. Quijote, vai convocando todos a segui-lo e a acompanhar a grandeza da experiência de sua transcendência de vida-e-morte que conduz ao nada para renascer em flor pelágica, em forma de Menino. Aqui se dá o princípio do uno, do eterno retorno entre vida-morte-e-vida, o qual está presente na obra rosiana. O Menino, em viagem-travessia entre as questões primeiras que o constituiu, vai seguindo em direção à velhice, enquanto apoteose da vida, para tornar-se, após sua morte, Menino outra vez. Em uma ciranda caleidoscópica, Rosa propõe ao leitor uma experiência de atravessamento, junto com as personagens, entre as questões originárias do humano e, com isso, projeta-os em ascensão ao nada vislumbrando o tudo do renascimento.

Eu estava por ali, em meio às questões, fingindo não ser e não saber, mas atenta às manifestações à minha volta. Pensei palavra. Hesitei... E entendi: Iô João-de-Barros-Diniz-Robertes é o Menino de “As margens da alegria” e de “Os cimos”, renascido e revigorado pela travessia de vida-e-morte. Em *Primeiras estórias* o fim retorna ao começo, gerando um contínuo e ininterrupto movimento circular, confirmando a dinâmica da *physis*, a continuidade íntima entre vida e morte, a qual produz o verdadeiro ensinamento da obra. Aqui está o motivo da viagem em “Tarantão, meu

patrão”, que é nos fazer viajar, assoprados pelo reespiritar do velho que, iluminado pela força do agir, em forma de insensatez, encanta a todos que se deixam tocar pela graça da loucura, fazendo com que os atarantados passem a se tarantar; os desnorteados encontrem seu norte; e os anônimos passem a se nominar. Pudessem ser?

Ah, só aquela divagação que eu não acabava de entender. É preciso transverberar este embuço. Vamos à estória. Sai Vagalume, atarantado a acompanhar o patrão, segurando as calças, tentando amarrá-las com o cinto. “— ‘Ligeiro, Vagalume, não larga o velho!’” (ROSA, 2005, p. 191), alguém gritou de dentro da cozinha. Encontrou Iô João no curral, “trangalhadaçando, zureta, de afobado — se propondo de arrear cavalo! Me encostei nele, eu às ordens. [...] ‘*Tou meio precisado de nada...*’ — me repeliu” (Rosa, 2005, p. 191). O velho, para sua empreitada, não queria, de início, aceitar nenhum acompanhante que lhe fosse impedir de cumprir o dito. Ele tinha planos muito grandiosos para serem atrapalhados por quem quer que seja, principalmente por Vagalume, a quem desprezava, com olhares e dizeres: “— ‘*Que, o que é, menino, é que é sério demais, para você, hoje!*’” (ROSA, 2005, p. 191). Vagalume, nada não entendia, mas sentia, lá bem no fundo, que alguma coisa aconteceria: “Vi que a gente estávamos era em tempo-de-guerra, mas com espadas entortadas” (ROSA, 2005, p. 192).

Vagalume me contava que fizeram de todo jeito para dissuadir o velho de tamanho desatino, pensaram em até chamar o médico da família, para ver se ele não estava mesmo era doido por conta de qualquer doença. Nada conseguia detê-lo. No curral, foi pegando logo o cavalo mais bravo, daqueles que nem vaqueiro de tino tem coragem de selar para empreitadas de guerrear. Vagalume teve de obedecer, “para maluco, maluco-e-meio” (ROSA, 2005, p. 192). Vagalume sentia os olhos do velho em cima dele, já há muito delirados. E não teve mais jeito mesmo. Quando Vagalume se deu conta, o velho já saía em disparada pela porteira:

Alto, o velho, inteiro na sela, inabalável, proposto de fazer e acontecer. O que era se ser um descendente de sumas grandezas e riquezas — um Iô João-de-Barros-Diniz-Robertes! — encostado em maluca velhice, para ali, pelos muitos parentes, que não queriam seus incômodos e desmandos na cidade (ROSA, 2005, p. 192).

Vagalume, pela primeira vez, sentiu a alma em bom desatino do velho patrão, apesar de ainda não compreender aquela fuga ao inesperado. Se sentia ainda fadado, em martírio de ter que pajear o velho desatinado: “E eu, por precisado e pobre, tendo de aguentar o restante, já se vê, nesta desentendida caceteação, que me coisa e assusta, passo vergonhas” (ROSA, 2005, p. 192).

A viagem foi se dando de início, Iô João na frente, em disparada, e Vagalume atrás, em seguimento. Até que ficaram lado a lado, e o velho bramou o dito daquela demanda, pelo menos o único que neste momento poderia fazer algum sentido: “— ‘*Ei, vamos, direto, pegar o Magrinho, com ele hoje acabo!*’” (ROSA, 2005, p. 192). Magrinho era sobrinho-neto do velho Robertes, era formado doutor, e fora ele que tinha aplicado injeções e feito lavagem intestinal no tio, por ocasião de doença. “— ‘*Mato! Mato, tudo!*’”, e dando mais um berro, revelou causa e verdade: “— ‘*Eu ’tou*

solto, então sou demônio!” (ROSA, 2005, p. 192). Vagalume conta que nesta hora viu o velho balançar a cara vermelha, com olhos crentes que tinha feito era o pacto com o diabo para poder matar o sobrinho, o qual ele achava que o queria ver morto.

Iô Robertes, por alguns minutos, atarantou: “— ‘P’r’ onde vou?” (ROSA, 2005, p. 193), mas logo recobrou razão. E vagalume, atrás, às voltas com perguntas sem respostas, incomodado de ter que acompanhar “um traste ancião — o caduco que não caia!” (ROSA, 2005, p. 193). Pensava no seu fado nessa empreitada: “se ele, tão doente, por si se falecesse, que trabalhos medonhos que então não ia haver de me dar? Minha mexida, no comum, era pouca e vasta, o velho homem meu Patrão me danava-se” (ROSA, 2005, p. 193).

A figura do velho era para mais assombros de risadas, maltrapilhotrajes, que fazia Vagalume se avergonhar de estar ao lado. Sem paletó, apenas com colete abotoado, calça de brim já sem cor de sujas, em cada pé um calçado diferente, e outro colete enfiado no braço, e armado com uma faca de mesa para dar cabo da vida do sobrinho. Não dava para crer que aquele velho não era mesmo tresloucado, de falta de todas as suas faculdades mentais, saindo em disparada pelos, assoprado, senil, pela insensatez da idade. Em momento de alguma lucidez, virou para o pajem e disse: “— *Vagalume, menino, volta, daqui, não quero lhe fazer enfrentar, comigo, riscos terríveis!*” (ROSA, 2005, p. 193). Iô João-de-Barros sabia que o que estava indo fazer era coisa de gente entendida de ser, assoprada na graça do destino, e talvez, não achasse que Vagalume ainda não estivesse pronto para lhe acompanhar e, com isso, ter que também se lançar em demanda pela matéria vertente de ser quem era. No que Vagalume não lhe obedeceu, o velho patrão “Aproximou seu cavalo, volumou suas presenças” (ROSA, 2005, p. 193), e para além de Vagalume, foi convocando todos que por eles passassem, como se tivesse o dom de encantar pessoas, reespiritado que estava em cumprir seu destino.

Ia passando pelos vilarejos, formando exército de pessoas esquecidas de si, pelas nãoezas da vida. Gente de toda e qualquer feitura, como se enebriados pela alma iluminada do velho Robertes, saíam de suas nulidades e passavam a lhe seguir, como se aquilo fosse lhes trazer mais alma para ascensão do ser. Importantes em sentimento de pertencimento de si mesmo, iam acompanhando o velho, fazendo e acontecendo — agir e existir — transfigurando qualquer insignificância em atos grandiosos de presença e verdade. Iô João-de-Barros, tal como o passarinho de mesmo nome, ia construindo sua morada, na morada de cada uma daquelas pessoas, habitando vigorosamente pelo assopro de energia vital, aquelas pessoas que até antes de lhe conheceram, não eram nada; e, mesmo sem saber, estavam abertos ao tudo!

Todos vindos, entes, contentes, por algum calor de amor a esse velho. A gente retumbava, avantes, a gente queria façanhas, na espraiança, nós assoprados. A gente queria seguir o velho, por cima de quaisquer ideias. Era um desembaraçamento — o de se prezar, haja sol ou chuva. E gritos de chegar ao ponto: — ‘Mato mortos e enterrados!’ — o velho se pronunciava. (ROSA, 2005, p. 197).

Fiquei pensando... Por que todas essas pessoas seguiam o velho sem se questionar para onde estavam indo ou o que estavam fazendo? Estavam eles continuados a não-ser pelo não-agir e não-pensar? Ou será que estavam assoprados pelo vigor da energia vital que emanava do velho iluminado pela loucura de ser, e seguiam intuições reveladoras que, mesmo ainda sem ter consciência, os conduziam ao existir? Ter consciência da viagem não nos afasta cada vez mais da procura? Seguir, perseguir já não é estar inserido numa sequência de caminhos que nos levam ao existir? A cabeça latejava de tanta questão sem resposta. Que resposta estava querendo para dar prosseguimento à viagem, estaria com receio de me deixar envolver pelo assopro da loucura vital? O que iria encontrar no fim da viagem? Teria fim a viagem? A morte espreita e ronda — essa era (é) a angústia de todo ser humano em travessia de procura. Mas, talvez, quem saiba, para existir é preciso morrer a própria morte!

Vagalume começa a perceber que o que era fabuloso, espantoso, sem juízo do velho, ia, durante a viagem, se tornando cada vez mais certo e extraordinário. A convocar todo tipo de gente, de ladrões a ajudantes de ladrões; de mulheres e crianças “pobrepérrimas” de dinheiro e de vida; e ciganos de toda possível patifaria; já contavam onze. “Mas que ser, que haver? Os olhos do velho se sucediam. Que estragos? Se o que seja. Se boto o reto no correto: comecei a me duvidar. Tirei tempo ao tempo” (ROSA, 2005, p. 195).

Supe-te! E não foi que, no entre-meio-da-viagem, Vagalume e o Velho Robertes, trocam a relação que se dava de patrão e empregado, para uma relação baseada na aprendizagem mútua entre mestre-e-aprendiz, à medida que Vagalume percebe que a tal empreitada que estava vivendo era, na verdade, uma demanda em busca da matéria vertente que estava os conduzindo, aprendiz e mestre, à realização enquanto seres humanos em questão, lançados em travessia.

Iô João, transforma-se de “traste ancião” a um entre-ser-laçado-em-procura no tempo e espaço da viagem, que permite a abertura de uma nova e regeneradora dimensão vital a Vagalume, na qual o maravilhoso e o inesperado vêm, por meio da insensatez, e encontram permissão para acontecer, transformando o rapaz profundamente, que passa a se questionar sobre o quê e o porquê das coisas, iniciando seu reespíritar, se achando! “Eu via o velho, meu Patrão: de louvada memória maluca, torre alta. [...] O Patrão, pescoço comprido, o grande gogó, respeitável. O rei! Guerreiro. Posso faltar de suar; mas aquilo tinha para grandezas (ROSA, 2005, p. 197). Aquilo tudo era muito mais do que coisa de gente transloucada; a viagem em desatino vai se revelando uma oportunidade única, para Vagalume, de se perceber, se questionar, e de ver, por ele mesmo, que não se tratava de zé ninguém: “Súspe-te! Que eu não era um porqueira; e quem não entende dessas seriedades?” (ROSA, 2005, p. 197). Vagalume já existia?

A empreitada estava acontecendo, vigorosa, e quem quer que visse o bando, podia se juntar, sem antes perturbar, sem fazer entender e nem fazer parar. Todos estavam fechados e vigiados no viver. Vagalume, o velho e seu assoprado exército, vindo juntos, num galopar de ventos e flores. E foi que se deu o reespíritar do companheiro. Vagalume para o lado do velho passou, ombro no ombro.

Iô Robertos nada não disse, mas olhou fundo em seus olhos: “Me viu mil” (ROSA, 2005, p. 197), disse, se tarantando da importância de estar ali, em excursão entre não-ser e ser. Entendeu também a importância do velho em sua vida: “— ‘*João é João, meu Patrão...*’ *Aí: e — patrapão, tampatrão, tarantão...*’ — cá me entendo então... — em nome de honra, que se assumiu, já se vê. Bravos!” (ROSA, 2005, págs. 197-198). Vagalume nomeou-se, tornou-se o João Dosmeuspés Felizardo, sabendo-se de si em busca de ser dono de seu destino, este entre-cruzado em demanda de acolhimento e cuidado com a vida o conduzindo para viver a experiência da morte, por meio do seu grande amigo e Patrão, Iô João-de-Barros-Diniz-Robertes. E “*“Agora, o que é que ia haver?”*” (ROSA, 2005, p. 198).

A vagem acontecia com todos estando “para cima de outros degraus” (ROSA, 2005, p. 198). Todos em presença e se fazendo presentes, assoprados que foram pelo sopro de vida do velho TaranTÃO, tão cheio de si, sabendo-se destinado a renascer, pela morte, em nova vida, novo mundo. E foi no que deu. Chegaram, todos, à casa do Magrinho, sobrinho-neto-odiado pelo velho, que foi entrando e quando se deu conta, estava no meio do batizado da filha do dono da casa. A família toda reunida, assombrada com aquela imagem que se manifestara à sua frente — o velho com aparência de quase-mal-ressuscitado-há-pouco. E, a partir de então, o início do renascimento, o encontro de vida-e-morte trazido pela grande sação do ser: a velhice. A morte como culminância de toda uma vida vivida enquanto questão, em procura por viver. Esta é a verdadeira Viagem ao Existir. É quando morremos a própria morte, costurando-a com a mesma linha-da-vida, em que uma e outra estão entrelaçadas por espaços em brancos do nada, da abertura para ser, vivendo lançados-a-ser, deixando brotar a flor pelágica de energia azul abissal todos os dias, é que chegamos a existir verdadeiramente.

O Velho nosso, sozinho, alto, nos silêncios, bramou — dlão! — ergueu os grandes braços:

— ‘Eu pido a palavra...’

E vai que o de bem se crer? Deveras, que era um pasmar. Todos, em roda de em grande roda, aparvoados mais, consentiram, já se vê. Ah, e o Velho, meu Patrão para sempre, primeiro tossiu: bruba! — e se saiu, foi por aí embora a fora, sincero de nada se entender, mas a voz portentosamente, sem paradas nem definhezas, no ror e rolar das pedras. Era de se suspender a cabeça (ROSA, 2005, p. 199).

Vagalume narrou a morte do seu grande amigo e mestre com lágrimas nos olhos. E por fim, ainda disse: “Supremo sendo, as barbas secas, os históricos dessa voz: e a cara daquele homem, que eu conhecia, que desconhecia” (ROSA, 2005, p. 199). E ficamos sabendo, todos, que aquela viagem assoprada conduziu todos aqueles miseráveis não-ser a existir pelo encantamento do inesperado da vida. Não houve nem demo, nem morte, apenas graça e continuação da vida. Estava paralisada, pensativa, com o coração tomado por uma alegria sem tamanho. Tinha percorrido as *Primeiras estórias* do início ao fim, e tinha acabado de perceber que o fim estava me conduzindo ao começo de tudo. “Aquilo é que era” (ROSA, 2005, p. 199). Eu iria encontrar novamente o Menino, poder falar para ele sobre a viagem, a experiência de morrer-e-renascer! A eternar procura do que somos e não

somos. Viajei, existindo em cada uma das personagens a qual encontrei. E agora, ao narrar a estória desta viagem ao Menino, voltaria a existir, re-existir, tornar-me, retornar. E, mais uma vez, vinha a Vida!

EXISTIR

*Tudo o que poderia existir já existe. Nada mais
pode ser criado senão revelado.*

Clarice Lispector

*Que a existência é o penhor de todo empenho e desempenho,
é a questão de todas as questões verdadeiras, isto é,
daqueles que, ao questionarem qualquer coisa, se colocam
a si mesmos em questão*

Emmanuel Carneiro Leão

1. Amar é existir

Por aí, perdoe-me o detalhe, eu já amava [...] E... Sim, vi a mim mesmo, de novo, meu rosto, um rosto; não este, que o senhor razoavelmente me atribui. Mas o ainda-nem-rosto [...] mal emergindo, qual uma flor pelágica, de nascimento abissal...

Guimarães Rosa

E era de ser assim: Amar e existir, como foi conhecendo o narrador de “O espelho”. A viagem entre as primeiras questões das estórias da gente vigora no amar. A cada nova vereda percorrida entre as questões, o que cada uma das personagens vai aprendendo é deixar vigorar o que foi recebido para chegar a ser, existir. “O amor é que é o destino verdadeiro” (ROSA, 2016, p. 114), nos diz Guimarães Rosa. Cumprir nosso destino, nos lançando ao livre aberto para o Nada enquanto possibilidades de acontecer é que é nossa condição enquanto humanos em procura. E agir dessa forma já é amar, pois para que possamos ir atravessando nossas estradas nos colocamos a serviço do pensar, do questionar, temos de dar o *salto mortale*.

O poeta Alberto Caeiro poetisa que “Amar é pensar” (CAEIRO, 2007, p. 230). E o pensador Parmênides nos presenteia com a questão: “... pois o mesmo é pensar e ser” (PARMÊNIDES *apud* ANAXIMANDRO *et al.*, 2017, p. 57). Guimarães Rosa nos revela que “o amor é a gente querendo achar o que é da gente” (ROSA, 2006, p. 361). E pergunto-me de certa feita: O que seria mais da gente do que a gente mesmo, o nosso ser, o qual estamos sempre em busca de saber? Sabemos, não-sabemos? A demanda que estamos percorrendo junto as personagens de *Primeiras Estórias* é a demanda por existir. E só existimos porque já vigoramos no amar.

Amar é mistério e, portanto, questão, já que nos lança na angústia e no paradoxo da finitude. Amar, assim como pensar, é a essência do agir levada à consumação pelo sentido do sentir³¹. Agir é movimento de deixar vigorar em tudo o que é e está sendo o ser. Portanto, existimos no e pelo pensar onde manifesta-se o amar. O existir se dá sempre como percurso/viagem/travessia temporal de procura da essência/sentido do amar. Amar é pôr-se a caminho do pensar; pensar é ato cuidadoso de pôr-se a caminho de ser pelo amar (CASTRO, 2011).

³¹ Pensar o sentir enquanto manifestação do existir. “Sabemos muito bem que não basta viver e/ou saber. É necessário ser o que se sabe. Não basta viver sentindo o que é, é necessário ser o que se sente. Ser sabendo e sentindo é deixar eclodir o sentido enquanto vigorar do ser. A perda do sentido do viver é que acarreta o poder secar. A falta de sentido conduz ao secar. Sem sentido tanto o viver como o sentir perdem o vigorar do viver sendo” (CASTRO, 2011, p. 244).

Percebam, a questão do amar se manifesta na e como experiência da vida, e só conseguimos experienciá-la pelo e no pensar, pois o pensar é pôr-se a caminho do procurar, *i.e.*, em viagem-travessia, lançados à cura (cuidado) de si. E assim vamos existindo como aberta possibilidade de ser, no ser e enquanto ser, e é nesse momento que se manifesta o amar em nós! Isso nos é dado a ver a todo momento nas histórias narradas por Guimarães Rosa. As personagens vão experienciando a vida, acolhendo as questões que vão se manifestando a elas e atravessando o rio do pensar rumo a existir — lançadas ao amar — e, por isso, conseguem corresponder à pergunta central do livro: “*Você chegou a existir?*”

É o que acontece na viagem-sequência, pelo meio do caminho da estrada de Tabocas, em que viajava uma vaca, vermelhinha de azamar, a criatura cristã, longe de sua origem e de seu destino, não hesitava nas encruzilhadas, baixava a testa, e rumava reto para o rio, e para lá do rio, destinada. “Seguia, certa; por amor, não por acaso” (ROSA, 2005, p. 107).

A viagem a qual atravessamos aqui é a viagem pela sequência de amar, o percurso para os onde caminhos em busca do amor de amar — existir —, e que é conduzida por uma vaquinha que está indo ao encontro de seu destino, desejando chegar às suas origens, as terras de um Major Quitério,

sua querência. Apressava-se nela o empolgo de saudade que adoce o boi sertanejo em terra estranha, cada outubro, no prever os trovões. Apanhara-a-boca da estrada — para os onde caminhos — fronteando o nascente” (ROSA, 2005, p. 108).

A vaquinha se perdera pelo caminho, fazia parte de um gado de coração ativo: Vieira Pãodolhão, e para lá conduzia a todos que a seguissem. Foi então que o fato da vaquinha perdida caiu nos ouvidos de Seu Rigério. “E vede de que maneira tudo se passou” (ROSA, 2005, p. 108). Um dos filhos de seus filhos, senhor-moço que sem saber, de repente, quis-se para aquilo. Não sabendo, mas já sabendo-se destinado, passou a seguir a vaquinha,

levar em brio e tomar em conta. Atou o laço na garupa. Disse: — “*É uma vaquinha pitanga?*” Pôs-se a cavalo. Soubesse o que o por lá o botava, se capaz. Saiu à estrada-geral. Ia indo, à espora leve. Ia desconhecidamente. Indo de oeste a leste” (ROSA, 2005, p. 108).

O rapaz pôs-se, desconhecidamente, em percurso de procura! “Pôr-se” é o *salto mortale*, e “desconhecidamente” é o Nada, o aberto grávido de possibilidades de acontecer, de existir. Sem saber, o rapaz ia ao encontro de amar e amar-se. Conduzido pela vaquinha, a imagem-questão da Providência do sagrado que o levava ao existir, quando este ainda seguia sem mesmo se anortear. Só no meio da viagem, quando consegue atravessar o rio, é que passa a enxergar as aves que já aninhavam o renascer, o transcender ao tornar-se!

Para tentar compreender um pouco mais essa imagem-questão manifestada pela vaquinha, atravessei algumas veredas rumo à ancestralidade mítica da imagem da vaca e me deparei com algumas figuras da palavra sagrada do Mito, como Hathor, a deusa egípcia encarregada de emergir o sol todas as manhãs; Nut, a divindade celestial originária do Egito que todas as manhãs come as estrelas e às dá a luz outra vez no crepúsculo; Ísis, deusa egípcia que simboliza a Grande Mãe, generosa e protetora, fonte prodigalizadora da água da Vida; e Hera, deusa grega, esposa de Zeus, que preza pela fidelidade conjugal, é a deusa do amor, da fertilidade, e protetora do nascimento.

A vaquinha sequenciava-nos rumo à luz originária da água da Vida, em direção à luz que liberta para amar e ser. A palavra “sequência”, título da estória, vem do latim *sequor*, que além do sentido comum de “dar continuação”, “seguimento”, também se refere a “acompanhar”, “seguir”, “ir atrás de”, “perseguir”, “ir no encalço de”. É o que fazemos, o rapaz, senhor-moço, filho de Seu Rigério, e nós, viajantes-atravesadores rumando ao nosso destino, mesmo ainda tateantes de pensar se segui-la era o certo a fazer.

Já a vaca. O avanço, que levava, não se lhe dava de o bastante. Ante o morro, a passo, breve, nem parava para os capins dos barrancos: arrancava-os, os mesmo em marcha, no mesmo surdo insossego. Se subia — cabeceava, num desconjuntado trabalho de si. Se descia — era beira-abismos, patas abertas, se borneando. Após o plano, trotava. Agora, lá num campal, outras vacas se avistavam. Olhava-as: alteou-se e berrou — o berro encheu a região tristonha. O dia era grande, azul e branco, por cima de matos e poeiras. O sol inteiro (ROSA, 2005, p. 108).

A vaquinha conduzia pela luz e pela alegria todos que a ela avistasse. Sem saber, sem saber-nos, íamos no encalço dela, com uma alegria de amor, mesmo tonteantes, anorteados, ainda de olhos fechados para o extraordinário que iria amanhecer. Mas tal qual o rapaz, perseguíamos a vaquinha querençosa e só víamos “o horizonte e sim” (ROSA, 2005, p. 108). Demos patas à fantasia, era preciso ir em busca de realizar a viagem, criar e percorrer novos caminhos que nos levassem a corresponder o grande desafio que é chegar a existir. Rumemos!

O dia era grande, azul e branco, por cima de matos e poeiras. O sol inteiro. [...] Sabia que coisa era o tempo, a involuntária aventura. E esquipava. Ia o longo, longo, longo. [...] Com horas de diferença, a vaquinha providenciava (ROSA, 2005, págs. 108-109).

E mesmo encontrando cercas que a impediam de seguir viagem, não amofinava, mesmo se vendo travada, desairada, volveu o pensamento. E, por amor, de ímpeto, saltou a cerca, “num salto que queria ser voo. Vencia” (ROSA, 2005, p. 109). O *salto mortale* da

vaquinha de *irrompida ida* nos faz compreender que a vaquinha tinha um propósito, e providenciava de correspondê-lo — vencer a saudade de suas origens e assumir o papel de Providência Divina que ilumina os caminhos para o transcender. “A vaquinha, respoeirando. [...] Transcendia ao que se destinava” (ROSA, 2005, p. 109).

E era pelo vão do mundo que seguíamos, em sequência, os passos dela, assim vocados e ordenados, por ora irritados, pensando em nos arrepender da viagem, e voltar atrás, suspender tudo para mais tarde. Mas não era mais possível, já estávamos no entre-caminho ao existir. Pensamos palavra: “Aonde o animal o [nos] levava? O incomçado, o empatoso, o desnorte, o necessário” (ROSA, 2005, p. 109).

Não podíamos mais voltar sem ela, não a seguir por entre veredas de rios. Tínhamos de rumar às encostas, descortinar o tempo, guardando à floração dos campos para os novos ares. E em recobrada a viagem, desdobrada vida, seguir caminho, subi ao morro, aceitar-nos destinados. Seja o que seja —

A vaquinha nos conduzia pelo “rio, liso e brilhante, de movimentos invisíveis. Como cortando o mundo em dois, no caminho se atravessava — sem som” (ROSA, 2005, págs. 109-110). E foi que aconteceu, avançávamos pela entre-margem do rio. “Seriam buracos negros, as sombras perto das margens” (ROSA, 2005, p. 110)? Era preciso transpassar os buracos, ir atravessando um a um para que conseguíssemos ver o fio de luz pelo qual iríamos renascer. E dava para avistar ao longe: “Depois dos destornamentos, a vaquinha chegava à beira, às derradeiras canas-bravas. Com roubada rapidez, ia a levantar o desterro” (ROSA, 2005, p. 110). Abria-se para a brotação do mundo, “tranpondo, a esse rio, de tardinha; que em setembro” (ROSA, 2005, p. 110), a vaquinha conseguia transpassar o rio-espelho da vida rumo ao destino de chegar às terras de sua origem.

Nós e o moço, como vínhamos apenas contornando o rio, não conseguíamos ver a chegada da força em luz de amar. “Antes do rio não viam: as aves, que já se aninhavam” (ROSA, 2005, p. 110). Era preciso também fazer a passagem, a transpassagem por entre-margens do rio, era preciso saltar! Mesmo que ainda sem tomar coragens, vivendo à beira, sem querer desastrar-se de nada e pensávamos, ainda sem conseguir ouvir de véspera o sino. A vida da gente transforma-se é no meio do caminho, sem mandar aviso. E foi o moço que soltou o questionar para o saber-se saltador em voo, *in via de*, um *viator*:

Tinha de perder de ganhar? Já que sim e já que não, pensou assim: jamais, jamemos... O filho de seo Rigério. A fatal perseguição, podia quebrar e quitar-se. Hesitou, se. Por certo não passaria, sem o que ele mesmo não sabia — a oculta, súbita saudade. Passo extremo! Pegou a descalçar as botas. E entrou — de peito feito. Àquelas quilas águas trans — às braças. Era um rio e seu além. Estava, já, do outro lado (ROSA, 2005, p. 110).

O moço tinha de saltar e perder velho para ganhar o novo, transcender por atravessar o rio em liberdade de chegar ao nada. No eterno diálogo entre ser e não-ser, hesitou: “já que sim, já que não? Talvez não conseguisse atravessar o rio. Só que foi tomado pela oculta e súbita saudade de todo e qualquer ser humano, a saudade do amor original de *Eros*³², o amor da Criação, a dimensão divina/sagrada do ser humano. *Eros*, o princípio originário da Vida é que nos conduz pelo amar a existir. Mas precisamos atravessar as “quilas” águas “trans”, transcender, ultrapassar o rio e abandonar todas as velhas coisas que nos cegavam de ver a luz, e chegar ao além rio, já do outro lado.

Dar o salto mortal para as “quilas” águas num impulso “trans” que irá nos fundir com o rio-rio-rio em busca da terceira margem do que somos e não somos já é rumar ao amar e existir. É por *Eros* que somos guiados, ele é o agente fecundador, a força universal de atração entre os seres, para que estes se procurem e se unam, perpetuando o mistério da Vida — o Sagrado. E, por isso, *Eros* é indissociável, essencialmente, de *Thanatos* (Morte), estes ligados a Ser e Tempo em incessante acontecer.

Tudo é a ponta do mistério, saber-nos entre-seres no limite e não limite de Vida e Morte muitas vezes atormenta e nos faz temer a travessia, percorrida na escuridão, no velamento de ser. Devemos, portanto, segui-la

na ceguez da noite — à casa da mãe do breu: a vaca, o homem, a vaca — transeuntes, galopando. [...] Pelas vertentes, distantes, e até ao cimo do monte, [onde] um campo se incendiava: faíscas — as primeiras estrelas. [...] Onde e aonde? A vaca, essa, sabia: por amor desses lugares (ROSA, 2005, p. 110).

A vaca, condutora da viagem pelo amor de *Eros*, também conduzia à clareira, à luz de amar. Na *Teogonia*, Hesíodo nos diz que *Eros* surge de dentro do *Kaos* primordial, por isso pura luz divina que liberta o ser pelo amar ao existir, no entre-caminho de Vida e Morte. A travessia em busca do que nos é próprio vigora e nos lança no limiar entre *Eros* e *Thanatos*, e, portanto, a Amar e a Existir.

³² Par que possamos entender *Eros* como imagem-questão da essência do humano, é preciso narrar o mito. “*Kaos*, a Noite e *Érebo* só puderam se unir e procriar pela intervenção de uma força divina, eterna como os elementos do próprio *Kaos*, pela intervenção manifesta de um deus que, ser propriamente o amor, tem com este, no entanto, alguma conformidade. Em grego, esse deus antigo, ou, antes, anterior a toda antiguidade, chama-se *Eros*, filho de *Pênia*, a pobreza, e de *Poros*, o recurso, este filho da Prudência. E *Eros* que produz essa íntima, invisível e inexplicável ligação entre os seres que os une e os conduz a procriar novas vidas. A força de *Eros* se estende além da natureza viva e animada; ela aproxima, une, mistura, multiplica os seres, em agir originário de criação.” (Ver mais em COMMELIN, 2011, págs. 6-7)

Chegávamos, a vaca, o moço, A vaca repleta de luz, surgia das trevas e trazia com ela o moço, que se abrihantava pela porteira-mestra, e se atonteava, em mais um voo de amar — o bem-chegado. Avistou uma roda de moças moradoras da casa, e a uma delas depositou o olhar. A moça “se desescondia dele. Inesperavam-se. O moço compreendeu-se. Aquilo mudava o acontecido” (ROSA, 2005, p. 111). Ele tinha conseguido cumprir seu destino e chegar até a moça que o esperava para juntos, dar o *salto mortale* ao existir. Ainda conseguiu falar palavra: “Da vaca, ele a ela diria: — “É sua” (ROSA, 2005. P. 111).

A partir desse momento, tudo teve sação de ser, era setembro da floração da Vida. E tanto o moço quanto a moça sabiam-se pelo olhar: “Suas duas almas se transformavam? [...] No mundo nem há parvoíces: o mel do maravilhoso, vindo a tais horas de estórias, o anel dos maravilhados. Amavam-se” (ROSA, 2005, p. 111) e existiam, a vaca, o moço, a moça.

2. Você chegou a existir? — O especular rumo ao tornar-se!

Quando eu era criança, falava como criança, pensava como criança; uma vez homem feito, fiz desaparecer o que era de criança. Hoje, na verdade, vemos nu'm espelho, de uma maneira confusa, mas não seria face a face; mas então conhecerei como sou conhecido
São Paulo. I Coríntios, XIII, 11-12

Neste percurso da viagem convido vocês a iniciar um movimento especulativo acerca da questão da “alma do espelho” como metáfora tanto da alma humana quanto da alma-central de *Primeiras Estórias*. E aqui duas questões devem nos atravessar: como foi criada a estrutura arquitetônica original de *Primeiras Estórias*, a qual se manifesta como condutora ao método do Educar Poético, e como, pelo ato de nos questionar, somos lançados ao Existir.

Desconfio que devemos iniciar este caminhar observando, primeiramente, como se realiza a criação poética da obra de Guimarães Rosa e como esta nos conduz às estórias primeiras das quais somos doação, por um movimento de espelhamento das questões originárias que durante a narrativa vão se desvelando em busca de responder à questão central da obra.

Após este percurso, partimos para nos colocar à escuta do Mito de Narciso enquanto metáfora da procura do ser ao próprio dele mesmo. Já sabemos – não sabemos? É, portanto, pelo mito (vigor do *logos*) que devemos nos conduzir a pensar acerca da abertura manifesta por *Primeiras Estórias* para as possibilidades de sentido do ser, *i.e.*, para as inúmeras possibilidades de a narrativa acontecer.

Se certo?! Então por que não conduzir esta viagem-travessia levando em conta que, em *Primeiras Estórias*, a questão central de toda a obra, que faz o jogo de espelho entre o Educar Poético e o Existir e está situada no meio do livro, é a questão do existir humano que vem em forma de pergunta, na estória “O espelho”, quando o narrador, quase no final da narrativa, questiona: “Você chegou a existir?” (ROSA, 2005, p. 120).

Se e se? A gente a ver. *Primeiras Estórias* foi criada a partir de uma estrutura arquitetônica original, em que 21 estórias compõem o todo da obra. A estória central – “O espelho” – se manifesta como condutora de toda poética originária de *Primeiras Estórias*, quando lança a pergunta: “*Você chegou a existir?*” Por conseguinte, cada uma das estórias restantes da obra se constrói a fim de tentar responder a esta questão central; *i.e.*, todas as

demais estórias manifestam-se como estórias primeiras narradas de diferentes maneiras; é a mesma questão existencial recolocada de forma diferente: é o humano deixando de insistir em uma vida vivida no comum, lançando-se ao *salto mortale* para uma vida experienciada, habitando o extraordinário da *physis*.

No pé-tintim, em *Primeiras Estórias*, cada uma das estórias inicia sua resposta à pergunta central com o começar a ser de uma vida que ao longo da narrativa inicia um processo de transcendência ao existir, uma ação de re-generação – volta às origens. Por isso, primeiras ações, primeiras questões, primeiras estórias.

A cada leitura da obra, vamos percebendo que as respostas dadas à questão central vão sendo percorridas pelas personagens no entre-narrar, e estas, ao se reespiritarem pela luz incandescente do sagrado do Ser, vão ao encontro dos atos genesíacos primordiais de ser, e conseguem dar o salto mortal para o existir. É o próprio Guimarães Rosa quem anuncia este movimento poético do humano quando afirma: “Se viemos do nada, é claro que vamos para o tudo” (ROSA, 2009, p. 40).

Assistiram-me algumas inspirações! A própria arquitetura da obra já é por si só um manifestar do método do Educar Poético que conduz, pela aprendizagem poética, ao Existir! Se certo?! Ler *Primeiras Estórias* é, portanto, percorrer este método, se colocar frente a frente com as questões originárias que nos solicitam escuta e acolhimento para que também possamos passar por esta ação poética de transcendência que nos aproxima de nós mesmos e nos lança ao existir: Ler é existir! E “O livro pode valer pelo muito que nele não deveu caber” (ROSA, 2009, p. 40).

E para que esse movimento poético aconteça, precisamos também nos fazer a pergunta primeira e inquietante — “*Você chegou a existir?*” —, será ela a condutora da nossa viagem-travessia à procura de nós mesmos. Tal como Narciso, se quisermos nos conhecer, co-nascer, re-nascer junto à brotação do dia, devemos conduzir nosso olhar ao rio-espelho da existência e ir nos des-folhando, des-cortinando, des-cobrindo, des-velando, velando o que em nós é mistério, até chegarmos a não ver nada, apenas “o campo, liso, às vácuas, aberto como o sol, água limpíssima, à dispersão da luz, tapadamente tudo” (ROSA, 2005, p. 118).

Para chegarmos ao Tudo, meus caros, é preciso partir do Nada, do brilhante e polido Nada, da des-figura que irá renascer em “débil cintilação, radiância” e, tal como o narrador de “O espelho”, se surpreender com uma luzinha

que de mim se emitia, para deter-se acolá, refletida, surpresa? [...] São as coisas que não se devem entrever; pelo menos além de um tanto. São outras

coisas, conforme pude distinguir, muito mais tarde — por último — num espelho. Por aí, perdoe-me o detalhe, eu já amava — já aprendendo, isto seja, a conformidade e a alegria. E ... Sim, vi, a mim mesmo, de novo, meu rosto, um rosto; não este, que o senhor razoavelmente me atribui. Mas o ainda-nem-rosto — quase delineado, apenas — mal emergido, qual uma flor pelágica, de nascimento abissal... E era não mais que: rostinho de menino, de menos-que-menino, só. Só (ROSA, 2005, p. 120).

Suspa! Que carece mesmo de repuxar o pensamento: mergulhar no enigma que é o ser humano requer escuta; solicita-nos trazer para o pensar tudo o que o mito de Narciso insinua. Narciso tem como posição de questionamento ficar frente ao rio que o espelha. A palavra “espelhar” se forma do verbo latino: *speculare*, por meio do substantivo *speculum*, formando as palavras “espelho” e “especulação”, com sentido de “reflexão”.

Mas o que o espelho implica? “O espelho, são muitos, captando-lhe as feições; todos refletem-lhe o rosto, e o senhor crê-se com aspecto próprio e praticamente imudado, do qual lhe dão imagem fiel. Mas — que espelho? (ROSA, 2005, p. 113). Não podemos reduzir o espelho a um objeto de vidro ou a uma superfície plana, côncava ou convexa. Reportemo-nos ao transcendente: temos que entender que o espelho possui um centro e que esse núcleo central é a luz que pelo espelho reflete. Nela e por ela é que também refletimos e, portanto, meditamos, auscultamos, pensamos, no sentindo do pensar que permite ver o não visto — *nous / noein*, em grego³³.

Outras duas questões também se colocam imediatamente no ato de especular/refletir, são elas: imagem e representação. Estas conduzem à questão essencial para todo e qualquer ser humano em seu próprio: o que é identidade? O que somos enquanto humano em diálogo com outros humanos e com o mundo no qual habitamos? Vejam: é no e pelo diálogo com o espelho que melhor podemos compreender o limite de todo não-limite de existir. Mas fiquem atentos: dialogar com o espelho não é um monologar do eu frente ao espelho. E, sim, exercitar a árdua disciplina de escuta das nossas inúmeras possibilidades de acontecer enquanto humano, nos doando a elas. É, portanto, aí que acontecem as diferenças. Isso já é aprender a pensar. Quando aprendemos a pensar em diálogo com a gente mesmo, com os

³³ “O que se dá a ver é, para os gregos, a *physis*; para nós, a realidade. Para mostrar o que se dá a ver (a realidade, a *physis*), o ser humano recebe da própria *physis* duas dimensões que o constituem, circunscrevem e determinam: o pensamento (*nous*, em grego) e a linguagem (*logos*, em grego). O *nous* é o pensamento que permite ver o não visto. E este pode ser dito enquanto sentido e mundo porque somos constituídos pelo *logos*, a linguagem. É o *nous* e o *logos*, na vigência da *poiesis* da realidade, que constituem o seu sentido e mundo, manifestados nos paradigmas. Chamamos *poiesis* a permanência e transformação da realidade, daí ser ela originária e radicalmente poética” (CASTRO, 2015b, p. 19).

outros de nós e com os outros seres humanos, lermo-nos, escrevermo-nos, *i.e.*, conhecermo-nos obtêm o seu máximo desempenho (CASTRO, 2015a).

Mais uma vez estão postas as questões da identidade e da diferença, ou seja, a diferença ontológica que nos atravessa o caminho para que possamos questionar a nossa existência, e que nos fala acerca da referência necessária e da diferença irreduzível entre o Ser e os entes, entre o Ser e o real em sua totalidade, — o real dentro do qual o homem também está e se realiza em sua humanidade. O que seria, portanto, diferença ontológica entre Ser e entes? Esta é a mais uma das pontas do mistério a qual devemos percorrer. E, para tentar compreendê-la, devemos nos ater a questão do Ser.

Vejamos, solicito a vocês atenção e escuta para esta questão que agora nos atravessa: diferente do que prega a tradição metafísica, o Ser não tem origem no homem. O homem, o humano em nós, apenas co-responde ao apelo do Ser, e fazemos isso porque esta questão já foi dirigida previamente a nós, percebem? A questão nos está destinada. E provém da própria dinâmica do real, dentro do qual já habitamos e nos realizamos em nossa humanidade, e é nesta medida que a questão do Ser não tem origem em nós, mas a nós se dirige por virtude de um aceno.

E o que seria este aceno? — Tudo perdia a eternidade e a certeza! — Seria esta uma ação não eventual que não dependeria das circunstâncias que possam acontecer, mas que a nós sempre se dirige como nossa própria condição de possibilidade? De onde viria este aceno? Viria do real que, em sua dinâmica de realização, muda, mas também permanece? Meus caros, esta é a questão originária por excelência, a questão do que permanece nas mudanças ou, com outras palavras, a questão da identidade das diferenças entre Ser e entes. E digo mais, esta questão se realiza é mesmo no meio do caminho da procura. Não podemos mais evitar o de evitar. Seja o que seja, é preciso seguir nossa travessia.

Essa questão nos traz um ar fino de cheiros desconhecidos, estou certa? Pensemos palavra. Talvez, recolocando a questão de uma outra maneira, consigamos compreendê-la. Era outra vez a íngreme partida. Convido vocês a seguir caminho: ao acordarmos, e nos virmos ao espelho, nos reconhecemos como sendo nós mesmo, certo? Pois bem. Depois de um dia em que teremos feito muitas coisas, e solicitados por outras tantas, iremos voltar a dormir. No dia seguinte, se tudo correr bem, acordaremos, nos olharemos novamente no espelho e, a não ser que soframos de um fenômeno de dissociação de nossa personalidade, iremos nos reconhecer novamente como sendo nós mesmos refletidos no espelho. Mas onde será que todo este pensar irá nos levar? Tenhamos calma, esta conversa não é para teias de aranha!

Pergunto: o que acontece todos os dias quando nos olhamos no espelho? Certamente mudamos de um dia para o outro; o Tempo passa não só lá fora, para as outras coisas, mas também em nós. Mesmo que não atentemos, não somos iguais ao que éramos ontem, somos já diferentes. Entretanto, apesar de diferentes, continuamos os mesmos. Tanto é assim que nos reconhecemos como sendo nós mesmos quando nos vemos novamente ao espelho, e não outra coisa diferente. Isto se dá não só com a gente, humanos, mas com todas as coisas, com o real em sua totalidade.

Carece de olharmos nas reluzências do ar! Tudo está em mudança, mas também permanece: nasce um dia, chega ao seu esplendor, depois declina e vem a noite. E, após a noite, vem um outro dia que, não sendo igual ao outro, é de certo modo o mesmo, pois também é um dia. Nasce uma árvore, se desenvolve, frutifica, chega a seu outono e morre. Entretanto, ela deixou um fruto que irá desabrochar em outra árvore que, não sendo igual à outra, é de certo modo a mesma, porque também é uma árvore. Nasce um homem, cumpre seu destino se tornando quem ele é, se apropriando do que lhe é próprio no jogo de Vida e Morte, e depois morre. E nascem outros que, se não são iguais ao que morreu, são, de certo modo, os mesmos, pois também são homens, e não outra coisa.

E isso podia se entender? O que é difícil de acreditar, toma ordem de palavra. Tudo é a ponta do mistério: além de mudar, e também permanecer, todas as coisas são diferentes umas das outras: um cão não é igual a um carvalho, e mesmo dois carvalhos jamais são iguais um ao outro. Todas as coisas são concretamente diferentes umas das outras. Este manifestar é a própria *physis* (o real) acontecendo em sua “nascividade excessiva”. No seu devir permanente, o real – ou seja, a totalidade das coisas – é ao mesmo tempo mudança (diferença) e permanência (identidade).

Esta questão, evidentemente, não é instaurada pelo homem, mas pelo real, e ela se dirige ao homem no meio da travessia entre Vida e Morte. O que permanece nas diferentes coisas que não cessam de nascer e perecer, regidas pelo jogo de Vida e Morte conjugado pelo Tempo, é a identidade (*idem*, o mesmo). É o real quem propõe, a partir de si mesmo, a questão da identidade (permanência) e da diferença (mudança). Nós apenas seguimos nossa caminhada acolhendo e correspondendo amorosamente a este destino, rumando a tornarmos humanos, criando e recriando nossa realidade — rerepresentando as mesmas primeiras questões, por que originárias, as quais, no percurso, vão se manifestando a/em nós para que possamos criar, dar a ver – *teathron* –, encenar nossa *poiesis* Tornar-se!

E, a partir de agora, convoco a todos a adentrar a mais bela e misteriosa experiência humana: o especular-se que nos conduz ao tornar. “Reporto-me ao transcendente. Tudo,

aliás, é a ponta de um mistério. Inclusive os fatos. Ou a ausência deles. Duvida? Quando nada acontece, há um milagre que não estamos vendo” (ROSA, 2005, p. 113). Para nos lançarmos em tal aventura, precisamos, inicialmente, auscultar a voz sagrada do Mito, neste caso, o Mito de Narciso. É pelo vigor do Mito que se dá a abertura para as possibilidades de sentido que a narrativa de “O espelho” nos conduz.

“Fixemo-nos no concreto” (ROSA, 2005, p. 113). Eis a história do Mito de Narciso³⁴: Narciso teria nascido em Tespies, na Beócia, filho do rio Cefiso e da ninfa Leiriopé, que ao ser possuída por Cefiso, passou a viver em profunda tristeza, só saindo deste estado quando seu filho Narciso nasceu. Um dia, foi consultar o sábio Tirésias para saber se seu filho, que era uma criatura de beleza encantadora, iria ter vida longa. Eis que o sábio respondeu: “Sim, mas só terá vida longa desde que não se conheça.” Esse dito virou um enigma para todos. Narciso, por sua beleza enamoradora, teria sido amado por inúmeros jovens, de ambos os sexos, desprezando todos por orgulho. Por manifestar a *hybris* – arrogância e presunção contra os deuses – Narciso não tardaria de provocar cólera nos deuses que ficavam sabendo de seu desprezo.

A crueldade de Narciso fez com que Eco, uma das ninfas que se apaixonou por ele, e também foi desprezada, implorasse aos deuses que ele viesse algum dia a saber o que é o amor não correspondido. Narciso desprezava, assim, Eros, o deus do amor. A deusa da vingança, Nêmesis, ouviu a prece de Eco e logo a atendeu. Perto do lugar em que Narciso caçava, havia uma fonte³⁵ clara, cuja água parecia de prata, à qual os pastores jamais levavam seus rebanhos, nem qualquer animal da floresta jamais frequentara. Muito menos, era uma água repleta de folhas ou galhos caídos das árvores da floresta; a relva crescia vistosa ao redor desta fonte.

Certo dia, Narciso, chegou ali fatigado da caça, precisando matar a sede e se refrescar. Eis que se deu o predito: Narciso debruçou-se sobre a fonte e viu sua própria imagem refletida, mas não a reconheceu, pensando que fosse algum belo espírito das águas que ali vivesse. Ficou por horas olhando com admiração sua imagem refletida: viu os olhos brilhantes, os cabelos anelados, o rosto oval, o pescoço de marfim, os lábios entreabertos e

³⁴ Existem muitas versões para o Mito de Narciso. As primeiras aparições literárias do mito são a de Ovídio, em *Metamorfoses* — esta citada na estória de Guimarães Rosa, “O espelho”; a versão do mitógrafo Conon, em *Narrações*; e a de Pausânias, na sua descrição da Boécia (essas referências ao mito podem ser conferidas no estudo feito por Heloísa Vilhena de Araújo, *O espelho: contribuições ao estudo de Guimarães Rosa*, citado nas referências desta tese. Além dessa, foram consultadas outras obras que trata da questão do mito e da mitologia, principalmente as produzidas por P. Commelin e Thomas Bulfinch, ambas citadas nas referências desta tese.

³⁵ “A fonte é a proveniência de toda manifestação, de todo saber que sabe por ver vendo-se no não ver, ser de todo sendo. É nessa proveniência que o saber do nada projeta todo ser humano e o torna propriamente humano” (CASTRO, 2011, p. 304).

o aspecto saudável, porém não se reconhecia. Apaixonou-se por si mesmo. E quando baixava os lábios para dar um beijo e mergulhava os braços na água para abraçar a imagem, esta fugia com o seu contato na água e logo voltava a se fazer, renovando a fascinação.

Narciso, sem conseguir se conter, esqueceu-se de tudo o que era externo e fixou o olhar sobre sua imagem bela, refletida nas águas da fonte, contudo, sem conseguir se ver, e questionou: “— Por que me desprezas, belo ser?” Consumido pela tristeza de não poder possuir o objeto de seu amor, Narciso teria deixado-se morrer à beira da fonte, e no seu lugar teria nascido uma flor roxa, rodeada de folhas brancas, que conservaram seu nome e sua memória.

Por muito tempo questionei-me sobre qual seria a importância de narrar o Mito, e compreendi, após ler estas linhas algumas vezes, que, para quem o escuta, o Mito é um mundo de imagens-questão que se abre; e para quem o narrar, este ajuda a interpretar mundo, transferindo suas imagens-questão em palavras (linguagem). O que cuidava que queria era entender por que Rosa tinha trazido para a escrita de “O espelho” o Mito de Narciso para nos falar sobre a procura do humano enquanto entre-ser-e-não-ser.

E fui, assim, no vão do mundo, vocada, ordenada, destinada, rumo a alguma explicação. Foram dias inteiros meditando acerca desse espelhamento entre Narciso e o narrador de “O espelho”. Mas não conseguia ligar o pensamento, tudo na cabeça da gente dava um borrão. Até que... Nisto, o visto... me achei! Vejam se vocês conseguem compreender este meu narrar: Narciso seria, então, o lugar onde acontece a verdade, a fonte/o fundar de todo saber que sabe por vendo-se não ver o sendo de todo Ser. E, embora não seja o humano a verdade, é nele que ela se manifesta. Se certo?

O impulso para se conhecer se dá é mesmo no homem que, por sua origem, está desde sempre projetado, lançado em presença à procura. E ao buscar a verdade, em travessia-viagem de procurar, o homem vai ao encontro é da morte, não a morte que o finda enquanto ser vivente no mundo, mas aquela que se morre é todos os dias aos poucos, quando passamos a nos questionar e a nos procurar, lançando-nos ao salto mortal do precipício de uma vida vivida no comum para uma vida experienciada no extraordinário do mistério de ser.

Relevem-me o detalhar do verbo, mas carece de explicar: três aspectos fundamentais acerca da condição ontológica do humano nos presenteia o Mito: Narciso somos nós, humanos (identidade); o espelho é a fonte que espelha o outro, o diferente (diferença); e em travessia, o homem encontra a morte do que já foi para lançar-se ao conhecer das possibilidades de vir-a-ser. O Mito de Narciso é a própria imagem-questão da manifestação da Verdade (*aletheia*). Especular, especular-se, *speculum* trata-se da busca da Verdade.

Portanto, o que seria o espelho se não a abertura para a identidade (Narciso) da diferença (o outro dele mesmo refletido em imagem) que vigora no horizonte do se especular do espelho? A imagem refletida no espelho levanta uma questão: qual é a imagem verdadeira, a do homem que se vê ou a refletida pelo espelho? Essas imagens são uma só ou se completam? O que se vê no espelho é de fato uma imagem real? (CASTRO, 1979).

Essas são questões que reiteram a busca pela essência do espelho: o especular, o especular-se e, portanto, conhecer a e pela Verdade – com-nascer. As águas de Narciso não são águas paradas que levam a teorias predefinidas do que sejam o Humano, a Verdade, o Amor. Pelo contrário, as águas de Narciso são fonte e estão em movimento para o libertar do Mito em procura do próprio, conduzindo o homem à morte. A morte de um mundo — o de Narciso — remete ao nascimento de um outro, o mundo do sagrado da linguagem, do narrar, das imagens-questão em palavras, do contar, do interpretar, das coisas se fazendo em sentido. Este é o mundo do homem humano que, enquanto doação da linguagem, vai recriando mundo e o atravessando em busca do tornar-se.

O especular que vigora no Mito de Narciso e também em “O espelho” não pode ser visto à luz de uma concepção antropocêntrica, na qual o homem ao se ver refletido fica encantado, confundido, desconcertado pela descoberta, num especular que o faz tontear, desfocar, descentralizar, abalar, reespecializar o mundo. Aqui as coisas são bem outras: o espelho (a visão, a percepção) é a passagem direta para a Verdade que se manifesta enquanto realidade outra, para o outro de si mesmo. E não podemos esquecer que esta passagem é uma viagem onde comparecem Narciso (o homem), o espelho (procura pela Verdade) e o outro (possibilidade de vir-a-ser) (CASTRO, 1979).

A partir de uma perspectiva ontológica de interpretação do pensamento, somos lançados a compreender que Narciso, ao olhar sua imagem refletida na fonte, enamora-se de sua figura bela, num primeiro momento, paralisando e sendo absorvido pelas águas – o que remete à morte do eu/sujeito. Depois disso, Narciso renasce em flor pelágica, a flor originária oriunda do conhecer a verdade, metamorfoseando-se ao recomeço do mundo, abrindo-se para novas possibilidades de sentido tanto de mundo quanto do humano em percurso para realizar-se.

O mesmo acontece na estória “O espelho”, na qual o narrador passa/atravessa diversos estágios de procura, que vai do assombramento, passando pela negação, pela descoberta de suas diversas máscaras até chegar a não se reconhecer como figura humana, a não se encontrar mais e, depois, a renascer em flor pelágica de vida humana transformada.

A experiência do vazio, do Nada, conduz à experiência do amor de se ver renascer em flor pelágica de nascimento abissal.

E... sim, vi, a mim mesmo, de novo, meu rosto, um rosto [...] o ainda-nem-rosto [...] mal emergido, qual uma flor pelágica, de nascimento abissal... E era não mais que: rostinho de menino, de menos-que-menino, só. Só. Será que o senhor nunca compreenderá? (ROSA, 2005, p. 120).

Ao ser transformado em flor, tanto Narciso quanto o narrador de “O espelho” são inseridos como originário da eterna natividade do ser, do real, das coisas da vida. E, portanto, vigoram no princípio da *physis*, enquanto eterna natividade do ser, por meio da qual, ao se verem refletidos no espelho, atravessam a Vida em busca de conhecer a Verdade (Amor/Eros) que os leva à Morte (*Thánatos*) e a renascer em flor pelágica.

Tal qual o narrado, também “Necessitava eu de transverberar o embuço, a travisagem daquela *máscara*, a fito de devassar o núcleo dessa nebulosa — a minha ver forma [e a viagem a qual propunha atravessar]. Tinha de haver um jeito. Meditei-o. Assistiram-me seguras inspirações” (ROSA, 2005, págs. 116-117). Era chegada a hora do salto mortal. Se é que já não estou lançada aos ares para o Nada. Iniciemos, pois, a retirada das camadas e camadas de máscaras em busca do que somos. Vamos nos aproximar do narrador e fazer a experiência de existir? Além de Guimarães Rosa, Clarice Lispector também propôs esse especular para se conhecer:

Pareceu-lhe então, meditativa, que não havia homem ou mulher que por acaso não se tivesse olhado ao espelho e não se surpreendesse consigo próprio. Por uma fração de segundo a pessoa se via como um objeto a ser olhado, o que poderiam chamar de narcisismo, mas, já influenciada por Ulisses, ela chamaria de: gosto de ser. Encontrar na figura exterior. E os ecos da figura interna. Ah, então é verdade que eu não imaginei. Eu existo (LISPECTOR, 1998, p. 9).

Como já disse antes sobre esta viagem-procura, muitas foram as páginas percorridas acerca da questão do especular e muitas foram as vezes que retornei à estória narrada por Rosa a fim de tentar compreender (me) as (em) possibilidades de manifestação da viagem para o tornar-se! E foi, então, que certa vez chegou às minhas mãos um estudo minucioso sobre a questão do espelho na obra de Guimarães Rosa realizado pela professora Heloísa Vilhena de Araújo (1998), no qual ela sugere que desde *Grande Sertão: Veredas* (publicado inicialmente em 1956), o autor mineiro vem especulando sobre a questão do existir. Neste romance, Rosa termina a narrativa com a seguinte frase-questão: O diabo não há! É o que eu digo... Existe é homem humano. Travessia. —” (ROSA, 2006, p. 608).

O que Rosa quer compreender também é a questão do Existir, por isso é essa a questão central manifestada em *Primeiras Estórias*. É, portanto, para ir em busca de conhecer o homem humano que Rosa articula, cria as estórias que irão ser ligadas pela questão do Existir, do tornar-se, realizar-se homem humano, em travessia; e, para tanto, nos

convoca a seguir com ele essa travessia. E redigo: é a esta questão central, em forma de pergunta — “*Você chegou a existir?*” — que devemos direcionar nossa escuta.

Segundo Araújo (1998), essa forma de construção de narrativas parece ser comum na construção poética de Guimarães Rosa, visto que o escritor a coloca no meio das narrativas. Pensemos na frase “O Diabo na rua, no meio do redemunho”, *i.e.*, no meio da rua, no meio do caminho. Em *Grande Sertão: Veredas*, essa frase aparece em momentos cruciais da obra, pontuando lugares-chave da travessia do jagunço Riobaldo que formam encruzilhadas as quais devem ser correspondidas (atravessadas) por ele. É também no meio do caminho que a procura do humano aparece na *Divina Comédia*, em que no livro “Inferno” (I, 1), Dante inicia: “Nel mezzo del cammin di nostra vita...”

Isso tudo nos comprova que somos entre-acontecer que habitamos o entre-caminho de todo caminhar, de toda procura por nós mesmo, destinados a nos lançar em *salto mortale* para o Existir. É a questão da procura do humano que não tem início e nem fim, mas acontece em *media res*, sempre no entre-caminho-do-acontecer-da-*physis*, na terceira margem do e para o pensar especulativo de quem somos, não-somos e podemos vir-a-ser.

Mas agora, chega de meias palavras, vamos adentrar, de fato, a experiência manifestada pela estória-*specillum* criada por Rosa? E tentar compreender “Como é que o senhor, eu, os restantes próximos, somos, no visível?” (ROSA, 2005, p. 113). A estória começa com um narrador questionando se o interlocutor, o qual ele trata por “senhor” [todos nós leitores] quer o ouvir contar a estória de sua experiência acerca dos mistérios de “olhar-se” no espelho, primeiramente, em tom racional e indutivo da ciência. Vejam o que ele nos diz:

— SE QUER SEGUIR-ME, NARRO-LHE; não uma aventura, mas experiência, a que me induziram, alternadamente, séries de raciocínios e intuições. Tomou-me tempo, desânimo, esforços. Dela me prezo, sem vangloriar-me. Surpreendo-me, porém, um tanto à-parte de todos, penetrando conhecimento que os outro ainda ignoram. O senhor, por exemplo, que sabe e estuda, suponho nem tenha ideia do que seja na verdade — um espelho? (ROSA, 2005, p. 113).

A estória narrada em “O espelho” já aconteceu. O narrador irá nos contar mais uma vez — narrar para se conhecer, lembram? —, como se quisesse, novamente, e agora junto com um outro, um interlocutor/leitor, reviver a experiência, rerepresentando as questões que lhe foram, naquele momento, manifestadas, e revivê-las, recriá-las, retornando, sempre, à caminhada rumo ao existir. Esta que acontece tal qual o princípio da eterna natividade da *physis*, desvelando-se e velando-se, apagando e acendendo a luzinha brilhante da Vida, numa

brotação constante do ser. E fica claro: a travessia, meus caros, não tem início nem fim, vai acontecendo no meio do caminho.

De início, a estória já nos lança a pergunta: se sabemos o que é um espelho, além do objeto comum para olharmos-nos nossa imagem? O narrador ainda se mostra um homem envolto por um pensamento racional e científico, mas que já nos dá pistas de que irá passar por alguma transformação:

Demais, decerto, das noções da física, com que se familiarizou, as leis da óptica. Reporto-me ao transcendente. Tudo, aliás, é a ponta de um mistério. Inclusive, os fatos. Ou a ausência deles. Duvida? Quando nada acontece, há um milagre que não estamos vendo (ROSA, 2005, p. 113).

Aqui o diálogo entre a ciência e o pensamento originário que habita as questões da *physis* nos é mostrado. O narrador nos diz que a experiência pela qual passou vai muito além das noções da física, transcende para o sobrenatural, para o mistério sagrado da *physis*. Quando nos fala que até os fatos são mistério, ele está nos dizendo que os acontecimentos da vida estão todos por fazer — fato é o particípio passado do verbo fazer, o que ainda não se consumou, que está em vias de acontecimento. E sugere que devemos nos fixar no concreto, e olhar o espelho, que são muitos, captando as feições. E lança mais algumas indagações para que, desta vez, pensemos acerca da questão da Verdade:

E o senhor crê-se com o aspecto próprio e praticamente imudado, do qual lhe dão imagem fiel. Mas — que espelho? Há-os “bons” e “maus”, os que favorecem e os que detraem; e os que são apenas honestos, pois não. E onde situar o nível e ponto dessa honestidade ou fidedignidade? Como é que o senhor, eu, os restantes próximos, somos no visível? (ROSA, 2005, p. 113).

O narrador nos convida a meditar sobre o que aparece no que nos olhamos frente ao que de fato somos. Será que conseguimos captar, nem que por alguns instantes, a nossa imagem? Fotografias podem dizer acerca do mistério do Ser doado ao humano? Hesito-me! Não teria como um objeto que capta imagens estáticas dar conta do acontecer infinito do entre-ser-em-procura, concordam? E mais: “Ainda que tirados de imediato um após outro, os retratos sempre serão entre si *muito* diferentes” (ROSA, 2015, p. 113).

Entretanto, pelo que vivemos, de modo incorrigível, num mundo de distrações das coisas mais importantes em razão das efemeridades funcionalistas que nos cobra a vida moderna, não conseguimos perceber e, portanto, fica difícil de acolher, a grandiosidade de possibilidades que estão por detrás das lentes que nos desvelam. Outra questão nos passa despercebida: “E as máscaras, moldadas nos rostos?” (ROSA, 2005, p. 114). Como compreender tais fenômenos sutis que nos manifestam? Existimos além delas, meus caros,

e digo mais, existimos a partir de cada uma delas! Contudo, existe o Nada, e quando este acontece...

O narrador de “O espelho”, sendo um homem “positivo, um racional”, que pisa “o chão com pés e patas” e jamais se satisfaria “com fantásticas não-explicações” (ROSA, 2005, p. 115), narra sua estória, propositalmente, me primeiro momento, numa cadência racional, visto que para ele, a princípio, tudo não passava de curiosidade científica, espírito de pesquisa, um simples desafio à inteligência. E segundo Maria Lúcia Guimarães, porque um tom cientificista iria ajudar a nos convencer que a pesquisa a qual estava fazendo seria baseada em rigor lógico-tecnista. Era o próprio narrador que dava o dito: “perseguia uma realidade experimental, não uma hipótese imaginária (ROSA, 2005, p. 117). Entretanto, este discurso de tom científico não se sustenta no texto, pois acaba tão-somente por soar em tom de ironia, a qual não escapa ao narrador, que faz a seguinte constatação: “Ah, meu amigo, a espécie humana peleja para impor ao latejante mundo um pouco de rotina e lógica, mas algo ou alguém de tudo faz frincha para rir-se da gente... (ROSA, 2005, p. 114).

Mas o que, de fato, aconteceu com o especulador do espelho, homem cheio de certezas inquebrantáveis quando do dia em que adentrou o lavatório público e repugnou-se com a figura horrenda que se manifestou a ele quando os espelhos fizeram o jogo? A partir daquele dia em diante ele tomou a decisão de se procurar. Entretanto, tal experimento ainda não tinha sido realizado com rigor. E

o tempo é o mágico de todas as traições... E os próprios olhos, de cada um de nós, padecem viciação de origem, defeitos que cresceram e a que se afizeram, mais e mais. [...] Os olhos, por enquanto, são a porta do engano; duvide deles, dos seus, não de mim (ROSA, 2005, p. 114).

A partir deste momento, o narrador irá especular acerca dos mais diversos tipos de espelhos, o que o faz adentrar já a própria procura, mas ainda percorrendo veredas tortas que irão conduzindo às encruzilhadas do caminho. Nesse momento da travessia, é preciso querer e ter coragem de se lançar ao abismo do não-saber. É o que digo e sei.

Ir ao encontro do abismo é uma das mais importantes decisões de nossas vidas – se não a maior, visto que estamos indo rumo ao nosso próprio –, e essas são tomadas em algum muito fundo lugar de nós mesmos, quase sempre a despeito de nós mesmos. Decidir vem de *decidere*, decido, *cidi*, *cisum* (de + *caedo*)³⁶, que significa “cortar, separar cortando”. Decisão, portanto, é ruptura [...] Des-reconhecendo-se naquele pavoroso esgar que o espelho refletia, sua alma rebela-se de forma abrupta, e sua decisão foi brutal: a aniquilação total e

³⁶ Ver: TORRINHA, 1942, verbete decido. Obra citada nas referências deste trabalho.

absoluta de tudo o que abortava a sua floração. Para Lúcia Guimarães Farias (2005), o que naquele lavatório público se iniciou – abruptamente como assenta às grandes questões existenciais, foi uma descida do narrador ao núcleo mais profundo de sua intimidade, como única possibilidade de transpor o horizonte de uma vida vivida no comum enquanto cotidiano vicioso, a fim do início do acontecer de uma vida experienciada pelo extraordinário de uma nova realidade que estava se manifestando a ele — *catábese*³⁷.

O narrador de “O espelho”, ao se deparar com sua *vera forma* parte rumo à transposição do último horizonte que envolve todo o campo de uma experiência comum e chega ao NADA. E é por esta experiência de adentrar o Nada que se dá o início da transcendência do ser rumo ao tornar-se humano.

É, meus caros, pela catábese, a qual ultrapassar o âmbito do conhecido, do familiar, que chegamos a tonteante e avassaladora experiência de atravessar o Nada, de não nos vermos, por não nos reconhecermos no espelho. E, à primeira vista, não nos reconhecemos porque vivemos encobertos pelas diversas máscaras que vamos criando para dar conta de vivermos. Mas um dia, é preciso deixar as máscaras caírem e desvelar o não-rostos “no brilhante e polido nada”. Para chegar a tornar

necessitava eu de transverberar o embuço, a travisagem daquela *máscara*, a fito de devassar o núcleo dessa nebulosa — a minha vera forma. Tinha de haver um jeito. Meditei-o. Assistiram-me seguras inspirações. [...] interpenetrando-se no disfarce do *rostos externo* diversas componentes, meu problema seria o de submetê-las a um bloqueio “visual” ou anulamento perceptivo, a suspensão de uma por uma, desde as mais rudimentares, grosseiras, ou de inferior significado. Tomei o elemento animal, para o começo (ROSA, 2005, p. 117).

E foi – sempre é – assim, pasmem, vocês, que o narrador – e todos nós quando nos encorajamos pela procura de nós mesmo – iniciou sua travessia rumo nada, que é tudo, de si, “ao eu por detrás de mim — à tona dos espelhos”, que fizeram o jogo. A narrativa fala de uma experiência que aconteceu quando o narrador ainda era moço, contente com ele mesmo e vaidoso, ou seja, descuidado ainda da experiência de tornar-se humano por meio da procura de si. Ele entra em um banheiro de um edifício público por acaso, e depara-se com uma figura nenhum pouco agradável de perfil humano, chegando a ser desagradável e “repulsivo

³⁷ A palavra “catábese” tem como significado mais comum “descida”. Entretanto, para a mitologia o termo é usado como um motivo para se referir à descida ao mundo inferior. Vários foram os personagens da literatura que fizeram esse movimento de catábese, como Orfeu, Odisseu, Aquiles, entre outros. Segundo Eudoro de Souza, “A tradição literária, para quem fronteiras da Antiguidade, reemerge gloriosamente na *Divina Comédia*; e se, como nos parece, a área semântica da palavra tem de ser ampliada até que atinja o mais *lato* sentido de ‘transposição de todos os limites da experiência comum’” (SOUZA, 1975, p. 24).

senão hediondo” refletida por dois espelhos, a qual ele mesmo relata que: “Deu-me náusea, aquele homem, causava-se ódio e susto, eriçamento, espavor. E era — logo descobri... era eu, mesmo!” E questiona o interlocutor: “O senhor acha que eu algum dia ia esquecer essa revelação?” (ROSA, 2005, p. 115).

O que se revela de nós mesmo e que nos causa náusea e, até mesmo, ódio e espavor, é a nossa própria figura humana, que muitas vezes mascarada em personas agradáveis, digo até, aceitáveis diante do outro e de si mesmo, e que vamos moldando durante os anos de nossas vidas. Quando essas máscaras, por instantes e de relances caem, e conseguimos perceber quem está por detrás delas, o assombramento com o que enxergamos de nós mesmo é inevitável. O “olhar-se no espelho” é experiência das mais difíceis e aterrorizantes que já existiu. Primeiro pela negação do que realmente estamos vendo ou pela viciação do olhar que só enxerga o que quer a partir de modelos estéticos.

Quem se olha em espelho, o faz partindo de preconceito afetivo, de um mais ou menos falaz pressuposto: ninguém se acha na verdade feio: quando muito, em certos momentos, desgostamo-nos por provisoriamente discrepantes de um ideal estético já aceito. Sou claro? O que se busca, então, é verificar, acertar, trabalhar um *modelo* subjetivo, capas de ilusão (ROSA, 2005, p. 116).

O narrador, desde aquele momento em que se viu refletido pelos espelhos, passa por todos os estágios da procura, muitas vezes ironizando a experiência, mas nunca fugindo dela: “Desde aí, comecei a procurar-me — ao eu por detrás de mim — à tona dos espelhos, em sua lisa, funda lâmina, em seu lume frio. Isso, que se saiba, antes ninguém tentara (ROSA, 2005, p. 116). E vai vivendo a experiência, mirando-se em vários momentos “de ira, medo, orgulho abatido ou dilatado, extrema alegria ou tristeza” (ROSA, 2005, p. 116).

Olhar-se no espelho! Quem já conseguiu por mais do que alguns míseros minutos ver-se? Olhar-se nos olhos e iniciar uma viagem sem volta ao mais profundo de nós mesmos? Por acaso, vocês, senhores, já experimentaram tal experiência descortinante? Se já o fizeram, o que sentiram? Confesso a vocês que já tentei fazer tal experiência algumas vezes, algumas sem sucesso, mas estou no caminho, atravessada pelo caminho e sendo o próprio caminho. E como o narrador da estória, “Sobreabriam-se-me enigmas” (ROSA, 2005, p. 116).

O que os olhos da gente mostram nos conduzem a muitos sentimentos, dependendo de como estamos acontecendo em um determinado dia!

Se, por exemplo, em estado de ódio, o senhor enfrenta objetivamente a sua imagem, o ódio refluí e recrudescer, em tremendas multiplicações: e o senhor vê, então, que, de fato, só se odeia é a si mesmo. Olhos contra os olhos. Soube-o: os olhos da gente não têm fim. Só eles paravam imutáveis, no centro do segredo. Se é que de mim não zombassem, para lá de uma

máscara. Porque, o resto, o rosto, mudava permanentemente. (ROSA, 2005, p. 116).

E percebam, meus caros, além dos olhos viciados pelas máculas de tempos vivendo apenas apegados a detalhes efêmeros da vida, ainda temos o rosto, que vira e mexe, nos confunde, visto que muda de forma ininterrupta, nos fazendo, muitas vezes, não atentar para os acontecimentos que de fato interessam. É o próprio narrador que lança reflexões acerca desses enigmas oriundos do espelho:

O senhor, como os demais, não vê que seu rosto é apenas um movimento deceptivo, constante. Não vê, porque mal advertido, avezado, diria eu: ainda adormecido, sem desenvolver sequer as mais necessárias novas percepções. Não vê, como também não se veem, no comum, os movimentos translativo e rotatório deste planeta Terra, sobre que os seus e os meus pés assentam. Se quiser, não me desculpe; mas o senhor me compreende” (ROSA, 2005, p. 116).

Esta é uma experiência que nos toma tempo, desânimo e, sobretudo, esforço para não paralisarmos e dar passos para trás. Muitos serão os impasses e os enganos oriundos do fato de termos nos acostumando a viver no comum, em ação mecânica a corresponder às falsas certezas da vida. Seria, mesmo, um triste retorno ao medo de ir em busca de se conhecer, após esse início estonteante de procura, se parássemos aqui. Não faremos, se certo?! Portanto, rumemos ao salto mortal. Mas por onde iniciar?

Concluí que, interpenetrando-se no disfarce do *rosto externo* diversas componentes, meu problema seria o de submetê-las a um bloqueio “visual” ou anulamento perceptivo, a suspensão de uma por uma, desde as mais rudimentares, grosseiras, ou de inferior significado. Tomei o elemento animal, para começo (ROSA, 2005, p. 117).

O narrador, fazendo exercícios de meditação, chega a se buscar em vários tipos de animais, uns com “Caras e cabeças ovinas ou equinas” (ROSA, 2005, p. 117). E constata que seu sócia mais inferior era mesmo a onça. Mas para dar continuidade à procura deveria a “aprender a *não ver*, no espelho, os traços que em mim recordavam o grande felino. Atirei-me a tanto” (ROSA, p. 2005, p. 117). Nosso narrador usa de experiências empíricas diversas para chegar a se ver, até mesmo de “exercícios espirituais” que o ajudasse a aprofundar a concentração, indo ao encontro da imaginação criadora.

Mas uma vez, coloca-se à nossa frente a aprendizagem concreta pelo *páthei máthos*. Ao procurar-nos, devemos nos entregar ao caminho pela busca de quem somos, nos doando ao saber sofrer, intimizando-nos com o vigor mais original do espírito, aprofundando e ampliando radicalmente nossa alma, a fazendo entrar em consonância com a mais originária

vibração do ser. É assim que se manifesta a aprendizagem pela dor de nos sabermos finitos, e esta é o caminho direto para um existir mais autêntico, que nos lança ao centro do turbilhão de mistérios que é o próprio ser (FARIAS, 2005).

É preciso que fique claro aqui que o que estamos procurando é “uma realidade experimental, não uma hipótese imaginária” (ROSA, 2005, p. 117). E, junto ao narrador, também fazia progressos reais em busca de desvelar-me, velando-me em mistério. Continuava seguindo o destino de sermos destinados. E

Pouco a pouco, no campo-de-vista do espelho, minha figura reproduzia-se-me lacunar, com atenuadas, quase apagadas de todo, aquelas partes excrescentes. Prossegui. Já aí, porém, decidindo-me a tratar simultaneamente as outras componentes, contingentes e ilusivas. [...] Ah, meu amigo, nem no ovo o pinto está intacto (ROSA, 2005, p. 118).

Somos eternamente questão, a mais enigmática de todas elas. A questão do ser e de ser é a que nos chega enquanto destino a ser correspondido. E auscultando a ela, habitando nela e lançando-nos a ela é que vamos nos construindo enquanto humanos, *i.e.*, chegamos, portanto, a existir. Tenho visto atualmente, muitas pessoas virando as costas à questão do ser, não se permitindo questionar o ser das coisas e do real, e, por conseguinte, não conseguindo se realizar enquanto destinado, numa trajetória que segue apenas as necessidades imediatas do cotidiano, negando o mistério que é viver. Causa-me náuseas viver assim!

Pergunto: será que depois da experiência de olhar-se no espelho mirando o fundo dos olhos o viver emergencial ainda é possível?! Não creio. À medida que se trabalha com maior maestria no desvendar-se, não há mais como retornar. Será?! Escurecia-me os enigmas, tentei fugir deles, como agora estou pensando em fazer. Algumas vezes, no encontro com o narrador de “O espelho”, sentia uma inquietude tão grande, uma confusão tomava meus pensamentos, que o melhor que fazia era fechar as páginas, largar o livro e ir fazer qualquer outra coisa que não precisasse mais pensar! — ? — Se é que tem como não pensar em nada. E mais uma vez, quando nada acontece o vem ao pensamento, é porque um milagre está se dando.

As coisas todas sempre são outras. Latejava em mim mais e mais pensamentos, “comecei a sofrer dores de cabeça” (ROSA, 2005, p. 118). Ficava pensando: “Será que me acovardei, sem menos? Perdoe-me, o senhor, o constrangimento, ao ter de mudar de tom para confiança tão humana” (ROSA, 2005, p. 118). Pensei em desistir mais uma vez desta travessia-experimentação-em-tese. Faria sentido continuar? Se não continuasse estaria, eu, virando as costas para o destino? E se, no caso, meu destino fosse outro? O de viver mesmo

nas urgências das necessidades imediatas? “De golpe, abandonei a investigação. Deixei, mesmo, por meses, de me olhar em qualquer espelho” (ROSA, 2005, p. 118).

Mas o tempo, meus caros, ah, o tempo, este, “em longo trecho, é sempre tranquilo” (ROSA, 2005, p. 118), e o próprio condutor do mistério, ele, sem menos a gente esperar, nos lança um sopro de vida e, de repente, sem menos esperar, nos coloca frente a frente com a nossa vera forma novamente. Perseguição! Da gente com a gente mesmo. É preciso procurar, é preciso voltar a amar!

Um dia... Desculpe-me, não visio a efeitos de ficcionista, inflectindo de propósito, em agudo, as situações. Simplesmente lhe digo que me olhei num espelho e não me vi. Não vi nada. Só o campo, liso, às vácuas, aberto como o sol, água limpíssima, à dispersão da luz, tapadamente tudo. Eu não tinha forma, rosto? Apalpei-me, em muito. Mas, o invisto. O ficto. O sem evidência física. Eu era — o transparente contemplador?... Tirei-me. Aturdi-me, a ponto de me deixar cair numa poltrona (ROSA, 2005, p. 118).

Por onde eu estava?! Para onde tinha ido o eu de dentro de mim?! Então, estava certa, eu não passava de uma fraude. O medo de ser olhada era, pois, o medo de me olhar, de me aceitar humana com mais erros do que acertos. O medo de me encontrar de fato com o eu por detrás de mim, me fez perder as feições até chegar ao não-rosto? Por isso, me escondia atrás de máscaras que não eram as minhas. Passei muitos anos colada a máscaras que deformavam meu rosto, foi isso? E, portanto, meu castigo seria de não ter mais rosto?! O sem-rosto que me tornei era o início da nova criação do meu rosto de verdade?! Iria ficar assim para sempre. “Voltei a querer encarar-me. Nada. E, o que tomadamente me estarreceu: eu não via os meus olhos. No brilhante e polido nada, não se me espelhava, nem eles” (ROSA, 2005, p. 119).

E agora?! Era necessário fazer o jogo de essência e aparência para voltar a me ver?! Eu não estava encontrando nem mais o monstro do início, aquela vera forma que me assustou no começo. Hesitei mais uma vez em continuar. Talvez se parasse de olhar, um dia tudo voltaria ao normal (?). Eu conseguiria me ver novamente. Mas o que eu veria se deixasse de fazer a experiência do espelho aqui-e-agora seria o meu rosto velho, aquele com as máscaras deformadas, a fraude que eu tanto temo em ser. Não. É preciso ter coragem para continuar.

Tanto dito que, partindo para uma figura gradualmente simplificada, despojara-me, ao termo, até à total desfigura. E a terrível conclusão: não haveria em mim uma existência central, pessoal, autônoma? Seria eu um... des-almado? [...] Diziam-se isso os raios luminosos e a face vazia do espelho — com rigorosa infidelidade. E seria assim com todos? (ROSA, 2005, p. 119).

Mais uma vez a vontade de largar tudo, levantar da cadeira, sair da frente do computador onde escrevo esta experiência agora me toma de assalto. Minhas pernas não

conseguem parar de balançar, minhas mãos, suadas, tocam as teclas do computador de forma ao mesmo tempo que frenética, com grandes pausas, como se estivessem hesitando de dar vida ao pensamento criador da realidade a qual me encontro. Li, certa vez, em algum lugar que as palavras têm vida com cor e plumagem, se as escrevesse aqui, então elas tornariam verdade toda esta experiência de estranhamento da procura. Se certo?

Precipito-me às ilações antes dos fatos! Peço que me relevem e, antes de continuar a contar-lhes a experiência de procura que vivi junto ao narrador de “O espelho”, deixem que o final (?) desta estória eu lhes conte com mais detalhes. Mas saibam, o que irei narrar a partir de agora não passam de sucessos de ordem íntima, aqueles de caráter bastante esquisito. “Narro-os, sob palavra, sob segredo. Pejo-me” (ROSA, 2005, p. 119).

O que se dará a partir de agora é da ordem da radiância, do *quantum* de luz que nasce feito flor pelágica abissal do ser em gestação para re-nascer. Pois eu num outro dia qualquer, volto às páginas dessa estória e me defronto de novo com o espelho – não rosto a rosto simplesmente. Mas o espelho revelou-me. No começo não conseguia enxergar nada, mas de repente uma luz clareava bem ao centro do espelho, uma luz mansa e brilhante. Pensei: “Que luzinha, aquela, que de mim se emitia, para deter-se acolá, refletida, surpresa?” (ROSA, 2005, p. 120).

Se quiserem arriscar, permitam-se, mas aviso a vocês de antemão. Essas são coisas que jamais se devem entre-ver, pelo menos não além de um tanto. E, aqui, digo a vocês fui tomada por um sentimento tão grandioso e radiante, que esquentava novamente meu coração temeroso de não mais conseguir me ver! E perdoem-me o detalhe, mas

eu já amava — já aprendendo, isto seja, a conformidade e a alegria E... Sim, vi, a mim mesmo, de novo, meu rosto, um rosto; não este, que o senhor razoavelmente me atribui. Mas o ainda-nem-rosto – quase delineado, apenas – mal emergindo, qual uma flor pelágica, de nascimento abissal... E era não mais que: rostinho de menino, de menos-que-menino, só. Só” (ROSA, 2005, p. 120).

Estava tomada de amor pelo que via re-nascer à minha frente: encontrar-se a si mesmo é perder-se em amor de cura, é se colocar como questão, sabendo-se questão, destinada a corresponder o destino que é mistério do ser! O rostinho em formação, de nem menino ainda, emergindo das mais escabrosas profundezas, nada mais é do que a imagem concreta e dinâmica do ser que se entre-mostra no espelho da alma.

A origem do humano, a forma primordial, a absoluta antecedência do ser, manifesta-se enquanto a imagem da infância. Existir, não é apenas subsistir, mas acolher a flor abissal

oriunda do nada e lançada floração do ser nos jardins suspensos do mistério que a *phýsis* (FARIAS, 2005).

Está experiência por entre-as-margens d' "O espelho" me vez compreender que a aprendizagem do humano se dá de maneira ininterrupta, cíclica, infinita até a sua morte, e para tal, devemos ser capaz de permanecer em sintonia de infância, ou seja, em estado de origem, sempre pronto a emergir do nada – dos mais obscuros desvãos do ser, de onde imerge à procura do outro de si mesmo – e ao nada nos lançar para assim chegarmos a existir.

E vocês? Chegaram a existir?!

— ? —

3. “As margens da alegria” e “Os cimos” – experiência entre Vida-e-Morte

Lutar contra o coração é difícil, pois se paga com a vida
Heráclito

Desde que nascemos, nosso encontro com a morte é todo dia e, talvez, por isso, a vida³⁸ nos é tão misteriosa. Entretanto, somos seres viventes, já estamos na vida e em vida, lançados para a morte. Vivemos no entre vida-e-morte, para o qual o mais importante é o “e”, o entre-caminho que se faz travessia-viagem de aprendizagem do que somos, não somos e do que poderemos via-a-ser enquanto possibilidades de ser. Somos seres transitórios, viajantes, em vias de cumprir o que nos é destinado, o que vem ao encontro e que nos solicita escuta, acolhimento, decisão, responsabilidade de ser humano (FAGUNDES, 2014).

A vida é o excesso, o abismo, o sem limites de extensão ou profundidade. Viver mesmo só se aprende vivendo, “Porque aprender a viver é que é viver mesmo”, já disse Guimarães Rosa em sua saga poética pelo *Grande Sertão: Veredas*.

A vida de cada vivente são possibilidades, meus caros. Mas esperem, conto o bem-contado para que não haja dúvida: Dentre todas as possibilidades que nos são destinadas, nem todas são possibilidades de vida. E só nos fazemos perfeitos seres viventes quando consumamos nossas possibilidades de ser, e, portanto, não temos mais o que ser, senão ser o ser como possibilidades, até chegarmos à plenitude — *télos*³⁹. E para que isso aconteça, falo a vocês, é que devemos nos lançar a caminho do existir pelo amar enquanto cura. Somos seres viventes em pro-cura de nos consumarmos!

Para sabermos a vida, devemos compreendê-la em sentido cristalino, raspando todas as tintas de conceitos entificados. Vida deve ser entendida no vigor da *psykhé*⁴⁰, i.e., como

³⁸ “A palavra vida provém da raiz indo-européia: gwee ou gwee / o. Esta raiz significa essencialmente: duração da vida. Supõe, portanto, o agir, a energia vital pela qual perdura, o que é inerente à sua essência. Diz também todo vivente e se opõe a morto. Designa, por outro lado, a vida humana como tal e, nela, expressa também o lado terno e afetivo, que aparece na expressão: Você é minha vida. Isto extrapola qualquer biologia. Contudo, só compreendemos realmente o que a raiz quer dizer quando constatamos as palavras que dela se formaram. Em grego, deu origem a três palavras para designar vida: a) bios, de onde se formou o verbo bionai que significa: a maneira de viver e passar a vida; b) Gaia, a nossa silenciosa mãe Terra, fonte originária de toda a vida; [...] c) dzoé, o que surge de dentro de si e reina no surgir (CASTRO: Vida, 1 In: CASTRO, Manuel Antônio de. Dicionário de Poética e Pensamento. Disponível em: <http://www.dicpoetica.letras.ufrj.br/index.php/Vida>. Acessado em: 16/07/2021).

³⁹ “Costuma-se traduzir *télos* por meta, fim, finalidade. Todavia, *télos* não diz nem a meta a que dirige a ação nem o fim em que a ação finda, nem a finalidade a que serve a ação. *Télos* é o sentido, enquanto sentido implica princípio de desenvolvimento, vigor de vida, plenitude de estruturação. Assim o *télos*, o sentido de toda ação, é consumir a atitude, é o sumo desenvolvimento do vigor de sua plenitude. Atitude, como a consumação de todos os sentidos das ações, *to teleiotaton*, é pois, a perfeita integração de penhor e bem” (LEÃO, 1992, p. 156).

⁴⁰ A palavra “*Psykhé*, *psiqué*, que se perpetuou universalmente com o sentido de alma nas línguas cultas e em tantos compostos, provém do verbo *psykhein*, soprar, respirar, donde *psiqué*, do ponto de vista etimológico, significa respiração, sopro vital, vida. (BRANDÃO, 1986, p. 144).

movimento que a partir de si mesmo, move a si mesmo (FOGEL, 2011). Pensar a vida é entendê-la como um acontecer do presente, do e no presente contínuo de sua realização. Vida é verbo em ação contínua: amando, existindo, sendo, narrando, conhecendo, escutando. O tempo da vida é, portanto, o gerúndio (FRANCALANCI, 2004).

Se assim, qual nada?! E se dissesse a vocês que o sentido da vida está na morte? Lembrem-se, a vida, às vezes, pode raiar é numa verdade extraordinária. “A vida inventa! A gente principia as coisas, no não saber por que, e desde aí perde o poder da continuação” (ROSA, 2006, p. 461). É de estranhar, até mesmo causar arrepios de espanto falar que a morte é o continuar da vida em sua plenitude. Mas sentimos medo da morte porque tomamos a vida como um conjunto de vivências que a morte destrói. Seja o que quer seja! Terrível engano, meus caros. Se enxergarmos a vida como dinâmica de experiências pelas quais manifestamos nossas possibilidades, então conseguimos compreender que a morte é o sentido da vida.

Era outra vez o caminhar... e era uma partida íngreme! Vejamos: o nosso destino, aquilo que nos é próprio, encontra o seu limite na impossibilidade de todas as possibilidades, qual seja, a morte. Para passar pela experiência de todo visível que nos dá a vida, só é possível enquanto doação do invisível: a morte. Esta vai estar, portanto, ligada ao nada, ao invisível, só que não como fim, como término, mas enquanto processo de experiência do limite a partir do não-limite. E aí se encontra a angústia de todo vivente: a de experimentar a vida como entre-limite – o que é visível – e não-limite – o não-visível. (CASTRO, 2011).

Mas, que ser, que haver?! A Morte é a apoteose da Vida. O assombrável! Entretanto, “não podemos conquistar a morte; podemos, contudo, conquistar nosso medo da morte” (KAZANTZAKIS, 1975, p. 214). Temos medo porque não conseguimos entender a questão de que a morte é o sentido da vida. Isso é puro mistério. Talvez o medo esteja no fato de que “Na morte advém aos homens o que não esperam nem imaginam” (HERÁCLITO, 1991, p. 77). Ou talvez seja porque ainda orbitamos o racional da funcionalidade, que nosso pensamento sobre a morte vai na direção de que morrer é não mais viver, é acabar. Pelo contrário, morrer é plenificar o ser que em vida se deu, aconteceu. Essa vereda é mesmo misteriosa, vamos tentar entendê-la de outra maneira.

O mestre Manoel Antônio de Castro sugere pensarmos assim: A questão do sentido deve ser vislumbrada entre o horizonte de origem e o horizonte de chegada. Sentido é, portanto, o entre “de” e “para”. Sem isso é impossível pensarmos o sentido. É fato, em qualquer momento, época e cultura, que o “entre” — o percurso da procura — acontece enquanto vivências e experiências de vida. E porque também não pensar em vivências e

experienciações de morte, visto que uma não acontece sem a outra. A medida do entre tanto é a vida quanto a morte. E é na medida que está o sentido, e no sentido repousa a medida. E nesse horizonte, a vida é doação da morte. Por isso, somos mortais. A morte não é o fim, mas a plenitude da vida na qual agir e não-agir são um e o mesmo (CASTRO, 2011).

E é nesse horizonte de vida para a morte que, nós mortais, vamos percorrendo nossa travessia em busca de cumprir o nosso destino, encontrar nosso próprio, amando e sendo entre-acontecer lançados ao existir. Vamos, nessa travessia entre vida-e-morte, aprendendo poeticamente a sermos seres humanos. Como afirma Juliette Hood (2011), “A morte é uma passagem para uma esfera diferente da vida.” Atravessar a vida para chegar à morte é uma travessia que se dá entre *Eros* — a energia criadora e vital de amar que nos faz seres vivos — e *Thanatos* — divindade conhecida como a morte, filha da Noite. A consumação entre *Eros* e *Thanatos* é a morte.

É comum ouvirmos por aí: “É certo que um dia a morte vem para todos”. Desde sempre sabemos que a nossa vida nos leva para a morte. Como diz Heidegger (2009), somos seres-para-a-morte. Entretanto, o que mais deve nos deter nesta afirmação não deve ser a morte, nem talvez a vida, enquanto conceitos estáticos. Já o sabemos que tanto vida quanto morte são questões, por isso, habitam no mistério da linguagem. O ponto primordial a se pensar é o “para a”, o “entre” vida-e-morte. É o percurso, mais exatamente, o caminhar, a viagem-travessia que deve tomar nosso pensamento. É nela que devemos habitar, visto que somos entre-seres-vivos-para-morte. É nesse caminhar que se dá todo o sentido da vida, pois é durante o percurso de procura por quem somos que chegamos ao grande desafio que é existir. Essa é mais uma questão que nos presenteia Guimarães Rosa e suas *Primeiras Estórias*.

No início desta jornada-travessia, sugeri a vocês que em *Primeiras Estórias*, a primeira estória, “As margens da alegria”, e a última, “Os cimos”, pareciam se espelhar. E durante o percurso de pesquisa, esta questão se manifestou radicalmente. As estórias 1 e 21 se espelham, sim, e é pela experiência entre Vida e Morte, *Eros* e *Thanatos*, as quais são veredas-motriz do percurso/travessia do humano em busca do seu próprio, conduzidas pela pergunta-central do livro: **“Você chegou a existir?”**

No que — não foi que então percebi! É, portanto, a partir dessas duas narrativas que *Primeiras Estórias* inicia a viagem-espelhamento pelo questionar entre Educar Poético e o Existir. Vida e Morte são as questões-veredas da viagem do Menino, personagem principal das duas estórias. Para sabê-las, é preciso ter coragem para dar o *salto mortale*.

Seja o que seja. Se boto o reto no correto: comecei a duvidar! E a fim de tentar desvendar o mistério que é viver no limiar entre Vida e Morte, entre *Eros* e *Thanatos*, convido vocês a enveredar junto, iniciando o re-contar das estórias, re-colocando as questões que serão manifestadas no momento da leitura-escuta. — Sim, meus caros, a vida da gente se dá é mesmo pelo meio do caminho! — A personagem-questão das duas narrativas é um Menino que, muito provavelmente, aparecerá em tantas outras estórias do livro. O Menino é a imagem-questão do florescer da aprendizagem, a flor pelágica em eterna brotação do mundo sempre aberta ao extraordinário da *physis*.

ESTA É A ESTÓRIA. Ia um menino conhecer uma nova cidade que está sendo construída no entre-mundo, no centro do país, para muitos leitores, e para mim também, esta cidade parece ser a Capital Federal – Brasília. O Menino estava à expectativa de viver uma viagem inventada no feliz, na qual tudo ainda era descoberta do ar fino de cheiros e cores ainda não conhecidos. Nessa estória podemos perceber a primeira exposição do humano às questões originárias, tudo para ele era novo, seus olhos brilhavam no encantado da Vida.

O menino fremia no arcoçoo, alegre de de se rir para si, confortavelzinho, com o jeito de folha cair. A vida podia às vezes raias numa verdade extraordinária. Mesmo o afivelarem-lhe o cinto virava forte afago, de proteção, e logo novo senso de esperança: ao não-sabido, ao mais. Assim um crescer e desconter-se — certo como o ato de respirar — o de fugir para o espaço em branco. O Menino (ROSA, 2005, p. 49).

Aqui, o pálido espasmo logo no começo nos conduz a ver algo interessante: no início da narrativa, a palavra “menino” está grafada com minúscula. Por duas vezes, na primeira frase: “Está é a estória. Ia o menino”, e no meio do parágrafo: “O menino fremia no arcoçoo”. Entretanto, no desenrolar do parágrafo, o narrador vai nos contando os passos que fazem com que o menino seja tomado por uma alegria que vai transformando o seu ser, o vai soltando ao livre-aberto para “uma verdade extraordinária”; e esta alegria eleva o menino para “um crescer e desconter-se”, como se ele fosse transpassando todas as coisas do mundo e se tornasse, ele próprio, um “espaço em branco, a clareira para o nada. O Menino”, aberto às novas possibilidades de ser, iniciando sua jornada de transcendência ao existir. E então a palavra passa a ser grafada em letra maiúscula e segue assim até o final da estória.

Ao embarcar pelas margens da alegria junto com o Menino é necessário abrir olhos docemente à claridade e nos conduzir pelo conhecer que irá nos levar a re-nascer, onde todas as coisas estão em plena harmonia, só precisamos acolhê-las. “E as coisas vinham docemente de repente, seguindo a harmonia prévia, benfazeja, em movimentos concordantes: as satisfações antes da consciência das necessidades” (ROSA, 2005, p. 49).

O anúncio do prelúdio de uma vida no entre de um percurso de procura do próprio nos é dado logo no início “Esta é a estória”. Temos aqui, pela imagem-questão do Menino que se inicia em viagem, a primeira exposição à experiência primeira de Vida. Tudo nos é dado pela primeira vez: a viagem de avião, o surgimento da grande cidade que mal começa a ser criada, o poder do encantamento pelos novos ares. A vida nascia, o mundo tornava a começar.

E para que não perdesse nem um detalhe da brotação da Vida, o Menino posicionava-se: “Seu lugar era o da janelinha, para o móvel do mundo” (ROSA, 2005, p. 49), a fim de ver todas as coisas, expiar o mundo acontecendo. Suspeito ser só dessa maneira que conseguimos nos entregar à aprendizagem poética. Só vendo, escutando, provando o real e experienciando as questões, doando-se a elas é que vale à pena viver, trilhar seu caminho e chegar a existir. O Menino

[...] espiava as nuvens de amontoada amabilidade, o azul de só ar, aquela claridade à larga, o chão plano em visão cartográfica [...] Se homens, meninos, cavalos e bois — assim insetos? O Menino agora vivia [...] O Menino via, vislumbrava. Respirava muito. Ele queria poder ver ainda mais vívido — as novas tantas coisas — o que para os seus olhos se pronunciava (ROSA, 2005, p. 50).

E para viver radicalmente o extraordinário da vida e atravessar o percurso para o qual foi destinado, era preciso deixar a alegria ir despedindo raios, afastar tudo de ruim que a vida pudesse lhe trazer e se sentar “inteiro, dentro do macio rumor do avião: o bom brinquedo trabalhoso” (ROSA, 2005, p. 50) era este de acolher as questões as quais somos doação. Tão misterioso brincar que por vezes nem “notara que, de fato, teria vontade de comer [...] O Menino tinha tudo de uma vez, e nada, ante a mente” (ROSA, 2005, p. 50), seu pensamento estava esvaziado das necessidades imediatas, via somente “A luz e a longa-longa-longa nuvem” (ROSA, 2005, p. 50) que era a própria travessia que se dava a ver.

A experiência de procura que se inicia pela natividade das coisas fazia com que o Menino sequer conseguisse piscar os olhos. Tudo para ele era novidade. “Enquanto mal vacilava a manhã. A grande cidade apenas começava a fazer-se” (p. 50), os olhos atentos para coisas ainda não focadas “num semi-ermo, no chapadão: a mágica monotonia, os diluídos ares” (p. 50) foram dando forma as imagens que se desenhavam frente aos olhos do Menino. E ele “via, vislumbrava. Respirava muito. Ele queria poder ver ainda mais vívido — as novas tantas coisas — o que para os seus olhos se pronunciava” (p. 50).

O mistério grandioso da Vida transbordava o peito, os olhos e os ouvidos do Menino:

Só sons. Um — e outros pássaros — com cantos compridos. Isso foi o que abriu o seu coração. [...] Senhor! Quando avistou o peru, no centro do terreiro, entre a casa e as árvores. O peru, imperial, dava-lhe as costas, para receber sua admiração. Estalara a cauda, e se entufou, fazendo roda: o rapar das asas no chão — brusco, rijo, — se proclamou. [...] o peru para sempre. Belo, belo! Tinha qualquer coisa de calor, poder e flor, um transbordamento. [...] O Menino rio, com todo o coração. Mas só bis-viu” (ROSA, 2005, p. 50-51).

Mas ele ainda vivia às margens da alegria. Bis-via a vida ainda de relance, não podia compreender que tudo poderia acontecer em mistério! Se certo! Rememoro: o início da travessia ainda é tateado, não se sabe ao certo que caminho tomar e o que iremos encontrar. O percurso até o *salto mortale* ainda causa estranhamento, mas desde que estamos já em percurso, sendo o percurso, o caminho é sem volta, e a angústia em não se saber, ainda mais forte. É preciso seguir conhecendo e nascendo com cada coisa que se manifesta à nossa frente.

Iam de *jeep*, iam onde ia ser o sítio do Ipê. O Menino repetia-se em íntimo o nome de cada coisa. A poeira, alvissareira. A malvada-do-campo, os lentiscos. [...] Todas as coisas, surgidas do opaco. Sustentavam-se delas sua incessante alegria, sob espécie sonhosa, bebida, em novos aumentos de amor. E em sua memória ficavam no perfeito puro, castelos já armados. Tudo, para a seu tempo ser dadamente descoberto, fizera-se primeiro estranho e desconhecido. Ele estava nos ares (ROSA, 2005, p. 51).

Tudo para o Menino era novidade de alegria para guardar na memória, formando perfeitos e puros sentimentos de amor. Enquanto doação da linguagem, o Menino a habita e cria mundo, encontrando-se em companhia das Graças, deusas de esplendor, radiância, celebração e alegria, diante do súbito e triunfante florescer do mistério da vida. As coisas se manifestavam para ele era no meio da travessia, e mesmo ainda não conhecendo, ele se via envolto pelo mistério da *physis*, às margens da alegria de ser.

O poder criador do mundo fazendo-se, pela linguagem, em sentido e mundo ao Menino, e ele repetia-se em íntimo o nome de cada coisa. O pronome reflexivo “se” presente na ação de repetir nos mostra que as coisas se manifestam nele e por ele, entretanto, não é ele o fundamento das coisas – e nunca será –, mas, sobretudo, o lugar do fundar sentido, de manifestação pela linguagem. Não somos nós que temos a linguagem, mas, sim, a linguagem é que nos tem, somos doação dela, e nela e por ela vamos nos construindo e criando novas possibilidade de sentido ao real, ou seja, vamos criando mundo.

Ao repetir (em si) o nome das coisas, todas estas iam surgindo do opaco, se fazendo presente nele e por ele. O Menino, em doação à linguagem, nomeia cada coisa que vê, passando a sustentar sua alegria de co-responder à realidade vivida por ele, brotando –

brotando-se – em novos aumento de amor. Sobre isso, Heidegger (2012) sugere que o homem fala apenas porque é nele que a linguagem acontece, portanto, quem fala não é o homem, mas a linguagem. Mas onde podemos encontrar a fala da linguagem? A encontramos quando realizamos a manifestação do ser de alguma coisa e nomeamos aquela coisa, damos sentido a ela. No nomear, a fala, portanto, se consuma, entretanto, não acaba, visto que a linguagem excede qualquer falar e nomear. Quando nomeamos, a linguagem se desvela, mas também se recolhe em mistério. Por isso a importância da memória em resguardar as coisas para que tudo ao seu tempo seja descoberto.

Foi o que aconteceu com a imagem inebriante do Peru avistada pelo Menino que, num primeiro momento, a reteve na memória, para o encontrá-la depois, sem conseguir tirá-la da cabeça.

Pensava no peru, quando voltavam. Só um pouco, para não gastar fora de hora o quente daquela lembrança, do mais importante, que estava guardado para ele, no terreirinho das árvores bravas. Só pudera tê-lo um instante, ligeiro, grande, demoroso. Haveria um, assim, em cada casa, e de pessoa? (ROSA, 2005, p. 51).

O peru guardava o mistério da vida. O Menino só ainda não sabia que esse mistério trazia junto a morte. Para ele, a vida era só transbordamentos de amor, ainda não tinha se deparado com a tristeza da ausência. Seu coração se abria em leque, explodindo de alegria, sôfrego de rever o peru, “Mal comeu dos doces, a marmelada, da terra, que se cortava bonita” (ROSA, 2005, p. 51). Seu pensamento era todo na imagem proclamada do peru. Mas este não mais aparecera.

Só umas penas, restos, no chão. — ‘*Ué, se matou. Amanhã não é o dia-de-ano do doutor?*’ Tudo perdia a eternidade e a certeza; num lufo, num átimo, da gente as mais belas coisas se roubavam. Como podiam? Por que tão de repente? Soubesse que ia acontecer assim, ao menos teria olhado mais o peru — aquele. O peru — se desaparecer no espaço. Só no grão nulo de um minuto, o Menino recebia em si um miligrama da morte (ROSA, 2005, p. 52).

O Menino tem sua primeira experiência com a morte; não a conhecia antes, não sabia ainda que ela é a continuação da vida – vivia às margens – Apenas pensava e sentia a ausência, a saudade da imagem, talvez nem quisesse entender tudo aquilo, por um instante negou a procura – negando-se em procura (?) “Cerrava-se, grave, num cansaço e numa renúncia à curiosidade para não passear o pensamento” (ROSA, 2005, p. 52). Seria errado sentir toda aquela dor de ausência, aquela saudade por ainda nem mesmo ter conhecido? Acanhava-se de falar sobre o peru. “Talvez não devesse, não fosse direito ter por causa dele aquele doer, que põe e punge, de dó, desgosto e desengano” (ROSA, 2005, p. 52).

Por que o mataram? Isso não seria algum terrível ato de maldade, algum terrível engano? O Menino certamente habitava as margens da alegria, titubeia em dar o *salto mortale* à procura pelo mistério da vida. A morte do peru o fez entrar em circuntristeza que o cegava para o horizonte. À sua frente, só homens trabalhando a terra, em construções que destruíam as vagas árvores, o ribeirão, agora, de águas cinzentas pelo cascalho trazido por caminhões que saíam devastando toda a natureza ao seu redor. Só sobrara plantas desbotadas, o encantamento morto dos pássaros, o ar duro de poeira seca de vida.

Sua fadiga, de impedida emoção, formava um medo secreto: descobria o possível de outras adversidades, no mundo maquinal, no hostil espaço; e que entre o contentamento e a desilusão, na balança infidelíssima, quase nada medeia. Abaixava a cabecinha (ROSA, 2005, p. 52).

Outro estrondo de dor foi quando viu mostrarem à tia – que perguntara como aqueles homens haviam cortado toda aquela mata – a derrubadora, com lâminas espessas e cortantes de destruição. O ainda pior: viu quando a usaram para derrubar outra árvore, esta de poucos galhos no alto, mais ainda fresca e de casca clara, mas foi preciso só um instante para que ela se caísse na terra, demonstrando toda a devastação causada pela mão do homem quando este não se reconhece pertencente ao real que o cerca e que está acontecendo em vida é no aqui e agora. Aquela árvore...

Trapeara tão bela. Sem nem se poder apanhar com os olhos o acerto — inaudito choque — o pulso da pancada. O Menino fez ascas. Olhou o céu — atônito azul. Ele tremia. A árvore, que morrera tanto. A limpa esguez do tronco e o marulho imediato e final de seus ramos — da parte de nada. Guardou dentro da pedra (ROSA, 2005, p. 53).

O Menino habitava a circuntristeza – para que tanta destruição? Queria ficar só, no terreirinho sem de lá mais sair. Sentia uma saudade de abandono, sem entender, mas sabendo-se parte daquilo tudo, do peru e da árvore, estava integrado a eles. Sentia um incerto remorso, não entendia. Apenas vivia. Será que a morte do peru e a queda da árvore não seriam, para ele, o início do salto ao abismo do ser que se procura? “Tudo se amaciava na tristeza” (ROSA, 2005, p. 53). O Menino, mesmo ainda temeroso, arquitetava-se com todo esse questionar: isto era, e vinha a noite, com seus silêncios que saíam dos guardados – rememorou-se. “alguma força, nele, trabalhava por arraigar raízes, aumentar-lhe a alma” (ROSA, 2005, p. 53).

O Menino doía-se e se entusiasmava-se ao mesmo tempo. Vivia no entre vida-e-morte, em movimentos contínuos de ser e não ser. Trevava! E ele consegue ver o peru, mas era um outro, não mais aquele que se proclamara a ele outrora, e vinha bicando ferozmente

a cabeça degolada do peru imperial, no meio da mata, perto de um monte de coisas velhas, sujas, descartadas. “O Menino não entendia. A mata, as mais negras árvores, eram um montão demais; o mundo” (ROSA, 2005, p. 53). O que mais pode vir a aparecer de dentro desse mundo, o acontecer da *physis* brotando mais uma vez à sua frente. Hesitou-se e viu, desta vez olhou com calma, tentando entender aquele aparecer.

Era uma luz pequenina que começava a revelar-se e a revelar o que para o Menino estava oculto. E vinha a Vida mais uma vez. “Voava, porém, a luzinha verde, vindo mesmo da mata, o primeiro vagalume. Sim, o vagalume, sim, era lindo! — tão pequenino, no ar, um instante só, alto, distante, indo-se Era, outra vez em quando, a Alegria” (ROSA, 2005, p. 53).

O vagalume reacende o encantamento de vida no coração do Menino. O verde pisca-pisca que reluz em seus olhos é a certeza de que a vida torna a começar sempre. E apesar da escuridão da morte do peru e do dia, trazida pela chegada da noite – e que devorara no Menino o que havia de mais belo e extraordinário da vida, o conduzindo às margens da tristeza –, um outro dia acontece, uma outra vida renasce, e o mundo torna a começar em força abismal de ser.

Mas o Menino irá retornar em viagem a essa mesma cidade, só que não mais com o sentimento de se encher de novos ares que lhe fazem aproximar das margens da alegria. “Outra era a vez”, e o Menino subia até as altas altitudes, aos cimos da finitude humana, da efemeridade da vida, com a possibilidade da morte de sua mãe. A estória, dessa vez, não será inventada no feliz, mas iniciada numa íngreme partida: ao cume da dor de perder a mãe. Estória-espelho de “As margens da alegria”, em “Os cimos” tem a presença do Menino já exposto às questões originárias do humano, tendo que enfrentar a mais misteriosa delas: a Morte. Esta, agora, é apresentada não como o fim da Vida, mas como um recomeço para a possibilidade de re-nascer. Só que o Menino irá atravessar um percurso de muita dúvida e dor pela presença forte de uma ausência iminente. Só ao final da estória compreendendo que, na verdade, “Tudo [...] é viagem de volta” (ROSA, 2009, p. 41).

E dessa vez ele não entrara no avião atônito, fingindo apenas que sorria quando com ele falavam, e não mais se sentou na poltrona, perto da janela, confortavelzinho. “Enrolava-o de por dentro um estufo como cansaço” (ROSA, 2005, p. 201). Sabia que estavam querendo lhe afastar da mãe, que estava muito doente, lhe mandavam para fora, sem saber que quanto mais o afastavam da mãe, mais dela o Menino iria se aproximar – o inverso afastamento ou a orquestração dos contrários.

Eis que eis: jamais conseguiremos nos afastar do que está dentro da gente, podemos apenas nublar os sentidos ou negarmo-nos de ver o que se desvela, ou mesmo não compreender, mas fugir de nós mesmos, pular a nossa própria sombra, driblar o mistério que é ser destinado a procura do que desde sempre já somos pelos entre-caminhos da viagem de ser, isso não podemos fazer, e sabem por quê? Porque já somos, nós mesmo, o caminho e o caminhante, a viagem e o viajante, e as questões vêm a nós queiramos ou não, nossa única escolha nessa travessia de vida-e-morte é corresponder amorosamente a elas, acolhendo-as e nos deixando ser nelas e por elas.

Todo este movimento de se largar ao abismo, dar o salto mortal à procura assusta, aturde, esgarçar nossa humanidade, mas também nos constrói, nos realiza enquanto seres humanos em infinita travessia em busca do ser. O Menino sabia, mesmo ainda não compreendendo, que a viagem de afastamento da mãe era necessária. Só não imaginava onde iria chegar.

O Menino cobrava maior medo, à medida que os outros mais bondosos para com ele se mostravam. [...] Outros sustos levava. Se encarasse pensamento na lembrança da Mãe, iria chorar. A Mãe e o sofrimento não cabiam de uma vez no espaço de instante, formavam avesso — do horrível do impossível. Nem ele isso entendi, tudo se transformando então em sua cabecinha. Era assim: alguma coisa, maior que todas, podia, ia acontecer? (ROSA, 2005, p. 201).

Tudo é de fato a ponta do mistério! Tentavam entretê-lo de todas as formas, tinham levado o seu brinquedo preferido, o bonequinho macaquinho que ficava na mesinha do seu quarto e que, segundo o Menino sentia, se aquele macaquinho “Pudesse se mexer e viver de gente, e havia de ser o mais impagável e arteiro deste mundo” (ROSA, 2005, p. 201). Mas o Menino sentia era remorso de estar com aquele bonequinho e aberto a qualquer sinal de vida e alegria que não fosse direcionado à mãe.

Como pode passar pela cabeça de alguém que Mãe e sofrimento fossem coisas que andassem juntas?! O Menino não entendia, jamais tinha se dado conta disso. Enquanto voava, os pensamentos iam se manifestando em sua cabecinha, tudo ia se transformando e ao mesmo tempo trans-tornando, tornando outras coisas pela ação de transformar que já inicia nele um movimento de transcendência para o tornar, só que ele ainda não sabia. “O Menino estava muito dentro dele mesmo, em algum cantinho de si. Estava muito para trás. Ele, o pobrezinho, sentado” (ROSA, 2005, p. 202).

O estado de estar dentro de si mesmo e muito para trás, o pobrezinho, me leva a pensar que o Menino ainda está tateando o percurso ao abismo, sem entender o porquê as

coisas tinham de ser do jeito que eram, porque ele precisava ser afastado da mãe que era só amor e alegria. Ele, então, só tinha vontade era de esquecer tudo aquilo e dormir. “A gente devia poder parar de estar tão acordado, quando precisasse, e adormecer seguro, salvo” (ROSA, 2005, p. 202). No sonho, a Mãe, certamente, estaria vivíssima, a morte e o sentimento de abandono não estariam presentes, será?! “Mas não dava conta. Tinha de tornar a abrir demais os olhos, às nuvens que ensaiavam esculturas efêmeras” (ROSA, 2005, p. 202).

Seja o que seja, meus caros, não podemos evitar o de evitar. A Vida é um longo percurso para a Morte, ou seja, só morremos porque estamos vivos; mais: só conseguimos chegar à morte, porque vivemos no entre-margens de vida-e-morte, nos lançando sempre para frente do percurso, cumprindo o nosso destino que é sermos seres efêmeros, finitos. E para compreendermos a viagem e irmos aprendendo poeticamente a nos tornarmos humanos, devemos estar de olhos bem abertos para o extraordinário da vida, e este é também efêmero, porque se desvela ao mesmo tempo em que vela o seu ser. É assim o movimento originário da *physis*. “Tudo era, todo-o-tempo, mais ou menos igual, as coisas outras”, só a gente que não! “A vida não parava nunca, para a gente poder viver direito, concertado?” (ROSA, 2005, p. 202).

O Menino ainda não conseguia perceber que não era possível parar a vida, e que ir vivendo o acontecer extraordinário da vida implica morrer um pouquinho todos os dias, a cada nova situação que chegue, é preciso morrer para o velho e re-nascer em acontecimento do novo, do novo sentido que a vida nos possibilita pelo excesso de natividade presente em seu ser. E a vida sempre vinha, e o mundo sempre recomeça a acontecer! Ele pensava na Mãe, que era só alegria de momentos, queria poder jamais ter saído de perto dela.

Soubesse que um dia a Mãe tinha de adoecer, então teria ficado sempre junto dela, espiando para ela, com força, sabendo muito que estava e que espiava com tanta força, ah. Nem teria brincado, nunca, nem outra coisa nenhuma, senão ficar perto, de não se separar nem para um fôlego, sem carecer de que acontecesse o nada. Do jeito feito agora, no coração do pensamento. Como sentia: com ela, mais do que estivessem juntos, mesmo, de verdade (ROSA, 2005, p. 202).

Mas como conseguir viver se não esquecermos que somos finitos e iremos morrer. A Morte ainda nos paralisa frente ao mistério que é. Não sabemos o que iremos encontrar depois, apenas sabemos que um dia iremos morrer. Mas durante muito tempo, quando ainda somos jovens e não temos “os prazos”, ignoramos nossa finitude. Nem pensamos nela, vamos apenas vivendo. Somente quando ela nos aparece, nos ronda, é que sentimos o medo de não mais existir, ou de perder quem amamos. Por isso, a fala do Menino de que se

soubesse antes que a Mãe iria morrer, jamais teria se afastado dela. A Morte é nosso futuro e nossa única certeza, somos seres para a morte, mas vivermos pensando nela nos paralisa para a Vida.

Desde que teve a certeza de que a Mãe poderia morrer, os dias e as horas, para o Menino, se arrastavam, ele só queria voltar para perto dela e tentar prendê-la ao seu lado, não deixando escapar nenhum sopro de vida da Mãe, que lhe traziam amor e alegria. Ainda em voo, o “avião não cessava de atravessar a claridade enorme, ele voava o voo — que parecia estar parado”. Era como se a vida não mais acontecesse em brotação. O único sentimento era de retornar para o lado da Mãe: “O Menino sofria sofrado. O avião então estivesse parado voando — e voltando para trás, mais, e ele junto com a Mãe, do modo que nem soubera, antes, que o assim era possível” (ROSA, 2005, p. 202).

O Menino não conseguia mais seguir, viver a criança que dentro dele pulsava, era como se tudo estivesse apagado. Tinha receio até de brincar, o bonequinho macaquinho foi deixado de lado. Ele pensava: “Enquanto a gente brincava, descuidoso, as coisas ruins já estavam armando a assanhação de acontecer: elas esperavam a gente atrás das portas” (ROSA, 2005, p. 203). Também não conseguia sair de casa, não queria passear de *jeep* com o Tio. Vivia amuado pelos cantos, envolto em circuntristeza, e desta vez parecendo que nada nem iria mesmo acontecer.

Ele mordeu seu coração. Nem quis falar com o macaquinho bonequinho. O dia, inteiro, servia era para se fazer o espalhamento no cansaço. Mesmo assim, à noite, não começava a dormir. O ar daquele lugar era friinho, mais fino. Deitado, o Menino se sentia sustoso, o coração dando muita pancada. A Mãe, isto é... E não podia logo dormir, e pela dita causa. O calado, o escuro, a casa, a noite — tudo caminhava devagar, para o outro dia. Ainda que a gente quisesse, nada podia parar, nem voltar para trás, para o que a gente já sabia, e de que gostava (ROSA, 2005, p. 203).

Mas a vida acontece, e é mesmo em verdades extraordinárias. Nada melhor do que um dia entre duas noites. O dia sempre nos vem cheio de brotação de novas possibilidades, brilhando em sol reluzente, e a gente despertando, aos poucos, ainda no entre-dormindo-acordado, re-fazendo sentidos e re-nascendo com eles. Como se alguma coisa da noite a gente furtasse, acolhesse e deixasse amanhecer! Foi assim também com o Menino. Vindo o outro dia:

o Menino recebia uma claridade de juízo — feito um assopro — doce, solta. Quase como assistir às certezas lembradas por um outro; era que nem uma espécie de cinema de desconhecidos pensamentos; feito ele estivesse podendo copiar no espírito ideias de gente muito grande. Tanto, que, por aí, desapareciam, esfiapadas (ROSA, 2005, p. 203).

O Menino espiritou-se com a manhã que nascera. O assopro é o quantum do espírito (luz) da noite que assola o Menino e o conduz para a claridade do dia, para o início do entendimento de que vida-e-morte faziam parte do mesmo percurso-travessia. É pelo assopro que o Menino medita sobre si e sobre as coisas do mundo, o que o faz iniciar o movimento ascendente de transcendência nele próprio. Ainda que não conseguisse, naquele momento, entender por inteiro o que vinha a ser tudo isso, ele re-nascia aos poucos em novas alegrias de amor. Seria preciso apenas mais alguns acontecimentos para que deixasse de morder seu coração?

Com o raiar do novo dia, ele sabia e achava! Que não dava mesmo para apreciar direito, para agarrar com as mãos, as coisas bonitas ou boas do mundo, por elas aparecerem depressa demais e inesperadamente, sem nem estarmos prontos para ver. Ou vinham de forma tão esperadas que nem nos acometiam do vê-las com calma; ou também porque todas as coisas, as boas e as ruins vinham juntas e emboladas, sem que conseguíssemos discernir direito o que eram, ou aconteciam incompletas, ainda precisando de outras coisas. Se assim, qual nada, jamais estaremos prontos para o aparecimento das coisas, elas apenas vinham junto com a gente, no meio do caminho da travessia, acontecendo entre vida-e-morte no instante-agora que acontecíamos no percurso de vida-e-morte.

De repente, uma claridade no sentir. Um novo perfume no ar fino da manhã misturado ao cheirinho de café que vinha da cozinha. E mais um novo sopro de vida se deu: “A uma das árvores, chegara um tucano, em brando batido horizontal. Tão perto!” (ROSA, 2005, p. 204) Tudo fazendo novo sentido, que o Menino queria ver grande, inteiro, aquele tucano que “Saltava de ramo em ramo, comia da árvore carregada. Toda a luz era dele” (ROSA, 2005, p. 104). E o Menino com os olhos vidrados e cheios de brilho, sem conseguir falar e nem segurar em si o extraordinário instante: via, sentia, raiava com o voo do tucano que

parava, ouvindo outros pássaros — quem sabe, seus filhotes — da banda da mata. O grande bico para cima, desferia, por sua vez, às umas ou duas, aquele grito meio ferrugento dos tucanos: — “*Crrée!*”... O Menino estando nos começos de chorar. Enquanto isso, cantavam os galos. O Menino se lembrava sem lembrança nenhuma. Molhou as pestanas (ROSA, 2005, p. 204).

É nesse momento que chega ao fim o itinerário escuro e triste da noite, oriundo do sentimento de dor pela possibilidade de perder a Mãe, para dar início a viagem transcendente que conduz o Menino aos cimos, ao cume da existência, do milagre da vida, este trazido pela imagem-questão do tucano, detentor da luz e portador da aurora. Com o aparecimento do

tucano, o Menino volta a sentir a brotação da vida e a ver-se integrado, habitando o real em diálogo com todas as outras coisas que dele fazem parte. Percebe que a vida acontece incessantemente, e que as coisas do mundo nascem todos os dias no horizonte, de onde, o sol, querendo sair, coloca-se num ponto, em rombo dourado, de bordas estilhaçadas, e no centro, “a bola de ouro a se equilibrar no azul de um fio” (ROSA, 2005, p. 205). E o Menino sem nem conseguir exclamar, “Apanhava com o olhar cada sílaba do horizonte” (ROSA, 2005, p. 205).

O abismo da circuntristeza, o nada como a não coisa, transforma-se em clareira — raios de sol dourados noNada. Como se no ponto mais profundo do abismo que chega-se pela dor da ausência e que faz com que o Menino permaneça vivendo somente às margens entre a alegria e a circuntristeza, se abrisse a porta para a vereda mais alta, ascendente que conduz aos cimos: ao tornar-se! E essa experiência toda vinha lhe trazendo novamente à mente a lembrança da mãe viva, sã, sem nenhuma doença, apenas em alegria de ali estar inteira. Temia não ser verdade!

O Menino passa o entre-dia com a sensação de aterrorizante de que aquele sentimento-vida trazido pelo voo do tucano se esvaísse em não acontecer de fato. Ele “pelejava com o que não queria querer em si. Não suportava atentar, a cru, nas coisas, como são, e como sempre vão ficando: mais pesadas, mais coisas — quando olhadas sem precauções. Temia pedir notícias; temia a Mãe na má miragem da doença?” (ROSA, 2005, p. 205). Mas mesmo a gente querendo, as coisas não voltam para trás, elas estão sempre com suas pontas de lança apontando para frente. Mesmo não querendo atinar com a Mãe doente, sempre esperava pelo belo — “A Mãe da gente era a Mãe da gente, só; mais nada” (ROSA, 2005, p. 205).

E havia o tucano, em voo e pouso. Fazendo o seu trabalho todos os dias, no aparecer dos primeiros raios de sol, ele vinha em endereçamento daquela mesma árvore, dando-se ao raiar do dia em fôlego e vida. O Menino já esperando aquele acontecimento todas as manhãs, sabendo que “Depois do encanto, a gente entrava no vulgar inteiro do dia. O dos outros, não da gente” (ROSA, 2005, p. 206.) O voo do tucano, sem falta, todas as manhãs, alegrava seus dias, deu vontade até de voltar a brincar. Passou a voltar a sair com o tio para o se-fazer das coisas. Mas outra parte dele ainda estava com o pensamento na Mãe. Ela bem que podia não estar doente. Havia o tucano — ∞

“O Menino, em cada instante, era como se fosse só uma certa parte dele mesmo, empurrado para diante, sem querer. O *jeep* corria por estradas de não parar, sempre novas” (ROSA, 2005, p. 206), levando o Menino a novas experiências de lugares, tentando

apreender a vida, mesmo com o coração ainda sangrando pela possibilidade de perder a Mãe. Ele estava vivendo ainda às margens, entre a alegria e o medo de dar o salto, libertar-se e, assim, libertar a Mãe. Pensava a todo instante: “que a Mãe tinha de ficar boa, tinha de ficar salva!” (ROSA, 2005, p. 2006).

O Menino esperava o tucano todos os dias, aquilo o alimentava a esperança. E o tucano chegava “a-justo, a-tempo, a-ponto, às seis-e-vinte da manhã; ficava, de arvoretagem, na copa da tucaneira, frutificando as frutas, só os dez minutos [...] Daí, partia, sempre naquele outro-rumo” (ROSA, 2005, p. 206). E o Menino, calado em si, teimoso de amor, apanhara todo este agir, segurava-o com força de mais-querer, acreditando que precisava repetir junto “que a Mãe estava sã e boa, a Mãe estava salva!” (ROSA, 2005, p. 207).

O tucano trazia o menino novamente para as margens da alegria, faltava mais. Era preciso estar inteiro feliz. O Tio e os homens do sítio, então, pensaram em pegar o tucano, prendê-lo e levá-lo ao Menino. “Não e não!”, ele ficou zangado, aflito, pois sabia que deixar o tucano livre em voo era o que alimentava a brotação dos dias. “O que cuidava, que queria, não podendo ser aquele tucano, preso. Mas a fina primeira luz da manhã, com, dentro dela, o voo exato” (ROSA, 2005, p. 207).

Pelo agir do pássaro e pelo raiar do sol, o Menino aprende que as coisas do real acontecem em força e vigor a cada novo dia; e que esse acontecer é o que nos conduz a caminhar em busca de aprendermos quem somos. As coisas tinham razão de ser, aconteciam no livre raiar do dia indo em direção ao adormecer da noite para re-nascer novamente era num outro dia. Assim iria ser com a Mãe. Ela iria conseguir re-nascer era para um outro dia em que o amor e alegria voltariam a encher o coração do Menino. “O hiato — o que ele já era capaz de entender com o coração” (ROSA, 2005, p. 207).

O Menino torna-se a origem de sua própria alegria. Passa a entender com o coração que os acontecimentos precisam do hiato entre dia-e-noite como transcendência para ser. A vida, o real, as coisas e os homens têm um ciclo/destino para ser consumado/atravessado. E somente da escuridão é que brota a luz.

Falou em alto em bom som ao Tio que não queria entender qualquer perigo, e que “a Mãe nem nunca tinha estado doente, nascera sã e salva! O voo do pássaro habitava-o mais” (ROSA, 2005, p. 207). O tucano é a imagem-questão do princípio originário da *physis*: o diário propiciar do levante do sol, a eterna natividade do mundo. “O menino se lembrava sem lembrança nenhuma” (ROSA, 2005, p. 204).

É a partir do voo e do pouso incessante do tucano, que se alternam no tempo, em diálogo de vida-e-morte, que o Menino compreende o mundo não mais como lugar para

dualismos antagônicos, em que de um lado existe a Vida e do outro, a Morte. O mundo acontece mesmo como templo de tensão harmônica de contrários que fazem o jogo de espelhos entre vida-e-morte, em movimento cíclico, infinito e harmonioso, no qual não existe o fim final pela morte, mas a transformação criativa para o renascimento da vida.

A visita diária do tucano engendrado no raiar de um novo dia aprofunda no Menino alguma força que o faz arraigar raízes e acreditar no belo e misterioso acontecer da vida. O Menino aproximava-se da Ninhinha, a menina de lá, que ao menor sinal de controle, pelas pessoas que a cercavam, em relação à natureza das coisas, sempre dizia: “— Deixa... Deixa...”

O apreciar do voo do tucano raiando a manhã fez com que o Menino conseguisse transformar o movimento gravitacional de tristeza em impulso ascensional que o conduz à alegria de cura, tanto de si, que adoecia em pensamento de ausência, quanto da Mãe. E ao habitar os dias junto ao voo do tucano e ao raiar do dia, parte em viagem íngreme rumo aos cimos da aprendizagem poética de ser. Com a cada visita do tucano aprendera a proclamar um novo dia, e com cada raio de sol, aprendera a erguer-se a cada novo dia.

A tornada do pássaro era emoção enviada, impressão sensível, um transbordamento do coração. O Menino o guardava, no fugidir, na memória, em feliz voo, no ar sonoro, até à tarde. O de que podia se servir para consolar-se com, e desdolorir-se, por escapar do aperto de rigor — daqueles dias quadriculados.

Ao quarto dia, chegou o telegrama. O Tio sorriu, fortíssimo. A Mãe estava bem, sarada! No seguinte — depois do derradeiro sol do tucano — voltariam para casa (ROSA, 2005, p. 2007).

A virada pelo extraordinário: O desmedido momento! A notícia da recuperação da saúde da mãe reacende novamente a alegria de sentir o ar fino de cheiros desconhecidos. Era, novamente, outra a vez, o raiar do dia. “E, com pouco, o Menino espiava, da janelinha, as nuvens de branco esgarçamento, o veloz nada” (ROSA, 2005, p. 208). Estava voltando para o lado da Mãe. Ainda com uma saudade, “fiel às coisas de lá. Do tucano e do amanhecer” (ROSA, 2005, p. 208), que o conduziram à clareira do tornar-se, pelo abandono do salto mortal ao abismo do mistério da vida. O Menino, agora, existindo, pensava: “A vida, mesmo, nunca parava” (ROSA, 2005, p. 208).

Sentiu falta do bonequinho macaquinho. Procurou por todos os cantos do bolso: tinha perdido, como pudera? Chegou às lágrimas novamente. Mas, então, o moço do avião veio trazer-lhe outra surpresa de alegria, tinha encontrado o chapuzinho vermelho, de alta pluma, que o Menino tinha jogado fora no começo da viagem. E sempre a vida vinha! O mundo renasce em nova-idade todos os dias, trazendo com ele o extraordinário da vida.

E era o inesquecível de-repente, de que podia traspassar-se, e a calma, inclusa. Durou um nem-nada, como a palha se desfaz, e, no comum, na gente não cabe: paisagem, e tudo, fora das molduras. Como se ele estivesse com a Mãe, sã, salva, sorridente, e todos, e o Macaquinho com uma bonita gravata verde — no alpendre do terreirinho das altas árvores... e no *jeep* aos bons solavancos... e em toda-a-parte... no mesmo instante só... o primeiro ponto do dia... donde assistiam, em tempo-sobre-tempo, ao sol no renascer e ao voo, ainda mais vivo, entoante e existente — parado que não se acabava — do tucano. [...] Só aquilo. Só tudo (ROSA, 2005, p. 209).

E o Tio, achando que tinham chegado ao final da viagem, arrisca desembarcar, no que o Menino avisa: “— *Ah, não. Ainda não...*” E sorri fechado em sorrisos e enigmas de quem já havia tornado-se. O Menino, então, existia. E novamente vinha a vida!

PORTO DE CHEGADA

A chegada importa menos do que o caminhar! Foi isso que me fez ver que chegar até aqui, ao final do texto desta viagem-tese, me traria uma sensação de alívio por ter finalizado um processo de escrita que desse conta de findar uma etapa e suas obrigatoriedades da vida acadêmica, fora isso, a pesquisa, que se faz vida, rumará por outros caminhos, mas continuará.

A caminhada só termina quando chegamos a, verdadeiramente, ascender em vida e transcender para a morte, renascendo tal qual a flor pelágica de brilho azul, vindo, mais uma vez do nada. Dizem por aí que viemos do nada e para o nada voltaremos. Sim, acredito nesta máxima! Entretanto, ela só se torna crível de fato se pensarmos que é do nada que tudo se cria. E para o nada é que nos conduzimos, a fim de que nos tornemos tudo. O nada como a possibilidade das possibilidades, sempre se doando a realizações, é o tempo sendo em direção ao tudo. Nada é a excessividade do ser se dando para acontecer.

E foi o que se deu nesta experiência-ação de atravessamento, a qual chamei de demanda pela palavra em busca de existir. Aqui, pela leitura-escuta amorosa das palavras doando-se em linguagem poética do sagrado do mito, pude evidenciar a ideia que tinha em mente quando me lancei no caminho e enquanto caminho: a de que o projeto poético-existencial de *Primeiras Estórias* se manifesta, sim, como trajeto ascensional do humano em viagem-atravessamento, pelo educar poético, chegando a realizar-se em sua humanidade: existindo.

Em diálogo com a obra, adentramos em um crescente-circular de pro-cura, cuidado, amor, desvelando mistérios de nós mesmo, às vezes não tão fáceis de encarar, e que nos fizeram chegar a existir, respondendo, no caminhar e enquanto caminho, a pergunta-mistério que lateja em nossa memória a todo momento: “E você, chegou a existir?”

Se retomarmos à ideia de que *Primeiras Estórias* é a viagem-procura do humano pelo seu próprio, para que possa consumir sua aprendizagem poética, correspondendo ao seu destino, e chegando a existir; então esta viagem-tese conseguiu cumprir seu objetivo de, colocando-me enquanto pesquisadora-intérprete-viajante, pesquisar as questões do viajar e do existir em *Primeiras Estórias*, as quais conduzem o leitor, pelo educar poético, à aprendizagem de si, fazendo-o realizar-se enquanto humano em travessia!

Digo a vocês o que sei e não-sei, por jamais poder sair da travessia do procurar-me, que, no momento em que dialoguei com as questões que se manifestaram à minha frente, pela leitura-escuta da obra, passei a questioná-las e a ser questionada por elas. E o que vocês

leram até aqui foi essa experiência-atravesamento nas questões, as quais fui acolhendo e me doando, narrando e me narrando, escrevendo e me escrevendo, criando a realidade-ficção-poética pela palavra, criando mundo e me criando enquanto mundo — *poiésis*.

Meus caros, durante a viagem-leitura, percebi que em *Primeiras Estórias*, as questões do educar poético, do questionar e do existir atravessam o humano por um movimento de presença pré-reflexivo que já as incorporou para o entendimento das coisas e acontecimentos lançados para a existência. Duvidam? Então, digo a vocês: nesta viagem, ao existir, vamos nos apropriando do próprio ser que recebemos para ser, apropriando-nos da própria vida que recebemos para viver e, por ela, vamos também nos apropriando da nossa própria morte, a compreendendo como a linha contínua que nos conduz à apoteose do que é viver — EXISTIR.

Foi em viagem-tese, me colocando enquanto intérprete e caminho, que observei que as personagens de *Primeiras Estórias*, principalmente as que não têm nome próprio, podem ser pensadas enquanto arquiacontecimentos e/ou imagens-questão de todo e qualquer humano; e, por elas, podemos ir construindo nosso aprender a ser, nos colocando em questão nas diversas possibilidades de o ser acontecer. É o caso do Menino, de “As margens da alegria” e “Os cimos”; o moço, de “Nenhum, nenhuma”, “O moço muito branco” e “Luas-de-mel”; da moça, de “Nenhum, nenhuma”, “Sequência”, “O moço muito branco” e “Luas-de-mel”; a velha, de “Nenhum, nenhuma”; o Nosso Pai e Nossa Mãe de “A terceira margem do rio”; o homem, de “Nenhum, nenhuma”, entre outras.

As estórias de procura atravessadas pelas personagens que, primeiramente passam pela errância, por caminhos sem rumo, depois se lançam ao questionamento do acontecer manifestativo das coisas, até chegarem à clarividência pelo re-espíritar-se com o sagrado do ser que habita nelas — apesar de no início da caminhada ainda não saberem —, indo em direção ao existir, verdadeiramente, transcendendo, pelo amor/*Eros*, para uma nova possibilidade de viver, nos conduz, leitores, à viagem ao existir, nos fazendo, quando nos permitimos seres amorosos em escuta, também a existir junto.

Por isso, meus caros e amorosos ouvintes-leitores, arrisco afirmar que a viagem por entre *Primeiras Estórias* compõem a *via-crucis* do ser humano em demanda de sua regeneração ao existir: aprendizagem poética. Aqui se comprova, verdadeiramente, projeto poético-existencial da obra, se manifestando como trajeto ascensional do humano. Quem atravessa radicalmente a viagem pela linguagem criada por Guimarães Rosa, se lança ao abismo, ao conseguir corresponder à pergunta central do livro: *Você chegou a existir?* Esse é o encantamento que nos leva ao aprendizado do que somos, que nos presenteia as estórias

primeiras trazidas por Rosa, se dando em presença. E, por isso, podemos dizer que esta é uma obra que manifesta o seu ser a todo momento, desvelando e velando questões que nos desvelam e velam infinitamente, nos conduzindo à viagem para o existir!

Muitos foram os caminhos que se manifestaram durante este percurso, muitas foram as dúvidas. Hesitei em continuar caminhando, caminhante. Pensei que pudesse chegar a desistir de atravessar esta experiência, mas, mesmo deixando de lado, por tempos a fio as páginas da travessia: a escrita do texto, não conseguia me abandonar mais no limbo do não-ser. Eu, mesmo nos momentos de dor, de medo, de repulsa pela viagem, já a amava. Como não amar o mistério do ser, mistério que é ser-atravesado pelas questões?! Vocês conseguiriam? Eu não fui capaz de voltar a não querer saber-me indo atrás do ser das coisas. Dizem que é uma experiência interessante a nulidade do não mais pensar, não mais se entregar enquanto questão, de viver no ordinário do mundo. Dizem que ser assim é libertador! Duvido! Confesso a vocês que a liberdade, pra mim, é a viagem da procura, pegar estrada e enveredar por caminhos diversos, conhecendo lugares, cheiros, pessoas, coisas, nascendo junto a eles; vendo e re-vedo posições, acontecimentos; ouvindo narrares, narrando-me junto. Ah, isso, sim, liberta, pois assim, posso ser tudo, podemos ser TUDO!

Mas reparem, chegar até aqui e terminar esta narrativa-viagem de procura não vai de encontro ao que acabei de dizer da liberdade da procura. Não, como já disse, apenas terminei uma etapa da viagem e esta não irá, jamais, esgotar as questões do ser que ainda serão manifestadas por esta obra de Guimarães Rosa — ou qualquer outra obra poética—, nem a mim mesmo nem a quem quer que queria lançar-se em travessia, especulando-se, procurando-se, amando-se enquanto entre-acontecer misterioso. Somos travessia e para chegar a existir, devemos continuar em viagem, nascendo, morrendo e retornando para o nada; brotando em flor, re-nascendo em mistério e mundo. E VINHA A VIDA... ∞

REFERÊNCIAS

ANAXIMANDRO. PARMÊNIDES. HERÁCLITO. *Os pensadores originários*. Introdução: Emmanuel Carneiro Leão e Tradução: Emmanuel Carneiro Leão e Sérgio Wrublewski. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.

ARAÚJO, Heloisa Vilhena. *O Espelho: Contribuição ao estudo de Guimarães Rosa*. São Paulo: Mandarim, 1998.

ARISTÓTELES. *Poética*. Trad. Eudoro de Sousa. Lisboa: Casa da Moeda, 1998.

BARBIERI, Ivo. "A invenção lúdica nas *Primeiras estórias*" In: *Veredas no sertão rosiano*. Organização: Antônio Carlos Secchin [et al.]. Rio de Janeiro: 7Letras, 2007.

BRANDÃO, Junito de Souza. *Mitologia Grega*, vol. I. Petrópolis/RJ: Vozes, 1986.

BULFINCH, Thomas. *O livro de ouro da mitologia: (a idade da fábula): história de deuses e heróis*. Trad. David Jardim Júnior. 8ª ed. Rio de Janeiro: Ediouro, 1999.

CASTRO, Manuel Antônio de. *O homem provisório no grande ser-tão: um estudo de Grande Sertão: Veredas*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro; Brasília: Instituto Nacional do Livro, 1975.

_____. "As faces do trágico em *Vidas Secas*". In: *Travessia Poética*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1977.

_____. "Literatura Brasileira: sob o signo de Narciso" In. CASTRO et. al. *Origens da Literatura Brasileira*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1979.

_____. *O acontecer poético: A história literária*. Rio de Janeiro: Edições Antares, 1982.

_____. CASTRO, Manuel Antônio de. "Ficção e literatura infantil". In: *Tempos de Metamorfose*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1994.

_____. "Apresentação". In: Manuel Antônio de Castro, (org.). *Arte: corpo, mundo e terra*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2009.

_____. *Arte: o humano e o destino*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2011.

_____. “Dialética e diálogo: a verdade do humano”. In: Rio de Janeiro: *Revista Tempo Brasileiro*: Dialética em questão I, 192, jan.-mar., 2013.

_____; FAGUNDES, Igor; FERRAZ, Antônio Máximo (organizadores). *O educar poético*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2014.

_____; FAGUNDES, Igor; FERRAZ, Antônio Máximo; TAVARES, Renata (organizadores). *Convite ao pensar*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2014.

_____. *Leitura: questões*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro. 2015a.

_____. "A globalização e os desafios do humano". In: *Revista Tempo Brasileiro*, 201/202 – *Globalização, pensamento e arte*. Rio de Janeiro, abr.-set., 2015b, págs. 11 – 29.

_____. “Grande ser-tão: a travessia”. In: *Travessia Poética*. Março/2007. Disponível em: <http://travessia poetica.blogspot.com.br/2007/03/grande-ser-tao-travessia.html>. Acessado em 15/11/2016.

_____. “Por um educar poético-originário”. In: *Travessia Poética*. Abril/2012. Disponível em: <http://travessia poetica.blogspot.com.br/2012/04/ao-leitor-esteensaio-e-longo-mas-propoe.html>. Acessado em: 15/11/2016.

_____. *Dicionário de Poética e Pensamento*. Internet. Disponível em: <http://www.dicpoetica.letras.ufrj.br>. Acessado em: 15/11/2016.

_____. “Poético, 3” In: CASTRO, Manuel Antônio de. *Dicionário de Poética e Pensamento*. Internet. Disponível em: <http://www.dicpoetica.letras.ufrj.br/index.php/Po%C3%A9tico>. Acessado em: 5/7/2018.

COMMELIN P. *Mitologia grega e romana*. Trad. Eduardo Brandão. 4ª ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011.

COPELIOVITCH, Andrea. “Teatro” In: CASTRO *et al.* *Convite ao pensar*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2014, págs. 229-230.

FAGUNDES, Igor. “Vida” In: CASTRO, Manoel *et.al.* *Convite ao pensar*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2014., págs. 253-254.

_____. *Poética na incorporação: Maria Bethânia, José Inácio Vieira de Melo e o Ocidente na encruzilhada de Exu*. Guaratinguetá, São Paulo: Penalux, 2016.

_____. *Macumbança*. Guaratinguetá, SP: Penalux, 2020.

FARIAS, Maria Lúcia Guimarães de. *Aletria e Hermenêutica nas Estórias Roseanas*. Rio de Janeiro: Tese defendida no Programa de Pós-Graduação em Ciência da Literatura (Poética), pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. 2005, 529 p.

FRANCALANCI, Carla. "Antígona e as leis não escritas". Rio de Janeiro: Revista TB, Caminhos da ética, 157, abr.-jun., 2004.

FERRAZ, Antônio Máximo... [et al.]. *Poética e diálogo: caminhos de pensamento*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2011.

_____. "Arte e verdade: A *mimesis* como criação da realidade. In: *Revista Tempo Brasileiro*, nº 194, jul.–set. de 2013, págs. 145-160.

FERRITO, Ronaldo. "Ficção". In: CASTRO, Manuel Antônio de; FAGUNDES, Igor; FERRAZ, Antônio Máximo; TAVARES, Renata (organizadores). *Convite ao pensar*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2014, págs. 97-98.

FOGEL, Gilvan. "Vida, realidade, interpretação". In: FAGUNDES, Igor (org.). *Permanecer silêncio - Manuel Antônio de Castro e o humano como obra*. Rio de Janeiro: Confraria do Vento, 2011.

GADAMER, Hans-Georg. *Hermenêutica da obra de arte*. Trad. Marco Antônio Casanova. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010.

_____. *Verdade e Método II: complemento e índice*. Tradução: Ênio Paulo Giachini. 6ª Ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2011.

_____. *Verdade e Método I*. Tradução de Flávio Paulo Meurer. 15ª Ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2015.

GATTO, Eduardo. "Conhecer" In: CASTRO, Manuel Antônio de; FAGUNDES, Igor; FERRAZ, Antônio Máximo; TAVARES, Renata (organizadores). *Convite ao pensar*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2014, págs. 43-44.

GUIMARÃES, Maria Lúcia. *Aletria e Hermenêutica*. 2005. 529 f. Tese (Doutorado em Ciência da Literatura – Poética) Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2005.

HEIDEGGER, Martin. *Que significa pensar?* Buenos Aires: Editorial Nova, 1964.

_____. “Que é metafísica?” In: Heidegger. *Coleção Os pensadores*. Trad. Ernildo Stein. São Paulo: Abril Cultural, 1979.

_____. “Conferências e escritos filosóficos”. In: Heidegger. *Coleção Os Pensadores*. Trad. Ernildo Stein. São Paulo: Nova Cultural, 1989.

_____. *Seminários de Zollikon*. Trad. Gabriela Arnhold e Maria de Fátima Almeida Prado. São Paulo; Petrópolis: Vozes; EDUC, 2001.

_____. *A caminho da linguagem*. Tradução de Márcia Sá Cavalcante Schuback. Petrópolis: Vozes, 2003.

_____. *Marcas do caminho*. Trad. Enio Paulo Giachini e Ernildo Stein. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

_____. *Ser e Tempo*. Tradução e apresentação: Márcia Sá Cavalcante Schuback; Posfácio: Emmanuel Carneiro Leão. 4ª Ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2009.

_____. *A origem da obra de arte*. Trad. Idalina Azevedo da Silva e Manuel Antônio de Castro. São Paulo: Edições 70, 2010

_____. *Ensaio e conferências*. Trad. Emmanuel Carneiro Leão, Gilvan Fogel, Márcia de Sá Schuback. Rio de Janeiro/Petrópolis: Ed. Vozes; São Paulo/Bragança Paulista: Ed. Universitária São Francisco. 8ª ed. 2012a.

_____. *A caminho da linguagem*. Trad. Marcia Sá Cavalcante Schuback. Rio de Janeiro/Petrópolis: Ed. Vozes; São Paulo/Bragança Paulista: Ed. Universitária São Francisco. 6ª ed. 2012b.

_____. *Ser e Verdade: a questão da filosofia; da essência da verdade*. Trad. Emmanuel Carneiro Leão. 2ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes; Bragança Paulista, SP: Editora Universitária São Francisco, 2012c.

_____. *Ontologia: (hermenêutica da facticidade)*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013a.

_____. *O acontecimento apropriativo*. Trad. Marco Antônio Casanova. Rio de Janeiro: Forense; Alemanha: Vittorio Klostermann, 2013b.

_____. *Que é uma coisa?* Trad. Carlos Morujão. São Paulo: Ed. 70; Lisboa, Portugal: Almedina, 2018.

HOOD, Juliette. *O livro celta da vida e da morte*. Trad. Denise de C. Rocha Delela. São Paulo: Editora Pensamento, 2011.

HOMERO. *Odisseia*. Tradução e Prefácio: Carlos Alberto Nunes. 25ª Ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2015.

HUIZINGA Johan. *Homo Ludens: o jogo como elemento da cultura*. Trad. João Paulo Monteiro. 8ª ed. São Paulo: Perspectiva, 2014.

HUMMES, Frei Cláudio. *Metafísica*. Texto mimeo distribuído no curso "Metafísica", por ele ministrado. Dalto Filho/Imigrantes, RS, em 1963.

HUSSERL, E. *Phenomenology and the Crisis of Philosophy*. Trad. Q. Lauer. Nova York: Harper & Row, 1965.

JARDIM, Antonio. *Música: vigência do pensar poético*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2005.

MACHADO, Roberto. *O Nascimento do Trágico: De Schiller a Nietzsche*. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

MELO, José Inácio Vieira de. *A infância do centauro*. São Paulo: Escrituras, 2007.

MEYER, Mônica. *Ser-tão natureza: a natureza em Guimarães Rosa*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1ª reimpressão, 2017 [2008].

JOUVE, Vincent. *A leitura*. Trad. Brigitte Hervor. São Paulo: Editora Unesp, 2002.

KAZANTZAKIS, Nikos. *Testamento para El Greco*. Rio de Janeiro: Artenova, 1975.

KERÉNYI, Karl. *Os deuses gregos*. Rio de Janeiro: Cultrix, 1982.

LEÃO, Emmanuel Carneiro. "O problema da Poética de Aristóteles". In: *Aprendendo e pensar II*. Petrópolis, Vozes, 1992.

_____. "O esquecimento da memória". In: *Revista Tempo Brasileiro*, Rio de Janeiro, 153, abr.-jun., 2003.

_____. "O sentido grego do caos" In: _____ *Filosofia grega – uma introdução*. Teresópolis, Rio de Janeiro: Daimon Editora, 2010.

LIMA, S. M. M. “Língua e poder: uma reflexão a partir da teoria bakhtiniana e o conto Famigerado, de Rosa” In: *Macabéa – Revista Eletrônica do Netlli*, Crato, v. 1., n. 1., 2012, p. 33-43. Disponível em: <http://periodicos.urca.br/ojs/index.php/MacREN/article/view/325>. Acessado em: 27 de julho de 2020.

LISPECTOR, Clarice. *Uma aprendizagem ou o livro dos prazeres*. 1ª ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

_____. *Água Viva*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

LOUREIRO, João de Jesus Paes. “Cultura Amazônica uma poética do imaginário” In: *Obras reunidas*. Vol. 4. São Paulo: Escrituras Editora. 2000.

MERTON, Thomas. “A luz das estrelas e o Não-ser”. In: *A via de Chuang Tzu*, Trad. Paulo Alceu Amoroso Lima. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1969.

MEYER, Mônica. *Ser-tão natureza: a natureza em Guimarães Rosa*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

NUNES, Benedito. *O dorso do tigre*. São Paulo: Ed. 34, 2009.

_____. *A Rosa o que é de Rosa: literatura e filosofia em Guimarães Rosa*. Org. Victor Sales Pinheiro. Rio de Janeiro: Difel, 2013.

PETIT, Michèle. *Leituras: do espaço íntimo ao espaço público*. Trad. Celina Olga de Souza. São Paulo: Editora 34. 2013.

PLATÃO. *O Banquete*. Edição bilíngue. Trad. José Cavalcante de Souza. São Paulo: Editora 34, 2016.

PLOTINO. *Ennéade VI*. Trad. Émile Bréhier. Paris: Les Belles Lettres. 1954.

QUINTANA, Mário. *Caderno H*. Porto Alegre: Ed. Globo, 1973.

ROUXEL, Annie. “Práticas de leitura: Quais rumos para favorecer a expressão do sujeito leitor?” In: *Cadernos de Pesquisa*. Vol. 42. Nº 145. São Paulo Jan./Abr. p. 272-283, 2012.

ROUXEL, Annie; LANGLADE, Gérard; R EZENDE, Neide Luzia. (Org.). *Leitura subjetiva e ensino de literatura*. São Paulo: Alameda, 2013.

ROSA, João Guimarães. *Correspondência com seu tradutor alemão Curt Meyer-Clason*. Organização e notas: Maria Aparecida Faria Marcondes Bussolotti; Tradução: Erlon José Pashoal. Rio de Janeiro: Nova Fronteira: Academia Brasileira de Letras; Belo Horizonte, MG: Ed. Da UFMG, 2003.

_____. *Primeiras Estórias*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2005.

_____. *Grande sertão: veredas*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira. 2006.

_____. *Tutameia: Terceiras Estórias*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

_____. “Buriti”. In: *Noites do sertão*. 11ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016.

SOUSA, Eudoro de. *Horizonte e complementariedade*. São Paulo: Duas Cidades. 1975.

SOUZA, Ronaldes de Melo e. “Epistemologia e Hermenêutica” In: *Revista Tempo Brasileiro*, nº 150, 2002, págs: 211-222.

TAVARES, Renata. *Do silêncio à liberdade – Uma Aprendizagem ou O livro dos prazeres*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2012.

_____. “Existência” In: CASTRO, Manuel Antônio de; FAGUNDES, Igor; FERRAZ, Antônio Máximo; TAVARES, Renata (organizadores). *Convite ao pensar*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2014, págs. 91-92.

TOURRINHA, Francisco. *Dicionário Latino Português*. Porto: Gráficos Reunidos Ltda., 1942.